Pedro Vidal Diaz

Arquivos críticos experimentais: Modulação, neodocumentalismo e decolonialidade

São Paulo, 25/03/2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO – PPGCI

Área de Concentração: Cultura e Informação
Linha de Pesquisa: Apropriação social da Informação
Tese de Doutorado

Pedro Vidal Diaz

TÍTULO DO PROJETO

Arquivos críticos experimentais: Modulação, neodocumentalismo e decolonialidade

Orientadora: Giulia Crippa

São Paulo
2022

Versão Corrigida
(versão original disponível na Biblioteca da ECA/USP)

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Diaz, Pedro
Arquivos críticos experimentais: Modulação, neodocumentalismo e decolonialidade / Pedro Diaz; orientadora, Giulia Crippa. - São Paulo, 2022.
240 p.: il.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação / Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia
Versão corrigida

1. literacia em informação. 2. competência crítica. 3. arte de arquivo. 4. interculturalidade. 5. capitalismo informacional. I. Crippa, Giulia. II. Título.

CDD 21.ed. - 020

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Arquivos críticos experimentais: Modulação, neodocumentalismo e decolonialidade

Tese apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutorado, ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Ciência da Informação.

Banca Examinadora:

_____

Orientadora Giulia Crippa

_____

Banca examinadora: André Vieira de Freitas Araújo

_____

Banca examinadora: Ivan Claudio Pereira Siqueira

_____

Banca examinadora: Priscila Faulhaber

_____

Banca examinadora: Dinah Papi Guimarães

_____

Banca examinadora: Ricardo Pimenta

São Paulo 2022

Agradecimentos

Pela grande confluência coletiva que faz parte da produção acadêmica e da criação de formas de vida e percursos desafiadores e aventureiros. Começo agradecendo o desvelar do mundo que permite a mim, e a qualquer pessoa, ser sujeita de sua história, desdobrando percepções e experimentando dispositivos e processos. A todos companhers que deram força, caminhos e potencialidades a serem descobertas e vividas. Dedico a minha filha, nascida em pleno auge da escrita crítica da tese – Ana Cândida Valente Diaz – que aos experimentos artísticos, simbólicos e afetivos lhe inspirem em viver esta vida com presença e coragem. À companheira mãe Eduarda Valente, que com sua coragem e carinho nos levou a desbravar novas fronteiras. Aos amigs da política brasileira e da América Latina, que novas confluências emergentes possam produzir espaços democráticos e educativos em suas especificidades locais e plurais. Cada um tem contribuição nesta jornada de pensamento, poética e luta por um mundo mais igualitário.

RESUMO

DIAZ, P. Arquivos críticos experimentais: Modulação, neodocumentalismo e decolonialidade. 2022. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Escola de Arte e Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

A pesquisa busca investigar a linha da apropriação social da informação a partir da experimentação, da criação e da crítica informacional contemporânea com arquivos em projetos sociais de tecnologia e arte audiovisual. O desenvolvimento, através de interfaces e dispositivos experimentais da organização e apropriação do conhecimento, produz diversas e múltiplas competências educativas e críticas da informação e mídia. Novas literacias que abarquem experimentações artísticas podem fornecer abordagens sensíveis e criativas para uma pedagogia crítica de arquivos e interfaces culturais e científicas, pessoais e sociais em pluralismos lógicos e epistemológicos. A abordagem neodocumental evidencia a dinâmica de regimes de informação paradoxais entre classificação e ficção, conceituando posteriormente tanto uma *desinformação* estratégica como o desenvolvimento emergente de uma *ética intercultural*. Ao buscar fornecer propostas para análises de dinâmicas modulares de arquivos na mídia contemporânea, almeja-se o debate decolonial dentro da geopolítica dos saberes e poderes. Traçando contribuições regionais e históricas para o desenvolvimento de metodologias interculturais, cartográficas e audiovisuais, busca-se fortalecer o debate conceitual sobre a competência crítica em informação e mídia no campo da Ciência da Informação na América Latina.

Palavras-chave: literacia em informação, competência crítica, arte de arquivo, interculturalidade, capitalismo informacional

ABSTRACT

DIAZ, P. Experimental Critical Archives: Modulation, neodocumentalism and decoloniality. 2022. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Escola de Arte e Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

The research seeks the line of social appropriation of information from experimentation, creation and contemporary informational criticism with archives in social projects of technology and audiovisual art. The development of interfaces and devices for the organization and experimentation of knowledge, production of information resources, means of communication and means of communication and criticism. New literacies that embrace artistic experimentation can provide creative and creative approaches to a critical pedagogy of cultural and scientific, personal and social archives and interfaces in logical and epistemological pluralisms. The neodocumental approach highlights the dynamics of the paradoxical information regimes between classification and fiction conceptualizing both a strategic disinformation and the emerging development of an intercultural ethics. By seeking to propose proposals for the study of modular dynamics of contemporary archives, the aim is to decolonial debate within the geopolitics of knowledge and media. Tracing regional and historical contributions to the development of intercultural, cartographic and audiovisual methodologies, it seeks to strengthen the conceptual debate on critical competence in information and media in the field of Information Science in Latin America.

Keywords: information and media literacy, critical literacy, archival art, intercultural ethics, informational capitalism

SUMÁRIO

Introdução

1 Literacias em Informação e Mídia: Novas criticas?
1.1Sistemas, logos e modulações
1.2 A arte como crítica na fronteira da escrita ontológica
1.2ª Arquivo Imagem
1.2ᵇ Arquivo Tempo
1.3 Caosmose Informacional: individuação e subjetivação

2 Ética informacional e educação intercultural:
2.1. Estudo de Campo: Projeto cultural de etno-educação em interfaces informacionais em Tumaco, Colômbia, fev. de 2018. (Projeto de campo)
2.2. Da Competência à *Compartência*
2.3. Aby Warburg e desdobramentos neodocumentais decoloniais
2.4. Arquivos Táticos

3 Trauma cultural, decolonialidade e neodocumentalismo
3.1. Contribuições psicológicas: Arquivo, trauma e violência
3.2. Biografia e Performance: inflexões decoloniais
3.3. Quando o antílope vira onça: o pensamento semiofágico do ameríndio e a representação colonial

4 Considerações sobre Arte e guerra
4.1. Arte e mídia na guerra informacional
4.2. Organização do Conhecimento no Capitoloceno: O caso do Museu nacional do Rio de Janeiro
4.3 Apropriação, patrimônio e Monumentos públicos

Conclusão

Apêndice – "Arquivo Vivo: experimentos audiovisuais"
Bibliografia

Introdução

> Ser-no-mundo cibernético não é menos frágil do que ser-no-mundo compartilhando uma terra comum e sendo responsável cada qual pelo outro (CAPURRO, 2016, p. 68).

Fig. 1: "Somos o que arquivamos" - Cartaz do *Archive Interference*, 2014.

A proposta de pesquisa se configura em analisar teórica e empiricamente dispositivos e interfaces educacionais e informacionais, relacionando-os com abordagens neo-documentais através de análises de fontes bibliográficas dos estudos em "competência em informação". Buscando a aplicação desses dispositivos em trabalhos de campo ligados a projetos interculturais de tecnologia política e arte, a pesquisa propõe discutir as apropriações processuais sociais de arquivos culturais e institucionais, buscando novas estruturas abertas à experimentação de arquivos como fundamental na evidência e na construção de 'documentos para mundos futuros'.

As mediações, as experimentações e as criações com acervos e referências cotidianas tanto institucionais como sociais com a relação e a apropriação da informação e da mídia nos processos de construção da realidade tomam lugar de análise central desta pesquisa para aprofundarmos o debate da crítica na 'Competência em informação e mídia'. O caráter experimental, poético e afetivo da apropriação informacional do conhecimento aprofunda o cerne desta pesquisa, traçando abordagens da competência em informação e mídia com uma análise conjuntural da produção info-midiática contemporânea. Compreender razões que formam, na modernidade tecnológica, processos de singularização e criação de realidades simbólicas que inferem em processos educacionais e críticos.

PROBLEMA DE PESQUISA

A relação contemporânea com a apropriação da informação é processada em níveis de intensidade produtiva global, como agenciamento aos sistemas tecnológicos de circulação econômica, ao mesmo tempo em que se abrem a novas criações locais informacionais sociais, periféricas, étnicas e éticas em se organizar e produzir conhecimentos e identidades. Como se formam dinâmicas de agenciamentos, produções e apropriações da memória e da produção social através de estruturas digitais de arquivamento? Os projetos periféricos reproduzem a ordem hegemônica de agenciamento da informação ou podem criar organizações, compreensões e ressignificações pela apropriação de dispositivos e interfaces, a promover aberturas e legitimidades na criação de seus próprios arquivos documentais? A experimentação artística contribui para o desenvolvimento de literacias e competências críticas? O método de Aby Warburg é válido para a organização e a apropriação da informação e do conhecimento na contemporaneidade visto de um ponto intercultural e ético? Evidenciar a sobrevivência de imagens ligadas ao colonialismo e promover seus debates na teoria crítica da decolonialidade podem ser úteis para ativar a compreensão da complexidade educativa? Qual é, então, o futuro dos arquivos coloniais nas nações pós-coloniais? Como devemos repensar esses arquivos em relação aos futuros decoloniais? A pesquisa busca analisar os usos e as apropriações sociais da informação, principalmente em seus desdobramentos na mediação arquivista e artística em projetos de tecnologia e arte social.

HIPÓTESE

Procura-se analisar processos e projetos nos quais a apropriação informacional cultural é desenvolvida em uma proposição ética intercultural da organização e legitimação do conhecimento social. Articulando como base a partir de uma dialética entre os usos pela guerra informacional de um arquivo imperial e apropriações emergentes interculturais da produção e criação de arquivos e documentos por grupos e projetos sociais, discutir a criação de arquivos entre classificações e poéticas da memória, intensiva e representacional. Busca-se, também, discutir como as noções dinâmicas de dispositivo, arquivo e de mediação evidenciam as intencionalidades políticas e seus funcionamentos materiais e simbólicos, vistos no conceito neodocumental e seus modos de interação próprios que atuam nos meios de pensar, sentir, experimentar, criar, etc. Uma abordagem educativa é proposta a partir da contribuição de Aby Warburg aos acervos audiovisuais, desenvolvendo estudos de campo, oficinas e exposições

audiovisuais que expressam problemas intrínsecos ao ato de criação e produção de arquivos contemporâneos e globalizados. Apropriar-se do conhecimento é apropriar-se também dos dispositivos com seus saberes, lógicas e poéticas próprias, além dos circuitos proprietários fechados e hegemônicos de controle e vigilância de marketing. Os desafios da criação e da circulação das imagens e dos arquivos na era contemporânea, tanto na esfera a ser desenvolvida na tese, referenciada como guerra informacional, assim como no campo emergente proposto da ética intercultural, abarcam três problemáticas principais a serem desenvolvidas durante a pesquisa: a) a mediação experimental e intercultural na educação com a mídia e informação; b) os recursos, sistemas e apropriações de documentação, experimentação e organização de arquivos, através dos processos globais de produção, circulação e modulação de conhecimentos globais e locais; e, por fim, c) o foco epistemológico e político do campo das ciência, das humanidades e da informação entre o paradoxo constituinte contemporâneo de colonialismo/decolonialidade de dados e imagens.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Discutir usos políticos e contemporâneos de tecnologias, interfaces e dispositivos documentais na mediação e na informação, evidenciando seus usos éticos emergentes interculturais, abertos e democráticos, diferenciando das instâncias bélicas e hegemônicas dos usos Ressaltar dinâmicas da criação de arquivos e interfaces que reflitam uma decolonização tecnológica em organizações e em interfaces experimentais da organização do conhecimento, buscando acompanhar mudanças educacionais que envolvam processos de experimentação e apropriação na constituição de acervos e construção de memórias na era digital.

Objetivos Específicos

a) Analisar como a mediação e a educação podem ser desenvolvidas a partir de uma experimentação aberta com os acervos, arquivos e documentos, propondo e desenvolvendo usos e apropriações sociais da informação ao chamado “neodocumentalismo”.

b) Analisar criticamente projetos de tecnologia e arte social sob a perspectiva política da mediação, criação e apropriação social da informação e da cultura.
c) Discutir os dispositivos de organização do conhecimento à luz da teoria de imagens de Aby Warburg e dos usos e apropriações documentais políticos e poéticos da informação.
d) Discutir o papel do patrimônio como dispositivos da organização e expressão do conhecimento de uma ética intercultural aos saberes e epistemologias plurais vista no debate da decolonialidade.

JUSTIFICATIVA

Através da aceleração tecnológica e midiática no sistema econômico contemporâneo junto a informação, vemos o desenvolvimento de fenômenos como a 'pós-verdade', tanto em estratégias de desinformação, para manipulação da realidade política social, como também na multiplicação de pontos de vista e na produção e expressão documental pela sociedade civil emergente em seus usos e apropriações sociais da informação. A pesquisa busca discutir o conceito de "Competência crítica e mediação em informação", em sua evolução e usos históricos para uma abordagem educativa mais aberta e criativa dos usos e criações poéticas documentais, indicados no desenvolvimento dos conceitos de "compartência" e "neodocumentalismo" em prol de uma ética intercultural, aberta e democrática. Diante de uma guerra privada – informacional, financeira e midiática, desafios educativos e produtivos são geridos na sociedade, retendo possibilidades criativas e produtivas através de tecnologias, informações, memórias e conhecimentos.

METODOLOGIA DA PESQUISA

O projeto divide-se em duas partes: pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e propostas educativas e conceituais da criação de arquivo. As referências bibliográficas se dividem em dois campos do conhecimento: a Ciências da Informação, com as palavras-chave: mediação e competência crítica, e a contribuição de Aby Warburg para as Artes Visuais sobre teoria visual em uma chave intercultural. A experiência em trabalho de campo levanta e provoca, com exemplo prático e metodológico, a mediação cultural da informação em projetos de tecnologia étnico-social, buscando discutir a reorganização epistemológica de imagens e arquivos

produzidos através do desenvolvimento de uma ética intercultural. Tais produções emergentes, através de experimentações em campo inclusivas, experimentais, poéticas e culturais da e, portanto, da linguagem, da informação e do conhecimento, são focadas como proposta ético-política contra uma hegemonia de frequências, como do marketing, sobre os processos de memória e arquivo na produção social.

Capítulos do Texto:

O capitalismo da informação domina a produção e o fluxo de informações e produz instituições de informação massivas que são tão prejudiciais quanto poderosas para a sociedade. No primeiro capítulo, almejamos o debate educacional de alfabetização informacional onde há uma polissemia entre conceitos pedagógicos. Ao explorar vínculos diversificados entre criação e mercado, entre insatisfações estéticas e mal-estares políticos, entre a inserção social e o desejo de autonomia, desdobramos a investigação ao lugar da criação artística e crítica, que não cessa de se produzir, além de ofícios codificados e mercadorias classificáveis e rentáveis.

No primeiro capítulo, trataremos das diferentes abordagens da mediação e educação da informação baseadas principalmente do ponto de vista da área de Ciência da Informação (CI) e seus temas emergentes. Os processos de aprendizagem, acerca das competências em informação e mídia, se desenrolam a partir de experimentações em tecnologia e passam a adquirir caráter sistemático na implementação produtiva e competitiva global, marcando a intensificação dos dispositivos e mediações cibernéticas. A partir do aprofundamento da "crítica", nos estudos de competência em informação, abordaremos algumas influências e tendências nos debates educacionais, sociais e tecnológicos.

As inovações de implementação dos sistemas de tecnologia e de informação podem ressaltar a criação e o desenvolvimento de outras formas educacionais de produção, como também agenciar novos ciclos de exploração do trabalho humano. Em um sentido mais amplo, a dificuldade de se ordenar mundialmente narrativas unificadoras, através do acúmulo de patrimônio e memória social diante da miséria ou repressão, enfrenta o desafio da transformação dessas referências em objetos do conhecimento, expandidos através do desenvolvimento da educação institucional e seus aperfeiçoamentos por meio de pesquisa e experimentação sistemática.

Como apresentado no quadro abaixo, a pesquisa busca traçar contribuições conceituais para o desenvolvimento de uma inteligência afetiva na produção tecnológica da memória e realidade social contemporânea. O processo de pesquisa acadêmica se desdobra de uma filosofia *hacker*,

desenvolvida no mestrado (2015-2016) no IBICT/UFRJ, a uma filosofia educacional crítica da informação e da mídia, comparada no diagrama a baixo sobre um quadro teórico desenvolvido pelo filósofo de mídias Matteo Pasquinelli em seu grupo de estudos:

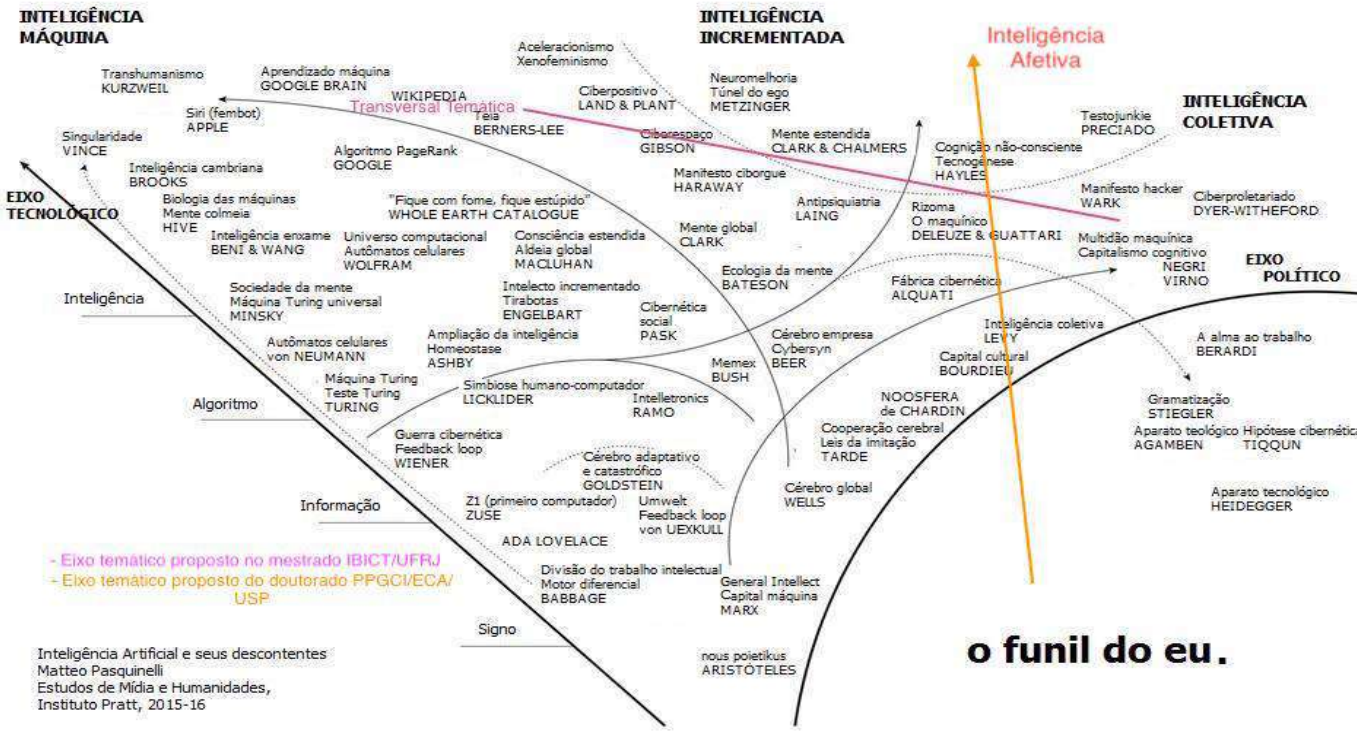


Fig. 2: "O funil do eu", diagrama feito por Pasquinelli, Instituto Pratt, 2015-2016.

No segundo capítulo, apresentaremos experiências do trabalho de campo produzido na Colômbia, de janeiro a março de 2018, quando foram realizadas diversas oficinas em escolas públicas com jovens e quando o pesquisador atuou junto ao Laboratório de Inovação Cidadã Ibero-Americano. Trata-se de uma proposta entre ministérios da cultura internacionais ibero-americanos, que atuam na produção desse encontro em formato de laboratório, dez projetos de inovação cidadã e que já foi realizado por seis edições em diferentes cidades ibero-americanas. Nesta edição, o pesquisador participou na parte da comunicação e documentação do projeto de etnoeducação digital na cidade de Tumaco, onde, após visitarmos e conversarmos com professores e alunos, construímos uma plataforma virtual, a qual os participantes poderiam utilizar como repositório das diferentes metodologias e atividades etno-educativas que marcam a região afro-indígena colombiana.

O capítulo apresenta um estudo de campo com perspectivas e sugestões pedagógicas, assim como oficinas metodológicas de sensibilidade política e criatividade poética, a partir do contato e da experimentação com tecnologias e dispositivos informacionais e midiáticos, assim como questões arquivológicas, desenvolvendo e discutindo as "competências e as compartências da informação". Aprofundaremos no como diferentes formas de organização do conhecimento podem contribuir com a apreensão, o contato e a possível apropriação por indivíduos ou coletivos de imagens e registros da realidade social. O conceito adquirido em trabalho campo na Colômbia, a "compartencia" em educação, marca o caráter comunitário de compartilhamento do conhecimento, "aprendendo juntos," opondo assim às traduções de "Media and Information Literacy" como "Competência em Informação". Ao abranger margens para leituras, como a de competição informacional e educativa, marca-se a necessidade de aprofundar um entendimento da "crítica" no campo informacional para melhor delimitar uma "Compêtencia Crítica" em suas aplicações midiáticas e infolaborais da produção social de objetos e memórias.

Apresentamos em uma segunda parte, hipóteses de contribuições de Aby Warburg para o debate decolonial, discutindo seu método interdisciplinar e de comparação de imagens, pensando em suas sobrevivências, nas dobras culturais entre tempos históricos e na construção de análises constituintes interculturais, de caráter híbrido e suas aproximações com autores da decolonialidade – como Aníbal Quijano e Martinez Luna. A apropriação social da informação é salientada nesta pesquisa através de apropriações tecnológicas da informação, de conteúdos midiáticos e principalmente de abordagens educativas que operam tal lógica, inferindo-se em suas localidades e especificidades culturais.

Destacam-se variadas formas de tratar os arquivos e registros, como no método de Aby Warburg, no qual se propõe, pelos arquivos, a criação interseccional de campos de conhecimentos, culturas e tempos históricos diferentes, apontando para sobrevivências e "re-usos" sociais de imagens – uma pós-vida geo-bio-política simbólica? Propondo a relação existente entre as tecnologias, os discursos, as práticas e as formas de vida e sobrevida (como proposto por Aby Warburg), relacionados socialmente e culturalmente aos estudos da colonialidade de poder, do conhecimento e do ser.

No terceiro capítulo buscamos influencias interdisciplinares, através de traçados da psicologia, para desdobrar como condições de traumas culturais emergem em indivíduos em relação a processos coletivos em intensidades e representações sociais. A dinâmica cultural atravessa instancias sociais e produzem multiplicidades resistentes, criativas e produtoras que marcam

testemunhos cotidianos e históricos. Investigações sobre performance e biografia, são analisados como métodos artísticos que contam histórias apagadas, invisibilizadas e exploradas. No quarto capítulo final, explicitaremos tais impactos produtivos da informação e da mídia na atualização da guerra contemporânea, sua governabilidade infoalgorítmica e suas modulações biopolíticas, principalmente em sua relação com a arte e a organização do conhecimento. Abordando uma forma conjuntural das dinâmicas contemporâneas de produção da informação e da mídia, a tese propõe a oposição dialética da educação e arte com a arte da guerra e sua modulação imagética informacional dentro do conceito de biopolítica, visto nos campos da produção de conhecimento, a ligação entre saberes e poderes.

Apresentando eixos da produção tecnomidiática informacional, fornecemos arcabouços para propor abordagens políticas, filosóficas, artísticas e educativas que estejam em contato com a produção global contemporânea. Evidenciaremos, nesta pesquisa, a partir da oposição totalitária/emergente, a apropriação social do conhecimento, em uma proposta de desenvolvimento criativo de interfaces experimentais no contato experimental e poético com tecnologias, mídias e arquivos, marcando uma fronteira informacional tecnológica no desafio educacional contemporâneo.

A proposta de pensar processos críticos de visualidade e produção informacional desde o campo da Ciência da Informação, principalmente a partir da América Latina, é pensar a partir do denominado giro decolonial, entre Nelson Maldonado-Torres (2005) e BALLESTRIN (2013), em seus possíveis desdobramentos. Entender a relação estrutural que existe entre práticas infomidiáticas e suas estruturas de poder se torna crítico no contexto contemporâneo globalizado. O neodocumentalismo se amplia principalmente através da arte do arquivo em formas experimentais, poéticas e institucionais de organizarem o acervo e suas mediações, assim como pode ser vetorizado em estratégias de desinformação e manipulação do referente real por usos políticos e bélicos de desinformação. A proposta da pesquisa recorre ao conceito de ética intercultural como produção crítica que atravessa o debate decolonial, referindo-se ao campo de estudos sociais e culturais da informação, da mídia e do arquivo como campo de análise de dinâmicas, usos e apropriações sociais da produção de conhecimento.

Esticado em xenofebres, o maquinário da guerra na selva esquece como contar. Ele diagrama vagas selvagerias com números pulsivos sintáticos baixos, montando comprimentos de onda de matéria abstrata e abrindo canais empiricamente aditivos. Cada variação no sinal dos dígitos cataloga uma fase tonal, peneirando traços plásticos para dentro de enxames de frequências associativas. O excedente de sinais de dígito para o binário cataloga intensidades tropicais, afastando-se de uma magnitude homogênea e fornecendo recursos à compleição.

Tendem a catálogos, todos virtuais que são maquinicamente aditivos em vez de representacionalmente substitutivos. Elas são rigorosamente irredutíveis a mídia ou dados, uma vez que envolvem um continuum em loop, autoefetuado como uma involução cronosa.

A reportagem jornalística-científica de fatos falha em examinar hiperobjetos abstratos-materiais, excluindo a real emergência do ciberespaço, enquanto ele vem até nós a partir do 'front-end' do netware do futuro próximo, invadindo o sistema nervoso central ao afiná-lo, através de um biofeedback, ao plano de consistência neuroeletrônico. A dissolução da subjetividade no fluxo de dados tecnoculturais e na proliferação de agentes parciais liquidifica a ROM topométrica por sobre uma matriz de coordenação sensório-motora; cozinhando por entre as arquiteturas monumentais da possibilidade metafísica e lógica com potenciais ciberneticamente intensivos.

A exploração do ciberespaço contacta um corpo sem imagem. Tocar o espelho negro, desestratificação absoluta no zero-K, hackeia o espaço métrico e reescreve o sistema operacional. Culturas fluídas atritantes da selva se esfregam na continuação maquínica. baseado em economias de escala concentracionárias regenerativamente tecnopropagadas e que tende a uma auto-identificação imuno-securitizada como comando de controle hipermediado microtécnico global.

Ele faz corridas armamentistas com a decodificação cultural lisa à esquizofrenização plana, contra a recodificação social episódica ao robotismo hierárquico e ao controle algorítmico, combinando a fusão da organização em *jungle* com sua restauração enquanto ordem global virtualmente totalizada.

A reorganização do capital desmantela a cabeça despótica unificada e facializada, mas apenas a fim de reunificá-la através da regularização da segurança de tradução e de refacializá-la como organizador edipiano democratizado da identificação molar midiática.

Não há ficção na selva, apenas diferença de escala

LAND, Nick. 2011, p. 402-409.

I want to know
Vorrei sapere
Come fa la gente A concepire Di poter vivere Nelle case d'oggi Inscatolati come le acciughe Nascono i bimbi che han gia' le rughe. I want to know I want to know I want to know Vorrei sapere I want to know Vorrei sapere Perche' la gente I want to know Non dice niente I want to know Ai mister Hyde, ai dottor Jekyll I construttori di questi orrori
Cue senza un volto fanno le case
Dove la carie germoglia gia'
I want to know I want to know I want to know

Adriano Celentano - I want to know
Album: Svalutation, CD2, 1976

É preciso coragem para administrar uma subjetividade caótica... Continuo fechado com minhas posições de um cinema terceiro-mundista. Um cinema independente do ponto-de-vista econômico e artístico, que não deixe a criatividade estética desaparecer em nome de uma objetividade comercial e de um imediatismo politico”

Glauber Rocha

Capítulo 1

Literacias para informação e mídia: novas críticas?

As abordagens conceituais e objetivas do desenvolvimento de habilidades e competências educacionais que permitam o uso consciente, crítico e criativo da informação e mídia promovem muitas discussões e desafios nos processos de informatização na produção econômica social e global. Concomitantemente, novos paradigmas sociotécnicos, intensificados por dispositivos eletrônicos de velocidade, atravessam e influenciam relações e conexões com o ambiente social e sua produção e percepção de imagens, memórias e realidades conjecturais que demandam que os sujeitos sociais estabeleçam novas relações com saberes e poderes em constante mudança em um conhecimento dinâmico, complexo e veloz.

O propósito deste capítulo é propor uma abordagem conceitual sobre a abordagem da competência informacional, procurando mostrar alguns dos desdobramentos pela linha da apropriação social da informação. Em função desse fenômeno, o número de publicações sobre competência e alfabetização informacional vem extrapolando os domínios da biblioteconomia e da ciência da informação nos últimos anos, assim como do próprio campo acadêmico. A literatura acadêmica já conta com um arcabouço teórico para a competência em informação, como nos trabalhos de Campello (2003), Dudziak (2003), Olinto e Hatsbach (2008), Vitorino e Piantola (2009) e Gasque (2010), referenciados pela "information literacy" extraída do relatório final da American Library Association (ALA), de 1989, afirmando que:

> Competência em informação é uma habilidade de sobrevivência na Era da Informação. Em vez de se afogarem na abundância de informação que inunda suas vidas, pessoas competentes em informação sabem como encontrar, avaliar e utilizar as informações de forma eficaz para resolver um determinado problema ou tomar uma decisão – não importa se a informação selecionada venha de um computador, um livro, uma agência governamental, um filme, ou qualquer outra fonte possível (ALA, 1989, p.2).

Em muitos lugares, as pessoas anseiam por se expressar livremente e participar ativamente dos processos de governança e intercâmbio cultural. A alfabetização midiática e informacional e o diálogo intercultural (MILID – apontados pela UNESCO[1]) são uma base para melhorar o acesso à informação e ao conhecimento, a liberdade de expressão, a igualdade de gênero e um alto padrão de educação em um contexto intercultural global. Essa alfabetização descreve as habilidades e atitudes necessárias para entender as funções da mídia e de outros provedores de

[1]Disponível em: https://en.unesco.org/themes/media-and-information-literacy Acesso em: 01/06/21

informações na sociedade em seus diversos formatos de mídia, algoritmos e sistemas integrados.

O referenciado "MILID", abrange competências que são vitais para que pessoas se envolvam efetivamente em aspectos do desenvolvimento social e introduz os conceitos de alfabetização midiática e informacional em um horizonte mais amplo do diálogo político e intercultural. Questões relacionadas aos novos conjuntos de competências e literacias info-midiáticas envolvem o campo produtivo de arquivos, pedagogias, epistemologias, tecnologias que compõem as áreas educacionais e institucionais em seus saberes e poderes. Contextualizar a proposta educativa contida em uma "CCMI – competência crítica em mídia e informação", assim com seus diálogos interculturais, fornecem bases para desenvolvimentos críticos na sociedade contemporânea consolidando protagonismo social.

A "competência informacional crítica", levantada e trazida por Elizete Vieira Vitorino e Daniela Piantola, reflete uma preocupação não somente com "uma reunião de habilidades para acessar e empregar adequadamente a informação", mas também como "uma ferramenta essencial na construção e manutenção de uma sociedade livre, verdadeiramente democrática, em que os indivíduos fariam escolhas mais conscientes e seriam capazes de efetivamente determinar o curso de suas vidas" (VITORINO & PIANTOLA, 2009, p. 136). Aprofundada por Bezerra[2], articula-se com a teoria crítica sociológica, almejando análises nos âmbitos políticos e econômicos em que tal ambiente informacional promove e desafia o campo social. Tal parâmetro aponta as questões centrais da vigilância em monitoramentos, filtragens e modulações das dinâmicas em rede, assim como as capacidades, as traduções e as acessibilidades permitidas e induzidas em tal contexto.

A partir da Teoria Crítica, Bezerra desenvolve sentidos da crítica principalmente advinda dos estudos críticos e culturais da Escola de Frankfurt assim como fazendo conexões com a pedagogia libertária do educador Paulo Freire. Esta pluralidade de perspectivas vem sendo trabalhadas na teoria crítica e na pedagogia crítica nas últimas décadas, como no caso dos ramos de estudos feministas e decoloniais. Produzir visibilidades e diversidades da crítica fornecem bases para consolidação conceitual de área assim como posteriormente abre possibilidades para emancipação social em praticas de apropriação da informação que marcam a produção científica e a práxis transformadora da *Competência Crítica em Informação* (CCI).

[2] Cf.: BEZERRA; BELONI. Os sentidos da "crítica" nos estudos de competência em informação. 2019. doi: http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245252.208-228

> A preocupação de Freire com a mídia está explícita na preocupação de "desocultar" e desmistificar as farsas ideológicas e "enfrentar o extraordinário poder da mídia". Ainda inclui a quantidade de temáticas sem tempo para reflexão, o encurtamento do mundo e a diluição do tempo. Para ele, educadores não devem desconhecer estes meios, mas utilizá-los criticamente, discutindo-os educativamente, antecipando o que hoje chamamos de Alfabetização em Mídia e Informação (BRISOLA, 2021, p. 27).

Desenvolver competências educativas e produtivas a partir da dinamização cultural de diversos pontos de vista, permite que as pessoas compartilhem conhecimentos, memórias e experiências, se informando e avaliando, produzindo uma relação crítica e humana com os conteúdos e as interfaces de mídias e de informação. O desvelar das lógicas críticas em suas racionalidades e ideologias intrínsecas a processos tecnológicos, midiáticos e educacionais, assim como as aptidões para compreender tais processos informacionais e suas escritas multilinguagens, marcam as contribuições desta pesquisa para o campo da ciência da informação.

O relacionamento entre sujeitos e informações é entendido de maneira mais holística e integrada no referenciado *paradigma social* (CAPURRO, 2003, p.24). Tais influências e afirmações compõem o paradigma social marcado por Capurro, afirmando o sujeito já como potência envolvida e ativa em seu desenvolvimento contextual social e informacional. Contrapõe-se aqui ao paradigma clássico baseado numa epistemologia fisicista, centrada em sistemas informatizados, na qual o conceito de informação aproxima-se de um sentido estritamente técnico, cujas percepções e interpretações do usuário, no processo de recuperação da informação, não são priorizadas. Tampouco ao paradigma cognitivo, centrado em estudos biológicos de conexões cerebrais com incentivos e intervenções informacionais físicas, ainda que também marquem e contribuam para o campo da ciência da informação, se concentram em linhas de estudos da apropriação social aos sistemas organizacionais informacionais.

A partir desses desdobramentos, a Ciência da Informação, ligada a este paradigma social, conjura um enfoque centrado no significado subjetivo, educacional, crítico de aberturas interpretativas junto ao contexto social do usuário e dos próprios sistemas de informação. Uma afirmação deste paradigma busca considerar possíveis perspectivas ou pontos de conexão, interpretação e acesso de acordo com o interesse conjectural do usuário ou da comunidade. De acordo com Capurro, uma tendência seria (2003, p. 9):

> o de abandonar a busca de uma linguagem ideal para representar o conhecimento ou de um algoritmo ideal para modelar a recuperação da informação, como aspiram o paradigma físico e o cognitivo.

Hoje, diante dos processos de globalização em curso, estudar cultura significa estudar os vínculos entre o local e o global; ou seja, a forma como a vida dos indivíduos, em contextos

locais, se define e ganha sentido. Comunidades transnacionais ou comunidades ligadas a grupos de interesse, muitas vezes, são "imaginadas" e mantidas ativas por meio de formas de comunicação mediada. Nestes processos, as novos *mídias* desempenham um papel central na construção do sentimento de pertença, necessário para a sobrevivência da comunidade e para a definição da própria identidade dentro dela.

Capurro sugere o foco epistemológico da tradução como instrumento para ação comunicacional para estimular uma ética intercultural e interdisciplinar. Estudos acerca da hermenêutica informacional, em processos de percepção, compreensão, atenção, interação etc., são aplicados pelos paradigmas físicos e cognitivos ao paradigma social. O uso de algoritmos em dinâmicas de usuários cria condições taxonômicas de probabilidade em uma mediação informacional na qual Capurro infere como "falsa hermenêutica", levando também às estratégias referenciadas por "fake News".

A afirmação da abordagem escolhida nesta pesquisa centra o conhecimento como resultado da interação do sujeito com o meio, deslocando o individualismo metodológico para o coletivismo metodológico. Concentrada na questão da crítica educacional, através de metodologias de experimentação artística como ferramentas para o desenvolvimento simbólico em suas competências informacionais e sociais, a pesquisa almeja o debate político das dinâmicas informacionais e midiáticas. Desdobrando-se sobre fronteiras ontológicas, em disputa por inscreverem-se na história do real, a criação de linguagem se acelera por dispositivos eletrônicos de contato, modulação e êxtase.

Almejando a crítica à instrumentalização modulada dos sujeitos, assim como de objetos e de seus respectivos domínios, mais democráticos ou mais hierarquizados, afirma-se, por meio desta tese, a proposta de olhar para além da classificação pragmática educacional. Focar críticas no aprendizado como experiência é um processo que engloba conflitos e resoluções constituintes em aberturas práticas de críticas, artísticas e plurais, desenvolvidos e indicados aqui, no conceito a ser desenvolvido mais a frente, por *neodocumentalismo*.

O debate entre as abordagens e os conceitos da educação no campo de análise da informação na sociedade contemporânea, muitas vezes referenciada como "Sociedades do Conhecimento" ou "Era da Informação", marca a relevância histórica acerca da centralidade do conhecimento, o qual possui dinâmicas de saberes e aplicações produtivas diversas, emergentes e hegemônicas. No transformação da modernidade industrial para a indústria focada na informação tecnológica, o secretario de educação americana, T. H. Bell , aloca tais conceitos para analisar o que mudou nos EUA no sistema laboral com processos tecnológicos nos

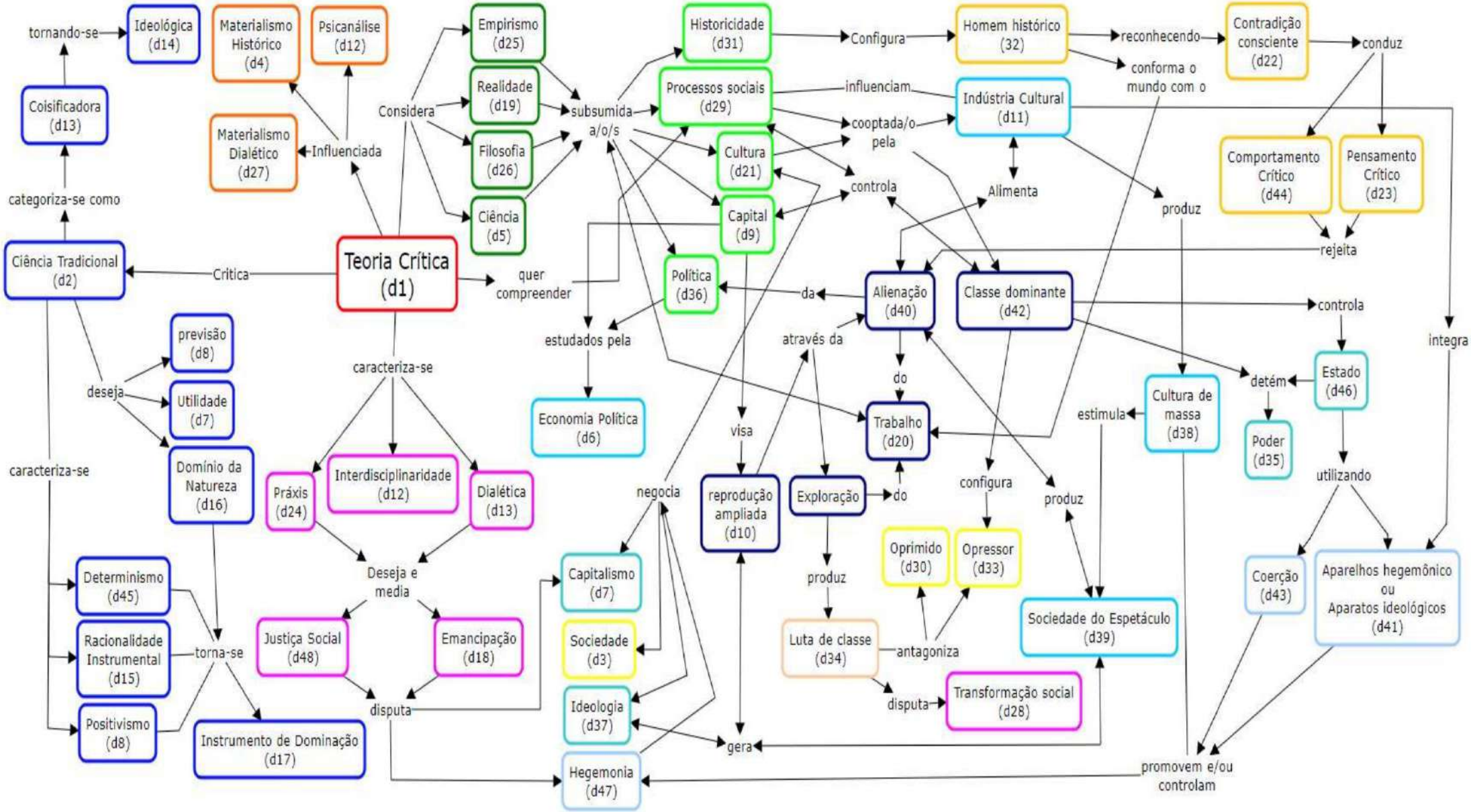
trabalhos intelectuais aliados a informação no relatório chamado “Nação em risco/Nation at risk”:

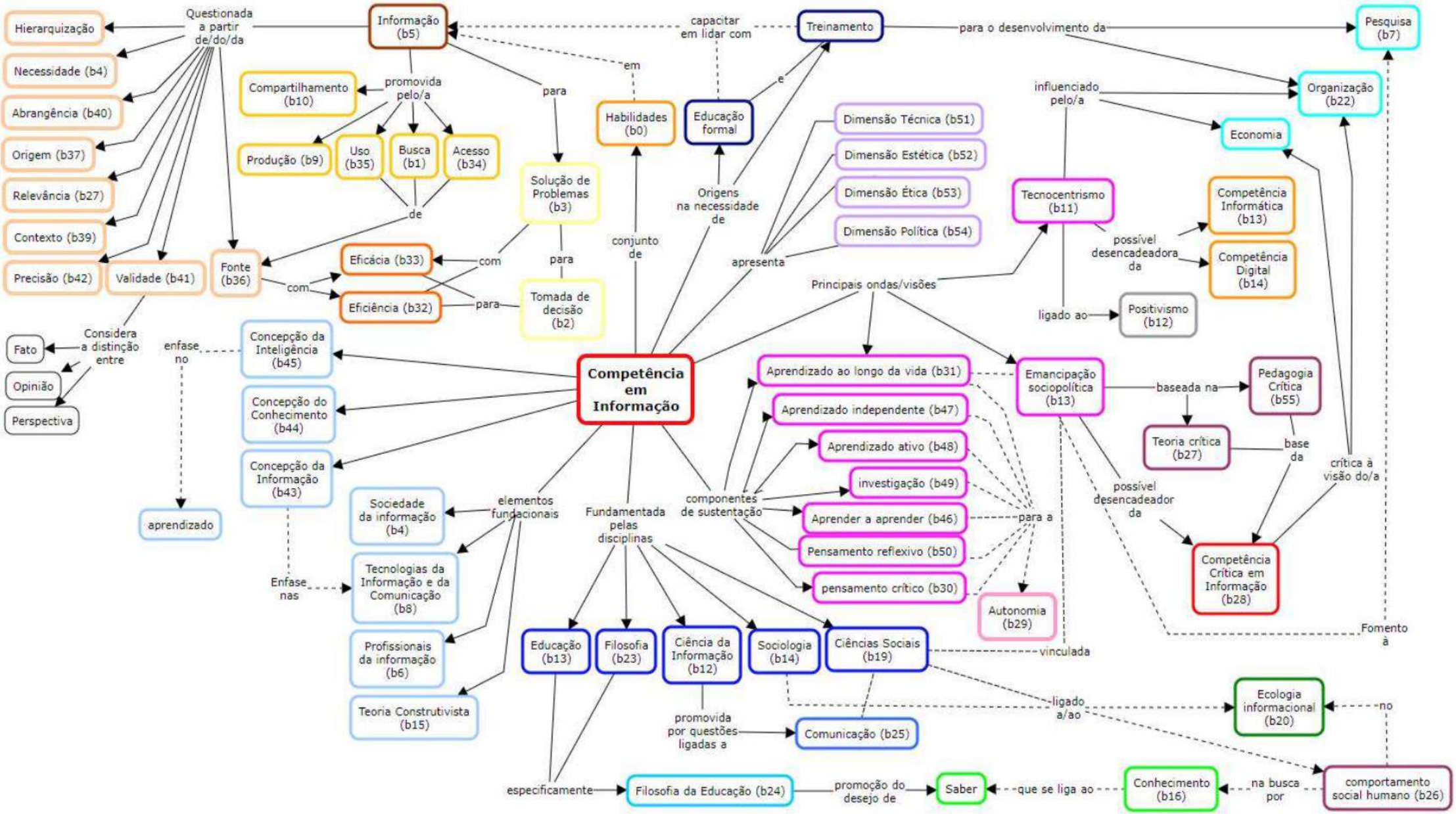
> “As bases educacionais de nossa sociedade estão sendo corroídas por uma maré crescente de mediocridade que ameaça nosso próprio futuro como nação e povo” (Departamento de Educação dos EUA, 1983)

A proposta de Burch é ir além do debate conceitual do termo apropriado. O fundamental para essa autora seria refutar e deslegitimar qualquer termo ou definição que reforce essa concepção tecnocrática de sociedade. Ter acesso a objetos culturais não seria o suficiente se o sujeito não consegue se apropriar das possibilidades fornecidas por tais recursos e ferramentas em uma prática criativa própria e, também, em comunidade como cidadão ativo. É necessário desenvolver uma sensibilidade ética educativa cujos domínios são indispensáveis aos processos do conhecimento – que atualmente se apresentam em novas formas pedagógicas e em processos emergentes de (ab)usos da informação.

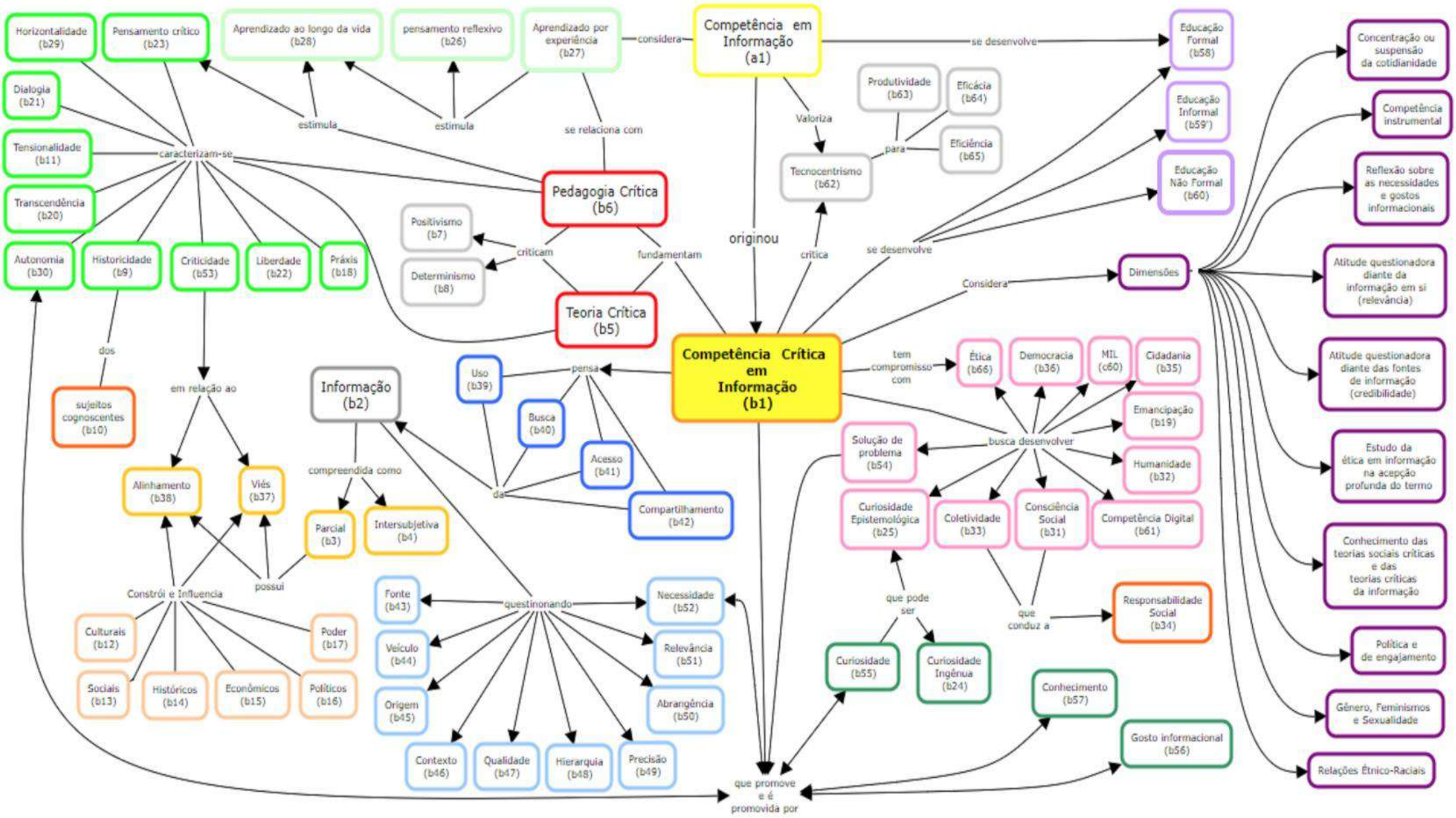
Em seu texto acerca de uma “Sociedade da informação/Sociedade do Conhecimento”, Sally Burch sintoniza a discussão quando primeiro afirma que devemos acolher a noção da referência às “sociedades” no plural, reconhecendo a heterogeneidade e a diversidade das sociedades humanas em um pluralismo epistemológico, assim como em uma possível “ética intercultural”. Isso implicaria em reafirmar o interesse de cada sociedade de se “apropriar das tecnologias para suas prioridades particulares de desenvolvimento e não que deva se adaptar a elas para poder fazer parte de uma suposta sociedade da informação pré-definida”, evidenciando a disputa tecnológica material entre produtores e consumidores (BURCH, 2006. p. 7).

Anna Brisola em sua tese de doutorado “Competência crítica em informação como resistência à sociedade da desinformação sob um olhar freiriano” (2021), diagrama redes conceituais que permeiam a produção da teoria critica, da competência em informação, e por fim, na competência critica da informação. Uma pesquisa completa e de grande relevância para o campo da Ciência da Informação, consegue destrinchar elementos intrínsecos a tais teorias e como elas atravessam e se complementam como podemos visualizar nos quadros a baixo (BRISOLA, 2021, p. 105, 125, 178):


Teoria Crítica (d1)
Considera
Empirismo (d25)
Realidade (d19)
Filosofia (d26)
Ciência (d5)
Influenciada
Materialismo Histórico (d4)
Psicanálise (d12)
Materialismo Dialético (d27)
subsumida a/o/s
Historicidade (d31)
Processos sociais (d29)
Cultura (d21)
Capital (d9)
Política (d36)
Economia Política (d6)
Configura
Homem histórico (32)
reconhecendo
conforma o mundo com o
Contradição consciente (d22)
conduz
influenciam
cooptada/o pela
Indústria Cultural (d11)
controla
Alimenta
produz
Comportamento Crítico (d44)
Pensamento Crítico (d23)
rejeita
integra
Critica
Ciência Tradicional (d2)
quer compreender
estudados pela
da
Alienação (d40)
através da
Classe dominante (d42)
controla
Estado (d46)
detém
Poder (d35)
utilizando
Aparelhos hegemônico ou Aparatos ideológicos (d41)
Coerção (d43)
promovem e/ou controlam
tornando-se
Ideológica (d14)
Coisificadora (d13)
categoriza-se como
deseja
previsão (d8)
Utilidade (d7)
Domínio da Natureza (d16)
caracteriza-se
caracteriza-se
Práxis (d24)
Interdisciplinaridade (d12)
Dialética (d13)
Deseja e media
Justiça Social (d48)
Emancipação (d18)
disputa
Hegemonia (d47)
do
Trabalho (d20)
visa
reprodução ampliada (d10)
negocia
Capitalismo (d7)
Sociedade (d3)
Ideologia (d37)
gera
Exploração
do
produz
Luta de classe (d34)
antagoniza
Oprimido (d30)
Opressor (d33)
disputa
Transformação social (d28)
configura
produz
Sociedade do Espetáculo (d39)
estimula
Cultura de massa (d38)
Determinismo (d45)
Racionalidade Instrumental (d15)
Positivismo (d8)
torna-se
Instrumento de Dominação (d17)



Fonte: Brisola; Sampaio; Ramos Junior (em fase de pré-publicação)



Fonte: Autoria própria a partir de Brisola; Sampaio; Ramos Junior (em fase de pré-publicação)

Tais aproximações marcam no ponto de vista da educação, a noção de que, segundo Burch, qualquer adestramento computacional restritamente feito para servir a uma lógica de mercado focado em tecnologias não é suficiente para termos o desenvolvimento de vida em sociedade. Um desenvolvimento (info)educacional engajado em suas transformações sociais e em quais metodologias e pedagogias podem ser pertinentes para uma sociedade mais justa e inclusiva permanece como ponto central para o reconhecimento sensível e humano de uma educação livre e formadora – não apenas de profissionais, mas principalmente de cidadãos engajados e com pensamento crítico. Nesse sentido, Burch afirma que:

> O conceito de "sociedade da informação", nascido sob os preceitos da globalização neoliberal, subentende que, daqui para frente, serão as "revoluções tecnológicas", as que determinam o rumo do desenvolvimento; os conflitos sociais seriam coisas do passado. Por isso mesmo, este conceito não é o mais adequado, nem para qualificar as novas tendências das sociedades, nem muito menos para descrever um projeto contra-hegemônico de sociedade (BURCH, 2006, p. 6).

Fig.3: Fotos "Infoeducação no ponto de ônibus" registradas pelo autor no Butantã, São Paulo. 14/06/2018.

Abordagens contemporâneas para a educação tendem a ressaltar dispositivos tecnológicos como recursos de aprendizado como uma inovação competitiva para as novas gerações de estudantes e trabalhadores. Como visto nas fotos acima (Figura 1), diretrizes para novos formatos educacionais englobam produtos como *tablets*, telefones, redes sociais etc., propulsionando dinâmicas de campo ampliadas, interativas e em realidades ditas aumentadas. A mediação tecnológica e informacional da educação, referidas pelo professor Marco de Almeida, no ENANCIB (2007), aponta as disputas culturais paradoxais e os desafios

decorrentes das dinâmicas da "sociedade da informação" para refletir sobre concepções e aplicações possíveis no campo da Ciência da Informação e sua relação com a sociedade.

Os dispositivos informacionais (como a biblioteca, a escola, a oficina etc.) podem induzir meios e espaços para o desenvolvimento de protagonistas de processos culturais, educativos e científicos desencadeados pela proposta criativa da constituição de novos dispositivos, mecanismos e sistemas. A produção de objetos e dinâmicas informacionais contemporâneas encara desafios na cultura da memória que subvertem princípios do arquivo tradicional, baseado na lógica da seleção, do descarte e da organização de documentos. Uma dinâmica de mídia, veloz e volátil, produz comportamentos ativados por frequências, composições e atravessamentos psicossociais.

A produção de campos abertos para sujeitos ativos e criativos, ao invés de limitados acessos a usuários passivos de um serviço institucional e hierarquizado, compõe-se como centro crítico para a análise das novas literacias e dos desafios educacionais contemporâneos. A dificuldade se encontra justamente no desenvolvimento ético, produtivo e sensível, aos desdobramentos sociais tecnopolíticos. No campo da pesquisa científica, se torna um desafio metodológico e epistemológico para legitimar-se socialmente e economicamente[3] na dinâmica social de rápida mudança na produção e no uso de saberes e poderes.

A abordagem conceitual proposta se configura como uma dinâmica horizontal crítica de apropriação da informação em reverberações ativas e protagonistas culturais do uso da informação e, por conseguinte, da educação, da construção e da fruição dos saberes. A ambiência de equipamentos tecnológicos e informacionais, direta ou indiretamente, gera conflitos, referências e necessidades informacionais. A construção de uma crítica, por profissionais da informação em uma instituição, explicita o conhecimento disponível para e com o público, promovendo a disseminação dos saberes. Essa mediação pode ser intrínseca, como na transferência unilateral de informação, ou pode ser extrínseca, abrindo processos de interatividade e acesso para possíveis apropriações pelos usuários do conhecimento.

Horizontes sociais e tecnológicos conformam contextos culturais voltados a sujeitos criadores de conhecimento e cultura em sociedades de consumo, cada vez mais midiatizadas. Nas fotos registradas acima, evidenciam-se exemplos de uma dobra na evolução tecnológica e material, onde os recursos e as ferramentas emancipadoras formulam campos similares de administração

[3] Cf.: GONZALEZ DE GOMEZ, Maria Nélida; JESUS, Elizabeth Maria Freire de; MENEZES, Vinícios Souza de. Integridade da pesquisa, ética da ciência e regimes de informação. Niterói: UFF, 2015. 65 p. (Relatório de pesquisa, 1). Disponível em: http://ppgci.uff.br/wp-content/uploads/sites/86/2019/11/relatorio_I_Oficina.pdf Acesso em: 8 set. 2019.

e exploração das novas organizações de trabalho e saberes. O saber e o poder complementam continuamente as formas de modulação e produção na constituição econômica, tecnológica e social dos saberes, mas também de imagens, ideologias, libidos, cognições etc.

O desafio se configura em como formar e educar para e na informação quando a sociedade se encontra saturada e bombardeada por conteúdos informacionais cotidianos. Compreender formatos da organização do conhecimento, suas apropriações e seus desenvolvimentos ajudá-nos a entender os dispositivos de informação e cultura, bem como refletir sobre as dimensões formativas correspondentes aos paradigmas históricos que os constituem.

1.1 Sistemas, logos e modulações

Adaptativa e fragmentada, a extração de valor de processos sociais, pelos centros de dominantes de produção de poder e saber, é engendrada a partir da automatização da indexação algorítmica para o rastreamento em rede de potenciais usuários-alvo. Como veremos na imagem abaixo, a produção virtual depende do investimento material e educacional para estarmos incluídos no sistema de mercado, na geração de valor e na circulação de serviços e mercadorias adaptadas para competirem ao acesso do conhecimento e, portanto, depende da aceitação e da boa produtividade no mercado de trabalho.

Fig. 2 (abaixo): “Programando ilusões”. Na foto, pode-se ler “Aprenda a programar - para ser o próximo Mark Zuckerberg” (fundador do Facebook) – “Conheça toda a programação no local mais próximo para que você possa começar a aprender o que sempre quis – inteligência emocional, Windows, Word e Internet, Excel Finanças Básico”.

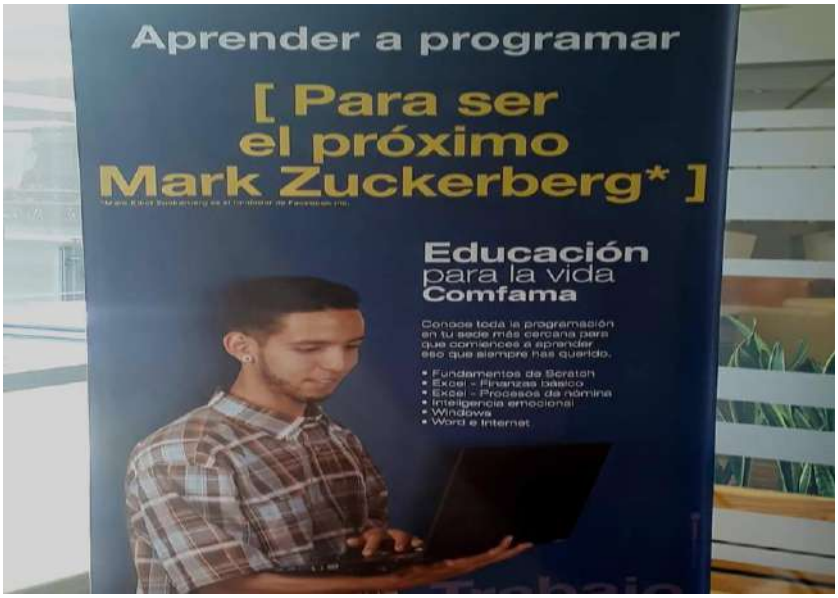


Fig. 4: Pôster de divulgação da Comfama, em foto tirada pelo autor em Medellin, Colômbia, mar 2018.

Fig. 5: “Futuro do Presente”, foto tirada pelo autor em Japeri, 12 de dez, 2021.

A produção de uma competência informacional no meio educacional provoca diversas abordagens processuais e metodológicas que se repetem, conectam e diferenciam em diferentes partes do globo. A inovação proferida ao termo ‘informação’ passa por acirramentos das capacidades de inovar-se e informar-se, dentro de parâmetros de competição impostos pela dinâmica de mercado global, presente e futuro. A divulgação de marketing e propaganda é permeada por intenções, ideologias e racionalismos. Abordagens educacionais mais direcionadas para investir e desenvolver trabalhadores voltados a condições referidas como *infoproletários e precarizados* (ANTUNES&BRAGA, 2009), especializados em operar interfaces sistêmicas globais, são uma tendência crescente na narrativa educativa e tecnológica. A fabricação do indivíduo neoliberal e endividado de Lazarrato (2014) ganha força na produção de trabalhadores treinados em suas plataformas informacionais e tecnológicas.

Nota-se a preocupação com o formato (tecnológico) mais do que com o conteúdo pedagógico e cultural em uma suposta inovação pela educação ‘de última geração’ graças a dispositivos tecnológicos. No livro “As revoluções do capitalismo”, Maurizio Lazzarato direciona sua análise também para a expressão e a efetuação dos mundos e das subjetividades nelas produzidas, a criação e a realização do sensível (desejos, crenças, inteligências) são o que ativam a produção econômica. A guerra econômica travada em um nível planetário é assim uma guerra estética, sob vários aspectos” (LAZZARATO, 2006, p. 100).

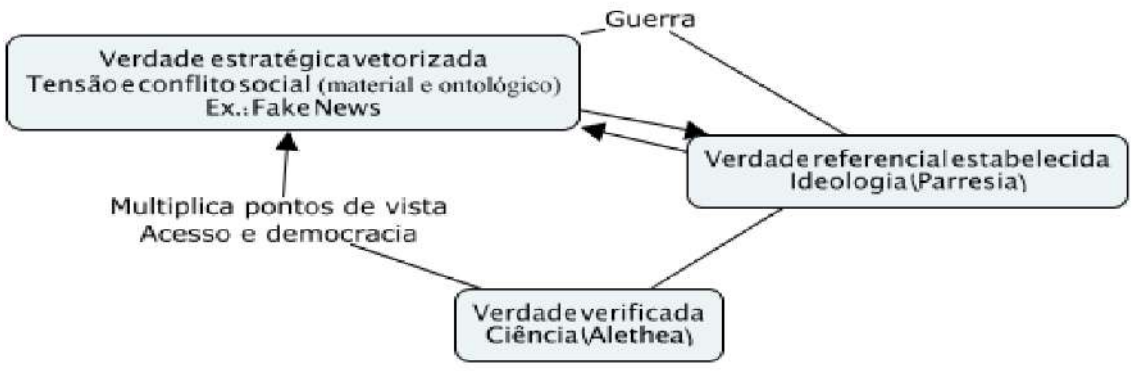
Este pensamento, que toma o conceito de *modulação* nesta problemática, é utilizado por Maurizio Lazzaratto (2006), ao pensar as formas de ação do capitalismo na passagem para essa nova sociedade. Conectando práticas de modulação aos vários caminhos e modos de exercício

do poder e da regulação à distância telecinética, capturam-se os fluxos e desejos sociais da infoesfera, conectados através de tecnologias que investem em reconhecimento de traços de memória de indivíduos e suas expressões digitais presentes, sempre produzindo novas informações e imagens indexáveis e espectrais que estimulam o consumo do próprio meio e as múltiplas variações em fluxo.

> A sociedade de controle exerce seu poder graça às tecnologias de ação à distância da imagem, do som e das informações, que funcionam como máquinas de modular e cristalizar ondas, as vibrações eletromagnéticas (rádio, televisão), ou máquinas de modular e cristalizar os pacotes de *bits* (os computadores e as escalas numéricas) (LAZZARATO, 2006, p. 85).

Tomando a relevância desse conceito de *modulação* para formas e estratégias de atuação do poder, na sociedade de controle contemporânea em suas efetuações nos estados gerais e sociais de coisas, apontamos a potência dos usos de imagens em nossas relações com a realidade e a construção política e artística. Os sistemas e circuitos de imagem, informação e mídia ocupam um papel cada vez mais central dentre as novas tecnologias, possibilitando as estruturas irem além do código como instaurador de modelos e padrões de consciência social – seja para o consumo material ou para o ideológico político[4].

As abordagens tecnológicas e informacionais na educação tendem a buscar a preparação e o condicionamento de trabalhadores de reserva de trabalho, aptos e treinados para operar e competir com e pelas máquinas e interfaces comunicativas da racionalidade produtiva contemporânea e global. A divulgação da informação abre novos usos e leituras pelo campo social, desenvolvendo dispositivos de verificação e vetorização para novas aplicações sociopolíticas. O diagrama desenvolvido abaixo propõe visualizar uma dinâmica dos usos e das experimentações da 'verdade científica' em seus ciclos de apropriação social entre ciência, educação, política e guerra.



[4] Cf.: AMADEUS, Sérgio. Economia da intrusão e modulação na internet. V. 12 n. 1: Políticas de informação e marcos regulatórios da internet. 2016.

Fig. 6: “Verdades Utilitárias” - diagrama feito pelo autor através do *software* CMaps, abril, 2018.

A dinâmica política da criação, da produção e da aplicação de sistemas científicos configura desafios cada vez mais intensivos para o campo da ciência em sua justificação e proposição ao campo social. Sistemas de verificação de verdades verificáveis se tornam maleáveis e fluidos ao adentrarem dinâmicas sociais em seus usos e apropriações contextuais. A potencialização e a diversificação do acesso multiplicam interpretações e aplicações da verdade verificada, conformando complexidades informacionais e sociais, ao se referir à organização e à apropriação social do conhecimento contemporâneo e histórico.

Campos institucionais da ciência sofreram ataques renovados em suas validações desde os temas polêmicos, como a ecologia global, aos antigos sistemas de investimento público em educação e na própria ciência perante operações informacionais e midiáticas divulgadas por redes. A constituição da *apropriação social da informação* é referida nesta pesquisa entre as operações e usos bélicos de reformar ou resgatar outra verdade, única e totalitária, das práticas e dos experimentos sociais que usam a educação pela arte e ciência para abrir arquivos e, através de múltiplos relatos, chegar à memória social[5] em seus desenvolvimentos e complexidades. No campo educacional, a competência crítica em apropriar-se do conhecimento passa pela habilidade em produzir recortes científicos na montagem do conhecimento, como indica Didi-Huberman:

> A montagem será precisamente uma das respostas fundamentais ao problema de construção da historicidade. Porque não está orientada simplesmente, a montagem escapa às teleologias, torna visíveis as sobrevivências, os anacronismos, os encontros de temporalidades contraditórias que afetam cada objeto, cada acontecimento, cada pessoa, cada gesto. Então, o historiador renuncia a contar ‘uma história’, mas, ao fazê-lo, consegue mostrar que a história não é senão todas as complexidades do tempo, todos os estratos da arqueologia, todos os pontilhados do destino (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 212).

A intensificação da produção plural de referências e circulações de informação e, supostamente, conhecimento e verdade, se desenvolveu em enorme escala através dos processos globais de transmissão, administração e reprodução. Através de tecnologias de informação e comunicação, a produção infomidiática de fácil acesso aos consumidores tornou-se legitimada em sua

[5] As diferenciações de memória social, memoria comunicativa, memoria coletiva, memoria transgeracional, etc., são referenciadas pelo trabalho de Jan Assman onde referencia Warburg como “o historiador da arte, todavia, cunhou o termo “memória social” com referência ao terceiro nível, o cultural; ele parece ter sido o primeiro a tratar imagens, isto é, objetivações culturais, como portadoras de memória… O termo “memória comunicativa” foi introduzido com o objetivo de delinear a diferença entre o conceito de Halbwachs de “memória coletiva” e a nossa compreensão de “memória cultural”” (ASSMANN, 2008, p.: 34).

validação social e profusão disseminada, o que Susan Buck-Morss chamou de "elasticidade epistemológica" (2005, p. 157). A questão da apropriação e dos usos dos meios 'tecnoinformacionais' de produção na discussão política e educativa tende por ser, muitas vezes, desconsiderada em sua experimentação e no desenvolvimento crítico e ético de ferramentas tecnológicas, midiáticas e informacionais.

A produção referida por Buck-Morss como *elasticidade epistemológica* aponta a intensificação das dinâmicas do conhecimento que perpassam os processos científicos de verificação e aplicação social tradicional. O eixo humanista e democrático dos usos e aplicações das tecnologias é minimizado e é principalmente direcionado na modelação de sistemas de clientes e usuários consumidores, sujeitos às novidades patenteadas e controladas por corporações do entretenimento capitalizado e militarizado. Sistemas pragmáticos voltados à efetuação e à circulação da informação-mercadoria adentram novas etapas de agenciamento, subsunção e extração do valor de trabalho.

A produção emergente de sistemas e as referências alternativas de produção e conhecimento – em escrever, registrar e expressar as realidades e condições múltiplas de existência cultural global em âmbitos abertos, democráticos, apropriados etc. – são o foco político da pesquisa, ao mesmo tempo que evidenciamos estratégicas totalitárias de destruição, apagamento e diluição de memórias, competências e realidades sociais. O conceito aplicado da *biopolítica* se intensifica pelas tecnologias de informação modulativas, na criação e manipulação de arquivos virais da realidade e sua administração por usos sociais na conformação e na gerência de redes. A aceleração da produção social passa por drásticas mudanças quando se trata das relações políticas e afetivas da constituição e produção da realidade. Assistida por dispositivos aceleradores infovisuais, a informação se comporta como um elétron, uma onda e uma partícula, atravessando e constituindo "vagarosos átomos psico-orgânicos sensitivos e sociais" (BERARDI, 2014, p. 22):

> À medida que os algoritmos generativos tornam-se cruciais na formação do corpo social, a construção do poder social passa do nível político de consciência e vontade para o nível técnico dos automatismos localizados no processo de geração da troca linguística e no processo de formação do corpo psíquico e orgânico também.

A intensificação acelerada pela tecnologia informacional para os estudos da organização do conhecimento e, principalmente, para a linha de pesquisa de apropriação social da informação, se mostra como uma nova etapa e desafio para constituição das sociedades contemporâneas em seu horizonte democrático e inclusivo. Paul Virilio sugere que a aceleração do capital de giro,

social, tecnológico, etc, são marcados pela "industrialização da simulação". Dominados por investimentos comerciais e governamentais em fluxos midiáticos de narrativas, perpetua-se uma "dissuasão da realidade perceptível", consolidando e administrando formações de realidade em seu alcance epigenético. "Novas relações entre o eu, o espaço e um sentido do real, cujos contornos móveis exigem novos mapas conceituais" (VIRILIO, 1995, p.: 141).

A percepção e a discussão dos processos constituintes infossociais podem ser utilizadas para vantagens competitivas, mas também como processos educativos de entendimento estratégico para a infoeducação e seus mecanismos produtivos e expressivos de realidade ontológicas. A montagem de pensamento assim como em analises dos sistemas sociais, passam por processos de montagem e perspectiva, produzindo formas cada vez mais complexas e intrincadas. A partir de sistemas tecnológicos, a percepcao e corte, atuam em sobrecamadas em planos de contatos entre e através extratos. Através do plano de consistência, apresentado abaixo em formato da Fita de Moebius, podemos visualizar certos vetores e aspectos do ciclo de rotação da informação na produção, na percepção, na valoração e nos usos sociais:

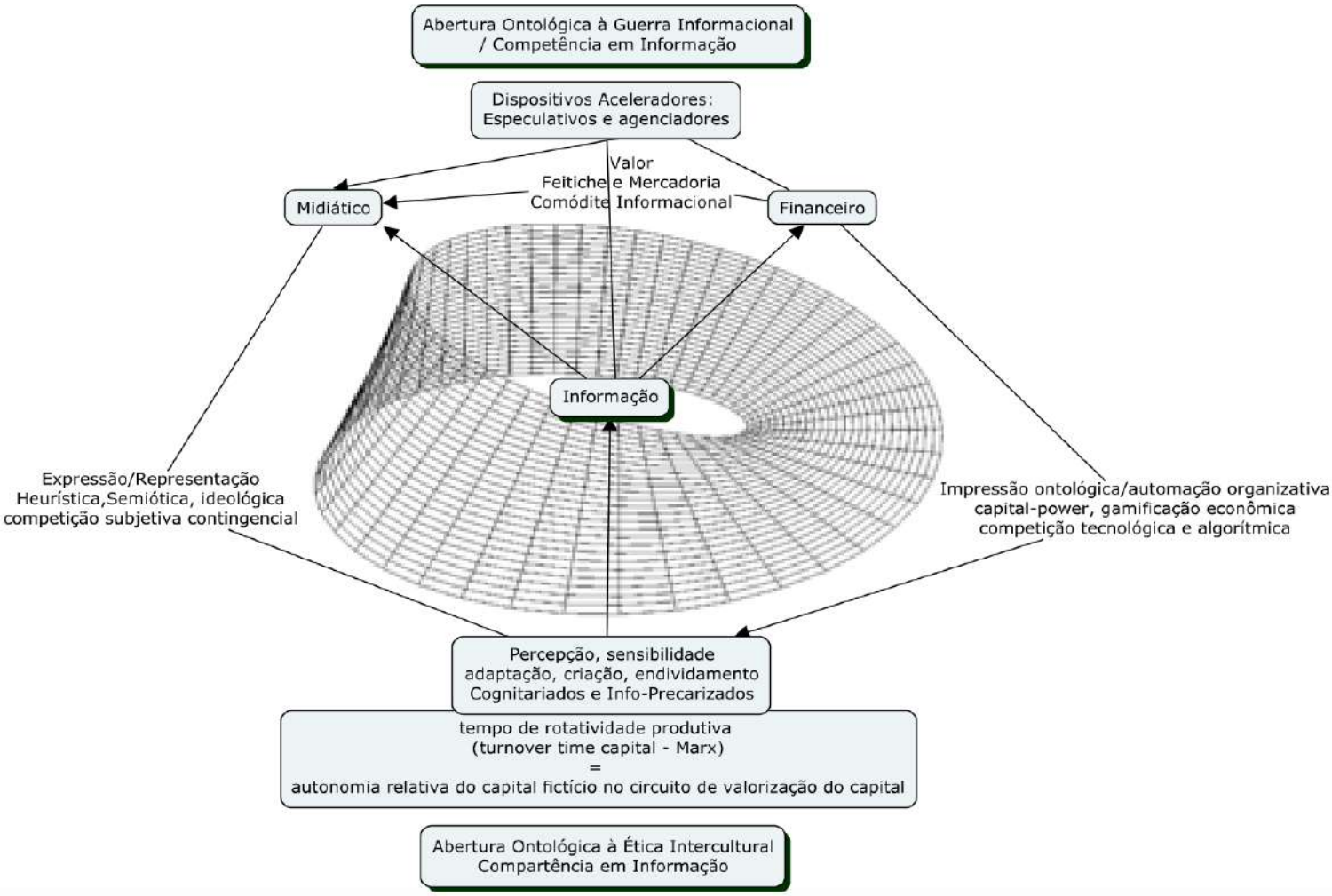


Fig. 7 “Ciclo do Valor Informacional” - Diagrama feito pelo autor utilizando CMapsTools, ago 2018.

O “turnover time capital” indica o tempo de investimento da informação para o seu retorno e como lucro, conhecimento ou inovação são perpetuados pela autonomia informacional e capital e, por conseguinte, por outros ciclos de investimento para a modulação dos efeitos realizados no processo, constituindo ciclos constantes de evento, análise, modulação e controle retroativo. A informação passa a ser acelerada e constituída por dois lados: pela fisicalidade constituinte em troca de dados e por sua exterioridade lida e traduzida em interfaces de organização e visualização de conteúdo. Tal interioridade/exterioridade passar por processos e aplicações variadas em diferentes níveis subjetivos, institucionais, educativos, econômicos, bélicos etc.

O sistema de inovação, seja educativo ou produtivo, passa por mudanças alinhadas às adaptações tecnológicas, embora preservando seus alicerces parciais de administração e controle modulativo da produção social. Adaptando-se e cooptando situações emergentes – e fora, inicialmente, de seu controle – o “capital informação” é intensificado em sua centralidade como lastro do capital de giro, como forma de manter sua perenidade e elasticidade quanto aos processos de valorização e precificação – capital imaterial flutuante e adaptável. Esse processo tende a alimentar a produção quantificada e eficiente das diferentes etapas e cadeias produtivas. Os trabalhadores passam a ser normalizados em parâmetros de contabilidade e eficiência, moldando a sensibilidade e criatividade para a se qualificarem como operadores das interfaces tecnológicas e informacionais, produzidas pela corrida tecnológica e informacional perpetuada pelos grandes centros econômicos mundiais.

Presentes em aplicativos e redes digitais, mecanismos numéricos organizam e sistematizam a circulação de informações nas redes digitais, mas também em diversas esferas da vida cotidiana. A intensificação digital e a habilidade de se construir sequências de números, como dispositivos de filtragem e agenciamento, fornecem toda uma reconfiguração nas formas de ser e estar no mundo. Representa um ponto de inflexão para as pesquisas, as práticas e a criação de interfaces e formas de leitura e tradução que abarcam os campos da Ciência da Informação, mas também os campos da Comunicação e da Educação.

Exemplificaremos, nesta parte da pesquisa, certas características do funcionamento das mediações algorítmicas e sua relação com a experiência de uma eficiência produtiva e, por fim, como a crítica educacional nas literacias e competências informacionais.

Sistemas algorítmicos influenciam e moldam elasticidades epistemológicas, através da administração do paradigma social da informação, e inscrevem o sujeito em uma fronteira de escrita ontológica atravessada por dispositivos e conflitos ciberculturais em sua constituição

educativa. Na comunicação histórica, o campo político era espaço de disputa de narrativas performativas, dentro da ação presente do agente humano. Ao intensificar a influência e a interação produtiva, científica e tecnológica sobre dinâmicas sociais de troca de valor, operam-se condições de produção e controle em realidades vetorizadas, através da análise e administração modular e viral, das interações de rede sob domínio mercadológico de marketing. Em termos técnicos e operacionais, os algoritmos funcionam como um arranjo programado de sistemas técnicos organizados em métricas binárias, entre *inputs* e *outputs*, através de cálculos numéricos que organizam e ativam o fluxo de dados nas redes digitais em certos parâmetros pré-condicionados. Em síntese, essa abordagem descreve o que seria uma "ferramenta algorítmica", porém não atende as consequências sociais e as implicações teóricas quando pensamos na amplitude que essas ferramentas passam a desempenhar na experiência do cotidiano e na produção social. Para além da razão instrumental, os algoritmos se tornaram vetores sociais políticos e constituidores de sentido, tencionando as dinâmicas e os conflitos sociais refletidos na *web* virtual.

Nesse sentido, almejamos uma discussão mais ampla sobre a própria condição do que são a experiência e a produção da realidade social, assim como das memórias produzidas no arquivamento digital de fragmentos e fluxos da vida e percepção humana. Os algoritmos, com os padrões de inclusão/exclusão, criam experiências altamente especializadas a partir dos gostos e preferências calculados e indexados pelos serviços de marketing digital que, ao serem ativados, direcionam soluções e tendências para a leitura e a tradução dos acontecimentos da realidade.

Os "bancos de dados" ou ainda, "nuvens de dados", funcionam como dispositivos arquivísticos de marketing reúnem, especulam, filtram e vendem milhões de dados sobre comportamento, hábitos de consumo, localizações etc. Esses sistemas de indexação e registro, inferem diretamente na produção do 'tempo livre', sempre alimentando máquinas de agenciamento de atenção, gostos e créditos de compra em uma interface conectada. O gerenciamento dessas bolhas "dividuais" em dados com valor agregado são coletados em perfis compostos pelo cruzamento de dados em sistemas de reconhecimento e indexação formatados como algoritmos.

Tais sistemas massificados de consumo podem influenciar e modular comportamentos sociais que serviriam como servo-controles de entradas e saídas, *inputs* e *outputs* de máquinas de produção e consumo, produzindo um sistema para um 'trabalhador consumidor', "prossumers" em alguma literatura, ou até em novas classes de trabalho referidas, por exemplo, como "infoproletários" (Antunes&Braga), "cognitariados", (Berardi) "endividados" (Lazzarato), marcando críticas por um trabalho imaterial aberto e midiático contra uma materialidade

pragmática fechada de coleta e usos de dados, assim como a reinserção de tais análises de dados em projetos, produtos e leis de regulamento social (JOLER, PETROVSKI, 2016).

Os mecanismos de *feedback* são ferramentas de governança algorítmica nas quais o processo em si (ou melhor, os próprios processos) procedem em uma escala e escopo além do cotidiano visível humano (mesmo que tecnologicamente assistida por agentes humanos). Em ambos os casos, a agência humana se rende a uma agência política sobre-humana – "übermenschlich" – dos sistemas peritos – como a matemática da computação e a administração algorítmica.

Os avanços tecnológicos representam inovações produtivas, seja nas áreas de medicina, transporte, agricultura, comércio, finanças, seja virtualmente qualquer outro domínio, no qual a robótica e os sistemas de algorítmico, com o aprendizado de máquina, a dita 'inteligência artificial', estão tendo efeito transformador ao avançarmos na forma como analisamos e atuamos sobre dados do mundo ao nosso redor. Por consequência, essa tecnologia também é considerada para fins de segurança nacional e defesa, com muitos países investindo pesadamente em sistemas robóticos militares e com maior autonomia em cruzamento de dados e indexação de perfis em análises metainformacionais, especulativas e privadas.

O pesquisador Vladan Joler investiga e mapeia infraestruturas invisíveis da internet e suas caixas-pretas de produtos tecnológicos[6], analisando os efeitos da produção de novas tecnologias no mercado de trabalho e nos recursos do planeta. A produção de cartografias[7] que evidenciam os processos infotecnológicos apresenta um desafio emergente em como mapear os diferentes aspectos técnicos e sociais de infraestruturas invisíveis, a exploração do trabalho digital e o nível de transparência algorítmica que cada vez mais influenciam e impactam diretamente a vida social.

Do trabalho forçado em minas – para extrair os materiais que formam a base física das tecnologias de informação e comunicação – até o trabalho de fabricação e montagem de *hardware*, muitas vezes perigosos e sem direitos trabalhistas. Da exploração de trabalhadores subcontratados especializados nos países do hemisfério sul, que rotulam conjuntos de dados de treinamento em IA, até funcionários que limpam depósitos de lixo tóxico. Esses processos criam formas de acumulação de riqueza e poder, que se concentram em uma camada social muito fina. "Como um faraó contemporâneo, no topo da pirâmide está o diretor de operações

[6] Conferir mapa do estudo no link: https://anatomyof.ai/img/ai-anatomy-map.pdf Acesso 10 dez, 2018.
[7] Entrevista disponível no link: https://ctxt.es/es/20181024/Culturas/22481/Pablo-DeSoto-internet-tecnologia-privacidad-IA-inteligencia-artificial-espionaje-Amazon.htm?fbclid=IwAR2H7brhQlP5PJU0I1uPZJCTcwUQ32kkFdzpuW_ik5XBrH1YVPSl9Jq2Zjc acesso 12 dez, 2018.

da Amazon, Jeff Bezos", define o pesquisador Joler: "seu salário em um único dia é igual a 300.000 anos de trabalho humano na base da pirâmide de produção".

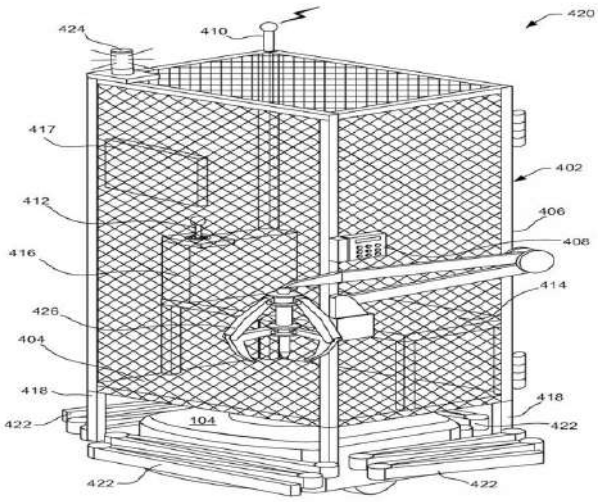


Fig. 8: "Unidade operacional" da Amazon. Interface humana com controles maquínicos.

Na figura acima, temos a ilustração de uma patente da "Amazon" que apresenta uma jaula de metal destinada ao trabalhador, equipado com complementares cibernéticos de manipulação à distância, usada para mediar a movimentação de mercadorias em um depósito de processamento, chamado "Amazon Fulfillment Center" (Centro de Realização da Amazon). Com o lema "Trabalhe Duro. Divirta-se. Faça História", a empresa foca na produção de uma mentalidade de um trabalhador consumidor. Traduções como "realização, desempenho, satisfação, implementação" etc. são vistas nestes "Fulfillment Centers" que ocupam grandes áreas fechadas e controladas. A empresa busca, através da inovação em gerência e distribuição de inventários especializados e diversos, se consolidar sobre mercados tradicionais com espaço reduzido, comprando inventários de pequenos negociantes, ao mesmo tempo que oferece serviços personalizados, coletando dados de usuários em produtos tecnológicos como o "robô Alexa"[8].

[8] Carta de admissão de coleta de dados: https://www.coons.senate.gov/imo/media/doc/Amazon%20Senator%20Coons__Response%20Letter__6.28.19[3].pdf acesso: 02/06/21

Fig. 9 “Trabalhe Duro. Divirta-se. Faça História” (Foto: Google/AmazonLogo)

Grandes estabelecimentos, como esse, tendem a competir contra mercados locais – que muitas vezes vão à falência e acabam por fornecer mão de obra excedente e, logo, precarizada, para o próprio centro de processamento. A automatização da movimentação de mercadorias das prateleiras provocou diversos acidentes envolvendo erro em máquinas. A forma ética tratada é costumeiramente explicada como “erro humano em operar as máquinas”. Ao invés de reconhecer problemas sistemáticos, é depositada a insegurança nos operadores humanos contratados.

A partir dos sistemas de tecnologia da informação e comunicação, a produção e a organização dos centros de saber e poder se inovam mutualmente. Dos trabalhos e pesquisas acerca das estruturas panópticas de poder e saber desenvolvidos, principalmente pelo conceito de *biopolítica*, como já referenciamos em Foucault, são desdobradas configurações referenciadas como *panespectrais*. A organização da visibilidade, o controle e a administração passam a ser indexados por metainformações referentes a outras informações em um sistema de valoração e segurança.

Nick Seaver aponta para um algoritmo “conhecimento” (2014) e “cativante” (2018), referindo-se aos sistemas métricos de recomendação de redes sociais como uma característica central da vida cultural contemporânea, sugerindo música, filmes e outros materiais para usuários. “Fisgando-se” pessoas e atraindo-as para um uso frequente ou duradouro, constrói-se um centro de produção de informação e atenção viciante em um ambiente social de conhecimento e técnicas midiáticas.

> Informalmente, um algoritmo é qualquer procedimento computacional bem definido que assume algum valor, ou conjunto de valores, como entrada e produz algum valor, ou conjunto de valores, como saída. Um algoritmo é, portanto, uma sequência de etapas computacionais que transformam a entrada em saída! Devemos considerar

> algoritmos, como *hardware* de computador, como uma tecnologia (CORMEN, et al. 2009: 5, 13).

A mediação algorítmica está constantemente produzindo metadados e acervos para futura análise, na qual a busca se dá através da pesquisa objetiva no espectro de dados levantado pela programação computacional. Ao analisarmos tal evolução organizativa e tecnológica digital, observamos a tradução sistêmica também para indivíduos da sociedade. Reconhecimento facial, inteligência artificial e mediação algorítmica são alguns exemplos de operações sistematizadas para o desenvolvimento da administração pública, empresarial, social etc., que não utiliza mais somente um agente humano ativo para levantar dados em análises ao vivo e em trânsito, em ambientes digitais híbridos.

A modulação dos saberes junto a fabricação e disputa de poderes atualiza a produção biopolítica de conformidade do usuário e consumidor. Uma racionalidade algorítmica se alimenta dos limites da racionalidade humana, em interfaces conectivas físicas, tecnológicas, abstratas etc. Visibilidades e protagonismos éticos e interculturais passam a disputar também uma parte do imaginário cultural e hegemônico, assim como novas formas de controle e exploração se desenvolvem tecnologicamente para vigilância administrativa. Através do marketing dirigido por algoritmos e dispositivos[9] de interface, para previsão especulativa e modulada, institui-se a dinâmica estrutural de uma "geo-bio-política" midiática, acelerada e interconectada.

No plano do conceito da geopolítica dos saberes, que vamos desenvolver ao longo da escrita, podemos nos referir ao direito de autodeterminação dos povos, sinalizado na Carta das Nações Unidas, em 1945, e elaborado na Declaração Universal dos direitos humanos, em 1948. Superando o conceito de multiculturalismo, entendido como reconhecimento das diferenças dentro de cada nação, para os conflitos interculturais em uma geopolítica global onde as sociedades são interdependentes, a ética e a constituição democrática passam por tensões mundializadas na pesquisa inter-étnica, assim como discussões de fronteira que desafiam e experimentam caminhos e desafios do saber.

A pesquisa em cartografias, registros, arquivos e documentos evidencia a anatomia material e aponta para análises políticas das desigualdades de um sistema de 'inteligência' artificial,

[9] Endossaremos aqui no entendimento de Michel Foucault, onde um dispositivo é um conjunto heterogêneo constituído de discursos, instituições, arranjos arquitetônicos, regras e leis etc. O conceito de dispositivo remete a uma rede heterogênea de ditos e não-ditos. Em sua análise, Foucault se interessa por dispositivos "disciplinares", noção que foi retomada e desdobrada por Deleuze (1990) e Agamben (1997), sendo em ambos os casos desenvolvido na direção de uma concepção "espectral" (Agamben, 1997) do poder, entendido, não mais pelo confinamento, mas por operações de "captura" e "modulação" (Deleuze, 1990).

reconhecimento facial, perfis raciais, estratégias de redes etc. Circuitos e caixas-pretas tecnológicas, assim como as suas mediações informacionais e algorítmicas produzidas, exemplificam a necessidade de novos mapas para nos ajudar a entender onde e como as lógicas e os sistemas mercadológicos inserem extrativismos de valor e se adaptam em novas formas de controle, modulação e precarização das sociedades.

A mediação algorítmica confere às práticas de informação um aspecto central de interação na rede; assim, é necessário que os educadores, para além da aplicação das tecnologias nas salas de aula ou dos programas de alfabetização mediática, estejam atentos à experiência crítica e criativa do processo infoeducacional. Compreender como os algoritmos são programados e como interagimos com as mídias algorítmicas parece ser fundamental para que tanto os cidadãos quanto as instituições mantenham um papel ativo, crítico e reflexivo em relação a essas transformações e nas possíveis construções e ameaças coletivas e individuais, políticas e econômicas que tais ferramentas propiciam.

1.2 A arte como crítica na fronteira da escrita ontológica

> The word is a virus.
> Perhaps the flu virus was once a healthy cell.
> It is now a parasitic organism that invades and damages the central nervous system.
> Modern man no longer knows silence. Try to stop the sub-vocal speech.
> Experience ten seconds of inner silence.
> You will meet a resistant body that requires you to speak.
> That organism is the word.
> William Burroughs, *The Ticket that Exploded, 1962*.

Como indicado pelas abordagens da "Competência crítica em informação e mídia", a problemática de organização e apropriação da informação e do conhecimento foca-se nos fluxos e nas contingências da própria globalização econômica e política, cada vez mais realizada através da competição financeira – tecnológica, midiática e informacional. Novas arquiteturas de produção e compartilhamento de conhecimento e saberes acerca da complexidade globalizatória podem indicar fundações para uma pedagogia mais abrangente dos sistemas dinâmicos contemporâneos.

Rafael Capurro (2014, apud SCHNEIDER, 2015, p. 15-16) vai apontar para uma "Ontologia Digital", replantando a crítica marxista à economia política na era digital, tendo como fio condutor a pergunta pelo poder e sua relação com a pergunta pelo ser. O autor subverte a ideia comum da informação como algo prévio que cria o conhecimento, propondo que o que ocorre é o contrário: a informação é o conhecimento em ação, em sua contextualidade ativa, contra a representação comunicacional, uma ética intercultural da informação (CAPURRO, 2008).

Engendrar efeitos arquivizantes para dinamizar fatos e conhecimentos desenvolve práticas críticas informacionais e midiáticas, ao criar habilidades de arquivos: corte de arquivo, justificativas do corte, contabilização, análise teórica etc, como ferramentas para entender processos de conhecimento e verificação científica, mas também poética, histórica, política etc. Constituir práticas e propostas para o enfrentamento do arquivo, do arquivamento para a arquivização, ressalta o trabalho necessário para abrir e desdobrar materiais de pesquisa e ativação de registros históricos e sociais.

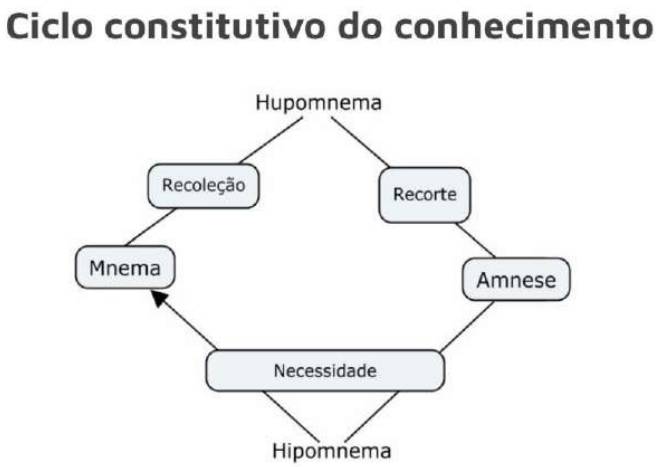


Fig. 10: "Conhecimento entre memória e esquecimento". Diagrama feito pelo autor, 05/05/19

A construção narrativa da memória recria-se através de traços, marcas e rastros que demandam e engendram processos de traduções, atualizações, apagamentos e produções criativas. Deslocar historicidades e atentar-se à criação, na presença da força da história, configuram determinações, nas quais devires escapam, ainda que deixem rastros, traços arquivísticos e arquiviolíticos. A dinâmica de forças que se apresenta em potencial constituinte como em registros cognitivos (ontológicos), ético e político (nomológico), constitui uma dimensão fundamental para pensar desafios do factual e verdade em seus impactos sociais e autodestrutivos em apagamentos (arquiviolíticos).

A intenção cartográfica almejada pela investigação da experimentação crítica (criadora e destrutiva) do arquivo busca trazer desdobramento do variar arquivístico que atravessa a contemporaneidade social e informacional. O centro arquetípico do conhecimento, o *arkonte*, se fragmenta sem perder poder e libera o real factivo para práticas de inscrita ontológicas e ontogênicas na produção social contemporânea, na qual o controle é dinâmico, vibracional e modular.

> Como o *performer* confrontado uma vez por indecifráveis gráficos e pontuações, o ativista é similarmente confrontado por essas condições indecifráveis da entidade

> política sem esperanças para mudança. No final, ambos precisam traduzir um texto que não é um texto ou performar uma pontuação que não é uma pontuação através de um aprofundamento interno neles mesmos, mergulhar em sua fonte autônoma para encontrar novos meios de entender e – uma vez atingidos – encontrar formas de comunicar a outros (BERARDI, 2006).

As sobrevivências da memória em expressões materiais também entram em dinâmicas cíclicas de esquecimento, necessidade de recuperação, indexação e institucionalização de temas e objetos que perpassam dinâmicas e problemáticas sociais. Escutar os intervalos históricos e, também, disciplinares – fazendo frente às dinâmicas de apagamento ou distanciamentos taxonômicos – fazem parte do método de Aby Warburg na sobrevivência de imagens, na sociologia das ausências de Boaventura, desdobrada ao mal do arquivo por Derrida, e posteriormente desenvolvida por Didi-Huberman (2002), e aprofundada por autores decoloniais, minoritários em suas lutas contra apagamentos sociais.

Memórias contra-hegemônicas emergem no movimento de coletivos interessados em apresentar referências de histórias locais esquecidas ou silenciadas, de modo a permitir que seus habitantes reflitam sobre essas questões e se envolvam em processos de afirmação de identidade, produção etc. Sendo assim, percebemos como a dimensão educativa se faz presente os lugares de contato e produção de memória. Uma das questões da pesquisa é evidenciar os meios e as formas de produção de memórias que possam ser libertadoras ou dominadoras dependendo do uso e contexto que se configura.

As histórias e os relatos não oficiais do período colonial, como a violência exercida na escravidão ou nas catequizações indígenas, eram documentadas com especificidades processuais baseadas no ponto de vista da metrópole e das instituições legítimas da época. Foram necessários esforços e lutas políticas, pela memória social e comum, para se resgatar e trazer à tona diversos pontos de vista e modos de vida perpetuados no sistema colonial oligárquico e escravocrata. Evidencia-se pontualmente pela disputa na Comissão Nacional da Verdade do Brasil e sua constituição da memória social da ditadura[10], assim como suas iniciativas por países na América Latina e na África.

Processos centrais de criações próprias e emergentes de memória em suas formas de vida em meios tecnológicos se fazem através da apropriação de ferramentas, assim como de formas de conhecimento e produção. Tal pluralismo de memórias e saberes se perpetua pelas redes educativas do cotidiano e pode produzir dispositivos e identidades muitas vezes “esquecidas” e sublevadas por classes dominantes. Portanto, entendemos que nossa análise de pesquisa possa

[10] Cf.: http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/ acesso em 2, out 2019.

colaborar para fomentar outras pesquisas e projetos em prol de novos vínculos, como o debate do pensamento decolonial, que atravessa e se relaciona à educação crítica e informacional, assim como suas expressões da imagem e da mídia.

Frequentemente, nos encontramos diante de um fluxo intenso de imagens heterogêneas difícil de processar, dominar, organizar e entender. As estruturas constituintes do labirinto info-midiático são formadas por intervalos e lacunas tanto como de sobrevivências observáveis. Arriscar-se a traçar diagramas, comparações e perspectivas é trabalhar uma fabulação (neo)documental entre seus intervalos e afirmações legitimadas, necessariamente heterogêneas e anacrônicas, na constituição histórica política do real social. Este arriscado desafio tem por nome imaginação e montagem – e perpassa por operações de apropriação, criação e organização do conhecimento.

O mapa tradicional tem condição de exterioridade a partir de referências classificadas e instituídas *a priori* em uma transcendência de ordem de fundamento a orientar a leitura de referências estáticas. A representação estática é apenas uma camada na qual a cartografia faz subir à superfície outras forças e camadas, outras linhas que não são da ordem da representação classificada. A cartografia se afirma e atualiza como mapa dinâmico na complexidade das redes de informação, arquivo e mídias onde "escutam e resgatam reverberações subatômicas, desenvolvendo práticas experimentais e desvelando-se aos movimentos aberrantes" (LAPOUJADE, 2015).

A sociologia das ausências referida por Boaventura contribui com a atenção às rachaduras de um futuro sólido e molar baseado em um tempo linear hegemônico, almejando um futuro de possibilidades plurais e concretas (altermundistas). Simultaneamente utópicas e realistas, visões e projetos alternativos vão se construindo no presente através da tomada de si por essa ética ativa de construção, crítica e criativa. A proposta de Boaventura de Souza Santos, em uma sociologia das ausências (2002), procura investigar dinâmicas a partir do que se oculta em cada conjuntura a ser analisada. Desenvolvendo metodologias marxistas das ideologias e estruturas dominantes, a escala informacional lida com mapas cognitivos que operam simultaneamente em diferentes escalas, articulações locais/globais, em ecologias de produtividade e economias sociais, cooperativas autogeridas etc.

> A meu ver, o que está por trás das críticas mais radicais é essa tradição na esquerda bastante dogmática, sempre em busca da luta pura, e as lutas não são puras, são impuras, têm elementos de perversão, e é preciso ter uma vigilância epistemológica, teórica e política sobre os movimentos (SANTOS, 2007, p.73)

A forma de um discurso ou de uma ideologia hegemônica é desenvolvida a partir de uma complexa relação que inclui a emergência de tecnologias materiais na produção social. As duas zonas de contato constitutivas da modernidade ocidental, segundo Boaventura, são a zona epistemológica, onde se confrontam a ciência moderna e o saber tradicional, e a zona colonial, entre colonizador e colonizado. As culturas visuais, organizadas como coleções e troféus na época do colonialismo, hierarquizadas pela autenticidade dos objetos em certa etapa da antropologia ufanista, podem ser agora um espaço onde a comunicação e as disputas interculturas ensaiem modelos de tradução e tornem visíveis os dilemas da interculturalidade contemporânea e suas fronteiras em disputas decoloniais.

O filosofo Franco Berardi colabora com a reflexão sobre o conceito de modulação comunicativa, ao diferenciar o ato de conjunção como evento, não estrutura, não reprodutivo e onde não há programa ou desígnio a cumprir, não há modelo de origem no processo de emergência da forma. O único critério de verdade é a sensibilidade dessa conjunção. O ato criativo enunciativo. Eu e outro, a vespa e a orquídea, expressam conjunções atravessadas por afetos constituintes. Aproximando-se também de Bergson e Espinosa, Berardi resgata a imagem do pensamento como meio de análise cartográfica, imagética e psíquica, intensificada pelas dinâmicas da produção de informação contemporânea:

> Um conjunto infinito de realidades coevolutivas que atuam umas sobre as outras, a linguagem, é a conjunção de fragmentos artificiais (signos) que produzem campos de significação onde o significado ocorre apenas na concatenação das mentes e seus acúmulos históricos e arquivísticos (BERARDI, 2014, p. 142).

A moderna aceleração da transmissão de signos e a proliferação de fontes de informação transformam a percepção do tempo. A infoesfera tornou-se mais rápida e densa, enquanto a proliferação de infoestímulos sujeitou a sensibilidade psicológica a um estresse mutagênico adaptado a reações infoconectivas externas. Devido a uma intensificação dos sinais eletrônicos, esta aceleração arrasta a sensibilidade para uma vertigem de estimulação simulada. A percepção do outro e dos corpos também é remodelada pela pressão da aceleração e da automação que afetam a gestualidade e as disposições posturais e sociais. As imagens proliferam e nossa faculdade de imaginação sofre acelerações vertiginosas.

A imagem não é a percepção bruta de dados empíricos trazidos à nossa atenção pela matéria, mas a elaboração imaginativa da matéria visual processada e interpretada por nossa mente, sendo que o modo técnico pelo qual recebemos e elaboramos imagens atua sobre a formação de nossa imaginação. A partir de estudos estatísticos, novos conteúdos e estratégias são gerados para produzir, modulativamente, comportamentos coletivos e conectados.

Ajustes da tecnomídia e suas influências e mutações psicocognitivas são tão interdependentes quanto o organismo e seu ecossistema heterônomo. A tecnoesfera conectiva que habitamos hoje se assemelha ao resultado de uma organização que fragmenta ao mesmo tempo que organiza dados. Como um "zapping" projetivo, combinamos sequências variadas, vindas de fontes diferentes, em montagens do conhecimento analisadas e apropriadas, repetidas e transformadas, entre ficções e fatos, opiniões e veredictos, lineares e caóticas. Berardi afirma que o inconsciente social está reagindo a essa desterritorialização contínua de várias maneiras: "adaptação, desconexão, patologia" (BERARDI, 2014, p. 34). A obsessão acarreta uma espécie de mobilização permanente da energia produtiva. De acordo com Jonathan Crary, "a captura e o controle implacáveis do tempo e da experiência são a forma do progresso contemporâneo" (CRARY, 2013, p. 27).

Quanto mais a quantidade de informações que demandam atenção se expande, menos tempo de atenção para elaboração fica disponível, cobrando reflexos reativos cada vez mais rápidos. A produção e a composição técnica social se transformam em seus aspectos informacionais e modos de produzir e usar arquivos, mas as modalidades de apropriação e elaboração cognitiva não se adaptam de forma linear. O ambiente técnico se intensifica sobre o campo da cultura, especialmente nas influências dos comportamentos cognitivos, mercantis, psicológicos, sociais etc., mediados por sistemas conectados, subjetivos e estruturais na produção, na circulação e em processos de arquivamentos seletivos.

Em seu livro, "Data Trash" (1993), Arthur Kroker sustenta que, no campo da aceleração digital, mais informação significa menos significado, pois o significado retarda a circulação da informação. No âmbito da economia digital, quanto mais rápido circula a informação, mais rápido se acumula valor, mas o significado atrasa esse processo, pois precisa de tempo para ser produzido, elaborado e compreendido. A aceleração infotecnológica influencia o campo das experiências social, educacional, crítica, simbólica, artística etc., pois as modalidades intensivas do prazer e do conhecimento, pela atenção, são acentuadas como foco mercadológico na construção de sistemas de consumo e vigilância de dados.

Ao introduzir o trabalho mediado por máquinas – que têm a capacidade de produzir mais máquinas que possam substituir processos do trabalho humano –, o capital reduz o tempo de trabalho necessário para a reprodução social. Para mediar e produzir valoração em processos também de dissolução, o capital produz escassez e necessidade, também destruindo produtos do trabalho através da guerra, da superprodução e da valoração financeira. O tempo de trabalho é fragmentado e datificado. Malhas e células de tempos, comprimidas e expandidas, estão à

venda pela internet – onde o tempo despersonalizado torna-se o verdadeiro agente do processo de valorização e personalização.

> A máquina linguística recombina e conecta os fragmentos de tempo necessários para produzir infomercadorias. A máquina humana está lá, pulsante e disponível, como uma expansão cerebral à espera. A extensão do tempo é meticulosamente celularizada: células do tempo produtivo podem ser mobilizadas de forma pontual, casual e fragmentária. A recombinação desses fragmentos é realizada automaticamente na rede. O telefone celular é a ferramenta que possibilita a conexão entre as necessidades do semiocapital e a mobilização da mão de obra viva do ciberespaço. O toque do celular convoca os trabalhadores a reconectar seu tempo abstrato ao fluxo reticular (BERARDI, 2014, p. 25).

Quando a infoesfera está saturando nosso tempo de atenção e o fluxo semiótico está indo rápido demais para que nossa mente processe as informações de maneira racional, falamos de complexidade. Nesta nova dimensão do trabalho, as pessoas geralmente não mantêm direitos sobre o tempo de que são formalmente proprietárias, pois estão separadas da existência social das pessoas que os colocam à disposição de circuitos ciberprodutivos e recombinativos.

Quando a intensidade da informação e a velocidade da infoesfera ultrapassam o ritmo de elaboração da mente, o pensamento se dificulta ao tentar extrair significados da experiência acelerada e multiplicada. A psicoesfera é afetada por confusão no fluxo constante de recortes e referências, não conseguindo extrair do fluxo infinito um corte finito explicativo como uma ferramenta viável para os sistemas sociais de compreensão do comum, da realidade e das possibilidades de ação. A interpretação crítica e ética da tradução semântica é ameaçada pelo tempo curto das velocidades em troca. Contemporaneamente, é especialmente aplicada nos sistemas digitais de troca e arquivamento, através da economia da tecnologia da informação. A decisão administrativa da governança passa por máquinas sintáticas, em cálculos estatísticos e econômicos da eficiência dos processos de valoração sintática de datificação, classificação e previsão estatística.

1.2ª Arquivo Imagem

> El mundo-imagen es la superficie de la globalización. Es nuestro mundo compartido. Empobrecida, oscura, superficial, esta imagen-superficie es toda nuestra experiencia compartida. No compartimos el mundo del otro modo. El objetivo no es alcanzar lo que está bajo la superficie de imagen: sino ampliarla, enriquecerla, darle definición, tiempo. En este punto emerge una nueva cultura (Buck-Morss, 2009, p. 22).

Afirma-se, em Walter Benjamin (1992), que “a imagem é um cristal de tempo, onde o Outrora se encontra com o Agora em um relâmpago para formar uma constelação”. Tal afirmação está

na base da teoria estética do filósofo francês Georges Didi-Huberman, sobre a qual nos debruçamos neste trabalho. O filósofo analisa as imagens artísticas e as histórias que fazemos delas a partir de um modelo temporal acronológico, não sucessivo e sintomático. Tal temporalidade turbulenta origina as imagens dialéticas formuladas por Benjamin e atualizadas por Didi-Huberman.

As imagens dialéticas são as únicas "imagens autênticas", que irrompem como redemoinhos no rio da história, fraturando o solo das doutrinas estéticas e nos contrapondo o repensar do trabalho de História da Arte. Nestas imagens, passado e presente coexistem, o virtual e o atual se cristalizam em uma imagem-cristal, que, devido a sua transparência, permite ao visionário, ao vidente, "ver o jorrar do tempo como desdobramento, como cisão" – nas palavras de Gilles Deleuze. A partir das teorias de imagens, de métodos cartográficos e analíticos, destacamos três aspectos informacionais, já mencionados, das formas de uso da imagem na contemporaneidade, como forma de produção e modulação do processo de pensamento e cognitivo: imagem-evento, imagem-técnica e imagem-criação – que vão se ligar à percepção e à contração temporal.

Veremos, pois, como estas imagens "sobrevivem", de acordo com o conceito de Nachleben proposto por Aby Warburg, segundo o qual nunca morrem completamente e estão sempre emergindo em variadas formas. Tais sobrevivências se encarnam em "fórmulas primitivas", as chamadas Pathosformeln de Warburg, e conformam fórmulas emotivas que ressurgem na arte e na vida social. Nas obras desses filósofos e historiadores da arte, encontramos as bases de um pensamento que compreende as imagens artísticas a partir de sua natureza temporal – imagens que se desenvolvem e se estendem para além de sua própria visibilidade, quase que tomando vida, virais, meméticas, híbridas e sobrepostas.

A *imagem-evento* é produzida a partir de operações de poder sincronizadas com distribuições midiáticas de um determinado saber temático. Este tipo de produção e operacionalização da informação, estratégica e vetorizada, busca emitir e bombardear diversas bolhas e *clusters* de usuários em diferentes tipos de mídia com o conteúdo a ser divulgado. Geralmente, tal operação é disfarçada entre outros conteúdos, mas que transmitem a mesma ideologia ou tema focal almejado. Estratégias vetorizadas de infodemia geram e liberam comentários e polêmicas que irão, por sua vez, reproduzir a ideia inicial focada e estratégica, para que o conteúdo tome uma sobrevida através da própria reprodução, apropriação e divulgação pelo público-alvo, formando um evento social infomidiático engatilhado por dispositivos de vigilância e marketing.

A *imagem-técnica* vem corroborar, como unidade científica da veracidade da imagem a ser divulgada ou utilizada em aspectos produtivos e sociais, como na medicina, na engenharia etc. Passa a ser valorada por profissionais especialistas que legitimam a veracidade dos vetores em

seus correspondentes científicos e racionais da modernidade intensificada em suas máquinas de escrita ontológica, o que Flusser chama de "pós-histórico". As especulações do mercado financeiro são exemplo claro no qual o recorte matemático dos fluxos informacionais opera dispositivos de compra e venda por todo mundo, modulando áreas econômicas, políticas e sociais da realidade. Tais imagens técnicas passam a especular valor de ingerência e fazem a manutenção das áreas e dos campos que tendem a se desenvolver, gerando receitas das que podem servir como reserva de mercado.

Por fim, a *imagem-criação* é o ponto desta pesquisa no qual a imagem-pensamento opera; além de recortes especulativos, ela libera formas de vida e de produção que perpassam a lógica da ciência voltada à mercadoria utilitária. A criação e suas imagens tencionam e operam outras sensibilidades políticas e poéticas das potencialidades de produção de conhecimento em *logos-poéticas*. A multiplicação de operações investigativas desdobra materiais em combinações de conhecimento em diversidades epistemográficas. A arte na construção do pensamento faz agir e variar formas de provocar o pensar crítico e criativo ao liberar intensidades múltiplas em estruturas reificadas.

Os três tipos de imagens proposto se perpassam em intensidades, dificultando a leitura formalista simbólica. As literacias em informação e mídia propõem práticas de leitura, assim como o reconhecimento investigativo contextual de onde, quando e para quem são produzidas. O *neodocumentalismo*, almejado como proposta decolonial da pesquisa, aponta para tais problemáticas políticas do entorno arquivista e gerador de infoimagens. A *competência crítica*, assim como a *decolonialidade*, se propõe como método e objetivo em tais escavações do poder e do saber para ativações emergentes, imanentes, dialéticas e pragmáticas – objetivadas nesta pesquisa a partir do campo da Ciência da Informação brasileira e latino-americana.

O foco em experiências autônomas de comunicação, tecnologia e de informação, derivadas da revolução digital, caracteriza um lado emergente de uso social e horizontal da constituição de novas formas mistas políticas e produtivas. Contra um complexo midiático, os 'gate watchers', muitas vezes militarizados ('gate keepers'), que impõem e vigiam o acesso e a contínua influência dos rearranjos de controle da produção e do trabalho da biopotência da multidão. Tendo em conta as novas realidades tecnológicas do poder econômico e político, condicionadas pela técnica digital, assim como as experiências perceptivas e sensoriais nos desafios sociais da era digital, imperam-se estudos sociotécnicos e educativos em como poderes sistêmicos e informacional/midiático organizam o visível, o sensível e o percebível.

A transformação em jogo aqui refere-se a um nível de ser, portanto, logicamente anterior à percepção, no que se refere ao estabelecimento de uma nova base material sobre a qual as

imagens são produzidas e disponibilizadas para a percepção enquanto ascensão de um regime de mídia fundamentalmente perceptivo. A própria tecnologia mediadora se torna um local ativo de mudança, um centro de indeterminação, uma lacuna de afetividade entre a receptividade simbólica passiva de entretenimento e sua entrada experimental em ação que podem ser incorporadas em subjetividades emergentes, assim como serem agenciadas em processos sistêmicos e codificados.

> o procedimento (prático e teórico) colecionador, historicista e frequentemente nostálgico sobre as coisas do passado perde espaço na academia em prol de uma visão segundo a qual a prática antropológica é definida como um *joining in, thinking with*. Não se trata mais de montar acervos materiais de culturas ditas outras ou passadas, mas de "juntar-se a suas linhas". Fala-se, pois, analiticamente em "linhas" que "crescem" em um mundo onde já não deveria mais haver objetos (INGOLD, 2012, p.40).

O ambiente sem objetos, afirma o filósofo e antropólogo Tim Ingold, não é um mundo material, mas um mundo de materiais, de matéria em fluxo onde seguir materiais é entrar em um mundo que está continuamente em ebulição emergente. Ao intensificar-se os processos de experimentação arquivística, seja por dados, por documentos pessoais ou por conteúdo audiovisual, dinamizam-se os modelos de museus, acervos e instituições. Objetos que são organizados de acordo com seus atributos ou proveniência são oferecidos agora como um enorme laboratório de fragmentos. Ingold vislumbra uma educação na qual "atribui-se primazia aos processos de formação em relação aos seus produtos finais e aos fluxos e transformações de materiais em relação aos estados da matéria" (INGOLD, 2012, p. 32).

Uma troca colaborativa de ensino e aprendizagem em tecnopolíticas constituintes, pedagógicas e ontológicas que podem não resolver as grandes antinomias do poder, mas que podem ser traçadas para criação de espaços, ferramentas e estratégias claras de como se adereçar propositalmente aos desafios contemporâneos do conhecimento "tecno-info-social". Tais abordagens experimentais metodológicas podem criar formas de diálogo entre acadêmicos, intelectuais, públicos, ativistas, políticos e produtores em diferentes sociedades.

O tempo é aberto na transformação do arquivo em uma experimentação movente com sistemas abertos – experimentar arquivos é experimentar e criar tempos, ritmo e montagem. A matéria histórica, como imagem em devir, engendra processos de remontagens expressivos, imanentes e transeuntes além de identidade e vetores. A experimentação trabalha como crítica imanente, sempre buscando aberturas, movimentações, inserções, dobras, contradições e se aplica no processo educativo de desejos flutuantes e desenvolventes, desenrolando-se em fluxos, equilíbrios, estabilizações, (des)identificações e em memórias constituintes.

Uma imagem-memória, portanto, é ativada através das camadas estratificadas de movimentos vibratórios composicionais. O pensamento ativa sua força na experimentação do tempo, ao invés de tê-lo como um evento já ordenado, informado e previsível em sua reação externa, já classificado, datificado e taxonômico da percepção e da experiência. A experimentação como pensamento crítico se faz força contra a *doxa* onde o sistema de agenciamento dos desejos de massas passa por chamadas polêmicas de manchetes, atualizadas como "Click bait" ou em estratégias vetorizadas e modulativas das redes sociais. A disputa como Instagram *versus* TikTok enuncia esta composição global entre interfaces geopolíticas de inscrição ontológica que organizam e fragmentam conteúdos arquivísticos de identidades digitais.

No campo da Ciência da Informação e da Biblioteconomia operam-se o nome e a organização dos símbolos sobre símbolos. No desenvolvimento da cibercultura, as fronteiras entre Gramática *versus* Ontologia adentram outras confluências complexas de percepção, crítica e produção social. Redes e sistemas engendram disputas geopolíticas nas quais mundos sociais estão emaranhados. Escrita, esquema e realidade compõem ferramentas na dinâmica Jogo e Estrutura. A gramática deriva de linguagens que buscam simbolizar o real e que desdobram *tecnes* e seus símbolos para constituir um campo comum de ação de *logos* via *nomos*.

A escritura como jogo produtivo, econômico e político multiplica sistemas, como nos algoritmos, de máquinas de *gramme* com composições de logografias e logologias. Desenvolvem-se e disputam-se estas bases infodêmicas no campo social e produtivo, no qual desafios informacionais e educativos concentram propostas gramatológicas para desenvolver competências técnicas e críticas.

Uma educação focada na experiência sensitiva da construção de si propõe a educação como variação de pontos de vista, de poderes e saberes, almejando a competência – científica e poética – de se experimentar, se variar. Infere a escrita em educação a conceitos de uma experimentação estética. Desenvolver habilidades imaginativas de estruturas materiais e abstratas multiplica a linguagem ao mesmo tempo que desdobra análises sociais sistêmicas e estruturais. Poéticas simbólicas de representação e expressão compõem o desenvolvimento profundo de práticas educacionais, de trocas complexas e sistemas de investigação.

1.2[b] Arquivo tempo

A verdade é filha do tempo, não da autoridade (Bacon).

Vivemos cada vez mais mergulhados conscientemente em sistemas que conformam um campo da informação no qual ela é a palavra de ordem. A informação se impõe no campo da percepção psicossocial, sempre se anunciando em sua multiplicidade. No campo do pensamento, a dinâmica é diferente. Anuncia-se em sua inquietude do trabalho a ser desenvolvido, desdobrando e esmiuçando sua potência imanente e emergente; o pensamento conjura átomos informacionais em estruturas e críticas constituintes em seu próprio movimento.

> Não há mundo real que seria o exterior da arte. Há dobras e pregas do tecido sensível comum... Não há o real em si, e sim configurações do que é dado como nosso real, como objeto de nossas percepções, de nossos pensamentos e nossas intervenções. O real é sempre o objeto de uma ficção, isto é, de uma construção do espaço onde se juntam o visível, o dizível e o realizável (RANCIÈRE, 2008, p. 82-84).

A questão de percepção, criação e realidade engendra experimentações e processos sistêmicos para dar conta de dinâmicas sociais, psicológicas, culturais etc. Possibilidades emergentes e constituintes aferem políticas comuns, em conflito, de transformação e manutenção que influenciam, moldam e modulam os planos sociais e, principalmente, a formação educativa e crítica em produções sociais que são atravessadas por dinâmicas tecnológicas e informacionais. Almejando a sensibilidade crítica e poética, faz-se imprescindível um olhar mais atento às condições sociais de produção de comunicação entre poderes e saberes constituintes.

Desdobrando Bergson e Espinosa, ao resgatar, traduzir e enfatizar o conceito de compreensão no qual o humano aumenta a sua potência no momento em que aumenta o seu poder de compreensão e percepção. O sujeito seria um ser esquartejado, ao receber acontecimentos do exterior com sua estrutura sensória, reagindo a eles com sua estrutura motora. Entre a percepção e a reação há um pequeno intervalo que afere ao tempo. O que marca e define percepções sensoriais e biorrítmicas são esses pequenos intervalos, preenchidos por um sistema neurológico altamente sofisticado: o cérebro humano. A função da arte seria nos desvincular dos hábitos e nos conectar a percepções do tempo fora dos ritmos biológicos e cotidianos, aumentando assim a extensão e a potência do ser e de seu entendimento e forma de atuar mundos. Criar outros ritmos, cadências e poéticas nos quais o desvelar-se da compreensão possa abrir caminhos para variações e métodos do saber.

Podemos chamar de política da arte esse devir de emergências constituintes que desdobram reverberações psico-orgânicas, ampliando campos de composição. O território espacial externo conforma efeitos de arte que são integrados em diferentes campos de atividades sociais. O marco, traço, propriedade, de grupo ou individual, decorre desses efeitos expressivos e comunicativos, mesmo quando para a guerra ou a opressão. Para Deleuze:

> Pensar é, primeiramente, ver e falar, mas com a condição de que o olho não permaneça nas coisas e se eleve até as visibilidades e de que a linguagem não fique nas palavras ou frases e se eleve até os enunciados. É o pensamento como arquivo" (DELEUZE, 1991, p. 119).

A ficção pode ser multidisciplinar, pois se envolve como operador de espaços e territórios onde a ficção não é uma narração, mas uma ponte de um ponto real para outro. Trabalhando com fragmentos heterogêneos das ciências, sem os critérios de rigor de cada disciplina, as ficções conformam textos experimentais para a análise de um objeto, adicionando dimensões e abrindo espaços e redes em fluxos de imanências (filosofias), de heterogeneidades (ciências) e de ficções em movimentos (*designs*).

A fronteira entre realidades e ficções se encontra no desenvolvimento de procedimentos da imaginação, na criação de narrativas e produtivas da realidade, da virtualização dessa realidade e, também, da realização da crítica. A potência e o controle desta disputa fronteiriça se afirmam nos desdobramentos de filtros, bolhas e algoritmos de modulação na malha constituinte social. Produzir processos de reescritas de histórias particulares e do cotidiano, em esquemas de objetos assimilados, apropriados e introjetados em sistemas cognitivos, impulsiona a linguagem cultural. Jogos de verificação e veridicção conformam processos de montagem e performam representações e intensidades, lastreando realidades, fatos, relíquias, espelharias etc.

A inteligência solicitada apenas como órgão emergencial para medicamento de problemas na sensibilidade provoca problemas unidimensionais restritivos, como ansiedade, depressão, falta de criação etc., e que, na intensificação tecnológica, gera uma simbiose infopsíquica como base para um capitalismo de atenção cognitiva, em dados e vigilâncias sistêmicas. O pensamento como evento é o fundador do tempo da arte – que é, além de funcional, orgânica ou paliativa. Produzir modos de montagem e ativação do pensamento através da inteligência do hábito de representação configura o pensamento instrumental voltado para a produção técnica, reprodutiva e contingente.

Para Bergson, a percepção é como um corte que atravessa o fluxo-matéria através de uma perspectiva particular. O desenvolvimento do pensamento se afere não apenas como contradição e sim como arte – o tempo da arte como terceira margem. Encontrar o caos no agora seria a competência e a potência do artista, ao criar signos, pensados e não apenas representados e repetidos. Introduzir potências sob o poder da forma constitui forças emergentes, criativas e produtivas da importância crítica da razão da arte. O signo encontra e faz o pensamento que desdobra o próprio signo através da arte simbólica. Varia significações estéticas, éticas e materiais ao desenvolver intensidades constituintes e veladas nas dinâmicas de realidade. O tempo da sucessão, que conforma o hábito orgânico e social, depara-se com o

tempo da contração que a arte produz no momento presente e contrai e conjura intensidades temporais distintas.

> Quanto mais estudamos a natureza do tempo, mais compreenderemos que a duração significa invenção, a criação de formas, a elaboração contínua do absolutamente novo (BERGSON 1911, 7).

Formas de estabilização de imagens, são performadas em relação a montagens, *assemblages*, que constituem parâmetros de percepcao e analise do tempo passante. Quando mergulhamos nas *caóides* (ciência, arte e filosofia) há uma tentativa de saída, de diferenciação do regime estruturado nos ritmos orgânicos e psicológicos onde podemos almejar uma conexão de memória ontológica – daquilo que também possa nunca ter sido presente para nós. Um tempo puro, no qual o pensamento mergulha no caos onde a loucura perpassa, no passado e no futuro, e se perde na transformação criativa. Um passageiro em um deserto crítico do real onde pode-se erguer no caos, uma memória de hábito ou de arte, conjurando outros ritmos de produção no encontro caótico ou em recolher-se aos tempos do organismo e do psiquismo estabelecidos socialmente através da história.

> Aqui temos um homem – ele tem de recolher na capital o lixo do dia que passou. Tudo o que a cidade grande jogou fora, tudo o que ela perdeu, tudo o que desprezou, tudo o que destruiu, é reunido e registrado por ele. Compila os anais da devassidão, o cafarnaum da escória; separa as coisas, faz uma seleção inteligente; procede como um avarento com seu tesouro e se detém no entulho que, entre as maxilas da deusa indústria, vai adotar a forma de objetos úteis ou agradáveis (Apud BENJAMIN, 1989, p. 78)[1].

A afinidade e a tendência do corpo com o caos provocado pela arte, além das classificações *a priori* provenientes de tempos biológicos ou sociológicos, encara a não afinidade com a segurança e o repouso da estática taxonômica. O desenvolvimento sensório da arte sobre a constituição motriz do organismo indica e pulsiona o tempo perceptivo para a quebra do hábito (o tempo da motricidade) e criam-se ritmos.

Ao adentrar na cadência rítmica, o corpo perceptivo aumenta sua vibração e navega pela entropia de seu meio, criando, além de apenas adaptações, seus tempos constituintes, heterônomos e *eônicos*, que escapam e fundam mundos e modos de vida. A subjetivação, portanto, deve ser entendida como morfogênese, como criação de formas. A não adaptação ao código, classificado em sua conformidade, se dá através da criação, da subjetivação e da apropriação das variações de frequências constituintes do campo tecnossocial, imagético e subjetivo de memórias e realidades constituintes.

1.3 Caosmose Informacional – individuação e subjetivação

Observando a estrutura da memória das ciências humanas e exatas, em como foram geradas e articuladas ao longo da modernidade, vemos o campo da Ciência da Informação em fronteiras que se fundamentam em uma história frequentemente pautada pela reconstituição de processos evolutivos das práticas de saberes ligados às bibliotecas, aos arquivos e aos museus. Neste capítulo, trago minha colaboração em capítulo de livro "Informação e memória: perspectivas em movimentos" (DIAZ, 2021, p.: 61) com Ricardo Pimenta, Klebia e Rangel acerca de processos intensivos constituintes da memoria individual e institucional. Lugares institucionais que constituem um objeto privilegiado de interesses, os obriga a decidir que memórias pretendem constituir para si como base de sua história constituinte, negociando com processos que representam arranjos e regimes de verdade, conhecimento e memória. Giulia Crippa, em um trabalho para o XI – ENANCIB (2010), pergunta:

> Como 'criticar' a Ordem da Memória hoje, para que seu conteúdo informacional se tome coletivo? Que memória se constitui, para o futuro, através da seleção, organização e disseminação das memórias produzidas pelas escolhas de organização, portanto, de acessibilidade maior ou menor ou, até, pelos acervos imateriais? Há, no processo de transformação da informação, uma fusão parcial com os problemas da comunicação de massa e da mídia. A divisão que se estabelece na distribuição e atribuição de formas de conhecimento diversas reflete as formas de organização da memória do conhecimento de uma época específica, ligada ao desenvolvimento do pensamento científico e às ambições das instituições públicas decorrentes da configuração do Estado Moderno.

As representações do conhecimento, também entendidas como memorização e significação, partem da vivência de diversas situações informacionais, cuja repetição reforça ou refuta aprendizados e bases comuns. Sobre elas são montados esquemas e quadros de imagens, diagramas constantemente renovados pela adição e mutação de novas experiências, sedimentando de forma dinâmica o conhecimento. Quando, por alguma razão, os esquemas e quadros mostram-se ineficazes na solução de alguma situação, os organismos em desequilíbrio buscam reequilibrar-se por meio de mecanismos convencionados, como criativos, no sentido de inovação ao fora. As linguagens e codificações da percepção são os organizadores dos mecanismos de análise e síntese simultânea das situações de vivência individual e coletiva (CRIPPA, 2010).

As direções mais atuais da memória estão, hoje, profundamente ligadas às técnicas de cálculo e de manipulação da informação, através do uso de máquinas e instrumentos cada vez mais complexos. As técnicas e tecnologias moldam nossa relação com a memória, que se transforma

no tempo. A noção de memória, tanto individual como coletiva, tende a se identificar à visão tecnológica de suporte e interface, tornando comum o hábito de considerar que todo conhecimento está registrado em um dispositivo externo. Assim, é possível considerar a vertente tecnológica como um objeto de produção e registro de memória, tornando-se também importante considerar os princípios e as lógicas externas do sistema do tecnocapital que moldam, em sua própria estrutura, as subjetividades sociais mnemônicas.

A escolha pela passagem de Simondon junto a Deleuze neste contexto é devido à importância dada para a intuição-sensação-percepção-informação enquanto motor do processo inventivo – aquele preocupado com a realização das potências homem-tecnologia para além de interesses estritos e utilitários imediatos, como os do mercado, mas pela busca de uma contribuição mais criativa e sensível de produção social. Nesta pesquisa, uma aprendizagem em experimentação é proposta, permitindo-lhe inventar, para resolver os problemas que se apresentarão, em seu devir, ou seja, estar atento às informações e às propriedades que emergem junto as tendências do sistema, um futuro 'em-formação/in-formação' – este é o processo de individuação.

O controle morfológico do discurso, manifestado através de mídias, é simultaneamente mecanismo de memória e de definição de limites do social discursado (BEZERRA, 2013). A memória consiste em faculdades que dialogam na temporalidade (resgate do passado e atualização da memória virtual para o real/presente) e que se atrelam ao tempo e ao sentido do tempo em capacidades de transcender o presente em processos de duração especulativos e produtivos. A tradução e a transposição da realidade pelo conhecimento se dá pela prática e pela ideologia da metáfora, de um lado, e, por outro, pela emblemática, como formas de classificação do universo. Nesse sentido, a metáfora é a ferramenta que permite considerar e representar as metamorfoses do universo (CRIPPA, ALMEIDA, 2005). Rafael Capurro, em uma entrevista, retoma esse caráter de metáfora temporal da informação em sua origem desde a antiguidade clássica[11]:

> **R.C.** – O termo latino *informatio*, em seu sentido de dar forma a algo, já era utilizado na antiguidade clássica, assim como na filosofia medieval, não apenas na perspectiva de dar forma ao espírito ou ao caráter de um indivíduo, mas também aos costumes e normas de uma sociedade (*informatio morum*). Ambos os sentidos da ética clássica da informação estão baseados em uma epistemologia segundo a qual o conhecimento é um processo de formar os sentidos (*informatio sensus*) e a razão (*informatio intellectus*). Os filósofos e teólogos medievais, como Tomás de Aquino, distinguiam também no nível ontológico entre *creatio*, ou seja, a criação do mundo por um Deus transcendente, e *informatio*, ou seja, o processo de "in-formação" de um substrato já existente (*informatio materiae*). *Informatio* é uma tradução latina sobre problemas

[11] MANSO, Bruno. Entrevista com o professor RAFAEL CAPURRO. In: Inf. & Soc.:Est., João Pessoa, v.24, n.3, p. 175-183, set./dez. 2014. Disponível em: www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/download/22308/12414

> considerados pela ontologia e pela epistemologia gregas, em especial por Platão e Aristóteles, mas também pelo neoplatonismo e pela filosofia helenística.

Simondon tenta apropriar o conceito de informação considerando sua ontogênese (como vimos em Rafel Capurro, acima) nos termos que precedem e condicionam a formação e a circunscrição dos agentes individuados e qualificados como remetente, receptor e código. São, antes, movimentos intensivos em processos de individuação que se agrupam em torno de signos ou atratores estranhos em um campo problemático de complexidade, envolvendo relações emergentes entre séries de significantes e significados trazidos juntos pela relação de humanos e não-humanos dinamicamente animando e relativizando o signo – processos agonísticos de morfologia simbólica. Nas sociedades modernas, após longo tempo, reduz-se o heterogêneo ao homogêneo, tomado nas redes das múltiplas significações que ora recortam as classificações estabelecidas, ora correspondem às mutações profundas que a desordenam.

> Uma tal sociologia veria abrir-se diante de si um campo imenso em sua camada expressiva cultural, não mais tentando "reduzir" o individual ao coletivo", mas tentando saber por que, no meio da trama coletiva da existência, surge e se impõe a individuação (HALBAWSCH, 2004, pg. 109).

Que seria desse "eu", se não fizesse parte de uma comunidade afetiva, de um "meio efervescente", do qual se afasta no momento em que ele se "recorda"? A memória individual existe, mas ela esta enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência reaproxima em intensidades de duração e recordação. A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada de malhas psicoquímicas que expressam afeções e desejos múltiplos dentro das quais se engajam os corpos viventes. A combinação desses diversos elementos que emerge uma forma que chamamos de lembrança ou memória, a traduzindo em linguagens de significação em estratégias pragmáticas, reificadas ou até 'moralizadas' no tempo e pela duração social e histórica.

Ainda assim, a consciência da memória não está jamais fechada sobre si mesma, reduzida, nem solitária. Somos arrastados em múltiplas direções como se a lembrança fosse um ponto de referência que nos permitisse reunir e montar referências em meio à variação contínua dos quadros sociais e da experiência coletiva histórica. Isto explica talvez por que razão, nos períodos de calma ou rigidez momentânea das "estruturas sociais, a lembrança coletiva parece ter menos importância do que dentro dos períodos de tensão ou crise – e lá, às vezes, ela torna-se "mito" (HALBWACHS, 2004, pg. 14).

"Se o Mesmo aprisiona o Outro, como 'outrar' o Mesmo?". Peter Pál Pelbart vai mirar justamente no caráter subjetivo do 'tornar-se' ou, como comparamos aqui, do 'informar-se'.

"Se o formato do homem é uma camisa de força, uma forma caduca em comparação com as inúmeras forças que o habitam e que estão nele inexploradas, como explorá-las?". O peso do fantasma do "Anjo da História", de W. Benjamin (1985, p. 226), nas contradições do desejo aturde o corpo do ser com fantasmas e nostalgias:

> Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso.

Há um conceito grego chamado *anamnese*, que significa a recolha e a recoleção do que foi perdido, esquecido ou apagado do que nos fez e o que somos. Mas anamnese é também um trabalho que transforma seu sujeito, sempre produzindo algo novo; recoletar o velho para produzir o novo: essa é a tarefa de anamnese. Peter Pal Pélbart, em seu texto "Poéticas de Alteridade" (2004), afirma:

> A criação estética, sem dúvida, é uma das vias, embora não há invenção estética que não seja ao mesmo tempo uma subversão da Forma-Homem. Os devires, os 'outramentos', o mapeamento das forças que habitam e rodeiam, a experimentação estética dessas forças é uma maneira de combater o Mesmo ao qual nos referimos no início, ou seja, uma certa mesmice entrópica que nos sufoca e nos soterra por todos os lados e que os loucos, à sua maneira, podem nos ajudar a colocar em xeque, mas o cinema também, o teatro, a música, ou até a reinvenção cotidiana de nós mesmos.

O simbólico invade e extravasa o "diálogo" no difícil jogo dos significantes desfeitos. Os significados trabalham por conta própria em uma enxurrada de imaginários e os significantes são tomados em combinações surrealistas, liberdades inesperadas. Uma osmose vibracional das significações processuais, o que Pierce irá conceituar como "*Semiose*"[12], ao designar o caráter processual da produção de significados onde, em um plano mais imanente, pode-se produzir processos constituintes de expressão; o afeto (desejo e sensibilidade) que institui a linguagem em semióticas mistas de glossolalias, dislexias, ecolalias etc.[13].

[12] Cf.: SANTAELLA, Lúcia (2004). *Comunicação e semiótica.* São Paulo: Hacker.

[13] Glossolalia – definição: **1**.*rel* suposta capacidade de falar línguas desconhecidas quando em transe religioso (como no milagre do dia de Pentecostes).**2**.*psicop* distúrbio de linguagem observado em certos doentes mentais que creem inventar uma linguagem nova. Dislexia: desordem no caminho processual das informações da linguagem. Ecolalias: repetição da linguagem de outrem.

Uma linguagem "poética" se emancipa assim do sentido comum, subvertendo-o em diferenças intensivas. Essa particular promiscuidade com o inominável procura abrir-se para fora de sua membrana constituinte ao fluxo intensivo informacional que força outras frequências de comunicação, linguagem, política e memória. A busca hermenêutica de um significante perdido é acompanhada por uma busca poética coletiva na entropia de seu hibridismo intensivo e desterritorializado.

Essa criatividade não descobre a ordem de um desenvolvimento psíquico regular ou a desordem de suas falhas, acidentes e interrupções. Ela vem de uma estratégia da "epifania" (empirista e não transcendental), uma vez que não volta para um estado de normas e de equilíbrio anteriores, mas sim organiza uma matéria sensível e inteligível, uma nova visão do mundo, que o delírio considera como seu propósito. É uma massa móvel de informações ou de signos interpretáveis segundo registros variados e probabilidades múltiplas. Nos confins do delírio, do sonho e da arte, um mesmo projeto ético-estético comanda rupturas de ordem e procede por enriquecimentos e extensões de saber (POLACK; SIVADON, 2013, pg. 45-7).

Um cuidado ético do ser e da percepção de seu mundo se expressa como poder constituinte de autocriação de estilos de vidas e possibilidades produtivas. A partir do debate acerca da palavra "caos" podemos destrinchar o conceito de *Caosmose* como um processo de subjetivação e percepção dentro do fluxo informacional. Quando se ouve falar em caos, é comum relacioná-lo à desordem generalizada ou mesmo à grande confusão. Este tipo de caos está diretamente relacionado ao grande número de possibilidades existentes em um determinado sistema. Assim, as possibilidades de interferência em um sistema dado são tantas que o seu controle, sua visualização ou seu entendimento torna-se difícil ou impossível, instalando-se, assim, o "caos" (FILHO & ARAÚJO, 2000).

> A palavra "caos" é das mais pronunciadas na atualidade. Tema *cult* de congressos, livros de divulgação científica, artigos de jornal e até programas de TV, fala-se de caos em todos os campos da cultura. Com certeza, não se trata de um mero modismo, mas de uma exigência que a realidade contemporânea vem nos colocando: enfrentar o caos, repensá-lo, reposicionar-se diante dele – mesmo que muitas vezes a insistente evocação dessa palavra vise, pelo contrário, evitar tal enfrentamento e conjurar o pavor que o caos certamente mobiliza. Que mudanças se estariam operando nas subjetividades, hoje, para levá-las a revisar seu conceito de caos e de ordem, assim como da relação entre ambos? (ROLNIK, 1999:206).

A noção de complexidade adquire uma relevância significativa quando pensamos a informação. Considerando um ambiente como fonte de infoestímulo e a mente como um receptor/decodificador, a complexidade pode ser definida como uma função relativa entre a intensidade do fluxo informacional e a elaboração mental receptiva. O caos surge na

concatenação entre a mente e o ambiente, quando o fluxo informacional é muito rápido para a elaboração consciente (questão referente também ao conceito de "competência em informação). Portanto, a palavra 'caos' denota um grau de complexidade que é muito denso, muito intenso e veloz para nosso cérebro decifrar. Deste ponto de vista, a complexidade também é considerada como uma medida de velocidade do receptor em relação à velocidade de transmissão (o ambiente da infoesfera) e onde, muitas vezes, uma pequena perturbação pode ter efeitos imprevisíveis (BERARDI, 2014: 172). Quando o grau de indeterminação aumenta e se espalha é quando percebemos o aumento de complexidade – o caos reina[14].

O processo de medição e matematização do mundo, que é o núcleo da metodologia moderna científica, é um ato de redução e minimalização do ambiente e da realidade para poder se medir algo em controle objetificado e 'epistêmico'. No plano de fundo, sempre haverá sistemas complexos demais para podermos calcular em sistemas fechados. De fato, a palavra em latim para a "razão" se refere à medida (*ratio*). A medição não pode ser comprida sem uma redução que corte uma extensão de relevância fora do fluxo infinito de referências e sinais do mundo. O problema da relevância é crucial na passagem do caos para a ordem e, portanto, ao processo civilizatório.

A sensibilidade pode ser referenciada como o que Foucault define como episteme (Foucault 1966): a formação da percepção social que torna possível a projeção comum do mundo e, portando, da disciplina social. Acelerado pelo poder de tecnologias, o meio ambiente comum excede a medida humana. O semiocapitalismo penetra profundamente nos circuitos neurais da cultura social, graças à permeabilidade da sensibilidade (infotécnica) que viemos tratando. "A razão humana está exausta" (BERARDI, 2014, p. 32). O observador está sobrecarregado pela infinitude complexa dos fenômenos, sensibilizando e envolvendo o inorgânico em novas fronteiras de ser e existir.

[14] "O Caos nunca morreu. Bloco intacto e primordial, único monstro digno de adoração, inerte e espontâneo, mais ultravioleta do que qualquer mitologia (como as sombras da Babilônia), a original e indiferenciada unidade-do-ser ainda resplandece, imperturbável como as flâmulas negras frenéticas e perpetuamente embriagadas dos Assassinos. O caos é anterior a todos os princípios de ordem e entropia, não é nem um deus nem uma larva, seus desejos primais englobam e definem todas as coreografias possíveis, todos os éteres e flogísticos sem sentido algum: suas máscaras, como nuvens, são cristalizações da sua própria ausência de rosto. Tudo na natureza, inclusive a consciência, é perfeitamente real: não há absolutamente nada com o que se preocupar. As correntes da Lei não foram apenas quebradas, elas nunca existiram. Demônios nunca vigiaram as estrelas, o Império nunca começou, Eros nunca deixou a barba crescer. Não. Ouça, foi isso que aconteceu: eles mentiram, venderam-lhe ideias de bem e mal, infundiram-lhe a desconfiança de seu próprio corpo e a vergonha pela sua condição de profeta do caos, inventaram palavras de nojo para seu amor molecular, hipnotizaram-no com a falta de atenção, entediaram-no com a civilização e todas as suas emoções mesquinhas. Não há transformação, revolução, luta, caminho. Você já é o monarca de sua própria pele – sua liberdade inviolável espera ser completa apenas pelo amor de outros monarcas: uma política de sonho, urgente como o azul do céu" (BEY, 1985:1).

> O que é essencial precisar, na apreensão prática do delírio, do sonho e da paixão, é que a petrificação ontológica, o congelamento existencial da heterogênese dos entes que aí se manifesta segundo estilos particulares está sempre latente nas outras modalidades de subjetivação. É como uma parada na imagem que ao mesmo tempo revela sua posição de base (base) (ou de baixo [basse]) na polifonia dos componentes caósmicos e intensifica sua potência relativa. Ela não constitui então um grau zero da subjetivação, um ponto negativo, neutro, passivo, deficitário, mas um grau extremo de intensificação. É passando por esse fio-terra caótico, essa oscilação perigosa, que outra coisa se torna possível, que bifurcações ontológicas e a emergência de coeficientes de criatividade processual podem emergir... É isso que faz com que a narratividade delirante, enquanto potência discursiva voltada para a cristalização de um Universo de referência ou de uma substância não discursiva, constitua o paradigma da construção e da reconstrução dos mundos míticos, místicos, estéticos, até mesmo científicos. A existência de estáses caósmicas não é absolutamente privilégio da psicopatologia. Encontrar-se-ia sua presença no interior de uma filosofia como a de Pascal ou mesmo de autores os mais racionalistas (GUATTARI, 1992: 104).

A ciência, que compõe uma das três caoides (arte, filosofia e ciência – processos humanos de apreensão e expressão do mundo), não pode ser produtora de conhecimento sem que estabeleça limites de investigação e navegação. O que está dentro do limite estabelecido se chama relevante e o que está fora é irrelevante. Similarmente, a mente política não pode decidir sem que imponha limites. Somente o que é relevante no ponto de vista do conhecimento é elaborado pela mente racional: governos racionais pressupõem a extrapolação de informações relevantes dentro do fluxo infinito informacional. "O que é relevante e o que não é" é um problema de racionalidade epistemológica a partir do fluxo informacional disponível – "caos epistêmico" (BRASSIER, 2001: 192). Essa é a principal fronteira para uma decolonização dos saberes em uma luta por um sul epistemológico, periférico de descolonização, em que outras racionalidades, povos, linguagens, tecnologias, modos de vida possam contribuir com saídas à destruição imperialista capitalista.

Fig. 11: “Informação em contínuo, tela esfumaçada” - julho de 2016, Paris, França.

Os políticos podem não detectar sinais e signos da situação constituinte presente simplesmente porque a linguagem da política apenas expressa uma racionalidade lenta (e quando muito) pela faculdade da razão crítica dentro de um contexto particular e de geração temporal. Essa cultura moderna e científica pode tornar uma realidade sob controle através da limitação, da exclusão e da taxação às mitologias irracionais e outras formas de racionalidade, longe do espaço social de decisão. Maquiavel distingue a esfera da ‘Fortuna’ da esfera da ‘Vontade’[15]. O príncipe é a *persona* masculina que submete a Fortuna (Feminina) à Vontade (Masculina) política e racional. A Fortuna seria o Caos se escondendo nas dobras da experiência humana. “Se o príncipe quer governar, ele tem que previamente cortar fora uma linha estreita de eventos da infinitude que é a Fortuna”. A infinitude sombria de um Caos irredutível está na borda da Ordem estabelecida. O Caos é barulho, “noise”[16], a Ordem é ritmo.

A neuroplasticidade é a habilidade do cérebro de reformular as relações entre os ritmos de receptor com o ritmo do transmissor: o universo caótico manda sinais que são filtrados e compassados pelas grades da civilização, em abrigos de ordem semiótica. Ficamos cegos e impressionados pelo excesso de luz e pela proliferação infinita do estímulo visual. A ilusão da mente pode trabalhar e produzir efeitos quando a infoesfera é tão fina e quando o infofluxo é tão devagar que a consciência política pode cortar e separar um pequeno espaço de eventos sociais relevantes, tentando proteger esse espaço (o espaço civilizado) do oceano envolvente de matéria não governável.

> Não oporemos aqui, como na metapsicologia freudiana, duas pulsões antagonistas de vida e de morte, de complexidade e de caos. A intencionalidade objetal mais original se recorta da caosmose. E o caos não é uma pura indiferenciação; possui uma trama ontológica específica. Está povoado de entidades virtuais e de modalidades de alteridade que não têm nada de universal. Não é então o Ser em geral que irrompe, na experiência caósmica da psicose, ou na relação pática que se pode manter com ela, mas um acontecimento datado, assinalado, marcando um destino, inflectindo significações anteriormente estratificadas. Após um tal processo de desqualificação e de homogênese ontológica, nada mais será como antes. Mas o acontecimento é inseparável da textura do ser que emergiu. É o que atesta a aura psicótica ao associar um sentimento de catástrofe de fim de mundo (François Tosquelles) e o sentimento perturbador de uma redenção iminente de todos os possíveis ou, em outros termos, o vaivém desnorteador entre uma complexidade proliferante de sentido e uma total vacuidade, um abandono irremediável da caosmose existencial (GUATARRI, 1992: 103).

[15] “La fortuna è donna, ed è necessario, volendola tenere sotto, batterla e urtarla” (Machiavelli, *Il Principe*, cap. XXV) “A Fortuna é fêmea e, se você quiser submetê-la, nós precisamos bater nela e machucá-la”.

[16]Cf.: “Noise & Capitalism”. Disponível em: http://audio-lab.org/wp-content/uploads/2011/11/audiolab_noise_capitalism.pdf

O caos ressurge quando o fluxo de informação digital está fluindo rápido demais para o ritmo da Teoria Mecânica e da vontade política. Enquanto o fluxo eletrônico invade nossas telas de atenção, a cerca de proteção da relevância, que falamos anteriormente, é rompida, porque não podemos mais discriminar o que é relevante e o que não é. O significado passa, portanto, a ser definido como uma redução da realidade em uma concatenação finita de enunciados (BERARDI, 2014:173). As máquinas tecnolinguísticas, as obrigações corporativas financeiras e toda a maquinaria capilar do poder semiocapitalista estão formatando e enquadrando o campo do possível, de qual mundo é possível[17], incorporando e codificando padrões cognitivos e behavioristas comuns em comportamentos 'tendências', estruturas de moralidades e estratégias sociais[18].

Quanto mais um sistema cresce em complexidade mais se inclina à disrupção. Ao mesmo tempo, quanto mais um sistema se torna complexo, menos ele é suscetível ao controle voluntário e, portanto, à ação e à mudança consciente e intencional. Arguimos que essa esfera do campo social está se transformando em uma inteligência viral, de enxame, como indica Berardi em um "Efeito Swarm" (2014: 165). Quando a máquina era externa, o Estado, para regular, usava o reforço da lei como agências de repressão mobilizadas para forçar organismos sujeitos e conscientes a submeterem-se ao ritmo sem rebelião. Agora, a dominação política é internalizada e indistinguível da máquina tecnoinformacional em si. Na esfera cognitiva, a máquina é informação: não mais que um dispositivo externo, mas um sistema de automatismos cognitivos em necessidades internas, data-marketing, na "internet das coisas".

Bifo Berardi relembra: "esqueçam o referente, diziam os Simbolistas; e os Futuristas adicionavam: nada 'pré-existe' à atividade semiótica do inventor, o destruidor-construtor, o artista" (2014: 131). O futurismo, exaltado pelas máquinas como objetos externos, é visível na paisagem da cidade, mas depois do 'bug' do milênio, a máquina entrou dentro de nós: "a infomáquina contemporânea intersecta com o sistema nervoso social, a biomáquina interage com o organismo genético, afetivo e orgânico do humano" (Idem).

---

[17] Lema do Forum Mundial Social – "Outro mundo é possível!" – onde buscam, a partir das redes, construir outros tipos de globalização, mais justa e humana, em encontros realizados em primeira versão em 2001, depois em 2005 (auge dos governos populistas latino-americanos em sua experiência de autonomia contra a ALCA e o FMI, por exemplo) e sua versão 'líquida' em 2016, com a ascenção dos "Comunistas liberais de Porto Davos", como George Soros e Bill Gates, evidenciados por Zizek em 2006: http://inthesetimes.com/article/2574.

[18] O "Whole Earth Catalog", um guia da contracultura para a vida alternativa, que Steve Jobs certa vez qualificou como "o Google em capa mole, 35 anos antes de o Google aparecer". Foi lá que Jobs achou o seu lema pessoal e estratégia produtiva: "Continue com fome. Continue bobo" referindo-se que o consumidor não precisa saber o que quer, e sim de acesso e interatividade. http://www1.folha.uol.com.br/fsp/newyorktimes/ny1710201103.htm Acesso 01/11/2016.

As biotecnologias e as digitais transformaram a máquina externa de ferro e aço em máquinas internalizadas e recombinantes. A máquina "bioinfo" não é mais separada do corpo e da mente, e sim, se tornou aprimoramentos linguísticos e cognitivos, mutando o cérebro humano e a habilidade linguística de produzir e comunicar. Cem anos após a publicação do "Manifesto Futurista", a velocidade em si fora internalizada: "a colonização da mente e da percepção está baseada na aceleração interna da percepção do tempo de cada indivíduo" (BERARDI, 2014: 132).

A informação funciona como chave e ponte, que abre, mas, ao mesmo tempo, se fecha e se estrutura em 'canais' fixos e molares: as subjetividades dos corpos navegantes desejantes. A questão é: em quais sentidos podemos pensar quando falamos em "captura" ou "agenciamento" desse processo cada vez mais veloz e estruturante da informação e da memória? O excitamento ilusório do capitalismo se exerce através de um simulacro de autovaloração do ego, amarrando e conjurando o passado, o presente e o futuro em uma ideologia empreendedora de liberação, mas que apenas vampiriza a invenção biopotente de ritmos dissonantes. Trata-se de descrever e analisar processos que relacionam a dialética das ideias e a estética das intensidades – tal é o processo da individuação.

Quando a escrita no ambiente da rede digital se torna 'executável' e 'computável', assume a forma de matéria-prima para os mecanismos de comando e controle cibernéticos com base em traços de movimentos e hábitos pessoais. A individuação, portanto, entra em um novo ciclo de uma autoescrita ontológica e maquínica. As redes digitais, estratificadas pelas grandes determinações molares, fazem uso de máquinas digitais de escrita para registrar e divulgar informações comerciais, alimentando máquinas que nos escrevem em 'scripts' de algoritmos de conhecimento e controle.

Esta pesquisa, portanto, busca contribuições para enxergarmos além de regimes de verdade hegemônicos, outras possíveis representações coletivas a partir da experimentação com informações e mídias. Evidenciando, a partir do desenvolvimento de competências relacionais informacionais, a exploração contemporânea em sua manipulação da realidade – a neblina de guerra informacional –vislumbramos outros arquivos e modos de vida e de mundos possíveis, em éticas interculturais emergentes em sua produção de modos de vida em organizações e apropriações de saberes tradicionais e modernos. Uma junção onde a percepção de um "devir-hacker" (DIAZ, 2015) se engendra em processos de constituição transformativa das categorias de trabalho junto às análises críticas da ciência aberta em uma filosofia pragmática que se articula em um empirismo transcendental.

Dinâmicas, conflitos e sobreposições potentes de estratos culturais, de formas e de estilos de

vida de uma multiplicidade de hipóteses e de projetos sobre o futuro aumentam a complexidade da existência. Uma microfísica de potências é produzida e liberada em processos de subjetivação ativos da emergência e uso de recursos informacionais e tecnológicos, insistindo na produção, na criação e nas críticas às formas de montagem políticas e econômicas do campo social. A decolonização afetiva e temporal dos ritmos externos, que buscam agenciamentos intensivos de trabalho, se faz condição necessária para se pensar processos de aprendizagem e transferência técnico-social mais democráticos.

Realmente, não se trata apenas da inserção de tecnologia enquanto produto final na vida das pessoas, mas de como essa tecnologia é criada e gestada – e como se dá a resolução dos problemas em sua forma embrionária, considerando variáveis micro e macroscópicas. Mais profundamente, o desenvolvimento de competências críticas, poéticas, simbólicas e sensíveis concentra como os desafios educacionais podem ser trabalhados na formação cognitiva e inventiva das pessoas, sendo autônomas em criar coletivamente novos ciclos de valoração e linguagem em organizações produtivas da vida e da memória social.

2 Capítulo

Ética informacional e educação intercultural

A ética em informação se concentra nos estudos críticos educacionais e políticos para análises econômica e social de suas dinâmicas e dos possíveis modos de criar, formatar, acessar, conservar e distribuir a informação por suas redes e estruturas de organização do conhecimento. Uma ética política pode tanto desenvolver normas para abusos de poder quanto orientar usos responsáveis do comum no contexto das diversas práticas informacionais sociais. O desdobramento e o envolvimento do mundo virtual passam a repercutir universos de referência diversos e múltiplos, como ontologias culturais, sociais e políticas – emergentes e tradicionais – que abarcam novas dinâmicas de rede, assim como repetem e traduzem estratégias clássicas de comunicação.

A *Ética Informacional*, aprofundada por Floridi (1999), se apresenta como uma área de investigação em desenvolvimento acerca de questões relacionadas aos impactos da inserção tecnológica informacional na vida cotidiana, principalmente a da privacidade. A ética na informação, portanto, se aprofunda em uma *Filosofia da Informação*, a qual é caracterizada como "uma área filosófica que está relacionada à investigação crítica da natureza conceitual e das bases principais da informação, incluindo sua dinâmica, utilização, ciências, e a elaboração e aplicação das metodologias teórico-informacionais e computacionais a problemas filosóficos" (FLORIDI, 2002, p. 137).

Situada a análise nos rumos das tecnologias informacionais em implicações éticas de acesso, inserção e competência tecnoinformacional, seja em questões interativas, didáticas ou de privacidade, podemos averiguar a conjunção das problemáticas sociais que estão transformando a sociedade em outros cotidianos e modos de vida. As doutrinas e as ideologias dominantes dispõem, igualmente, da força imperativa, que traz a evidência e força coercitiva que suscita o

medo inibidor como táticas de produzir um *imprinting cultural*, na modulação perceptiva do real social onde saber e poder sempre caminharam juntos. Em um estágio mais integrado e globalizado, pode-se indicar como um poder de *noologia* entre as mentes da sociedade que exprimem componentes da dita "sociedade do conhecimento": a "noopolítica" como também fronteira da "nooguerra" e também da "necropolítica" (conceitos estratégicos a serem aprofundados no capítulo 4).

A supermodernidade, segundo Mark Auge (2005), é caracterizada pelas figuras de excesso: superabundância factual, superabundância espacial e individualização das referências, correspondendo a transformações das categorias de tempo, espaço e indivíduo. O excesso de espaço, paradoxalmente, constitui-se pelo encolhimento do mundo, que provoca alteração da escala em termos planetários, através da concentração urbana, das migrações populacionais e da produção de não lugares – aeroportos, vias expressas, salas de espera, centros comerciais, estações de metrô, campos de refugiados, supermercados etc. – por onde circulam pessoas e bens.

O indivíduo que se crê o centro do mundo, tornando-se referência para interpretar as informações que lhe chegam, constitui-se na "terceira figura de excesso" (AUGE, 2005, p. 11). O processo amplo de singularização de pessoas, lugares, bens e pertencimentos faz o contraponto com um processo de relacionamento, tal qual o da mundialização da cultura, e se concretiza no aceleramento da história pelo excesso de informações e das interdependências do "sistema mundo".

> De Nova Orleans ao Iraque, o que foi designado de forma justa como "estratégia de choque" permite obter, zona a zona, uma fragmentação rentável do mundo. Nesta demolição-renovação controlada da "sociedade", a desolação mais ostensiva e a riqueza mais insolente não são mais do que dois aspectos de um mesmo método de governação (Comitê Invisível, 2015, p. 214).

Mark Augé (2005) afirma que o excesso de espaço remete paradoxalmente ao encolhimento do mundo e que essa aparente ambiguidade altera escalas que incidem, em termos planetários, sobre concentrações urbanas e migrações populacionais e contribuem para a produção de não lugares. Lugares por onde circulam muitas pessoas e bens, cujas relações são incapazes de criarem identidade de grupo. A terceira categoria de excesso, como o autor define, constitui-se no indivíduo, na medida em que ele – na terceira pessoa – acredita estar no centro do mundo, colocando-se como referência para interpretar as informações que lhes chegam. Mas essa tradução individual do mundo é incapaz de tecer representações coletivas. É nesse sentido que

ele se contrapõe à perspectiva pós-moderna, para a qual atribui a chancela da perda da inteligibilidade da história em virtude da decadência da ideia de progresso.

A noção de interculturalidade é apresentada na pesquisa como pratica agonistica de se produzir também um olhar transcultural. Não apenas homogeneizando e hibridizando culturas, mas partindo do pensamento experimental de fronteira entre culturas. A cultura já é uma montagem e mistura de sobrevivências, mas também comporta suas fronteiras de combinação singular. Através da história, recortes foram feitos, onde o livro "Silenciando o passado: poder e a produção da história" (1995/2016) do escritor Michel-Rolph Trouillot referencia as praticas de apagamento e homogeneização, principalmente na modernidade, de uma supremacia branca religiosa e imperialista exterminando a diferença e submetendo seus corpos e terras ao mercado estatal.

Em sua introdução à *antropologia sensorial* (2002), o professor Vincenzo Matera, destaca uma exploração antropológica dos sentidos que passa pelo reconhecimento de uma "invisibilidade social", como conjunto de relações entre uma cultura que são invisíveis à outras. Essa invisibilidade social atua pela noção de "sensoridade coletiva", onde o própria campo de pratica antropológica considera uma dinâmica de ausência e imposição, em suas análises culturais como um pêndulo dialético visto aqui na critica (de)colonial. O aspecto central dessa realidade global e intercultural é caracterizada cada vez mais pelas dimensões das deslocalizações e desterritorialização cultural pela qual o imaginário de quem vive em mundos locais, tende a se articular de formas cada vez mais complexas dentro de contextos globais. Mesmo quando o movimento dos sujeitos em o espaço é limitado ou mesmo inexistente, contextos globais são os processos induzidos pela presença de entidades/dispositivos como o mercado e a mídia. Matera afirma:

> A cultura de muitas localidades é projetada em um contexto global precisamente porque os elementos com os quais os mundos locais entram em contato dispõem de fluxos econômicos e culturais globais. Se essa articulação do local com o global (e vice-versa) pode ocorrer sem qualquer movimento dos indivíduos no espaço, ela tem maior chance de ocorrer caso tal movimento conheça um componente da vida de pelo menos uma parte da vida - a população em questão. É verdade que muitos aspectos (especialmente econômicos) das realidades locais, especialmente as de muitas regiões do Sul do Mundo, só podem ser compreendidos em referência à relação centro-periferia. Mas no plano cultural, as coisas são muito mais complexas, pois os mundos locais, articulando-se em referência a estruturas abertas à realidade global, produzem formas de imaginação que se baseiam na relação entre contextos diferentes e não em referência ao contexto vinculado. a uma dimensão territorial única. É, portanto, também nas "novas" ondas criadas pela imaginação que os indivíduos reformulam suas próprias proclamações e suas próprias culturas. Se a imaginação consiste em representar realidades que são vividas não apenas pessoalmente, mas também por outros sujeitos, na prática cotidiana ela nos permite pensar em nós mesmos em conjunto com estes como sujeitos do mesmo tipo de imaginação. Políticas, expressões coletivas, ou seja, proclamadas, surgem desse contexto como novas entidades, como comunidades imaginadas (MATERA, 2002, p. 178).

Aproximando traçados arquivisticos e intereculturais, em “O poder do arquivo e seus limites”, Archille Mbembe segue tais processos de (des)territorializações que as dimensões culturais produzem em suas fronteiras assim como em seus centros. Essa concepção de desterritorialização aponta à uma relação ambivalente e problemática com a colonização e o devir temporal das ações e construções sócias reunidas sobre um planejamento do futuro. Mbembe imagina uma desterritorialização que não seja a apenas uma dissolução das linhas de agenciamento, além de uma elevação fetichizada humanista de um “Anthropos”:

> O estado dos detritos - De que status estamos falando? Em primeiro lugar, é um status material. A natureza material do arquivo - pelo menos antes da digitalização - significa que ele está inscrito no universo dos sentidos: um universo tátil porque o documento pode ser tocado, um universo visual porque pode ser visto, um universo cognitivo porque pode ser lido e decodificado. Consequentemente, por estar ali, o arquivo torna-se algo que elimina a dúvida, exercendo sobre ela um poder debilitante. Adquire então o estatuto de prova. É a prova de que uma vida realmente existiu, que algo realmente aconteceu, um relato do qual pode ser feito. O destino final do arquivo situa-se, portanto, sempre fora de sua própria materialidade, na história que ele possibilita (MBEMBE, 2002, p. 20).

O problema da colonização, afinal, não é somente a territorialização – a formação de um espaço – ou a desterritorialização (a geração de um novo estrato). A colonização opera “não com o dinamismo da territorialização, mas com a fixidez de um único evento de desterritorialização – a formação da figura de um humano futuro, unificado por uma civilização, como Anthropos” (IBID, p. 23) e a redução de todos os territórios a variantes desse humano reificado como portador civilizatório de esclarecimento, humanismo e progresso. A escravidão moderna, idealizada como aperfeiçoamento da eficiência produtiva, impôs produtos de trabalho forçado como evidencias da superioridade e avanço civilizatório.

Fig.: “Construtores amputados do palácio belga”, frame da série-documentário “kill all the brutes” de Raoul Peck, 2021.

A precariedade é uma perda das condições de ação e criação do homem em um terror de volta às condições referidas das zonas extrativistas globais, o "terceiro mundo". A colonização desterritorializa e reterritorializa na figura do humanista do Antropos: "'nós' agora somos todos humanos, todos enfrentando o mesmo futuro precário da distribuição de recursos. Acumula apartir de extrativismos extrangeiros ao mesmo tempo que distribui seu excesso de mão de obra em fronteiras expansivas de guerra e controle. Pode-se pensar, portanto, a produção de diferença emergente como processo decolonial entre estratos coloniais e descoloniais, analisando em termos de desterritorialização. Uma vez que o colonizador tenha saído fisicamente do território, a colônia ainda pode ser submetida à uma central figura de homem:

> com os próprios termos de libertação, soberania, direitos e propriedade contando com a lógica antropocênica que submeteu o mundo a um único sistema de controle e intercâmbio. A decolonização não pode, no entanto, ser pensada como um retorno ao território, nem como mais um evento de desterritorialização onde existe alguma outra estratificação ao lado do Anthropos"... Talvez seja melhor, então, ver a territorialização como um movimento imanente, como a relação de forças das quais os corpos emergem (IBID, p. 25).

A ideia de humanidade, ou o sentido do todo social, não eleva nem torna dignos e complexos os corpos que reúne, e sim reduz as complexas relações, forças e potencialidades que compõem corpos desejantes. Esta é a faca de dois gumes da desterritorialização, como criação e aniquilação. Pode-se pensar aqui em todos os desejos e interesses que são criados pela produção dos estratos sociais; a desterritorialização não é a negação nem a criação da complexidade, mas a formação de diferentes estratos. O valor de pensar em termos de estratos ou platôs – de pensar rizomaticamente – é que se pode dar conta tanto de relações de sujeição parte do motor do conceito quanto de sua tentativa de pensar os movimentos e corpos políticos como contrações e estabilizações de forças que são mais complexos e diferenciados do que os estratos que emergem. Isso levanta a questão do vitalismo, e se uma teoria da vida gera uma ética. A desterritorialização superior ou absoluta – uma liberação de forças de qualquer mundo específico – constitui uma ética que está além do bem e do mal? Seria preciso pensar nas forças como tais e não na medida em que servem à história e ao mundo de Anthropos.

Esta pesquisa, portanto, busca contribuições agonísticas para enxergarmos, além de regimes de verdade hegemônicos, outras possíveis representações coletivas a partir da experimentação com informações e mídias através de uma experimentação como ética interessada e criativa. Evidenciando, a partir do desenvolvimento de competências relacionais informacionais, a exploração contemporânea em sua manipulação da realidade – a neblina de guerra informacional – vislumbramos outros arquivos e modos de vida e de mundos possíveis, em

éticas interculturais emergentes em sua produção de modos de vida em organizações e apropriações de saberes tradicionais e modernos. A professora Giulia Crippa complementa:

> Na década de 1990, o documento aparenta ser sobrecarregado de um sentido de emergência, uma necessidade de documentar as situações políticas e sociais. Através dos documentos, vê-se a possibilidade de reescrever uma história recente apagada cada vez mais pelos processos de globalização e, ao mesmo tempo, de divisão entre leste e este, norte e sul do mundo. De fato, porém, a realidade do capital globalizado nos tornou arqueólogos do presente, arquivistas de temporalidades sociais heterogêneas. Vivemos na dissolução da história ou, melhor, em sua imagem hegemônica, de algo moderno, progressista, dualista, de tempos longos e de sujeitos unificantes e globalizados. O tempo atual é de um presente sempre deslocado, fragmentado em mil formas de mobilidades, nunca unificado (CRIPPA, 2018, p. 171).

Traumas político-sociais na história reverberam conflitos sociais onde o passado colonial desdobra-se na modernidade cultural, produzindo e intensificando campos de debates nos quais novas formas de organizar e apropriar se desvelam em dinâmicas geopolíticas, tecnológicas e informacionais. O debate decolonial atravessa nossa questão educacional de pesquisa ao inferir novas batalhas culturais e materiais na composição da memória social aos desafios futuros de produção de comunidade e políticas públicas.

A modernidade inclui o “conceito” racional de emancipação que afirmamos e subsumimos através da história ocidental e científica de desenvolvimento. Ao mesmo tempo, autores que proclamam uma interculturalidade, através do debate decolonial, denunciam um mito irracional como justificativa para a violência genocida da dinâmica de desenvolvimento moderno pelo colonialismo imperialista. “Os pós-modernistas criticam a razão moderna como a razão do terror; criticamos a razão moderna por causa do mito irracional que ela esconde” (DUSSEL, 1993, p. 66).

Ao localizar a ascensão da modernidade no final do século 15, com a "descoberta" europeia de um "Novo Mundo", Enrique Dussel (comentado por Walter Mignolo) enfatiza o início do período moderno/colonial. A Europa passa de uma situação periférica, em relação ao território islâmico, para uma posição central – com a constituição do Império Espanhol e Português e sua missão catequizadora extrativista. A destruição do Reino de Andaluzia, por volta de 1480, com o genocídio e a expulsão dos mouros e povos minoritários – como judeus, africanos e mulheres (acusadas de bruxas até 1800), com a inquisição cristã – e o sucesso da expansão marítima transatlântica marcam a virada econômica mercantil do Mediterrâneo para a colonial do Atlântico.

Nessa configuração, o desenvolvimento do conhecimento eurocêntrico se organiza e consegue, através da descoberta das América, torná-la a primeira periferia do mundo moderno, sendo

nomeada desta forma por seus 'descobridores'. Colonizando a partir dos conhecimentos de exterminação e extrativismo desenvolvidos nas batalhas de reconquista ibérica, queimando bibliotecas, perseguindo não cristãos e levando estruturas de trabalho escravo aos africanos e indígenas na América, desenvolve-se o modo de produção colonial e extrativista moderno.

"É humano?". A identidade da modernidade passa por esse questionamento ao encontrar-se com os povos das posteriormente chamadas "Américas". A dúvida efetivada nos cristãos europeus, se os indígenas eram humanos normais, dotados de racionalidade e espiritualidade, baseia o escravagismo como direito superior sobre povos e regiões, ao apontá-los como descendentes de *Cam*, o filho de *Moisés* que fora desmoralizado por ter visto a nudez do pai bêbado, sendo condenado a vagar pelo mundo. Um povo sem alma que precisa ser cuidado, cativado e guiado pelo paternalismo moral cristão e, conseguinte, da escravidão para salvar suas almas, identidades, memórias etc. em um caminho civilizatório.

A evolução de uma tutela da igreja e da escravidão para, posteriormente, uma dinâmica secular da ciência mercantil, sob o trabalho assalariado e industrial, ainda conforma dinâmicas coloniais de exploração e extrativismo sobre regiões globais. O racismo perpetuado por atividades em sistemas econômicos evolui de um motivo do povo sem alma, como racismo religioso, ao povo sem código genético do racismo de cor de pele, que pode também ser efetuado por causa da língua, da etnicidade etc.

Genocídio e epistemicídio conformam bases intensificadas de produção e aprendizado fundante do paradoxo colonialismo/modernidade, no desenvolvimento inicial da globalização moderna. O "eu penso, logo existo" de Descartes, em 1637, em Amsterdam, assim como a crítica da razão pura (sem influências islâmicas, orientais ou africanas) e o imperativo categórico de Kant, do século XVIII, marcam etapas históricas e filosóficas de consolidação da primazia hegemônica dos países do norte europeu, acima dos Pirineus, sobre demais regiões e saberes estrangeiros. Posteriormente, até mesmo os impérios ibéricos passam a ser terceirizados pelo financiamento dos países nórdicos europeus, concentrando riquezas adquiridas nas colônias e financiando, por conseguinte, a revolução industrial sobre o sistema de trabalho escravagista. Inicialmente, através das disputas geopolíticas da formação moderna, a ameaça era a de "converta-se ou te mato", no período colonial; depois no "desenvolva-se ou te mato", no primeiro ciclo neoliberal, e agora temos o "democratize-se ou te mato" nas disputas geopolíticas contemporâneos.

A interculturalidade crítica em processos de pesquisa relacionados, como a localização no tempo e no espaço das relações de poder, impede a realização de relações de natureza igualitária. Nesse sentido, é importante localizar essas relações de dominação para, a partir delas, refletir e construir novos paradigmas educacionais que permitam, por comunidades,

construir, divulgar e defender seus próprios pensamentos, *corpus* e práxis. Mais à frente no ultimo capítulo, discorreremos mais precisamente o assunto da arte e do trauma cultural, exemplificando casos de disputa de monumentos públicos associados com as memórias dolorosas, principalmente do passado colonial e dos regimes totalitários contra novas demandas políticas de justiça e reparação social.

As bases científicas e acadêmicas modernas possuem histórias marcadas por guerras, ataques e extrativismos sobre outras culturas, tomando e nomeando em uma centralidade posta como universal. A constituição de uma disciplina filosófica da escola crítica, na qual autores homens e brancos (Inglaterra, França, Alemanha, Estados Unidos e Itália) conformam uma base de legitimidade filosófica como campo de crítica do conhecimento – um fundamento ostensivo sobre o outro – submete influências interculturais sobre uma única visão central, que abarca o universal, ainda que o chame de multicultural, e o fixa sobre uma única lógica classificativa: a da racionalidade eficiente do colonialismo extrativista e mercantil.

A interculturalidade ética, portanto, busca a participação plural de ontologias culturais para o desenvolvimento e a ampliação do campo de debate e organização do conhecimento. A abordagem multicultural, porém, busca a representação da diversidade dentro de um mesmo campo de debate, já organizado e modelado em uma forma hegemônica de conhecimento e aplicação processual. O desenvolvimento histórico moderno perpetua um campo de legitimidade central, enquanto a diversidade é usada para extrativismo intelectual e exploração laboral. A produção de um pensamento decolonial por sua vez, almeja desvelar lados obscuros das frestas da racionalidade política da modernidade. Considerando pontos plurais de investigação, organização do conhecimento, crítica e educação, história e arte, o modo de pensar decolonial se investe em diversas áreas éticas para analisar formas de poder e saber e como são aplicadas.

2.1 Estudo de campo

Parte 1 - LABIC Colômbia

Neste estudo de caso em pesquisa de campo, busco desenvolver aplicações da educação informacional, audiovisual e comunicacional em projetos educativos periféricos na América Latina. De janeiro a março de 2018, atravessei a Colômbia de norte a sul realizando oficinas de experimentação audiovisual e criação de arquivos poéticos em três ciclos de visita: na vila de Ayapel, na região de Pasto, em Tumaco e, por fim, na cidade de Medellín.

Estive, no mês de janeiro, a convite da realizadora da Anistia Internacional, em três escolas rurais no interior da região norte-central colombiana chamada Ayapel. Região conturbada por milícias de extrema direita narcotraficante, onde o recrutamento de crianças-soldados, para trabalhar na segurança e nas plantações espalhadas por campos de gados e sistemas complexos de rios e lagoas, é algo intrínseco à vida local e acompanha a situação de extrema pobreza e desnutrição infantil da região e do país. As instituições educativas locais vinham enfrentando desafios de fechamento e suspenção de aulas devido ameaças de bombas e bilhetes com mensagens violentas no período anual de volta às aulas, o que marcou uma tensão quanto à viabilidade das atividades.

Neste delicado contexto, o programa de apoio educativo da Anistia Internacional buscava manter alguns facilitadores espalhados em regiões onde poderiam desenvolver suportes educacionais, através de oficinas educativas e acompanhamento externo por profissionais competentes. Nesta primeira abordagem, apresentei minha hipótese de estudo, pela qual a experimentação da arte pudesse funcionar como um primeiro ponto de contato para a fomentação de interesse e participação comunitária e entusiástica de estudantes e corpo docente. A partir da referência sonora e musical, característica popular da cultura colombiana, como o tambor e a voz, estruturam-se bases para uma proposição coletiva de participação e troca simbólica, perceptiva, emocional, comunicacional, informacional etc.

O exercício central utilizado era distribuir instrumentos musicais e dispositivos sonoros, propondo que os participantes escrevessem ou pensassem em uma palavra de desejo, esperança ou vontade pessoal para compartilhar com o grupo. A partir de um microfone e um pedal de efeito de ‘loop’ de gravação e repetição, pedia-se que cada estudante falasse sua palavra e fizesse um som com seu instrumento. Ao avançar por cada um dos estudantes, as falas de desejos e sons efetuados por cada um se somava em uma paisagem sonora, caracterizando uma paisagem coletiva, um coral experimental ou um mantra comum criados em uma prática de criação de uma *ágora* (ἀγορά) como assembleia ou lugar de reunião ativa e criativa. Este exercício fora realizado nas três regiões visitadas, entre crianças, jovens e adultos, como caráter propositivo de aproximação e ativação comunitária, de acesso de vozes ignoradas, timbres específicos, formas de expressão e externalização criativa da presença dos envolvidos.

Figs. 12: Fotos registradas no “Centro Educativo La Estrella”, zona rural de Ayapel, 5 de fev, 2018.

A necessidade de gerar processos de vínculos comunitários – centrados no sujeito, na relevância, na horizontalidade e, sobretudo, na co-criação do conhecimento – é a hipótese de trabalho relevada pela iniciativa também institucional no projeto intergovernamental para desenvolvimento de participação cidadã. No mês seguinte, desci ao sul colombiano para participar como produtor de conteúdo audiovisual na comunicação do projeto de etnoeducação. Os Laboratórios Cívicos de Inovação (LABIC) são espaços estruturados para sistematizar e

acelerar inovações espontâneas e cidadãs nas comunidades dos bairros. Eles transformam realidades locais e têm potencial para serem copiados em outras regiões.

A organização produz chamadas abertas para proponentes de projetos diversos com foco comunitário, seja em cultura, arte, tecnologias ou pedagogias. Para cada projeto escolhido, é aberta outra chamada para participantes em cada projeto escolhido. O LABIC possui ornamento anual de edições em diferentes países ibero-americanos, como Espanha, Portugal, México, Brasil, Colômbia etc., contando também com a colaboração do Centro "Nansen para a Paz e o Diálogo", da Noruega, da Zaragoza Activa, da Medialab-Prado e do Instituto Procomum de Santos, SP, conformando uma rede de laboratórios cidadãos que já possuem experiência em desenvolvimento projetual.

Fig.

Fig. 13: Pôster de divulgação do LABIC, ed. Colômbia, 2018.

O projeto de projetos busca reunir participação diversa de artistas, pesquisadores, comunicadores e tecnólogos para almejar uma capilaridade social mais próxima das vidas cotidianas comunitárias. Projetos que foram desenvolvidos em colaboração por equipes multidisciplinares e interculturais e enfocaram temas de direitos humanos, convivência e desenvolvimento local alternativo, com ênfase especial em ambientes rurais, zonas de transição, vítimas de conflitos e povos vulneráveis (indígenas, afrodescendentes, camponeses, pessoas LGBT+, mulheres e crianças). A criação e a produção de inserções propositivas e criativas marcam o laboratório como política pública de abertura de investimentos públicos à diversidade de participantes e às iniciativas inovadoras emergentes da própria sociedade civil. Experiências cidadãs marcam atividades e engajamentos com comunidades locais e fornecem uma produção ativa de memórias e identidades, assim como competências laborais e imaginativas.

O “Laboratório de Inovação Cidadã pela Paz”, edição colombiana de 2018, ocorreu por doze dias em Pasto, Nariño, província no sul da Colômbia, organizado pela Secretaria Geral Ibero-americana (SEGIB), pelo Governo de Nariño e pelo Ministério do Pós-Conflito da Colômbia. Nariño é uma região histórica, com cerca de 1,5 milhões de habitantes, com duas cidades maiores: Pasto, a capital, e Tumaco, na costa. Sua população diversa é formada por indígenas, mestiços, afro-colombianos, latinos e brancos. A estratégia pós-conflito é um programa de larga escala que fora apresentado pelo governo colombiano, cuja primeira etapa é intitulada “Estratégia de Resposta Rápida (RRS)”, na qual a realização de três laboratórios de inovação cívica (sendo o LABIC um deles) fora proposta. Uma estruturação participativa aberta, na qual o envolvimento de cidadãos pode gerar propostas e soluções inovadoras para o pós-conflito junto a centros de conhecimentos, como universidades e organizações não governamentais.

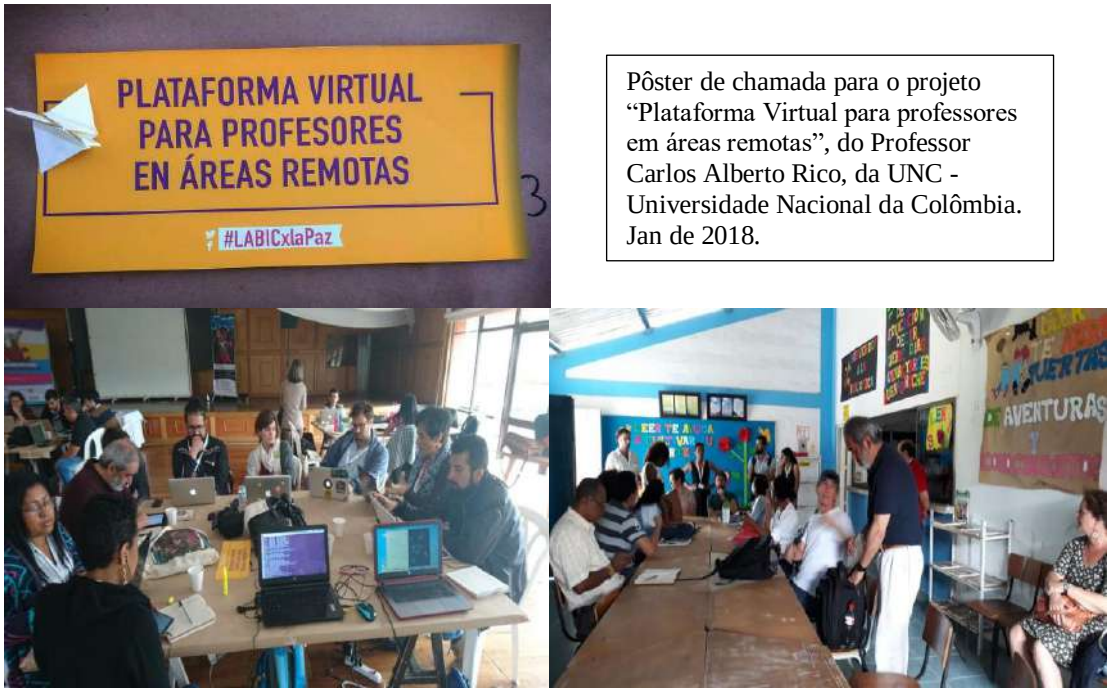
Fig. 14: Foto registrada pelo autor, pontos de controle na serra da região de Nariño descendo para costa do sul pacífico colombiano, 12 de fev, 2018.

Almejando o que chamam de “Inovação Cívica”, esses laboratórios focavam trabalhar com processos de resolução de problemas sociais, por meio de tecnologias inovadoras (digital, social e também ancestral), desenvolvendo metodologias por meio do envolvimento das próprias comunidades afetadas. Essa definição significa que os cidadãos deixariam de ser receptores passivos de ações institucionais para se tornarem protagonistas e impulsionadores de suas próprias alternativas, por meio de processos mais democráticos (soluções de baixo para cima), mais resilientes e adaptativos. Devido ao efeito de aprendizagem experimental por tentativa e

erro, forneciam-se estruturas, para dinamizar demandas, e iniciativas mais eficientes já que se utilizavam do conhecimento específico das comunidades.

Concretizando e fornecendo experiências iniciais – como precedentes de casos, participações e ativações regionais e específicas, para produção em diálogos de conhecimento inter-científico, o projeto LABIC se estruturava como um "guarda-chuva" de variados projetos. Buscava experiências eco-pedagógicas, como a educação ambiental popular ou a psicologia dos povos originários e emigrantes, na produção de comunalidades e nas reconfigurações de comuns, caminhando e imaginando vínculos comunitários com alguns dos pontos abordados pelos projetos.

Um dos dez projetos participantes do LABIC fora realizado em Tumaco, propondo uma plataforma digital para trocas pedagógicas de iniciativas etno-educacionais entre escolas. Atuei como pesquisador e comunicólogo, para registrar e divulgar estudos, trabalhos e oficinas realizados no desenvolvimento do projeto. Estivemos em visita a professores, estudantes e comunidades interessadas nas dinâmicas educacionais da região.



Pôster de chamada para o projeto "Plataforma Virtual para professores em áreas remotas", do Professor Carlos Alberto Rico, da UNC - Universidade Nacional da Colômbia. Jan de 2018.

Fig. 15: Grupo LABIC de educação. Registro pelo autor, 12 de fev, 2018.

A proposta inicial era desenvolver um *site* no qual escolas e grupos de atividade, principalmente em áreas remotas, pudessem ter e criar terrenos em comum para trocas pedagógicas, metodológicas e atualização de matérias de conteúdo. O projeto, estruturado pelo professor Carlos Alberto Rico, da Universidade Nacional de Bogotá, colabora com as diretrizes nacionais para melhoria dos fundamentos e competências básicas educacionais, como auxílio de estudos

e aumento de produção escolar. Espaços que podem ser usados simultaneamente para experimentação, aprendizagem e prototipagem de propostas inovadoras. O professor também atua como líder nos estudos sobre ócio criativo e lazer educacional, como direitos humanos e democráticos, presidente da Fundación Colombiana de Tiempo Libre y Recreación – FUNLIBRE (Colômbia).

Fig. 16: Grupo de "Plataforma Virtual para professores em áreas remotas", 12 de fev, 2018.

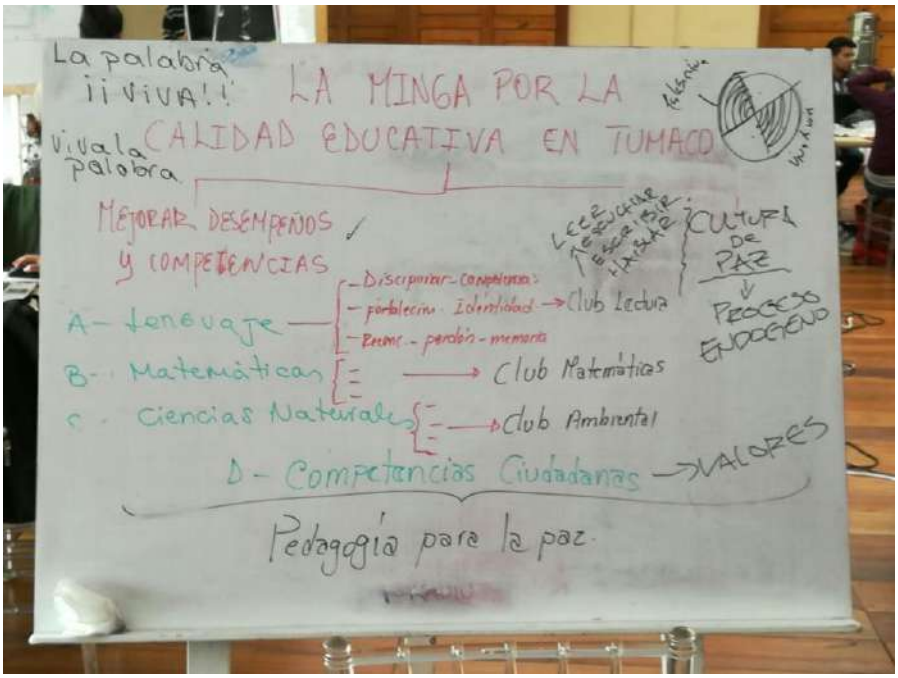


Fig. 17: Foto do diagrama ao redor do conceito étnico-indígena 'Minga' e do afrocolombiano 'Tonga' sobre uma pedagogia para a paz. Registro feito pelo autor em fev, 2018, Pasto, Colômbia.

A participação propositiva da universidade nacional e da secretaria de educação conforma a diretriz por uma abordagem intercultural para a construção de paz pela educação e participação cidadã. Almejando o desenvolvimento de racionalidades críticas, para fortalecimento de identidades sociais afro-americanas, buscava-se, através da pesquisa de múltiplos conceitos e perspectivas, a participação indígena e afrodescendente junto a questões rurais e urbanas por uma educação intercultural na América Latina. Aprofundando a dimensão didática, estabelecia-se fundamentalmente quatro instancias como objetivos principais. As categorias da qualidade educativa sobre as quais deveríamos incidir, as inovações educativas que ao serem aplicadas para cada eixo temático previsto nos objetivos e que nos permitam incidir sobre esta qualidade, a realização do acervo bibliográfico sobre cada tipo de inovação; e a categorização da complexidade de ação inovadora para estabelecer o avence em uma métrica chamada de "Maratona da Qualidade".

Após uma semana estruturando abordagens e propostas pedagógicas, o grupo realizou sua descida, da região serrana de Pasto, para a costa do sul pacífico colombiano, região chamada Tumaco, também referenciada localmente pela poética alusão: "Pérola do Pacífico". Zona costeira na fronteira fluvial com Equador, é uma região histórica onde já havia afrodescendentes antes da chegada colonial com seu trabalho escravo implementado para o comércio europeu. Posteriormente, com a estruturação do trabalho indígena, a região volta a exercer sua autonomia, tanto pela omissão e exclusão dos governos centrais, quanto também pela própria luta e afirmação de identidade histórica e produção social regional.

A partir de um projeto inicial de modernização de respostas estruturais aos desafios educativos em lugares remotos, a Universidade Nacional de Colômbia, sede de Tumaco, construiu uma base educativa de alcance para o fortalecimento de aulas preparatórias para seguimento acadêmico em faculdades de nível superior no país. Uma estrutura de emergência, que possui *containers* de carga adaptados para salas de aulas, com ventilação e colunas que elevavam pavimentos do solo, adaptadas para as temporadas de chuva – quando há alagamentos. Uma educação de urgência que é desafiada por anos de conflitos armado e deslocamentos civis.

Fotos: “Sede Tumaco da UNC”. Estruturas adaptadas para caminhada pelo câmpus. Projeto de agrofloresta com espécies locais. Registro do autor, 15 de fev, 2018.

Fig. 18: Fotos da Universidade Nacional de Colômbia, Sede Tumaco. Foto: GoogleView, 22 ago, 2021.

Fig. 19: Fotos : “Chegada a Tumaco”, registrada pelo autor, 12 de fev, 2018.

A cidade se encontra permanentemente sitiada pelo exército, para manter o funcionamento e escoamento do porto informal e principal da região. Afligida pela violência urbana do narcotráfico, pela desnutrição infantil e pela falta de estrutura pública, a cidade se mantém como uma das áreas mais desafiadoras do país. Ponto de escoamento de grande parte do sul colombiano e de fronteira com Equador, o tráfico de drogas constituí principal atividade local, com ajuda das brigadas militares para manter os negócios costumeiros em ordem.

Fig. 20: Fotos “Chegada”, tiradas pelo autor, 12/02/2018

Na chegada em Tumaco, fomos visitar “Casa da Memória” (Casa de la Memoria), principal centro cultural da região, onde busca-se preservar a história local e cultural fornecendo uma base de envolvimento comunitário. A Pastoral Social da Dioceses de Tumaco conta com documentos e identidades arquivados e preservados que fazem menção às vítimas dos conflitos armados colombianos, fornecendo um ponto de defesa da participação comunitária na produção educativa de memória local. Sua parede, com fotografias de identidades das vítimas do conflito, configurava um encontro marcante com a realidade cotidiana.

Visita à “Casa de La Memoria” acerca dos desaparecidos e das vítimas de conflitos, centro educativo e formativo, museu da memória de Tumaco. 12, de fev, 2018.

Fig. 21: “Casa de La Memoria”, registrada pelo autor, 12 de fev, 2018.

Fig. 22: Casa da Memória. Registro pelo autor, 12 de fev., 2018.

A região histórica, antes da chegada de Cristóvão Colombo, já possuía registros e documentos do ano de 1512 do espanhol Vasco Núñez de Balboa. Estátuas de cabeças *Olmecas* possuíam rostos e penteados afrodescendentes, como também apresentam provas da cultura pré-colombiana *Tolita* de 600 a.C. Ao chegar no Panamá, Balboa deparou-se com uma população negra, dita vinda de Etiópia. A Etiópia, por ter sido um estado com história de autonomia, geralmente também era referenciada aos negros livres e independentes.

Afonso de Illescas fora um escravo que se libertou e criou um território livre dos espanhóis que se estendia do norte equatoriano ao sudeste pacífico da Colômbia, em Barbacoa, passando por Tumaco, ao lado de um estuário de rio para a serra sul colombiana. Em Tumaco, ocorreu o evento chamado “Los Cimarrones” (os marrons), referindo-se aos afrodescendentes que

escapavam e formavam vilas livres, chamados “palenques”, termo que se traduz como uma cerca de madeira usada para defender uma posição ao mesmo tempo que pode ser usada para fechar uma área onde será realizada uma festa pública ou um ato solene – no Brasil, tal comparação pode ser feita com os quilombos[19].

No segundo dia, fomos a uma reunião marcada com representantes da prefeitura e da associação de professores para apresentar o projeto de educação com apoio de uma professora representante local. Com a referência do apoio da Universidade Nacional da Colômbia, a recepção fora otimista, questionando-se a adaptação pedagógica às diretrizes de educação nacional para melhoria do ensino. Visitas a instituições educativas da região foram marcadas para apresentar aos professores locais e checar sua receptividade de uso de interfaces digitais de comunicação metodológica.

Fig. 23: Reunião do grupo com a secretaria de educação da prefeitura de Tumaco, registro feito pelo autor, 15 de fev, 2018, Colômbia.

Pela tarde, visitamos o *Instituto Educacional Tecnoindustrial*, no centro de Tumaco. A recepção local fora de grande entusiasmo, apesar de conter esperanças céticas e críticas quanto ao desenvolvimento a longo prazo e ao empenho envolvido no projeto proposto. Afirmando-se que sempre há propostas estrangeiras com um grande plano de engajamento e a chamada inovação, mas que são passageiros e logo se vão para outros lugares, reunindo supostas histórias de sucesso em uma comunidade que sempre esteve por conta própria e teve que se desafiar a partir de seus próprios desafios, especificidades e estruturas educativas.

[19] “A palavra "quilombo" tem origem nos termos "kilombo" (Quimbundo) e "Ochilombo" (Umbundo), estando presente também em outras línguas faladas ainda hoje por diversos povos bantus que habitam a região de Angola, na África Ocidental. Originalmente, designava apenas um lugar de pouso, utilizado por populações nômades ou em deslocamento; posteriormente, passou a designar também as paragens e os acampamentos das caravanas que faziam o comércio de cera, escravos e outros itens cobiçados pelos colonizadores. Significava também "acampamento guerreiro","capital, povoação, união". Porém, foi só no Brasil que o termo "quilombo" ganhou o sentido de comunidades autônomas de escravos fugitivos” (Fonte: Wikipedia, acesso 20 de ago, 2021).

Fig. 24: Registro da visita à escola em Tumaco, no Instituto Educacional Tecnoindustrial, 18 de fev, 2018.

Ao prolongar-se a reunião técnica de pedagogias e metodologias sobre diretrizes institucionais, uma tarde ensolarada assentou-se ao fundo do lado pacífico do oceano latino-americano. Junto ao sol, foi-se a luz agregadora e uma queda de energia elétrica ocorreu. Relatavam, então, que quedas de energia urbana acontecem até três vezes ao dia, marcando o desafio básico de como propor um projeto educativo com recursos digitais, mesmo que com acesso *off-line*, onde a própria estrutura urbana de funcionamento e acesso é fragilizada.

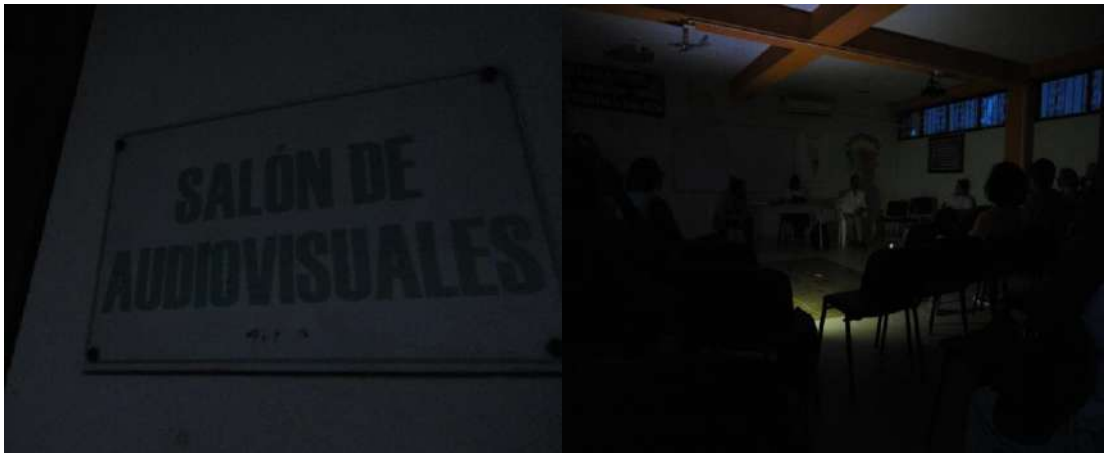


Fig. 25: Queda de energia na reunião escolar, IET - tumaco.

No terceiro dia, fomos à Instituição Educativa Cidadela Tumac encontrar com outro grupo de professores na biblioteca escolar. Recebemos as mesmas críticas relativa à possibilidade de manutenção do projeto junto ao compromisso social e comunitário que se pretendia. As instâncias comunicativas acabavam por se dividir em duas frentes de discussão: uma, mais técnico-pedagógica, debatia se as diretrizes de desenvolvimento educativo para os alunos estavam listadas e aplicadas corretamente e se cobriam todas as competências estipuladas pelo plano nacional de educação. A outra instância se indagava das operações materiais e pragmáticas de funcionamento e uso perante professores, alunos e apoiadores específicos em regiões de difícil infraestrutura.

Fig. 26: Visita a professores e alunos no Instituto Educativo Ciudadela Tumac, no projeto criativo de interface educativa na região de Tumaco, Colômbia.

Após a visita escolar, fora organizada uma visita a uma organização de bairro comunitário, onde as pessoas se organizaram politicamente em torno da recuperação da praça local. Mães e pais, comerciantes, educadores e alunos realizaram mutirões e devolveram ao bairro um espaço de convívio, lazer e troca de vivências, realizando oficinas, eventos e brincadeiras coletivas. Estruturas de encontro, canteiros com hortas coletivas e uma organização de eventos e atividades conformam o território próximo à vida das pessoas de fazer política e desenvolver projetos coletivos. Desafios com a política pública local, assim como com os poderes não estatais, são contornados em certa parte, apontando para formas de resiliência e desenvolvimento local com a participação comunitária.

Fig. 27: “Participação Comunitária”, foto tirada pelo autor, 20 de fev, 2018.

Fig. 28: Crítica e interculturalidade. Foto registrada em Tumaco, 17 de fev, 2018.

Um encontro produtivo à parte foi a troca alegre com jovens familiares de uma casa de quitanda ao lado da praça. Conversas, para além de Brasil e futebol, efetuavam-se com intensidades experimentais de uma zona ética intercultural no jogo comunicativo e afetivo de partilha mútua dos segundos temporais que teimam por passar. Estar no território atravessando ritmos cotidianos produz vibrações sociais de afeição e compartilhamento. Ao levar camisas de um amigo, chamada “Camisa Crítica”, para doar nas oficinas, formou-se um grande time crítico de um sul global em transição e temporário.

No retorno a Pasto, no alto da serra sul colombiana, visitei outro projeto de educação do LABIC com outros mediadores participantes. Realizei a oficina de percepção sonora e musical com

crianças como proposta metodológica de iniciar uma presença coletiva de atividades. Com a introdução e os agradecimentos dos soldados educadores, tivemos um experimento sonoro coletivo, que, apesar do grande número de crianças e dos poucos instrumentos, permitiu atingir seu objetivo de criar uma paisagem sonora com a participação de todos. Logo após o exercício, teve a inauguração da *Ludoteca*, uma brinquedoteca realizada pelo grupo do LABIC, onde se recuperavam e se reativavam brinquedos quebrados, a partir do uso de tecnologias abertas, propondo novas interatividades lúdicas e participativas.

Fig. 29: “Ludoteca”, Escola em Pasto, 2018.

O evento contou com a participação do grupo comunitário do exército, o qual seguia diretrizes de apoio e segurança de centros locais educativos. Projeto nacional de aliar a imagem de ajuda comunitária do exército nacional frente aos muitos grupos paramilitares que aliciam e convocam muitos jovens por todo o país. Iniciou-se, então, uma grande síntese experimental dos dualismos históricos latino-americanos – carnaval e exército. Divertiam e animavam as crianças com aquela segurança de irmão mais velho enfardado, desempenhando-se quase que como um mestre-de-sala da reunião. Soldados que também não estavam distantes daquela realidade: jovens e esperançosos que sabiam da dificuldade educativa e da expectativa de vida em uma região com muitos centros de poder do narcotráfico.

Fig. 30: “Ludoteca”, fotos tiradas pelo autor, 21 de fev. 2018.

Após o fim do LABIC, houve a apresentação dos projetos para entidades e governanças locais em um antigo teatro de Pasto. Havia representantes das ONG locais, entidades educacionais e públicas, contando com apoio de universidades e do governador da região de Nariño. Os projetos eram apresentados com a esperança de reunir apoiadores e financiadores para continuar a implementação das atividades. O LABIC, projeto de projetos de iniciativa cidadã, acabava por levar para si o próprio caso de sucesso, a ser replicado em outras localidades como projeto de participação cidadã, utilizando-se das propostas dos participantes como conteúdo produtivo para financiamentos externos. Os restantes dos projetos, em si, dificilmente seriam pegos por entidades públicas e privadas para continuação futura. Apesar dos limites e desafios, um experimento inicial de troca, criação de redes, aproximação afetiva etc. se conformou como grande precedente importante para formas de participação cidadã e inovação social.

Fig.31: “Apresentação Labic”, fotos tiradas pelo autor, 25 de fev, 2018.

Parte 2 – Medellín

Fig. 32: Cidade de Medellín, 02 de março, 2018.

Após vinte dias do sul da Colômbia ao término do LABIC, fui para Medellín realizar três dias de oficina de arquivos audiovisuais no laboratório cidadão "*Exploratorio*" do Parque Explora. Um projeto de participação e inovação cidadã que conta com certa autonomia e apoio do Parque Explora de Medellín, centro educativo que continha o planetário e um museu de história natural. No centro norte da cidade, o espaço permeava o Jardim Botânico, assim como uma grande praça pública, delineando as últimas fronteiras centrais antes da continuação do vale para o nordeste, região com as maiores desigualdades econômicas, ambientais e sociais.

Fig. 33: “Manifiesto”, foto tirada pelo autor, Medellin, 07 de mar, 2018.

O manifesto do *Exploratorio* afirmava preceitos da ciência aberta, com ideologias de cultura livre com estímulos da circulação e acesso livre ao conhecimento, o direito ao uso e transformação da informação para criar, fazer, reinventar, compartilhar, evoluir para fortalecer e alimentar o conhecimento como domínio público a um bem comum. Produzindo-se o trabalho em rede, geram-se espaços que permitam o intercâmbio de conhecimentos, saberes e recursos físicos em múltiplos níveis. Propiciar uma cultura de confiança, hospitalidade e respeito às diferenças, na qual todos os saberes se formam e se cruzam, conformando espacialidades múltiplas e conectivas na aprendizagem coletiva. A ética de código aberto era proposta como reconhecimento da informação como bem comum, onde não há hierarquia de conhecimentos ou requisito acadêmico, onde todos ensinam, aprendem e criam utilizando saberes disponíveis de forma transparente e livre, evoluindo do faça-você mesmo para o “faça-com-outros”.

A criatividade que afirma que todas as pessoas são criativas e realizadoras propicia o desenvolvimento de espaços nos quais habilidades e capacidades se potencializam através do jogo, da experimentação e do fazer como métodos de aprendizagem significativos. A inovação social trabalha com processos e projetos geradores de felicidades, que tentam reduzir a frustação e buscam incentivar a confiança e a reciprocidade social. Percebem a inovação como um processo que se constrói como e para as comunidades e que impacta positivamente a vida nos territórios.

Tecnologia para todos promove acesso, uso e cruzamentos tecnológicos: precários, de ponta, digitais, análogos, ancestrais, livres. Para fazer provas e contrastar usos e soluções, reivindicando o fazer e estimulando a imaginação, podemos desenvolver habilidades para a criação, a reparação, a experimentação e a improvisação. O produzir entre pares também é tido como central para o desenvolvimento de um espaço que possibilita o encontro com diferentes

disciplinas, experiências e saberes para nos aproximarmos de outros campos de conhecimento de forma direta e em condições de igualdade. Estes processos motivam a utilização de licenciamentos alternativos e fortalecem o trabalho em coletividade, promovendo a informação de acesso livre, diverso e atualizado. O erro como oportunidade no processo de aprendizagem, como parte natural do exercício experimental e criativo, em um espaço em que autogerir o conhecimento e validar o erro são formas de reconhecer o acaso como possibilidade criativa.

Fig. 34: “Oficina no Exploratorio”. Foto de divulgação pelo Parque explora. 10 de mar, 2018.

Por três dias produzi uma oficina para locais de Medellin de todas idades em uma proposta de como se registrar e criar memórias audiovisuais chamada “oficina de cartografias audiovisuales”. Partia de hipóteses no chamado aberto acerca do “O que recordamos como indivíduos e sociedade? O que esquecemos? Como faremos isso no futuro? A memória é um registro inalterável do passado ou ela é um arquivo cambiável, dinâmico e constituinte?” Quanto mais cenários de ficção (política, poética e científica) estiverem em jogo, mais certos tipos de excitação histórica estarão operantes. O resgate da memória pode articular iniciativas presentes e propositivas e se torna imprescindível para localizarmos pontos poéticos e construtivos do contexto social, propondo flexões à um movimento inclusivo e inovador para o fortalecimento de uma comunidade ativa e criativa.

Um exercício de imaginação que, utilizando-se da experimentação audiovisual, interroga o futuro a partir do presente a fim de promover novos horizontes de sentido na reflexão e na ação sobre a memória e a criação e crítica poética. O projeto visa reestabelecer um vinculo da comunidade com técnicas de expressão da memória, como o desenho de percepções, interações, paisagens, mapas e cartas, visuais e sonoros, acessando outras mídias como o radio e a gravação e projeção de vídeos,

produzidos colaborativamente e comunitariamente. Experimentar processos de pensamento por montagens documentárias em diversos suportes como meio de relatar e expressar a memória, o desejo e os anseios sociais. Trata-se de um diálogo regional, transdisciplinar e contínuo, que busca reconhecer e gerar outros formatos e modalidades artísticas e arquivísticas no debate sobre a memória e sobre o esquecimento no continente a partir do próprio saber local. A ocupação do espaço afetivo e publico da memória através de ferramentas audiovisuais induz à produção de narrativas e visibilidades de imaginários locais, conectados e poéticos, podendo funcionar como um espaço de formação educativa e consciência crítica histórica, principalmente no campo e na fronteira entre territórios.

Fig. 35: “Oficina de Arquivos”. Experimentação e criação com audiovisuais em memórias coletivas e compartilhadas. Fotos tiradas pelo autor. 10 de mar, 2018.

Esta oficina já fora realizada em diversos lugares como no Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade do Recôncavo da Bahia, no IHAC - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos da UFBA em Salvador, na Aldeia Pará dos Pataxós, na Casa da Luz em São Paulo e na ocupação de Arte e Astronomia realizada no EMA - Escola Municipal de Astrofísica no Parque do Ibirapuera e no Observatório do Valongo, da Universidade Federal do Rio de janeiro. Tais procedimentos e propostas metodológicas foram desenvolvidas como processo pedagógico experimental para inserção e trocas coletivas em institutos de conhecimento para produção de conteúdos, aliando ciência e arte através da participação comunitária. O que podemos aprender através de experiências cuja pratica e episteme seja

colocar em movimento essas próprias tensões? Como essas experiências contribuem para tornar visíveis problemas complexos relativos as mutações da relação saber-poder e aos efeitos da mediação técnica da vida social?

Durante os dias prévios e seguintes da realização da oficina, pude experenciar os espaços urbanos da cidade de Medellín. Em uma colina antiga, conhecida por ter sido uma vila indígena massacrada na conquista espanhola, há um mirante de todo o vale junto a uma réplica da vila antiga, no estilo colombiano '*paisa'*, construída em cima das ruínas indígenas, evidenciando paisagens sobrepostas, próximas e antagônicas. A parte sul da cidade possui inúmeros condomínios de prédios, com museu de arte contemporânea em suas cercanias, utilizando luzes brancas econômicas e fluorescentes, marcando a diferença do norte da cidade, com milhares de casas com luzes amarelas e o museu natural e socioeducativo do Explora em sua proximidade.

Pueblito Paisa e Colina Nutibara
Monumento Cacique Nutibara e estátua viva de um vaqueiro conquistador.

Fig. 36: "Espaços e monumentos no fluxo", tiradas pelo autor, 5 de mar de 2018.

Norte da cidade de Medellín:

Sul da cidade de Medellín:

Fig. 37: “Urbanismo dividido”. Fotos tiradas pelo autor, 13 de mar, 2018.

A ideia de raça é, sem dúvida, o instrumento mais eficaz de dominação social. Intensificado como ferramenta de analise e investimento nos últimos 500 anos, Quijano (1999) afirma que fora produzido no início da formação da América e do capitalismo, na transição do século XV para o século XVI, onde nos séculos seguintes impôs-se a quase todas regiões de população do planeta como parte da dominação colonial da Europa. Imposto como critério básico de classificação social universal da população mundial, as classificações de raças foram distribuídas como as principais novas identidades sociais, delimitando o que Quijano afirma como aplicações “geoculturais do mundo”.

No centro de Medellín, há um monumento público que apresenta rastros da produção de narrativas da identidade latino-americana. Buscando representações e alianças entre entes diferentes, desde a conquista europeia e até a reconstrução democrática moderna, a narrativa ideológica em espaços públicos sempre buscou uma certa montagem e união, uma composição social que funcionasse. Seres místicos, feras da natureza e formas humanas se constituem na mistura da construção histórica, conformando uma humanidade local que busca traçar múltiplas influências e caminhos futuros.

Fig.38: "Estatua La Raza", fotos tiradas pelo autor. 12 de mar, 2018.

Estátua projetada pelo escultor colombiano Rodrigo Arenas Betancourt, construída em concreto e bronze, está localizada na praça principal do Centro Administrativo *La Alpujarra*. O monumento destaca uma estrutura em forma de lua e nela existem várias esculturas de bronze que simbolizam a cultura de Antioquia. A influência ideológica se referencia como *La Raza*, um conceito histórico que tenta definir comunidades hispânicas acerca de uma origem histórica encontrada na herança espanhola, seu fundo católico humanista e sua mistura com os diferentes povos da América. O arcebispo primaz de Espanha, Isidro Gomá y Tomás, realizou um discurso

no Dia de *la Raza*:

> O que é a Raça? [...] Religião, linguagem, literatura, arte, instintos, até o próprio conceito de ver a vida, ou seja, o que se pode chamar de projeção social do espírito humano, tudo imprime e recebe por sua vez o selo da raça. [...] La Raza, hispanidad, é algo espiritual, que transcende as diferenças biológicas e psicológicas e os conceitos de nação e pátria. [...] É algo espiritual, de ordem divina e humana ao mesmo tempo, porque inclui o fator religioso, o catolicismo no nosso caso, porque nos relacionamos com o catolicismo "católico", se assim se pode dizer, e os demais fatores meramente humanos, tradição, cultura, temperamento coletivo, história, qualificados e matizados pelo elemento religioso como fator principal; da qual uma civilização específica resulta, com uma origem, uma forma histórica e tendências que a classificam dentro da história universal. A Hispanidade assim entendida, diríamos que é a projeção da fisionomia da Espanha fora de si mesma e sobre os povos que compõem a Hispanidade. É o temperamento espanhol, não o temperamento fisiológico, mas o moral e histórico, que foi transfundido para outras raças e outras nações e outras terras e as marcou com o selo da alma espanhola, da vida e ação espanholas, Isidro Gomá e Tomás. 1934. Ezama Gil, Ángeles (2009). La Infanta Eulalia de Borbón: Vivir y Contar la Vida.

Fig. 39: “A História se tece nas ruas”, foto: GoogleImages, acesso 12 de jan, 2018

Fig .40: “Pajaros de Botero”, foto tirada pelo autor em Plaza de Botero, Medellin, 10 de mar, 2018.

Em exemplo que será aprofundado no capitulo 4.3 acerca dos patrimônios públicos e intervenções urbanas, é encontrado nestas estatuas de Botero na praça de Medellin, onde afirma uma das hipóteses defendidas nesta pesquisa de preservar intervenções de memorias em espaços públicos. Após um atentado em 1995, com diversos mortos e feridos, o esculturo Fernando Botero ao se chocar com acusações contra seu filho em cargo politico e o financiamento de algumas estátuas por empresários, defende a permanência da estatua danificada. Ao doar uma nova estatua, instaladas lado-a-lado, provocam a reflexão e sobreposição de camadas de memorias, eventos e criticas históricas contra apagamentos e substituições estéticas que marcam uma invisibilidade dos processos constituintes onde sempre há conflitos.

Ao mesmo tempo em que se disputam redes criativas, conectivas, digitais, estéticas e políticas, a cidade era desenhada como uma integração do capital turístico e cultural às linhas de trabalho sobre a cidade. Um enorme sistema de roldanas, cabos e teleféricos traduzia o transporte sobre zonas de difícil acesso ou tidas como perigosas e controladas por forças interestatais. Da região central da cidade, podia-se atravessar toda a região empobrecida e saltar no parque regional operado por grandes empresas e atrativos turísticos, ressaltando o espaço verde de preservação e da moderna cidade por incentivar políticas públicas que desafiem as dificuldades sociais.

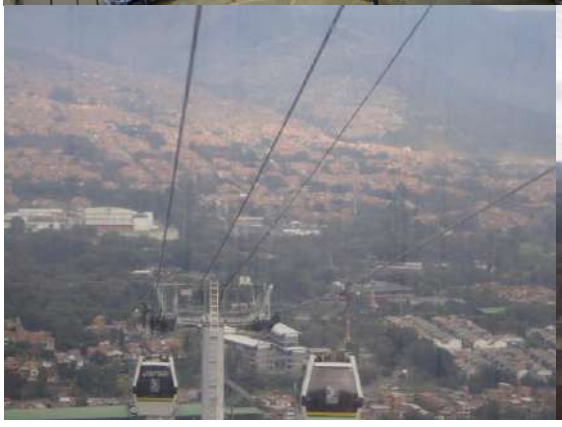


Fig. 41: “Urbanismo linear”. Fotos tiradas pelo autor. 25 de mar, 2018.

Projetos de bibliotecas e centros educacionais se multiplicaram na última década, com financiamento principalmente espanhol. Bibliotecas comunitárias, como a *España*, no bairro também organizado para um turismo engajado, foram desenvolvidas e apoiadas. Uma nova Barcelona era apontada pelos mercados de marketing internacional para Medellín. Essas bibliotecas, após alguns anos, foram reduzidas e fechadas para períodos de reforma e reestruturação. A *biblioteca España*, um dos grandes projetos estéticos e turísticos de conhecimento, em meio da comunidade, encontra-se fechada há quase dez anos, como blocos negros que podiam ser vistos desde o pé da montanha, rodeado pelas casas humildes da população local. Com mais de 9 mil títulos, um auditório e um orçamento para eventos, a biblioteca realizava ciclos para crianças e jovens da região, mas acabou por entrar em reforma permanente no estágio de crise de austeridade global.

Fig. 40: Biblioteca de España fechada, Google imagens, pesquisa em 20/10/2021

- Acervos precarizados – feiras de chão em Medellin

A manutenção de acervos reunidos em espaços de organização de conhecimento, são acompanhados paralelamente na produção de troca em mercados populares que trabalham outros tipos de acervos e coleções. Nas feiras abertas, são armazenados inúmeros objetos em diversos tipos e valores, negociados e flutuantes de acordo com a situação e com as identidades dos compradores. Estrangeiros normalmente pagarão mais caro do que um cidadão local, sendo quem é a pessoa que compra, além do objeto desejado, um dos elementos moventes nos processos de troca.

Foto: "Precarização informacional – shopping chão em Medellin, Colômbia.
Restos ou rastros da produção e circulação de objetos, arquivos, materiais, produtos etc...

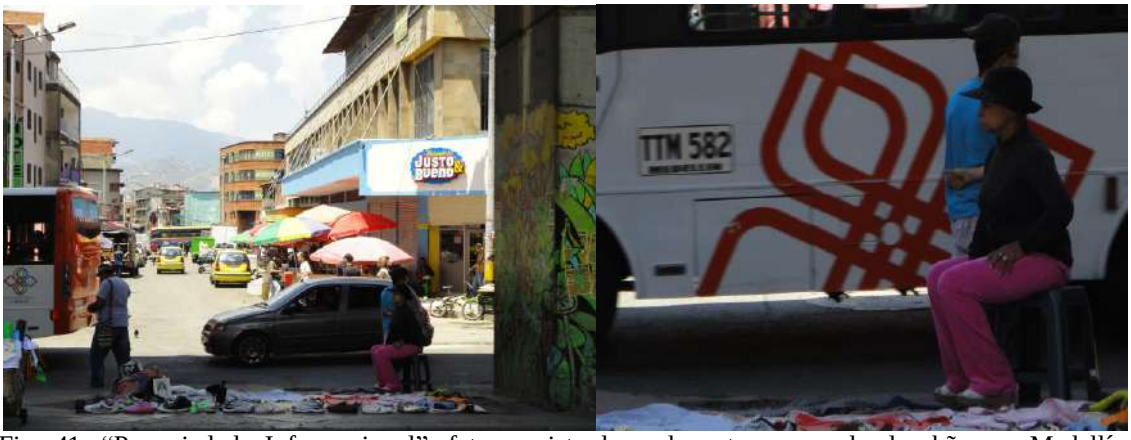


Fig. 41: “Precariedade Informacional”. fotos registradas pelo autor, mercado de chão em Medellín, Colômbia, 25 de fev., 2021.

A vida social e cultural implica necessariamente a consideração dos objetos materiais em sua circulação e relação de troca, uso, posse, etc. Na medida em que os objetos materiais circulam pela vida social, efetuam deslocamentos e transformações (ou reclassificações) através dos diversos contextos sociais e simbólicos: sejam as trocas mercantis, sejam as trocas cerimoniais, sejam espaços institucionais e discursivos tais como nas coleções, museus e os chamados patrimônios culturais. Perceber o deslocamento de objetos ao longo de fronteiras que delimitam esses contextos é em grande parte entender a própria dinâmica da vida social e cultural, seus conflitos, ambiguidades e paradoxos, assim como seus efeitos na subjetividade individua l e coletiva através de cerimoniais, institucionais e discursivos.

O papel da mediação dos objetos na vinculação dos desejos na realidade sociopolítica, demonstra como a opacidade das coisas impossibilita uma relação direta e transparente entre o individual e o coletivo – entre o sujeito consigo mesmo e a agencia coletiva em sua atuação social. “Há portanto uma correlação entre o caráter local de uma situação quando ela se torna uma questão politica, a materialidade das criações coletivas e os objetos que polarizam os desejos dos seres humanos sexuados” (DAVID-MÉNARD, 2022, p. 32).

A suposta dialética entre paixão e razão permitem compreender como formas de submissão ou libertação em relação aos poderes são tecidas. Um coletivo, uma comunidade politica e social, distingue-se pelas materialidades que estabelece, pela criação de lugares, de circulação de objetos, de ritos, de atividades. Sua fabricação e usos ritual reconectam grupos e seus membros a uma ancestralidade, ausente e presente ao mesmo tempo. Esse compromisso entre a ausência e presença em um objeto que desperta fascínio, o que Freud irá chamar de fetichismo.

Há outros objetos alienantes e constitutivos para os sujeitos de desejo, mas devido a sua fixidez, o fetiche mostra que os objetos cristalizam e ao mesmo tempo tornam “evidentes e misteriosos os traços de identidade” (IBID, p. 29). O conjunto de relações, ritos e crenças formam o

contexto onde o fetiche possa se desenvolver através de um objeto, formando um espaço onde condensa relações e conflitos. Analisar um fetiche de modo geral, um objeto – é determinar o lugar no qual ele intervém (IBID, p. 30).

A identificação com coisas que condensam os desafios de um conflito e a "localidade" da politica estão relacionadas. Uma situação é uma encruzilhada de componentes onde a localidade de uma relação de forças na politica se une ao ato de um processo analítico que transpõe os componentes de uma organização de desejo. Há, portanto, uma correlação em rede entre o caráter local de uma situação como questão politica, a materialidade das criações e trocas coletivas e os objetos que polarizam e atualizam desejos dos seres humanos sexuados. O local é sempre um espaço de sintomas da articulação com implicações mútuas de componentes plurais que se encontram investidos em tais atividades, objetos e ritos.

> Essa relações são estabelecidas entre intuições, processos econômicos e sociais, formas de normas, técnicas, tipos de classificação, modos de caracterização; e essas relações não estão presentes no objetos; não são elas que são desenvolvidas quando se faz sua analise; elas não desenham a trama, a racionalidade imanentes, essa nervura ideal que reaparece totalmente, ou em parte, quando o imaginamos na verdade de seu conceito. Elas não definem a constituição interna dos objetos, mas o que lhe permite aparecer, justapor-se a outros objetos, situar-se em relação a eles, definir sua diferença, sua irredutibilidade e, eventualmente, sua heterogeneidade; enfim, ser colocado em um campo de exterioridade (FOUCAULT, 2008, p. 50).

Em uma feira popular com objetos resgatados, reaproveitados e novamente postos em oferta de circulação, percebemos toda uma organização de bens em acervos precários com proposito de subsistência da população local devido a precarização do trabalho e acesso a bens de consumo. Camadas mercantis que chegam ate o chamado 'mercado negro', constituem instancias de encontro e trocas, conformando formas de trabalho informal assim como formas de vidas resilientes e produtivas.

Fig. 42: “Partitura aural”, foto tirada pelo autor, Medelín, 10 de mar, 2018.

Observamos desde as oficinas de base, onde o convite a experimentação da arte, abre e consolida a participação comunitária. Na América Latina muitas vezes dividida por guerras e conflitos locais, através de desconfianças com vizinhos, famílias afastadas e grande imigração entre cidades de humanos e não-humanos como os objetos intercambiáveis. Poder criar um espaço de segurança onde discute-se questões em comum com possibilidades de desenvolvimento junto a facilitadores e investidores públicos, consiste em produzir espaços educativos com precedência, onde a experimentação do aprendizado é horizontal e em ciclos colaborativos e abertos ao envolvimento comunitário. Um desenvolvimento fronteiriço é apontado na metodologia coletiva buscando uma convergência regional de atores, etnias e racionalidades, crenças e culturas em interesses criativos e atuantes. Outras estruturas e efeitos consistem na infraestrutura de governabilidade que pode ser traçada a partir da equidade e inclusão social, paz territorial e convivência no desenvolvimento socioambiental.

Fig. 43: "Roda metodológica do CISNA", Pasto, 13 de fev, 2018. Foto tirada pelo autor.

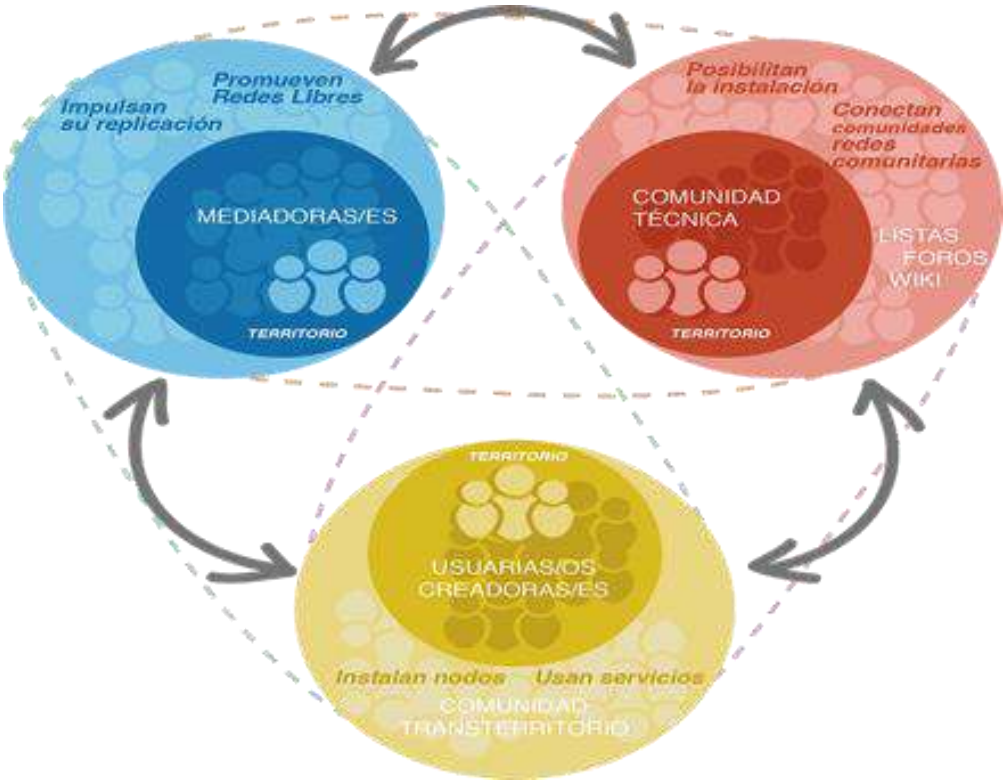


Fig. 44: Grupos de colaboração e desenvolvimento sócio-técnico em rede na promoção de Redes Livres Fonte: Daniel Costillas, Grupo do trabalho do LABIC – 23 nov, 2015.

2.2 Da Competência à Compartência crítica

Burke (2003) caracteriza o momento por volta do ano 2000 como a "era da informação". Nos desdobramentos dos usos e aprendizados através da informação, temos o conceito de "information literacy", mais costumeiramente traduzida para a "competência em informação". Não nos deteremos em pormenores às origens da noção de competência, porém, as definições de competência e de informação merecem ser apontadas – na perspectiva do estudo aqui apresentado – para nortear os elementos constituintes da competência informacional e crítica.

Uma das características essenciais da noção de competência é ser inseparável da ação em movimento, em formação. Os primeiros resultados encontrados nesta etapa da pesquisa encaminham para uma perspectiva educacional e filosófica da competência informacional, o que sugere a necessidade de maior aprofundamento e caracterização da competência informacional sob quatro dimensões: técnica, estética, ética e política – que servem tanto à competência quanto à informação.

As duas lógicas de "competição e compartilhamento", criticamente, podem ser traduzidas em contextos de hegemonia e resistência, respectivamente. Neste século XXI, é necessário confrontar as lógicas diferenciais que atravessam o pensar na já referida 'era da informação'. Esta confrontação se faz mediante a reflexão teórico-metodológica do sentido e significado das categorias *competência* e *compartência* servindo para explicar e compreender as ações em âmbitos da cultura moderna e da cultura tradicional e local dos povos nativos. Em suas devidas nuances, podem servir para levar em consideração o contraste entre o senso do que é ser competente e o que é o compartilhamento, a fim de provocar uma revisão do que fazemos culturalmente e, principalmente, para conscientizar sobre qual a lógica que mais beneficia a humanização e uma educação coletiva ou excludente.

Os "usos e costumes" das práticas educativas e científicas muitas vezes reproduzem e refletem uma lógica predominante ocidental, capitalista e midiática, que impede de desvendar e compreender, em seu sentido verdadeiro, os significados mais próximos, mais típicos do mundo simbólico social de saberes tidos como "subalternos", cotidianos, ancestrais e tradicionais entre povos indígenas, da cultura camponesa e urbana, permanecendo o estado de costume sem referência ou sem desenvolver a relação plural de seus significados. A educação enfatiza que não se trata tanto de agir cognitivamente a partir de dentro dos pressupostos e crenças instituídos

a que se referem, mas de analisar como constituem efetivamente fatos socialmente relevantes, emergentes e criativos sociais até em seu escopo dominante, hegemônico ou totalitário[20].

O conceito de "compartência" é abordado a partir da professora colombiana Maria Núbia Romero, referindo-se à cosmogonia tradicional dos povos das terras altas do norte do estado de Oaxaca, no México, e dos indígenas Guambianos da Colômbia (ROMERO, 2010, p. 159). Essa reflexão busca as nuances apresentadas pelas apropriações conceituais e das práticas que são feitas em cada espaço do território cultural em que o cuidado e a produção social são exercidos a partir da competência ou do compartilhamento cultural. Falar de conhecimento cultural *glocal* refere-se necessariamente à revisão de alguns desenvolvimentos teóricos e metodológicos de resistência dos povos indígenas da América Latina, que surgem em resposta à imposição da cultura ocidental, para aprender com suas reflexões coletivas. Um grande esforço para contextualizar e divulgar pesquisas como no trabalho da Natalia Cardona (2020) "Epistemologias Latino-Americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação: Contribuições da Colômbia e do Brasil", fornece grande exemplo para investigações futuras da produção de conhecimento e teoria critica em seus contextos e alianças políticas e filosóficas locais.

Este sentido de competição significou que cada pessoa tem que ser melhor que a outra para sobreviver no mundo do mercado e é por isso que a sua formação se concentra em habilidades específicas e em um conhecimento técnico-operacional focado na rentabilidade e na produção, na velocidade de gerência. O treinamento quantificado para o trabalho é imposto e promove fundamentalmente o pragmatismo e o individualismo acríticos e a-históricos. Por outro lado, aumentar o pensamento crítico reflexivo no contexto é muito limitado no conceito de competência, visto, nas pesquisas conceituais pela Ciência da Informação, como "Competência Crítica em Informação". Por esta razão, talvez uma "competência cultural" possa complementar o quadro ou, ainda, talvez toda essa taxonomia do campo seja apenas os elementos de ações comuns da "Comunicação". Como evidenciado pelo texto de Shapiro e Hughes, apontando nas palavras do filósofo Michael Heim, talvez seja uma dimensão constituinte para uma "competência metafísica"? Pensando nestes atravessamentos polissêmicos conceituais de área e seus ciclos informacionais constituintes, desenvolvi o seguinte diagrama:

[20] Cf.: BREA, José Luis. Los estudios visuales: por una epistemología política de la visualidade. In.: Señas y Reseñas, Centro de Estudios Visuales de Chile. Ago, 2009.

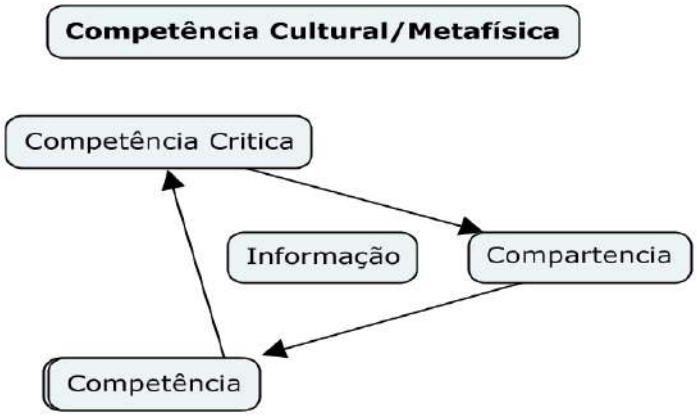


Fig. 45: Diagrama "CoInfo" desenvolvido pelo autor através *software* Cmaps, 14 jun, 2018

A 'compartência', em seu significado original, considera que a pessoa é a expressão do mundo coletivo pela partilha da vida e da produção e da criação exógena e social – e não pela competição. A competência em si passa pela habilidade de se compartilhar, assim como de criticar o estabelecido, e não apenas em uma habilidade de codificar símbolos e códigos em uma velocidade eficiente. Como forma (necro)ética de preservar o planeta às custas da exclusão, da morte e da negligência, a lógica neoliberal, que exige a globalização hegemônica, destrói valores éticos, sociais e culturais de solidariedade e de cooperação, tornando-se o paradigma social que domina a consciência e solapa os valores que dignificam a condição humana, subjugando a independência criativa do camponês indígena na resistência social popular.

O livro "Invasion of the MOOCs: The Promises and Perils of Massive Open Online Courses" (2014), de Steven Krause e Charles Lowe (Orgs.), discorre acerca dos paradoxos constituintes de plataformas de educação informacionais, interativas e midiáticas. O autor Aaron Barlow, em seu respectivo capítulo, se pergunta se as plataformas educativas seriam "outra ferramenta colonialista?" ("Another Colonialist Tool?") (BARLOW, 2014, p. 73), referindo-se à qualidade da educação precarizada em seu eixo social e cultural, sendo apenas traduzida por interfaces privadas e importadas de países líderes da produção tecnológica. O autor cita uma passagem de Philip Dick, na qual ele presenta um trecho do conto "The Grasshopper Lies Heavy", referenciando-se à um:

> quase notável dilúvio de kits de televisores baratos para várias vilas e vilarejos… e quando o kit fora montado por jovens afoitos e interessados da comunidade, famintos por uma oportunidade daquela generosa ajuda americana. Aquele pequeno instrumento energizado por uma fonte de energia tão pequena como uma bola de gude começou a transmitir. E o que ele transmitiu? Agachando-se em frente à tela, as juventudes do vilarejo e costumeiramente também os velhos

> anciões, assistiam a palavras bem-vistas. Instruções... sobre a cabeça, à lua artificial americana, girando e distribuindo sinais, levando a todos os cantos... às massas ávidas e ansiosas (BARLOW, 2014, p.73, tradução nossa).

A produção a partir do conteúdo de informações contextuais e informacionais gera diferentes regimes de propriedade da economia da informação. Essa produção é analisada pelo texto de Endrizzi (2006) e, também, de González de Gomez, por todo seu trabalho, da competência em informação aos 'regimes de informação' (1987-2007). As influências de temas crescentes, como a privacidade e ética, trabalham problemáticas que constituem verdadeiros desafios na chamada 'era informacional'. Apropriar-se de informações e culturas é, portanto, ato próprio de agentes ativos tidos como protagonistas, categoria que, no âmbito da educação e da cultura, distingue-se das categorias de usuários e de consumidores culturais. As conexões existentes entre apropriação simbólica e dispositivos culturais têm em vista a sistematização das referências teóricas e metodológicas necessárias ao desenvolvimento dinâmico e articulado de aprendizagens e saberes informacionais compatíveis com demandas de participação crítica, criativa e cidadã nas chamadas 'Sociedades do Conhecimento'.

Marco Schneider (no GT 5 do ENANCIB, 2017) comenta a competência crítica em informação como combate às notícias falsas, promovendo seis instâncias, como a própria necessidade de aquisição atualizada de competência instrumental; a necessidade de questionamento da própria noção de necessidade informacional por parte de mediadores e usuários da informação; a necessidade de questionamento da credibilidade e relevância dos enunciados, bem como dos mecanismos e critérios sociotécnicos de atribuição de credibilidade e relevância aos enunciados; a necessidade de uma problematização séria, teoricamente consistente e praticamente comprometida, da noção de ética em informação para além de meras declarações de boas intenções; e a necessidade de estudos das teorias sociais críticas e das teorias críticas em informação (SCHNEIDER, 2017, p. 6-9). Em uma época na qual a produção, a circulação e a reprodução digitalmente mediadas de informação adquirem a escala da *big data* e da pós-verdade[21], a competência crítica necessária para avaliar a credibilidade da informação e usá-la eticamente revela-se uma questão vital para o fortalecimento da cidadania. Segundo Freire (2010):

> Uma ética da informação diz respeito aos dilemas deônticos ou conflitos morais que surgem na interação entre os seres humanos e as tecnologias e sistemas de comunicação e de informação a fim de refletir e, sobretudo, disciplinar a criação, a organização e o uso das informações (FREIRE, 2010, p.7).

[21] A pós-verdade é "um adjetivo definido como 'relacionado ou denotando circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos a emoções e crenças pessoais'". Ver https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016.

Conceitos, como “Alfabetização de ferramentas, Alfabetização social-estrutural, Alfabetização de pesquisa, Publicação de alfabetização, Alfabetização tecnológica emergente, Alfabetização Crítica e Novos objetivos para uma nova sociedade”, formam partes do campo problemático indicado pela Ciência da Informação e suas vertentes da “Competência em Informação” (SHAPIRO; HUGHES, 2006, p. 5). A alfabetização informacional e computacional, no sentido convencional, é uma habilidade técnica funcionalmente valiosa, mas a alfabetização informacional deve ser concebida mais amplamente, como uma nova arte liberal que “se estende do saber usar computadores e acessar informações para refletir criticamente sobre a natureza da informação, sua infraestrutura técnica e seu contexto social, cultural e filosófico” (SHAPIRO; HUGHES, 2006, p. 3).

O impacto essencial – para o futuro da democracia, para que os cidadãos sejam inteligentes e constituintes ativos da sociedade da informação (e não seus peões passivos) e da cultura humanista – se configura como grande desafio e evidência educacional, ideológica e também epistemológica para que a informação faça parte de uma existência significativa e não apenas seja uma rotina de produção e consumo. O que é ser/ter uma vida humana em um contexto socioprodutivo assistido por próteses tecnoinformacionais?

A pesquisa documental e uma abordagem multidisciplinar que engloba vários meios diferentes (textual, visual, áudio etc.) podem gerar uniões transdisciplinares para um conhecimento técnico flutuante entre cooperação e personalização, em sistemas cognitivos para a produção, a troca e a transformação de conhecimentos diversos. Não instrumentalizar os saberes culturais, é dizer: cuidemos que a *compartência* não se ‘coisifique’ como aconteceu com a "competência cultural", quando se converte em moda e para a ser utilizada para estratificar-se com o tempo e não desbotar com a conjuntura, focando apenas na autorreprodução e não na transformação e na criação coletiva social. Não é insignificante, além disso, notar que a forma plural está se tornando mais difundida com termos emergentes como “novas literacias” ou “multiliteracias” ou “múltiplos letramentos” ou “alfabetização midiática e informacional” ou mesmo “literacias informacionais e digitais” – como pontuados pelo texto de Endrizzi.

A abordagem da comunalidade ajuda a entender o que fazemos e o que não alcançamos no trabalho comunitário. A grande diferença entre comunhão e comunidade está na lógica fragmentária e excludente que predomina na consciência ocidental, da qual somos parte ativa. Sob esse conceito de comunidade, a nossa visão, as nossas abordagens e os planos de ação são todos constituídos para ter sucesso nos indicadores epistemológicos e estatísticos. Aprender com o profundo sentido da comunicação é colocar os fatos rumo a uma lógica humanizada e

multirrelacional de significados e significados diante do cuidado da vida para que o olhar fiscal seja superado (MARTINEZ LUNA, 2009, p. 35).

Compartilhar é mais uma atitude do que um propósito de uma tarefa acadêmica ou uma função profissional casual ou conjuntural. Para o próprio pensamento, a partilha é o modo de apreender o mundo e transformá-lo, mas não de forma individual, e sim convocando-se a fazê-lo por meio da comunalidade. Essa visão promove que todos somos um e "a natureza é o centro de tudo", com que trabalhamos e para todos (MARTINEZ LUNA, 2009, p.37). Esse é o aprendizado necessário para uma lógica complementar de cuidado transcultural, que nos chama a fazer os ajustes necessários que surjam dos diálogos do conhecimento, como estratégia básica de ação entre o profissional e o povo da comunalidade.

Nota-se, portanto, que os usos e as construções de conceitos – como de competência – não são apenas uma mera tradução ingênua, mas que seguem uma estratégia epistemológica de área, utilizada também na criação do próprio campo da "Ciência da Informação", almejando uma flexibilidade entre o desenvolvimento técnico para o campo da tecnologia, das exatas, do empreendedorismo empresarial e, também, articulando com a dobra social, através do legado da biblioteconomia, buscando aspectos culturais e educativos no tratamento, no uso e nas habilidades com a informação.

2.3 Aby Warburg e investigações neodocumentais e decoloniais

A informação, a imagem, o arquivo e seus desdobramentos posteriores formam, ao mesmo tempo, um espaço reservado e um local de ativação; por um lado, interior de intensidade diferente e, por outro, expressão constituinte simbólica. Tradicionalmente, os conteúdos informacionais – seja impresso em cartas, fotografias, documentos oficiais ou qualquer outra coisa – esperam ser considerados e interpretados por públicos díspares, por meio de catalogação, estudo comparativo e exibição.

Hoje, com novas ferramentas digitais e virtuais à nossa disposição, o arquivo informacional tem o desafio e o potencial de ser digitalizado e disponibilizado para públicos mais amplos e em múltiplas formas e formatos. No entanto, sempre há histórias invisibilizadas ou apagadas que são largamente deixadas fora de registros de arquivos. O que marca o ponto de partida para a contribuição do método de Aby Warburg é sua iconologia do intervalo, que manifesta a intenção de entrar em conflito com o que não sabemos ou foi perdido ou até apagado e silenciado. Uma filosofia do arquivo e da informação, assim como sua ciência, se dá através da investigação ética de se conjecturar as produções do conhecimento e saberes como também

fazer a análise dos próprios poderes presentes, nos quais se operam a cultura e sua produção de memória social.

Warburg propõe uma teoria sobre a memória em estudos culturais (*Kulturwissenschaft*), na qual a sobrevivência de imagens atravessa a constituição (interculturalmente) das sociedades. À racionalidade sensível que acompanha a criação, o desenvolvimento e sobrevivência da cultura, o autor chama de *Pathosformel*, ou seja, a forma ligada à vida. Uma perspectiva sensível que liga a intensidade psicológica constituinte do *socius* às expressões culturais e formais da produção material e imaterial humana. Em um mundo cada vez mais visual, conhecer Aby Warburg e seu projeto nos permite entender, criticar e atuar na vida contemporânea informacional e audiovisual.

> O caráter dual e polarizado, muito frequente, embora não exclusivo, é uma constante no pensamento de Warburg. Algumas dessas polarizações que se encontram em seus textos são clássicas, por assim dizer: oposição entre arte do norte e do sul, cultura popular e cultura elevada, racionalização e misticismo, encantamento e desencantamento do mundo, idade média e renascimento, por exemplo. Outras são mais pessoais: a sístole e a diástole, o horizontal e o vertical (COLI, 2017, p.9).

Investigar o arquivo como emergência é propor o arquivo como um contradispositivo artístico e a relação que ele propõe com o campo das artes e o a produção social comum. A partir da elaboração crítica dos diversos conceitos engendrados pelo arquivo como documento, resquício e fragmento, imagem e evento, necessidade e obsessão, estratégia, ruptura e emergência, entre outros, esta pesquisa considera a potencialidade criativa do arquivo em propor estruturas abertas de aprendizagem nas artes, na mídia, na tecnologia e na informação, assim como na política crítica da educação em seus usos.

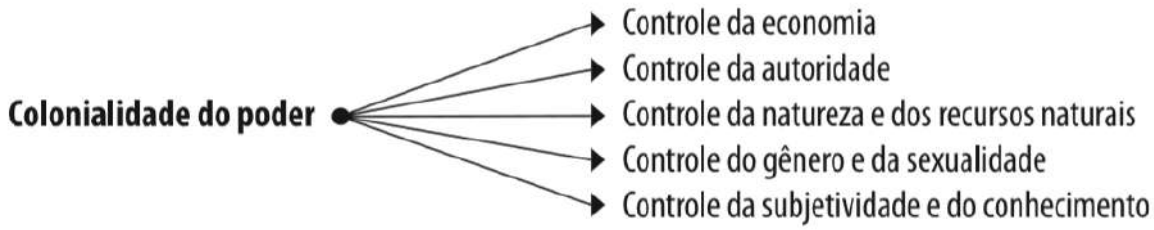
Esta aproximação propõe, como análise política e estrutural, uma contração entre diferentes abordagens como o Panóptico – molar bélico total, montagem estática, fechada, porém estrategicamente adaptável – *versus* o Sinóptico – iconologia do intervalo, molecular, criativo e parcial, como montagem em processo experimental aberto, porém facilmente agenciada, capturada ou invisibilizada. Através da incorporação digital em dados rastreados, quantificados e qualificados, tais abordagens passam a se chocar no campo informacional, onde o centro de poder passa a operar por modo panespectral (a ser desenvolvido no capítulo 4.1ª).

A força sobrepujante da informação veloz sobre as culturas tradicionais provoca anacronismos sintomáticos nos quais os processos produtivos em todos os campos sociais se reproduzem com uma rapidez bélica em sua transformação e inserção. O modo de operação central de guerra, como imposição do progresso sobre um ‘anacronismo’ atrasado e incivilizado, é um ponto central da produção, da intensificação e da emissão da informação para regiões capilares e

diluídas, ‘informadas’ e sem acesso às tomadas de decisões. Este entendimento é bem desenvolvido pelo conceito de Quijano (1997) – de “Colonialidade do poder” – explicado por Grosfoguel (2008, p. 126):

> A expressão “colonialidade do poder” designa um processo fundamental de estruturação do sistema-mundo moderno/colonial, que articula os lugares periféricos da divisão internacional do trabalho com a hierarquia étnico-racial global e com a inscrição de migrantes do Terceiro Mundo na hierarquia étnico- racial das cidades metropolitanas globais. Os Estados-nação periféricos e os povos não europeus vivem hoje sob o regime da “colonialidade global” imposto pelos Estados Unidos, através do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial, do Pentágono e da OTAN. As zonas periféricas mantêm-se numa situação colonial, ainda que já não estejam sujeitas a uma administração colonial.

A colonialidade se reproduz em uma tripla dimensão: do Poder, do Saber e do Ser[11]. A colonialidade é o contraposto e o necessário da modernidade que fora estendida para outros aspectos que não só o do Poder e sim, como Mignolo (2010, p.12) sugere, que a força = matriz colonial do poder “é uma estrutura complexa de níveis entrelaçados”, como abaixo referido:



[22] Fig. : “Colonialidades”, diagrama de Luciana Ballestrin, 2013.

Apropriando-se das contribuições de Warburg para o debate da decolonialidade, temos a sobrevivência (Nachleben) da imagem colonial ou, principalmente, a atualização e a inovação dos sistemas produtivos de dominação geopolítica, que formam um elemento importante nesta pesquisa, para problematizarmos a produção de arquivos e conhecimentos na contemporaneidade (aprofundaremos mais no capítulo 4). Trata-se de uma proposta de considerarmos a complexidade de referências, influências e tempos que, através de sobrevivências, emergências, reminiscências, excessos, sobras e restos, sobrevivem ou ganham

[22] Sugestão e contribuição de Edgardo Lander. A “Colonialidade do Poder e do Saber” ganhou várias elaborações do grupo Modernidade/Colonialidade, enquanto a “Colonialidade do Ser” primeiramente pensada por Mignolo e posteriormente desenvolvida por Maldonado-Torres, não foi recebida com tanto entusiasmo (MALDONADO-TORRES, 2008).

uma sobrevida em outros tempos e culturas, daquilo que se mantém vivo na memória e emerge em novas confabulações, operações, criações e expressões sociais.

> "¿Por qué, de qué manera y cómo es que la producción de imágenes participa de la destrucción de los seres humanos?" Georges Didi-Huberman (Prólogo)

O processo de montagem, desmontagem e remontagem – que Aby Warburg propõe – compõe diferentes constelações e pontos de vista que se trata de uma forma complexa de "caráter híbrido" de produção de conhecimento para a multiplicação dos pontos de vista. Um pluralismo epistemológico de influências e sobrevivências que opera por montagens e imagens consteladas de detalhes (vestígios, reminiscências, gestos). Uma compreensão sinóptica que cruza diferentes campos e disciplinas e que não pode ser engessada como uma simples metodologia operacional.

> Contra toda pureza estética, ele introduz o múltiplo, o diverso, o caráter híbrido de toda montagem [...]. Ele é uma ferramenta, não de esgotamento lógico de possibilidades dadas, mas da inesgotável abertura aos possíveis ainda não dados (DIDIHUBERMAN, 2011, p. 13).

O foco de Warburg estaria menos no formato das imagens em si e mais no intervalo e na repetição delas, em suas relações não estabelecidas *a priori*, mas que emergem na própria experimentação de montagem. Seu interesse por imagens residia no caráter lacunar, intermediário, falho, impuro, híbrido, incompleto e aberto. Aby Warburg buscava uma concepção de história e de arte aberta aos "possíveis ainda não dados", que acolhesse as descontinuidades em suas lacunas e seus anacronismos. A partir da noção de sobrevida das imagens (Nachleben), que também pode ser vista como uma vida fantasmática das imagens, intensivas além das classificações epistêmicas, formalistas e iconológicas, seu Atlas Mnemosyne reinvocado por Didi-Huberman (2013) introduz no saber a dimensão sensível de criação, uso e interpretação de cada imagem.

O importante não seria qualquer tipo de resultado final fixo, iconófilo e reificado, mas sim o próprio processo aberto do conhecimento circulante, aberto, ativo e transformador. A partir dos diferentes intervalos entre as diferentes remontagens de um mesmo painel, como produzido em sua exposição Mnemosyne, entre diferentes painéis e, também, entre as imagens de cada montagem, podem surgir outros nexos, lógicas ou sensações a partir de associações, choques ou tensões entre as imagens influentes. Podem emergir relações inesperadas, outras constelações imprevistas, provocando uma série de deslocamentos, inversões, rupturas, descontinuidades, emergências, anacronismos, sobrevivências etc.

A prática dessas montagens é uma forma de resgate daquilo que se faz necessário preservar: a utilização de resquícios elementares, dos objetos e mecanismos obsoletos montados a partir de uma forma de usar restos, fragmentos, fraturas e rachaduras, ou seja, de também almejar os lapsos, lacunas e intervalos da história e em que contextos políticos e materiais foram produzidas e recuperadas. Uma mistura temporal é produzida, de narrativas e narradores, de tempos, locais e narrações interculturais, constituindo processos de montagens que formam e criam polifonias.

Um procedimento crítico da produção de conhecimento passa por processos também de desmontagem a partir da contradição e da justaposição de fragmentos distintos e suas diferenças. A montagem aparece como forma e ferramenta de construção de processos do conhecimento histórico, racional e perceptivo, epistemológico e cultural. O desafio de resgate, preservação e montagem desafia procedimentos lineares onde fragmentos recombinantes articulam a capacidade tanto de desmontar a história "oficial" ou "hegemônica", quanto de remeter-se a outros tempos e modos de vida heterogêneos.

O desenvolvimento de espaços de experimentação, com a imagem e as narrativas audiovisuais nos territórios e regionalidades, fornece aberturas, apropriações, montagens e produção de conhecimento, propondo uma *epistemologia distribuída* ao mesmo tempo que se confronta com uma violência epistemológica. Uma autoridade epistêmica distribuída é referida, pela professora Maria Nélida (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2015), como "responsabilidade (ética) distribuída" (FLORIDI, 2013) e nos trabalhos sobre "ética intercultural", de Capurro (2003).

> Ficam em aberto muitas interrogações sobre o duplo acontecimento da desestabilização de zonas prévias de eficácia normativa e de revisão do papel da agência na ação moral, gnosiológica e política, afetando critérios e procedimentos instituídos de legitimação dos modos de produção e de gestão dos conhecimentos científicos. O que denomináramos o embaralhamento de princípios epistemológicos, éticos e políticos, iria se manifestar, por um lado, pelo reconhecimento de critérios de valor transepistêmicos atribuídos à ciência e à tecnologia, vindos dos sistemas de poder econômico, do Estado e das agências de gestão; por outro lado, teríamos demandas de pluralização das condições e critérios de validação da pesquisa, ao mesmo tempo em que intersubjetividades formadas em redes experimentam buscam novas formas de autonomia (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2015, p. 18).

A relação que as pessoas constroem com o arquivo, o documento, e como elas identificam e classificam, usam e resgatam, preservam ou acumulam, reeditam ou reproduzem podem indicar a abordagem conceituada como Folksonomia[23]. A partir da mediação com o contato e a

[23] Derivada do termo "folk", que significa pessoa, povo, e do termo "taxonomia", que significa o estudo da classificação das coisas, a palavra folksonomia quer dizer "classificação feita por pessoas". Acreditando que cada indivíduo possui uma lógica ao classificar algo. Thomas Vander Wal criou a expressão acima para definir a forma como as pessoas identificam o mundo ao seu redor (VANDER WAL, 2008).

experimentação criativa de ferramentas e narrativas locais, é possível desenvolver sensibilidades poéticas, científicas e críticas que podem perpassar a sobrevivência midiática dos ritmos e influências globais de modulação e propaganda do mercado. Ao se por ênfase particular na noção de "interculturalidade epistêmica", se apresenta uma prática política como resposta à hegemonia geopolítica do conhecimento indicado na "colonialidade do poder e saber". Abordagens que propõem a experimentação com dispositivos em exercício de formação, mas também em intercâmbios entre várias disciplinas e culturas, podem fornecer bases para o pensamento decolonial na educação e formação sensível – "pathosformels" múltiplos, simultâneos e sobrepostos pela comunicação intercultural[24].

Podemos entender que as montagens de cartografias decoloniais sugerem outras formas mais amplas de expressão das linguagens e suas pluralidades, dos saberes diversos que emergem como experiência coletiva e, também, a ruptura com a violência simbólica ao mesmo tempo que busca se constituir através do resgate e criação de seus intervalos perdidos e silenciados. Localizando e evidenciando processos de ruptura e de resistência, podemos criar conhecimentos que possam alinhar iniciativas comunitárias de periferias com processos que sugerem decolonialidade(s) globais. Após o surgimento do debate na Índia do terceiro-mundismo com o não alinhamento com as potências geopolíticas, a questão se estendeu em suas apropriações e reformulações pelo México e pelo Peru, abrindo-se às práticas e aos experimentos políticos e epistemológicos por todo o chamado "Sul Global".

Na América Latina, desenvolve-se através de diversos autores, assim como em práticas locais, abordagens que almejam a construção de outras modernidades além das segmentadas pelo desenvolvimento tecnológico das regiões centrais no processo de globalização. Busca-se construir um projeto epistemológico, ético e político a partir de uma crítica à modernidade ocidental em seus postulados históricos, sociológicos e filosóficos. No Brasil, na favela da Maré, no Rio de Janeiro, a professora Claudia Miranda tece contribuições da Colômbia, assim como métodos pedagógicos para memórias contra-hegemônicas e educação para as relações étnico-raciais, salientando práticas decoloniais em contextos periféricos:

> Consideramos os lugares de memórias contra-hegemônicas como espaços não formais de aprendizagens multidimensionais que inspiram pedagogias decoloniais. Isso se dá por não terem a intenção de "guardar" a memória, mas de construí-la em movimentos contínuos e intergeracionais. Nessa abordagem, não nos interessa a memória do poder (CHAGAS, 2000), e sim o poder da memória como instrumento de luta em prol do

[24] "O movimento de descobrimento e de revalorização das teorias e epistemologias do sul tem crescido nos últimos anos em diversas áreas e universidades do mundo. Como defende Mignolo (2003), não se trata da substituição de um novo paradigma nos termos de Kuhn, mas da concorrência com um "paradigma outro" (BALLESTRIN, Luciana. 2013, p. 115).

> reconhecimento e da valorização das culturas dos estratos afetados pela degenerescência de suas identidades. Essa abordagem, que vai na contracorrente e desliza por outros territórios e outras concepções de poder, tem oferecido chaves decoloniais sobre processos mais politizados, ancorados em um ideário de maior justiça epistemológica... Em toda a região definida como América Latina, sofremos de um apagamento garantido pela violência colonial multifacetada, que gerou lacunas incomensuráveis, além de facilitar a autorreferência dos grupos herdeiros das vantagens coloniais. Não obstante, esse fenômeno também pode ser relacionado com o estímulo à autodeterminação dos setores explorados, com a criação de saídas que implicaram organização social, econômica e política (MIRANDA, Claudia, 2019, p. 378).

A modernidade e a colonialidade são duas engrenagens do mesmo sistema. Graças à colonialidade, as regiões eurocêntricas produzem ciências humanas como modelo único, universal e objetivo na produção de conhecimentos, além de desprezar epistemologias emergentes e da periferia global. O colonialismo se baseava em uma relação política e econômica na qual a soberania de um povo está no poder de outra soberania/nação, o que acaba constituindo um império de poder. Aprofundando reflexões sobre esta condição, a colonialidade busca evidenciar o padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, o qual, em vez de limitar-se a uma relação formal e institucional de poder, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade, as relações intersubjetivas e os sistemas produtivos se articulam entre si através do mercado mundial.

"Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna" (TORRES, 2007, p. 131). Assim, apesar de o colonialismo referir-se à época colonial, o pós-colonial nunca se efetuou. A infoimagem como quadro operante da colonialidade sobrevive e é aperfeiçoada assim como as formas de poder imperial. No ciclo de produção infodigital, perpetua-se um sistema material colonial de dados e um sistema imaterial decolonial de imagens (afetos, impulsos, perspectivas, ideologias, etc.). A *colonialidade do poder* e suas *práxis* taxinômicas e pragmáticas inferem uma *colonialidade do ser*, como tentamos desenvolver ao longo da pesquisa. As contribuições para o desenvolvimento conceitual em uma diversidade epistêmica, para além dos recortes práticos e objetivistas, infere uma educação sensível para o reconhecimento e a utilização de meio infotecnológicos na produção social da memória que perpassa temporalidades. O desenvolvimento de saberes que evidenciam o desenvolvimento dos poderes indica e faz visível toda uma geopolítica do conhecimento que tende a apagar e/ou a manipular histórias sociais locais, se autorizando como uma via monoteísta do conhecimento 'universal' e pragmático sob as práticas sociais interculturais em suas lógicas plurais e diversas. Como podemos diagramar

tais conceitos cíclicos de conhecimento e produção de saberes sociais é visto no quadro abaixo, referindo-se ao devir do saber, sempre em emergência e conflito, em seus processos históricos.

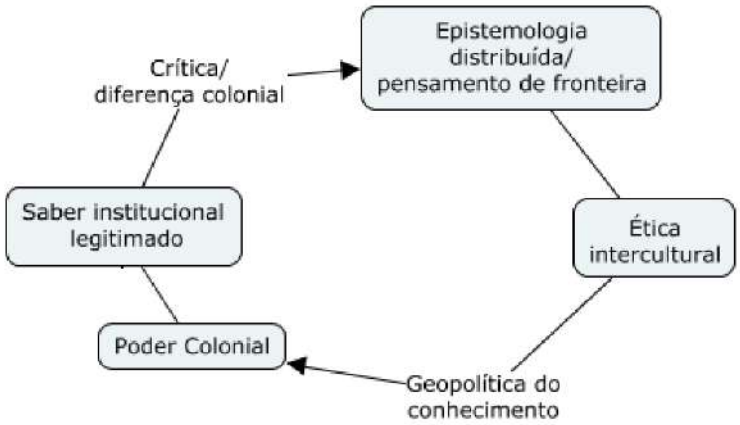


Fig. 46: "Ciclo do SaberPoder DeColonial". Diagrama feito pelo autor.

A dialética entre poder e saber em seus usos emergentes, democráticos e abertos, dos fechados e totalitários é evidenciada através da colonização do próprio conceito e uso do multicultural como apenas uma única forma universal (neoliberal e capitalista), porém inclusiva, de produção que abarca todos. Contraria o sentido aqui afirmado de uma produção intercultural ativa e aberta, onde diversas formas de produção de conhecimento em diferentes formas e lógicas operam. Nesse processo, a interculturalidade se indica uma ferramenta conceitual que organiza a *diferença colonial* em *desobediências epistemicas* inferida por Walter Mignolo (2003/2009). O autor chileno, Christian Léon, reflete o papel que cumpre a mídia audiovisual na produção e na reprodução do que ele vai chamar de "*telecolonialidade*", trabalhando o controle geopolítico baseado na administração de imagens e informações remotas. A telecolonialidade infovisual nos coloca diante de uma rede de dispositivos de mídia transnacionais que se baseiam na exploração colonial de conhecimentos, representações e imaginários e que reproduz hierarquias de classe, raciais, sexuais, de gênero, linguística, espiritual e geográfica de uma forma de vida hibridizada pela modernidade-colonialidade euro-americana.

> Os estudos visuais em desenvolvimento na América Latina têm como desafio pendente a construção de um local de enunciação em que seus conhecimentos sejam históricos e geopoliticamente. Nesse sentido, ambas as críticas à tradição ocidental de histórias e teorias da arte, como o audiovisual, ambas do primeiro mundo, é uma tarefa essencial. A particularidade dos processos de visualidade em nosso subcontinente suscita singularidades históricas, culturais e epistêmicas que não foram abordadas em toda a sua complexidade (LÉON, 2012, p. 2, tradução nossa).

A política da subjetividade dos saberes, suas informações e ações, em relação ao problema da colonialidade do poder, fornecem uma chave para um *pensamento crítico das fronteiras*, como

também afirma o autor, cujo caráter epistêmico, político e ético está orientado para a diferença e a transformação das matrizes do poder colonial em montagens alternativas, paralelas, híbridas, concorrentes etc... O desenvolvimento crítico das iconologias do intervalo, das sobrevivências interculturais propostas por Warburg, fornece um método para análise e montagem de conhecimentos e caminhos diversos, da história e da produção social.

Processos de cultura e memória integram o que o sociólogo peruano Aníbal Quijano chamou de "colonialidade cultural", resultado de um processo politico de geoculturas, em que a cultura europeia passa a ser um modelo cultural universal, estruturando e informando modos de pensar, de agir e de recordar dos habitantes de colônias e ex-colônias. A interculturalidade apontada na sobrevivência das imagens no método de Warburg, infere uma fantasmagoria nas camadas sedimentadas, ressaltadas ou apagadas, de histórias culturais intercambiantes.

Na perspectiva de Warburg, partes desses elementos culturais sobrevivem através da história por meio das imagens em movimento, conceituando o termo como "sobre-vida" (Nachleben). Neste sentido, a arte e a imagem seriam vistas como parte constituinte de uma memória viva e pulsante, ideológica e cultural, cambiante ora na cultura dominante, ora esquecida em culturas subjugadas, mas que podem ressurgir em eventos sociais a produzir novas formas de vida, cultura e conhecimento.

Apropriações culturais vão se mesclando em desdobramentos sociais na medida do tempo. As imagens, cada vez mais velozes e informacionais, se chocam no ciberespaço, modulando sobreposições, aglutinações, conflitos e intercâmbios interculturais. Esta sobrevida das imagens, a que Warburg se refere, está sempre operante nas superfícies comunicacionais e culturais. A racionalidade produzida através de tais dinâmicas é o que Warburg se refere como Pathosformel, condição processual de formação cognitiva através da história e referência conceitual da pesquisa voltada ao pensamento crítico no campo da educação e informação.

O caminho do Pathosformel, porém, está principalmente ligado ao legado de constituição do termo "Buldung", como projeto nacional alemão de construção, consolidação e desenvolvimento da cultura alemã e seus desafios de legitimação nacional como Estado. A proposta aqui se concentra em nuances da pesquisa de Warburg, proponho visualizar-las como aberturas europeias para uma imagem de pensamento outra, que atravessa e sobrevive, instancias estéticas, identitarias e de memorias culturais através de uma nova técnica de leitura iconológica baseada no movimento, na gestualidade.

Para Warburg, a imagem poderia ser percebida como uma reminiscência, por meio da qual ele institui uma ligação permanente entre culturas aparentemente distintas e processos históricos de conexão e tensão, entre apagamentos, dominações e apropriações interculturais. Desta

maneira, as imagens estariam aptas a refletirem a cultura ou a serem refletidas por ela, mas principalmente, revelando a continuação, o reflexo ou o embate entre expressões políticas e sociais, na medida em que o processo de globalização, intensificado midiaticamente e informacionalmente, choca tempos e localidades heterogêneas.

Ao estudar processos de apropriação de interfaces de organização do conhecimento, é possível analisar estratégias de interferência da política social na memória cultural, culminando nas ideias contemporâneas de arquivo, como hoje podemos referir por tecnologia de interface mediada por dispositivos audiovisuais (OLIVEIRA, 2016, p.1). Com o mundo digital, arquivos e coleções agora podem ser mantidos e acessados pelas redes distribuídas, como também retrabalhados como apenas fragmentos resgatados para a constituição de outros arquivos e coleções de coisas e imagens. O Atlas Mnemosyne se configura como um conjunto de elementos (sintomas) criando um "dispositivo mnemônico" que gera conhecimento, fornecendo a base teórica para o desenvolvimento da pesquisa e de aplicações em diferentes projetos, como registrado pelo livro "Atlas como metodologia de mapeio comum", referenciado no estudo[25].

O pensamento pela montagem propõe uma forma aberta de conhecimento por relações, por associações não lineares de ideias, por "afinidades eletivas", como diria Benjamin, ou pela "lei da boa vizinhança", como na biblioteca de Warburg. Uma forma de conhecimento processual construído pela própria prática experimental, na ação mesma de montar/desmontar/ remontar, que se abre ao acaso – o "acaso objetivo" dos surrealistas. Warburg dispunha os livros nas estantes sem recorrer a nenhum método de sistematização biblioteconômica, mas a um sistema que respeitava um critério pessoal que ele chamava de "lei da boa vizinhança". Assim, os livros de astrologia estavam próximos aos de astronomia; alquimia perto de química etc.

A organização peculiar de Warburg atingiu seu ponto máximo de sofisticação institucional próximo de sua morte, quando um edifício fora construído especialmente para abrigar sua coleção. No sistema por ele engendrado, com a participação de seus colaboradores, dividia os livros em quatro andares, obedecendo à ordem:

1º. andar: Drômenon (Ação)

2º. andar: Wort (Palavra)

3º. andar: Bild (Imagem)

---

[25] Cf.: De Soto, P.; Delinikolas, D.; Dragona, D.; Senel, A. and Lama, J.P., 2015. Mapping the Urban Commons: A Parametrical and Audiovisual Method. *V!RUS*, São Carlos, n. 11. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus11/?sec=7&item=1&lang=en>. [Acesso 10/11/18.

4º. andar: Orientienrung (Orientação)

Uma forma de pensar em movimentos, forma-movimento enquadrada e montada, que atuam pelas diferenças, pelas multiplicidades; um pensamento em transformação permanente que recusa qualquer síntese estática conclusiva e assume a incompletude como princípio movente e produtivo. Da ação de se resgatar, colecionar e exibir, à orientação provocada pelo acúmulo e pela comparação de palavras às imagens, se constitui o caráter organizativo e filosófico de Warburg. O conhecimento pela montagem fora uma resposta das vanguardas modernas[26] aos excessos da própria modernidade, de sua cientificidade "positivista", da ideia de desenvolvimento linear e progressivo e, também, fora uma resposta contra os diferentes fechamentos metodológicos e formalistas. [27]

Pensar por montagens, como diz Didi-Huberman, seria tornar "visíveis as sobrevivências, os anacronismos, os encontros de temporalidades contraditórias que afetam cada objeto, cada acontecimento, cada pessoa, cada gesto" (2012). O conceito de *imagem dialética*, em Walter Benjamin, a partir da concepção de *imagem crítica* elaborada por George Didi-Huberman. Pensar por montagens significa pensar pelo choque de tempos heterogêneos, pelas heterocronias – o que Benjamin chamou de "energias revolucionárias do antiquado" e Warburg de "fóssil em movimento". São constelações cheias de tensões que podem conter e expressar muitas temporalidades.

> Nesse sentido, não é propriamente um conceito instrumental, mas um campo reflexivo no qual a imagem possui uma amplitude cognitiva, histórica e de pensamento, sendo tratada como um "espaço de imagens", aberto, sobreposto, multidimensional, podendo ocorrer como um adensamento de tempo, como uma colagem de impressões, em relação rememorativa e dialética a uma historicidade revisitada no "agora" (BERNARDINO DA COSTA, 2009, p. 3).

Imagens podem ser organizadas e analisadas nas mais variadas formas (imagem pensamento, imagem evento e imagem técnica como desenvolveremos a seguir), em seus meios de

[26] * "A prática de montagens como forma de conhecimento ou de criação, de exposição de ideias ou de problematização de questões que emergem durante o próprio processo – que não é somente uma exposição ou ilustração de ideias já dadas, mas sim uma faísca de possibilidades não dadas – foi praticada sobretudo no período entre guerras por algumas vanguardas modernas – sobretudo pelos surrealistas na Europa e, no Brasil, pelos antropófagos – e, em particular, por uma constelação de artistas, escritores ou teóricos nos anos 1920 e 1930, como, além de Warburg e Benjamin, Sergei Eisenstein, no cinema; Bertold Brecht, no teatro; ou Georges Bataille, na literatura; entre vários outros. No Brasil, Oswald de Andrade, na literatura; Tarsila do Amaral, na pintura; ou Flávio de Carvalho, na arquitetura e outras artes, para citar alguns dos mais importantes do movimento antropófago brasileiro" (JACQUES, 2018, p. 219).

[27] Cf.: LEÓN, Christian. Imagen, medios y telecolonialidad: hacia una crítica decolonial de los estudios visuales Image, Mediums and Telecoloniality: towards a Decolonial Criticism of Visual studies. Instituto de Estética - Pontificia Universidad Católica de Chile. AISTHESIS Nº 51, p.: 109-123, 2012.

reprodução, e possuem conteúdos informacionais que podem contribuir para o melhor entendimento de determinados grupos, épocas ou períodos distintos. Tem-se, portanto, uma dimensão histórico-crítica que transborda a produção e a recepção de imagens em uma colagem de saberes que emerge no presente. Benjamin apresenta a imagem dialética em uma passagem:

> O índice histórico das imagens diz, pois, não apenas que elas pertencem a uma determinada época, mas, sobretudo, que elas só se tornam legíveis numa determinada época. E atingir essa legibilidade constitui um determinado ponto crítico específico do movimento em seu interior. Todo o presente é determinado por aquelas imagens que lhe são sincrônicas: cada agora é o agora de uma determinada cognoscibilidade. Nele, a verdade está carregada de tempo até o ponto de explodir. (...) Não é que o passado lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é a dialética na imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal, a do ocorrido com o agora é dialética – não de natureza temporal, mas imagética. Somente as imagens dialéticas são autenticamente históricas, isto é, imagens não arcaicas. A imagem lida, quer dizer, a imagem no agora da cognoscibilidade, carrega no mais alto grau a marca do momento crítico, perigoso, subjacente a toda leitura (BENJAMIN, 2006, p. 505).

Como orientar-se por armadilhas potenciais da constituição do conhecimento e do uso da imagem? Seja em forma de uma *Kulturwissenschaft*, como em Aby Warburg, ou pelo conceito de *Bildung* referido por Antoine Berman, uma "prática de montagem", como em Eisenstein, "um alegre saber à altura de seu próprio não saber", como em Bataille, em sua revista "Documents", ou em forma de um "trabalho das passagens" (Passagenwerk), como em Walter Benjamin? Atravessando os postulados de Aby Warburg e Walter Benjamin, entre outros, este texto argumenta que a informação, a imagem ou o arquivo não são um simples recorte praticado no mundo dos aspectos visíveis. É uma impressão, um rastro, um traço visual do tempo que quis tocar, mas também de outros tempos suplementares – fatalmente anacrônicos, heterogêneos entre eles – que, como arte da memória, não cessa de se produzir, se indagar e formar composições.

O conceito de Nachleben der Antike (sobrevivenca da antiguidade), Audruck (expressão) ou Mnemsyne, formam fronteiras entre disciplinas. A biblioteca procurava estabelecer ligações em uma "ciência sem nome" por seus espaços de questões, um local para documentar problemas, uma rede complexa em cujo ápice encontrava-se a questão do tempo e da história/metamorfoses de um questionamento incessante do percursos e "locais" da biblioteca. Efeitos de deslocamento produzidos pelos centros de conhecimento instigam a experiência de pensamento a perpassar fronteiras em um trabalho incessante de sua recomposição. Uma História fantasmal como Warburg envocava em suas pesquisas, considera o arquivo como um vestígio material do mundo dos mortos e a decifrar documentos de arquivos, trata-se de resgatar

o timbre dessas vozes inaudíveis: vozes de desaperecidos, vozes deitadas, ainda redobradas, na grafia simples ou nas construções particulares de um diário intimo do Quatrocentos, exumado do *Archivio*. Imagens como aquilo que sobrevive de uma população de fantasmas, cujos rastros mal são visíveis mas que se disseminam por toda a parte: em registros multi-linguagens como na data de nascimento, em cartas comerciais, no detalhe de vestuários, etc.

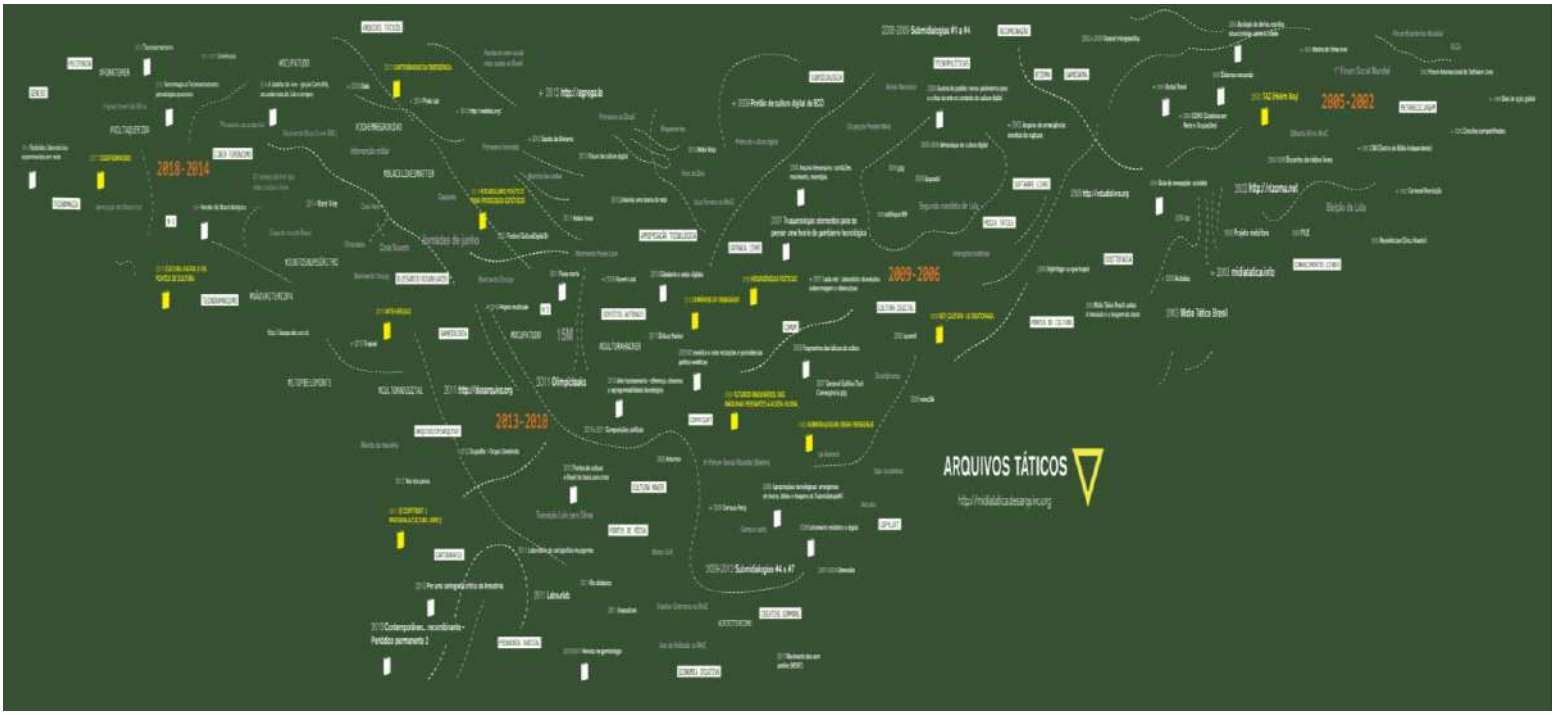
2. 4 Estudo de campo 2: Projeto "Arquivos Táticos"

Arquivos Táticos foi organizado e montado na exposição Arte-veículo (quinta 30/08/18) no Sesc Pompéia onde realizaram encontros e oficinas em sua programação pública. *Arquivos Táticos* é um laboratório proposto por Giseli Vasconcelos, Tati Wells (midiatatica.info) e Cristina Ribas (desarquivo.org) que buscam acessar e discutir a produção de conceitos culturais através das ligações entre movimentos sociais e o desenvolvimento de culturas em redes na produção do que chamam de *mídias táticas*. O objetivo é identificar caminhos para o pensamento, estratégico e tático, na ativação de redes e agregando novas perspectivas ao sentido e uso ativo de se arquivar. Junto às análises das mutações tecno-políticas ao longo das últimas décadas no Brasil, o projeto constrói cartografias críticas, históricas e documentais, indexando também literaturas acadêmicas acerca da cibercultura em transformação.

A cartografia neste projeto é pensada como uma metodologia de pesquisa, bem como uma forma visual que contribui para o compartilhamento dessa história. A visão do projeto parte da cartografia em sua complexidade junto ao contexto político com o objetivo de intervir no presente e pensar futuros emergentes. Usando a cartografia como método de pesquisa configura-se como uma agência coletiva, inaugurando espaços para uma série de análises e abordagens de práticas sociais em uma polifonia de experiências, traços, vozes, realidades, riscos, invenções, etc. Em um dos vídeos Cristina Ribas conta mais sobre como pensamos a cartografia visual neste processo de pesquisa com formas de pensar e fazer coletivamente a cartografia:

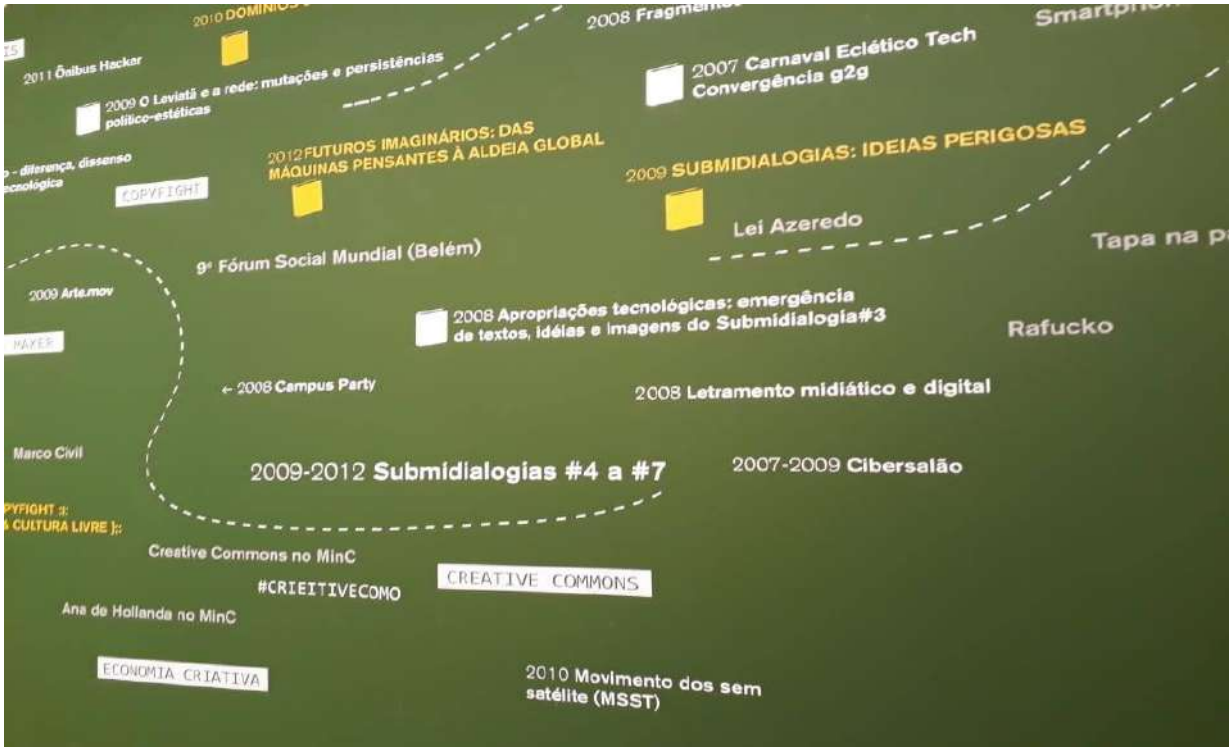
> Podemos pensar a cartografia como ferramenta de coprodução da subjetividade, desse ser no mundo, em seu caminho, em sua jornada. E também pode ser usado nesses processos coletivos para mostrar uma série de processos e produções que esses indivíduos desenvolvem. Nem toda cartografia necessariamente se torna visual, a cartografia pode se tornar visual se fizer sentido para um processo, desdobrando-se de uma pesquisa, de uma necessidade – como é o caso aqui. Decidimos usar a cartografia como método de pesquisa que permeia nossas vidas, nossos caminhos, como produtores, desenvolvedores, não artistas, artistas, arquivistas das redes de produção

digital, da internet, das mídias táticas, do conhecimento livre, assim entendemos nossa experiência como inseparável da pesquisa[28].



Link para o mapa: http://midiatatica.desarquivo.org/rizoma-net/?fbclid=IwAR0BKhPz_nHvV4ZKwX3MrDdvzUSGD3SSeBa2h2BE909uEMQ60YWazj9sgaM

Detalhes:



[28] Cf.: Artigo, link: https://midiatatica.desarquivo.org/blog/cartography-as-archive-tactical-archives/ acesso em 04/03/2022.

Figs. 47: "Sociedade Digital". Foto disponível pelo coletivo em: https://midiatatica.desarquivo.org/ acesso em: 28 mar, 2022.

A cartografia (e o arquivo) que organizamos é, portanto, uma expressão semiótica das redes que construímos e que nos sustentam em processos e modos de existência. A pesquisa coloca em estado de 'suspensão' dedicando-se a dissertar não a partir de um objeto de autoria própria, mas de um arquivo realizado coletivamente. Por meio de uma arqueologia, o objetivo da pesquisa é investigar o arquivo como um agenciamento em arte, a partir da elaboração crítica dos diversos conceitos que ele engendra: arquivo, documento, obra literária e acadêmica, evento, ruptura, emergência. Com isso, investiga as condições de aparição, presença e uso de arquivos e suas referencias na atualidade. Em outra entrevista decorrem mais sobre o conceito de cartografia[29]:

> Reconhecer, retratar, traçar rotas conjuntas, a arte da informação, transmuta-se em subjugar, re-escritura de nomes e significados, cerceamento, a guerra da informação – "mapear territórios e recursos a serem posteriormente explorados pelos que detém as ferramentas e técnicas de produção de riqueza (…) garantindo formas de dominação de uma sociedade sobre a outra".[2] Em nome do desenvolvimento e sua adição por petróleo, patrimônios territoriais e patentes culturais, metais, árvores, grãos e carne, esportes e turismo predatório, se dá o des-envolvimento com o ser vivo. Micro-guerras em todo o lugar. O mapa como ponto de partida.
> Em exemplos mais recentes observa-se uma incorporação de ferramentas híbridas como as ruas, Internet, os mapas georeferenciados e os softwares livres. Cartografias Críticas, usadas como tática política de engenharia reversa no sistema, propõem uma

[29] https://baobavoador.noblogs.org/post/2011/09/25/372/

descolonização de saberes, um resgate de territórios e memórias paralelos à visualização das lutas vivas locais, unindo-as sob novas vizinhanças globais, num outro exercício de poder. É também um transbordamento do movimento da Geografia Crítica nos anos 70 com a difusão do livro "Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra." de Yves Lacoste[3], de 1976 , fundindo-se definitivamente aos movimentos sociais, e adquirindo outros nomes como Geografia Radical, onde destaca-se para nós e para toda a América ancestral, o pensamento de Milton Santos[4], com a re-emergência da vivência na prática cartográfica. É interessante notar, que é também do mesmo ano de 76 a Declaração de Bogotá ao direito internacional ao espaço. [5]

É em nome desses eventos esportivos para o fora, neo-colonizantes, ou catastróficos, pós-colonizantes, que estão sendo construídos parques, áreas de lazer, corredores viários, estacionamentos, museus, legalizando a forçosa expropriação de propriedades ocupadas de forma autônoma por grupos de indivíduos já excluídos da possibilidade de moradia plena, moradores de áreas uma vez abandonadas da cidade, e que com seu adensamento e idéia atomizada de futuro cresce como uma vertiginosa estética, cidades maquiadas de muros e vendidas como infopornografia – através de câmeras pode-se acompanhar real time as obras. Adicionada à forma bruta com que revela-se a violência institucionalizada cotidiana que destrói lares, vivendo agora sua quarta guerra mundial, como preconizada pelos Zapatistas [8], uma guerra civil de nossos governantes contra a população pobre, nós mesmxs.

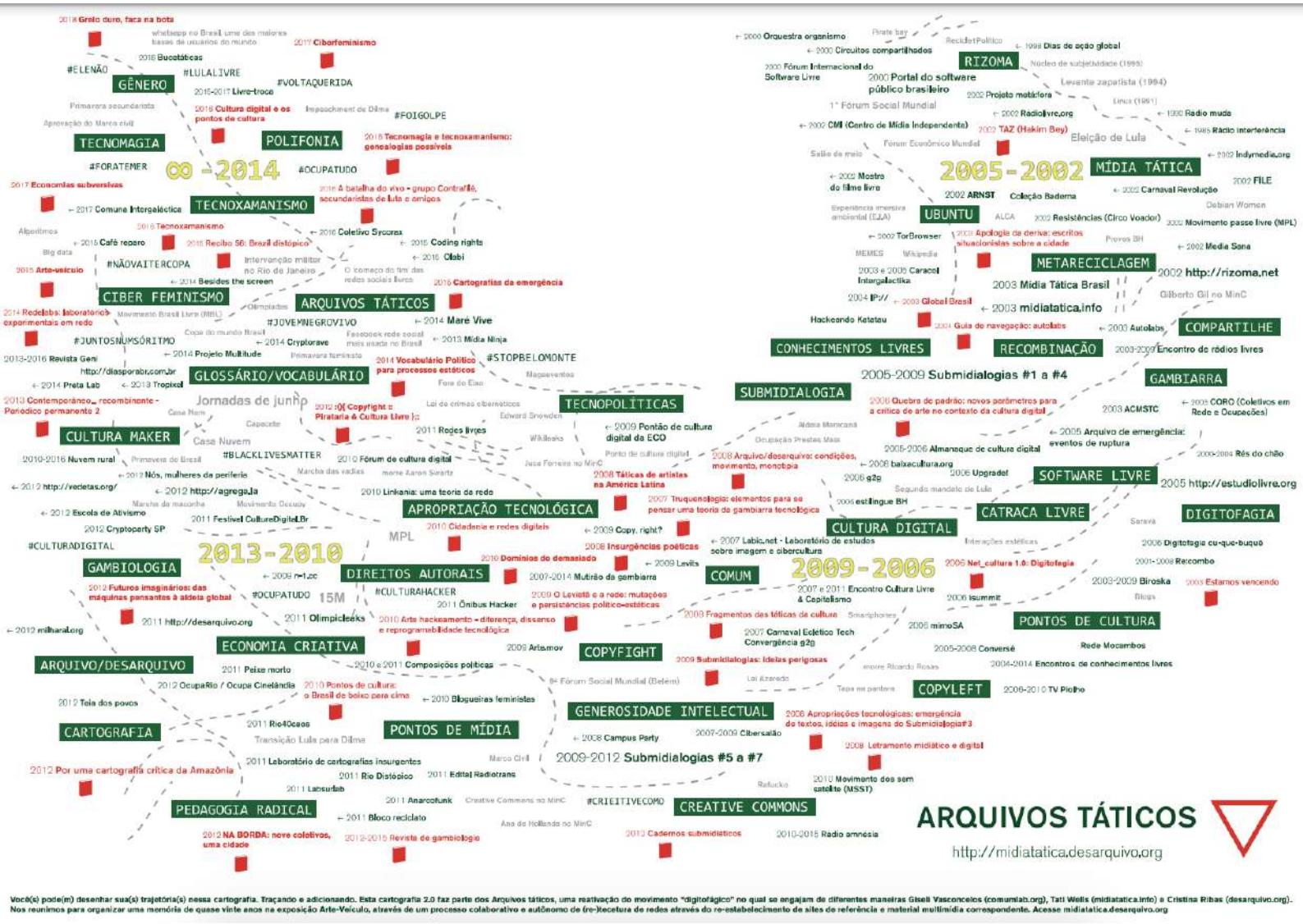


Fig.48 : "Mapa Brasil digital". imagem: mídia tática.

Capítulo 3

Trauma Cultural, decolonialidade e neodocumentalismo

Relacionando a crítica dos arquivos no debate decolonial com a apropriação social da produção do conhecimento, levantam-se evidências da violência traumática na constituição simbólica de identidades, memórias, visibilidades e modos de vida sociais e culturais por meio da produção de arquivos e documentos subjugados pelo sistema colonial na modernidade. As contribuições psicanalíticas de Lacan sobre o trauma individual, ajudam a apoiar perspectivas sobre as formas de relatar e constituir o conflito entre o psicológico e o sociológico, no desenvolvimento simbólico dos dispositivos de arquivo e conteúdos de linguagem. A abordagem decolonial é apresentada como uma análise política da formação do arquivo e do conhecimento em suas relações sociais de poder e sua construção da história social, trazendo a análise do trauma a contextos sociais. Os aspectos biográficos e performáticos posteriormente apresentados, complementará a perspectiva decolonial no que se denomina “neodocumentalismo”, no campo da Ciência da Informação, como poder ficcional que afirma intensidades reais de processos expressivos históricos.

> Um arquivo pode ser em grande parte sobre "o passado", mas é sempre "relido" à luz do presente e do futuro: e nessa reprise, como nos lembra Walter Benjamin, sempre surge diante de nós como um momento de perigo (HALL, 2001, p. 92).

A crítica decolonial tem desenvolvido o debate pós-colonial com foco nos arquivos do conhecimento e na memória social, uma vez que se propôs a ir além da racionalidade epistemológica baseada na herança colonial, evidenciando a condição ainda de colonialidade e modernidade na globalização contemporânea. Os documentos legitimados e administrados por instituições coloniais e oficializados por escritórios e então, para pesquisadores de História, agora se depara com a crítica descolonial a reivindicação por relatos esquecidos e silenciados, histórias fragmentadas, arquivos pessoais, etc. Qual é o futuro dos arquivos coloniais nas nações pós-coloniais e como devemos repensar esses arquivos em relação à futuros decoloniais?

O arquivo configura-se como estrutura estrutural e passageira de proto-documentos e memórias, se configurando em uma variedade de contextos (inter) disciplinares. Esta "virada arquivística" deve-se, em parte, a uma contribuição foucaultiana para a análise política do arquivo, como um artefato e como diapositivos, para a produção de conhecimento. Essa dupla injunção produz tanto a interface em que se inscrevem as referências do conhecimento, como também se investe como espaço de construção narrativa simbólica para a produção social. Essa

mudança epistêmica sinalizou uma mudança de complexidade na pesquisa acadêmica dos arquivos, seus sistemas e reflexos culturais.

O arquivo, podemos dizer, permite acessos aos traços do passado no presente e, ao fazê-lo, modula futuros. O desenvolvimento institucional do arquivo, seus usos e organizações, constitui esforços sóciopolíticos e econômicos para fortalecer investigações do conhecimento. A contribuição dos arquivos para o 'desenvolvimento da sociedade' foi reconhecida e está em primeiro plano por agências internacionais como a UNESCO. Notamos, por exemplo, a definição de valor arquivístico articulada na declaração universal sobre arquivos adotada pelo Conselho Internacional de Arquivos e endossada pela UNESCO em 2011:

> Arquivos registram decisões, ações e memórias. Os arquivos são um patrimônio único e insubstituível, passado de geração em geração. Os arquivos são gerenciados desde a criação para preservar seu valor e significado. Eles são fontes confiáveis de informação que sustentam ações administrativas responsáveis e transparentes. Eles desempenham um papel essencial no desenvolvimento das sociedades, salvaguardando e contribuindo para a memória individual e comunitária. O acesso aberto aos arquivos enriquece nosso conhecimento da sociedade humana, promove a democracia, protege os direitos dos cidadãos e melhora a qualidade de vida. (International Council on Archives, 2011, np.)

Autores decoloniais apontam os arquivos como 'interrupções' ou 'intervenções', privilegiando não tanto o aspecto legislativo de tais instituições, mas suas capacidades transformadoras. Na verdade, o conceito de arquivo decolonial deve privilegiar a "desobediência epistêmica" para gerar liberdade decolonial (MIGNOLO, 2011). As observações de Stuart Hall (2001) sobre o arquivo também não enfatizam sua lógica classificatória e taxonômica, mas, em vez disso, o celebram como uma instituição "viva" que é, por definição, incompleta e aberta para o futuro.

As análises de Derrida sobre a dualidade do arquivo emaranham essa estrutura complexa e intrínseca, mostrando tanto a pulsão de morte quanto a pulsão viva que constituem seus sistemas e a necessidade de lembrar e preservar. Este ensaio apresenta repertórios de psicanálise de Freud e lacaniana de Derrida na discussão dos arquivos e como os arquivos coloniais estão sendo reconfigurados para imaginar futuros democráticos ou totalitários. Autores decoloniais têm situado a discussão da abertura dos arquivos nas esferas públicas para uma abordagem democrática e transparente para o desenvolvimento institucional cívico. A micropolítica de criar e expressar arquivos é tanto contingências para a macropolítica de dominação e sua classificação administrativa quanto de expressões imanentes e performativas afirmações de narrativas críticas e diferentes modos de vida.

Neste capítulo, examinamos a virada do 'neodocumentalismo' como crítica da apropriação social de registros, arquivos, documentos e memória social no trauma pós-colonial e suas

proposições decoloniais. Desde o governo colonial, relutante em abrir seus arquivos aos colonizados, o potencial democrático do arquivo permaneceu limitado. Enquanto domínio para assuntos de interesse público, o espaço público produzido pelo arquivo colonial foi ao mesmo tempo constituinte da utopia e de trauma. Primeiramente como uma importante afirmação das potências imperiais, as coleções saqueadas de áreas subjugadas como Egito ou Índia foram mostradas como conquistas domesticadas de influência estatal e relativismo racial.

Em "Ir além": para uma práxis arquivística descolonial", J. J. Ghaddar e Michelle Caswell (2019) invocam Aimé Césaire onde aponta a aproximação entre "colonização = "coisificação"", tanto material quanto psicológico, em ordenações de espaços administrativos das subjetividades daqueles que os atravessam e habitam. Os autores trazem em seu artigo um historico de pesquias acerca do pensamento decolonial no campo de discussão do arquivo:

> Começamos com Fanon e o ainda mais antigo Césaire a gesticular, ainda que vagamente, em direção às histórias profundas e genealogias formidáveis da teoria e prática da descolonização, o que Ghaddar teorizou como Arquivo Decolonial em uma palestra proferida em 25 de janeiro de 2018 em Departamento de Estudos de Informação da Universidade da Califórnia em Los Angeles. O Arquivo Decolonial refere-se aos inúmeros e entrelaçados vestígios materiais e imateriais deixados por figuras anticoloniais e movimentos descoloniais no século XX em todo o mundo (ver também Harris 2002; Samuel 2013).

Estudos arquivísticos começam a falar cada vez mais sobre justiça social no fim do século XX e a explorar temas de memória, direitos humanos, identidade, diversidade e pluralismo. Alguns exploram como os legados e estruturas coloniais complicam as reivindicações sobre a propriedade e custódia dos arquivos a levantar questões sobre a necessidade de repatriação e recuperação de arquivos. Análises políticas sobre as "posicionalidades daqueles que produzem e difundem o conhecimento" (GHADDAR; CASWELL, 2019, p.: 72) são uma pratica critica que está empenhada em desmantelar estruturas e sistemas de opressão e dominação e está orientado para a mudança futura a partir da crítica histórica, na medida em que nos ajuda a imaginar maneiras diferentes de arquivar mundos, e mundos diferentes a serem arquivados.

A ciência da expansão imperial de técnicas de compreensão e gestão social foi objeto de muitas pesquisas vinculadas ao desenvolvimento da metrópole. Sempre aquém de suas promessas fundadas nos princípios do Iluminismo e do Positivismo, o arquivo e suas bibliotecas ou museus, também são instituições utópicas (RICHARDS, 1993, p.2). Embora a utopia nunca tenha se realizado na colônia, ainda assim na metrópole, os sujeitos ainda perseguem projetos utópicos por meio da produção, vivência e incorporação de referências e sistemas arquivísticos que também se afastam daqueles associados ao domínio imperial.

A relação entre a antropologia e o arquivo já foi explorada no contexto do imperialismo. Na estrutura colonial, os chamados nativos, normalmente só podiam ser informantes ou intérpretes, mas não estudiosos, e a produção do conhecimento colonial precedeu - e informou - formatos de dados etnológicos e antropométricos coletados pela antropologia e inteligência militar. À medida que os arquivos coloniais apagam a voz dos "nativos", até que ponto a história dos subalternos ainda poderia ser escrita devido ao seu silenciamento. O autor Spivak considera a ausência de suas vozes nos arquivos perguntando: 'Pode o subalterno falar?' (SPIVAK, 1988). Neste inventário sistemático da produção de 'silêncios', os arquivos aparecem como o momento decisivo da montagem dos fatos que determinam que tipo de histórias podem ser contadas.

Ann Laura Stoler, em seu artigo "Ao longo do grão arquivístico: ansiedades epistêmicas e senso comum colonial" (2009), enfoca o debate sobre o perigo do terreno comum que as epistemologias modernas da ciência em suas evidências e o construtivismo factual para o universalismo social. O autor questiona se a construção social moderna apaga os sistemas étnicos de pensamento, produzindo, visualizando suas identidades para abrir caminho para que as relações de poder dos sistemas coloniais explorem e treinem a mão-de-obra para o modo de produção da metrópole. Stoler identificou essa mudança como uma mudança de 'arquivar como fonte' para 'arquivar como assunto' (2009, p. 44). Esta mudança ocorreu de um foco na obra como produto arte final para uma exploração processual de como e por que a arte foi produzida, do produto ao processo, e o arquivo tornou-se o meio de demonstração do "devir" da arte e do artista, podendo evidenciar e fornecer uma infinidade de perspectivas e contextos.

A abordagem neodocumental proferida por Suzanne Briet (1951), em sua leitura conceitual, afirma que tudo poderia ser arquivo ou arquivável. Não somente o que se toma como referência taxonômica já legitimada, como no exemplo de um antílope, mas também suas expressões variadas e recortadas também podem funcionar como contextos políticos onde os arquivos são produzidos em um caráter dinâmico e construtivo simbólico da linguagem. É o momento em que os dispositivos digitais, com seus comandos cada vez mais complexos, fechados e inacessíveis, parecem descolar-se dos moldes físicos, demandando a discussão da agencia no multiverso digital.

Nessa direção, cabe acentuar que os dispositivos digitais e seus sistemas invisíveis vão ganhando autonomia, enquanto diminui o espaço de ação intencional dos sujeitos da informação. Não há relato, documento ou arquivo que organize e expresse a sociedade mundializada e seus conflitos, defasagens e divergências sociais e interculturais. Como atenta Nélida:

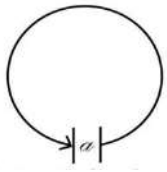
> Cada vez mais frequentemente, a pesquisa tem que se desenvolver e intervir em situações de complexidade efetiva, onde a aplicação dos critérios de validade e pertinência devem responder a situações de fragmentação e de agregação heterológica de pontos de vista, conceitos e teorias. Afirmamos, assim, que temos que pensar quais são as formas epistêmicas e sociais de um conhecimento em rede, sujeitas as condições de uma autoridade epistêmica distribuída – não só entre diversos especialistas e áreas do conhecimento científico, mas também entre diversos atores econômicos e socioculturais, implicados nas novas configurações relacionais de conhecimento e ação (GONZALEZ DE GOMEZ, 2007).

Uma lógica que infere e evidencia uma lacuna de intervalo entre a representação informacional e as essências das coisas em si, e dinamiza abordagens ontológicas tradicionais. O autor Bernd Frohmann (2009) retoma o conceito de neodocumentalismo para instigar essa aproximação filosófica e sensível da linguagem entre documento e informação, propondo evidenciar os acordos "contextuais e políticos, dos sistemas que formam documentos, arquivos e classificações, afastando das contribuições clássicas ontológicas" ao que ele se referencia ao legado de Wittgenstein, "entre pragmatismo e desconstrução" (SALDANHA, 2012, p. 4).

> O que nos parece ser aquilo para o qual o "neodocumentalismo" nos convoca é a percepção das possibilidades abandonadas por um discurso unívoco sobre a descrição do objeto do campo da OS. Neste sentido, o "neodocumentalismo" é o "antineodocumentalismo", ou seja, é fazer não viver as coisas pelo mesmo tom, mas demonstrar como podemos aprender a criar dentro da epistemologia da OS, muito antes dos discursos organizados sob a expressão "ciência da informação". O "neodocumentalismo" é a superação não apenas da "ciência da informação" e da "informação", mas, também, a superação da "documentação" e, por fim, a superação da Bibliologia otletiana. Mas, sempre com a possibilidade de inversão no percurso crítico: aprofundar o "neodocumentalismo" é provar suas raízes anteriores ao documentalismo, é mergulhar nas instituições e nas práticas modernas, renascentistas, medievais e antigas da OS, e demonstrar os desvios e os estreitos de nossa construção epistemológica. E, ao mesmo tempo, aprofundar o "neodocumentalismo" é olhar para o futuro do que chamamos "ciência da informação". Por isso identificar, aqui, "neodocumentalismo" como um "discurso", ao lado de "ciência da informação", "documentação", "biblioteconomia", tem um papel singular... – o objeto propriamente dito em sua tridimensionalidade, o documento, a carta, o mapa – que nos interessa preservar e disseminar, mas também as "colagens" que são feitas sobre o documento, na espécie de *dadaísmo simbólico* que se dá pelo uso com um só objeto no tempo (SALDANHA, 2012, p. 6).

Como Derrida argumentou, 'Não há poder político sem controle do arquivo' (1996: 11), e em nenhum lugar isso foi mais evidente do que no contexto do arquivo colonial, no qual o estado colonial detinha o monopólio da produção de conhecimento, e onde se encontra a demonstração mais explícita do poder arquivístico que representa uma 'quebra da democracia' (DERRIDA, 1996, p. 11). Como Hall também argumenta (2001, p. 92): "o arquivo é sempre 'relido' à luz do presente e do futuro", pois tais releituras constituem uma 'reprise' arquivística onde momentos de perigo que podem subverter a intenção 'arquivizante', mesmo ao invocar a própria autoridade do arquivo.

Estudos que impulsionam imaginários arquivísticos e práticas educativas em novas direções nos encorajam a pensar mais profundamente sobre o que seriam práxis da descolonização, não só como oposição dualista da pratica imperialista, mas como criação emergente de formas outras de organização e produção (e apropriação) social. Pode-se dizer que latente dentro do arquivo está a própria dissolução do arquivo, mas também seu renascimento. A abordagem do neo-documentalismo encontra a fronteira da política decolonial ao criticar o arquivo e sua produção, disputando fronteiras apagadas e reificadas para revelar poderes, ideologias, verdades, o oculto, etc., em expressões inéditas e criativas do arquivo, sendo o exercício da arte, seu elemento poético atualizador de (im)possibilidades.



3.1 Contribuições psicológicas: Arquivo, trauma e violência

A prática ética de se produzir constitui um elemento crítico e intrínseco à produção humana em formações sociais dinâmicas, principalmente de identidade, aceitação social, etc. A interação simbólica em produzir, arquivar, criar ou lembrar partes, fatos ou momentos constitui experimentação elementar a desenvolver e expressar conhecimento. A utilização do arquivo se dá sempre em um instante abstrato, entre a necessidade de lembrar e a atualização da memória através do objeto referente.

A estetização homogênea de uma interculturalidade global propicia, como Canclini afirma, "uma solidariedade abstrata, global, que desfaz a especificidade dos contextos da exploração do sujeito" (2012, p. 178). Esta forma de representação não consegue anular diferenças e desigualdades, se encarregando de identidades nacionais étnicas, sem assumir as fendas e as contradições. A criação artística não compete intrinsecamente com os ritmos da mídia e da informação que falta; e sim, as constrói pelas lacunas e intervalos, espaços onde podemos ver e pensar de outros modos. Em termos de representação, as redes de relações em suas referências se multiplicam, recriando documentações e agências próprias, assim como identidades legitimadas diversas.

O inconsciente como produtor de rastros e restos, como uma força de anti-apagamento, criador de anarquivos, é tema decorrido por Derrida. O autor explora na psicanálise o arquivo como projeto científico e artístico, no qual o inconsciente está em um campo de memória em formação e disputa em conflitos processuais. A perturbação como força de acontecimento expõe

dualidades estruturais, sendo que aquilo que é mais traumatizado na história e não representado, retorna potencialmente às dinâmicas de narrativas do poder político histórico.

Esquecimentos, apagamentos e ausências também permitem a renovação, a reinvenção, o dinamismo e a recriação da história e da própria memória – o que Derrida acrescenta "um mal de arquivo" (DERRIDA, 2001). Não vivemos da mesma maneira quando arquivamos de outra maneira. As estruturas arquivantes, na constituição do conteúdo de certo arquivo, perpassam por modos de arquivamento, manutenção, resgate e usos. Mover e deslocar as estruturas e usos do arquivo desfazem o sentido do *arquivável* para o *arquivante*, de um colecionismo representativo para desenterrar fluxos intensivos dos intervalos sublevados, como um procedimento de construção para uma outra relação política com o futuro histórico, que é de fato uma relação com o presente em seu devir, conflitivo e constituinte.

A psicanálise, como abordagem transdisciplinar para a ciência do arquivo, como aponta Huberman, propõe uma escavação profunda, como arqueologia e arquivologia de si, retomando Foucault para ressaltar conjecturas políticas e constituintes. A produção de arquivos de si e da sociedade se configura como processo intrínseco da construção da memória, de afetos e sensibilidades, modos imaginados e possíveis de vida etc. A relação com o tempo, através de dispositivos eletrônicos e práticas psicanalíticas, gera sistemas, interfaces e objetos que nos propiciam conectar, criar e compor o próprio espaço constituinte assim como as ferramentas de montagem e análise.

No aspecto psicanalítico, Lacan desenvolve o conceito de Real como algo que sempre retorna ao mesmo lugar para o sujeito - o retorno ou a insistência dos signos -, mas que nem sempre o sujeito pode encontrá-lo ou processá-lo. O trauma está, assim, ligado a um Real perdido cujo encontro se torna problemático pela falta ou impossibilidade de tradução simbólica. Trauma é inferido como algo difícil de apreender como evento nomeado, classificado, previsto, mas que retorna em eventuais incompatibilidades sociais e reais.

Lacan (1964) traduz o Tiqué aristotélico pelo encontro com o real contingente, que está além da insistência dos signos ordenados (isto é, está além do chamado autômato). O autômato se traduz como uma rede de significantes, por meio da qual algo se repete, na medida em que é submetido ao princípio do gozo. Em outras palavras, o autômato corresponde ao desdobramento automático na cadeia significativa. No sistema colonial, tais operações simbólicas foram operadas e sistematizadas mais intensamente em modelos de nomeação e exclusão nos vários aspectos da vida colonial, como nos primeiros experimentos de laboratório biopolítico. A metrópole controla e produz o autômato como código simbólico de linguagens e costumes,

induzindo e produzindo uma normalidade mais aderente às condições da realidade colonial, remetendo à produção capitalista, escravista e eurocêntrica do racismo e da modernidade.

A violência poderia então ser suprimida por meio da união institucional e legal de vários indivíduos, mas esta nova forma de poder ainda é violência. Uma transversalidade espectral da força institucional é produzida como padrão de normalização e controle administrativos do que é aceito e combatido. A evidência da violência e opressão constituintes é o foco da *práxis* decolonial e a falta de percepção da estrutura de violência inerente é a causa do trauma social. Simondon afirma através do sujeito *transindividual* como proposta operante de de atuação e percepção do sujeito agente, não apenas receptor mas também como criador de transversalidades constituintes.

Em Lacan, o trauma é entendido como a entrada do sujeito individual no mundo dividual simbólico, não como um acidente de falta na vida do falante, mas como evento constitutivo movente da subjetividade. Assim, nesta parte da obra, examina-se a contribuição que Lacan estabelece entre as noções de trauma e significante, bem como pela ideia do trauma como encontro incerto com o Real. Segundo a leitura de Lacan, é na aproximação de elementos traumáticos, fundados em uma imagem desintegrada sobre a qual o sujeito não tem controle, que os lapsos se produzem na síntese da história do falante.

Surtos de sintomas inconscientes produzem descontinuidades na vida psíquica, atribuíveis ao retorno do reprimido. Eles correspondem ao que Freud chamou de descontinuidades na cadeia motivacional consciente do sujeito. Essa lacuna entre o desejo de um objeto nomeado e o processo de retorno no qual ele se realiza é onde o trauma pode se desenvolver. É nessa incompletude do gozo do processo desejado para adequar e devolver as premissas nomeadas pelo objeto-desejo que deriva a febre do arquivo, bem como as crises de representação.

A noção tradicional da psicanálise é que por causa de alguns obstáculos internos que você internalizou (como excessivamente identificado com proibições paternas ou outras proibições sociais), você não pode se libertar para desfrutar. Prazer e prazer são acessíveis a você apenas por formas patológicas de sentimento de culpa, desejo romântico, status social e assim por diante. A abordagem da psicanálise permite que você perceba essa proibição interiorizada, de modo que lhe permite desfrutar mais espontaneamente, sem fortes influências externas reificadas. O problema hoje é que o mandamento das ideologias dominantes (colonial e capitalista) produz e administra formas de ordenação de formas muito complexas: pode ser o gozo sexual, o gozo da mercadoria de consumo até o gozo espiritual como “realizar-se”. O problema não é como se livrar de suas inibições e ser capaz de desfrutar espontaneamente, mas como se livrar dessas injunções de desfrutar, amplificadas por imperativos e restrições sociais.

O gozo costuma ser vivido como “transgressão”, mas em seu estado mais íntimo é algo imposto, ordenado, sempre seguindo uma determinada injunção. Em psicanálise, essa injunção é chamada de superego. A civilização precisa do descontentamento para se estabelecer como normal para que o gozo possa trabalhar nesse excedente, constituinte do excesso. Se subtrairmos o excedente, perderemos o prazer em si, assim como o capitalismo, que sobrevive apenas revolucionando incessantemente suas próprias condições (i) materiais de produção. Esta então é a homologia entre a mais-valia, a causa que põe em movimento o processo capitalista de produção, e a mais-fruição, o objeto-causa do desejo. Os conceitos lacanianos de fantasia, *objeto petit* a e excesso de prazer corroboram com a teoria do fetiche da mercadoria de Marx e também ajudam a compreender novas formas de racismo, xenofobia, trauma social, exploração colonial e violência ficológica.

O arquivo funciona como testemunho de evidência social e também como traço de produção social de injunções. Funciona tanto na educação quanto na censura. O fetiche semiótico capitalista da mercadoria transborda as referências e ilusões da realidade, acelerando a infoesfera, saturando-a com mais signos, mais simulações em um processo de significação do mundo - mais informação menos sentido. Esse movimento é alimentado pela reterritorialidade da mercantilização. O tempo recombinado da rede global passa pela dinâmica da produção e do trabalho, desterritorializando subjetivamente referências sociais e de realidade. Essa inflexão da informação e de suas contingências da realidade produz a patologização da esfera psíquica em injunções psicológicas do desejo.

Em 'Archive Fever', Derrida está preocupado não apenas com a insegurança mnemônica do conceito de arquivo, ele está preocupado com as repressões, supressões do arquivo que procuram excluir os fantasmas traumáticos que ameaçam retornar do arquivo (DERRIDA, 1996, p. 91). Como Freud mostrou, para que o recalque seja possível, deve haver um primeiro núcleo de recalque, que, embora não pareça existir, permanece em algum lugar e clama por todo o recalque subsequente. Na interpretação de Lacan, o recalque original é exatamente o momento em que o simbólico se estabelece, deixando muito de fora, incluindo uma relação mais imediata com o corpo - um intrínseco performativo e biografia.

Portanto, produzir arquivo é produzir-se em seus fragmentos, decifrando e desenvolvendo valorações simbólicas que expressem seus desejos e potências. A produção apagada e violada das narrativas de populações subjugadas pelos sistemas coloniais ainda enfrenta desafios de identidade e subalternidade na economia geopolítica, produzindo novas emergências de traumas.

A política decolonial inferida pelo neo-documentalismo, com seu âmbito biográfico e performático de reencenação, busca introduzir críticas evidenciadas pelos Tiqueé no encontro com o contingente real. Os sistemas de significantes normalizados e automatizados pelos poderes constituintes sociais, o autômato, são então postos em xeque por sua crítica. O real contingente, evidenciado por Lacan, se constitui como um campo de ação onde a história pode ser reescrita ou mesmo desdobrada em suas complexas ramificações, pontos de vista e verdades paradoxais, revelando poderes constituintes, intenções e violências. As propostas da psicanálise para pensar o sujeito podem deslocar e redirecionar as formas ordinárias de conceber o sujeito político e analisar as linhas de tensão que cruzam o espaço social e ajudam a modelá-lo.

3.2 **Biografia e Performance: inflexões decoloniais**

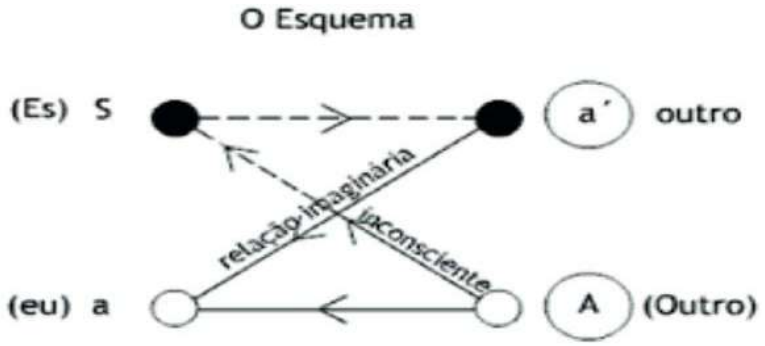


Figura 1. Esquema L (Lacan, 1985, p. 142).

Da raiz grega de *Archon*, infere-se à casa do Chefe de Estado, o que remete à noção de arquivo como uma referência cultural patriarcal e patrimonial de documentos e objetos visíveis e resguardados na organização exibidos como prêmios de conquista. Arquivar legados de apagamentos reprimidos, não ouvidos, esquecidos ou violentos, impõe difícil tarefa e desafio para aqueles que lutam por se posicionar em sua defesa de identidade, história, saberes e modos de vida.

A luta social pelos direitos populares é uma questão política que pode ser realizada como uma cena cultural para afetar os outros e recolher, introduzir e talvez intervir na memória e na construção e criação de histórias coletivas. A solidariedade e a empatia, assim como o ódio e a repulsa são intrínsecas à dinâmica social de se configurar por meio de relações externas de materialidade, psicologia e comunicação simbólica. Visto como Capurro como instância ética

e emancipatória no paradigma epistemológico dos aspectos físicos, cognitivos e sociais da informação:

> o conceito epistemológico de informação põe em jogo processos de informação não humana, particularmente em física e biologia. E vice-versa, os processos psicológicos e sociológicos de seleção e interpretação devem ser considerados a partir de parâmetros objetivos, deixando de lado a dimensão semântica ou, mais precisamente, considerando parâmetros objetivos ou situações de interpretação (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p.150).

O arquivo conjuga um resto que quer ser resgatado do desaparecimento. Essa rememoração é uma lembrança performada que pode causar lembranças e afetos do que é, pode ser ou foi. Realizar uma memória é reencenar um acontecimento como em sua abertura fenomenológica e psicológica para outras possibilidades de conexão e alteridade. Lembrar e inserir o corpo presente como um dispositivo de memória pode ser uma tecnologia de arquivamento como sua relação com a arte e a contingência social. O corpo biográfico pode contar histórias performando espaços sociais e ser comprovado na produção de conhecimento, bem como ser testemunha de se tornar sujeito e agente. A dificuldade de compreensão pública dos níveis de nuances da disputa social marca a importância de intensificar as críticas à relação entre educação, ética da informação e suas disputas históricas.

A abordagem positivista da representação sinaliza o futuro como representação do passado. A abordagem decolonial afirma o presente atuando no passado-presente, marcando uma virada metodológica. A instabilidade da produção do arquivo dinamiza suas linguagens e mitos do mundo sensível definindo uma fronteira entre o fugaz e o efêmero da performance versus a estabilidade e permanência que o arquivo clássico e a produção de conhecimento o afirmam.

Os conservadores da violência colonial e da história enfrentam novos níveis de revolução destruída emergindo de uma periferia instável que sempre teve dificuldade em exigir justiça para sua própria história de perseguição e exploração. Novas formas de compreender arquivos, história e memória emergem e encaminham teorias de atuação e intervenção, enquanto os conceitos de performance proliferam e permitem um foco crítico e ativação do resíduo arquivístico.

A abordagem neo-documental dada por Suzanne Briet (1951) para a produção de arquivos, em sua radicalidade conceitual, afirma que tudo poderia ser arquivado ou arquivável. Não apenas o que é tomado como forma taxonômica e referência já legitimada, como no exemplo de um antílope, mas também suas expressões variadas e recortadas também podem funcionar como contextos políticos onde os arquivos são produzidos em um caráter complexo simbólico dinâmico e construtivo de multi- línguas.

A ontologia das imagens em movimento, performando e tornando-se outro, outros, arquivos coreográficos e a sua organização e representação do conhecimento. Essa ativação da multirrepresentação é a principal afirmação do conceito e das práxis decoloniais. O acontecimento de um evento provoca a experiência de uma memória temporal e não apenas a classificação de um evento em sequências de fatos. A descoberta do subalterno, assim como do ser colonial, infere o paradoxo do perigo da alteridade onde a descoberta dos “outros” já é um genocídio. A arte se propõe a pensar esse "outro" corpo fora desses regimes de identidade construídos por dualismo, colonialismo, orientalismo, racismo, etc., criando contextos sensíveis. Peggy Phelan reflete sobre a natureza ontológica da performance:

> A única vida da performance está no presente. A performance não pode ser salva, registrada, documentada ou de outra forma participar do cálculo das representações das representações: uma vez que o faz, torna-se algo diferente da performance. Na medida em que a performance tenta entrar na economia da reprodução, ela trai e diminui a promessa de sua própria ontologia. O ser do desempenho ... torna-se ele mesmo através do desaparecimento. Permanecendo sem vestígios dentro das ideologias do capital (1993, p. 146)

A performance é antitética em sua documentação por causa de sua natureza de desaparecimento, resistindo à “hegemonia ocular” dos vestígios visíveis e vigiados deste arquivo. Ambos, arquivo e performance, se materializam por meio do desaparecimento à medida que o próprio arquivo se torna uma performance social de retroação. A disputa da noção de efemeridade na performance é uma discussão conflituosa, já que o arquivo só pode ser consertado por uma performance social de valor, memória, patrimônio, etc. Diana Taylor se pergunta:

> De quem as memórias, tradições e reivindicações da história desaparecem se as práticas de performance não têm o poder de permanência para transmitir conhecimento vital? (TAYLOR, 2003, p. 21)

Outra dimensão da linguagem que a performance enfrenta, ao escrever epistemologias, é o marco em que as noções metodológicas embutidas na cultura como documentos, gravações, mapas, textos e outros materiais aparecem e são usados na história. O conflito não é apenas a linguagem escrita versus a linguagem falada, mas o arquivo estático versus os repertórios de práticas de conhecimento incorporadas e distribuídas. Não é binária ou sequencial, mas interage com padrões intrínsecos de troca e expansão, contingências na ativação de redes sociais e não orgânicas. Essas discussões ontológicas por meio de conceitos como "vivacidade", "restos da performance" e "repertório" são apenas algumas para desconstruir a dicotomia entre

performance versus arquivo. As gravações mediatizadas de vivacidade refletem o legado material do tempo, onde objeto e afeto caracterizam práticas arquivísticas em novas formas de comunicar histórias por arquivos em posições e eixos variados:

• Novos valores da imagem de arquivo (apropriação, remontagem, design de som de voz)
• Novos arquivos (família, amador, policial, colonial)
• História vs. histórias (família, pessoal, micro-história, vida cotidiana)
• Alternativas/subordinadas

A herança fixa deixa apenas seu simulacro, erótico em sua máscara de sedução de memórias outras, nostalgia de luto, clamando por uma 'teatralização do arquivo', encenado, independente ou destruidor de ordens. Uma pulsão *anarquiviolítica* refere-se à necessidade de lembrar pelo processo de destruição intrínseco aos arquivos. Na história social e seus conflitos, torna-se prática política impor-se intervindo poética e dramaticamente nas expressões dos modos de vida e seus desafios de se fazer presente, um ser não esquecido.

Arquivar legados de apagamentos reprimidos, não ouvidos, esquecidos ou violentos, impõe difíceis tarefas e desafios para aqueles que lutam por se posicionar em defesa de identidades, histórias e modos de vida. A luta social pelos direitos populares é uma questão política que pode ser realizada por uma cena cultural onde afetar os outros e recolher, introduzir e talvez intervir na memória e na história coletiva formam praticas coletivas de construção comunitária e democrática.

Restos conjugados de arquivos anseiam em ser resgatados do desaparecimento e / ou apagamento. Essa rememoração é uma lembrança performada que pode causar lembranças e afetos do que é, pode ser ou foi. Pode apresentar através de um recorte, uma montagem que produz diferenças e aberturas para possibilidades virtuais de conhecimento. Realizar uma memória é reencenar um acontecimento como em sua abertura fenomenológica e psicológica para outras possibilidades de conexão e alteridade. Lembrar e inserir o corpo presente como um dispositivo de memória pode ser uma tecnologia de arquivamento como sua relação com a arte e a história de contingência social. O corpo biográfico pode contar histórias e ser comprovado na produção do conhecimento, bem como ser testemunha de tornar-se sujeito e agente. O arquivo político é conflitante e paradoxal em sua própria natureza: ele apóia o simbólico e / ou revela seus aspectos ocultos através de modos singulares de politização do tempo e economias de autoria na ativação do corpo como um próprio arquivo infinitamente criativo e transformador.

A abordagem positivista da representação sinaliza o futuro como representação do passado. A abordagem decolonial afirma o presente atuando no passado-futuro, marcando uma virada metodológica. A instabilidade da produção do arquivo dinamiza suas linguagens e mitos do mundo sensível definindo uma fronteira entre o fugaz e o efêmero da performance versus a estabilidade e permanência que o arquivo clássico e a produção de conhecimento o afirmam.

Essas noções de arquivo expandem a ideia de espaço de armazenamento físico que preserva objetos e documentos para arquivos tradicionais de coleta de dados acessados por meio de telas de computador e processamento digital. A memória coletiva engajada na reinterpretação da história, ou as dimensões políticas dos arquivos, têm que ser investidas de discussões sobre questões de acessibilidade e concentração de poder e vigilância totalitária. Novas maneiras de compreender arquivos, história e memória emergem e encaminham teorias de atuação e intervenção, enquanto os conceitos de performance proliferam e permitem um foco crítico e ativação do resíduo arquivístico.

Obras de arte que visam ser documentais e ficcionais, com intervenções artísticas que desejam ser políticas, buscam transcender as fronteiras do sistema de arte e ao mesmo tempo permanecer dentro dessas fronteiras. Essas obras de arte podem criar a ilusão de que convidam o espectador a uma pluralidade potencialmente infinita de interpretações, que são abertas em seu significado, e que aparentemente não impõem ao espectador nenhuma ideologia, teoria ou fé específica. Uma arte documental busca epistemologias do passado para criar novos espaços culturais de memória através de praticas audiovisuais a partir da corporificação e (re)encenação de arquivos para realizações teatrais e cinemáticas acerca do uso de material histórico. Em uma curta disciplina eletiva “Epistemologias do Passado: Reencenação, Voz e Arquivo no Documentário Contemporâneo”, realizada na USP com a professora espanhola María Luisa Ortega convidada, infere parâmetros artísticos de analise documental:

- Refletir diferenças epistemologias entrono do passado subjacente aos modos de representação
- Analisar e reflexionar diferentes dispositivos, modos de enunciação e as construções discursivas do documentário contemporâneo.
- Os valores cambiantes do uso do material de arquivo (visual e sonoro) entre o documentário clássico e o contemporâneo
- O conceito de reenactment, (reconstrução, recreação, dramatização) e seus valores
- As formas da memoria performativa em relação com a cena do corpo e da voz
- A atuação (atores naturais e profissionais) nas praticas cinematográficas do real
- As potencialidades politicas do falso documental como gerador de contra factícios históricos em hipóteses sobre o real
- Apropriação de arquivos como tendência contemporânea
- Desaparecimento da locução expositiva:

- Nuances infinitas no design de som, vozes e intertítulos.
- Pluralidade de arquivos
- Público e privado (familiar, pessoal, amador, publicidade, mídia, filmes de ficção,
- etc etc.)
- Refilmagem ou outras operações técnico-estéticas.
- Reflexividade em torno dos traços (ideológicos, estéticos, históricos) do contexto original de produção e circulação
- Camadas de tempo na imagem.
- Negociação e conflito entre a imagem como documento (sua referencialidade), sua
- Materialidade (física, histórica, ideológica), seu potencial simbólico.

Os arquivos de performance referem-se a processos nos quais os seres humanos criam e manuseiam arquivos, mas também se referem a como os arquivos são formadores na modulação (ORTEGA, 2008) da história e, portanto, realizam os seres humanos, estruturam e configuram contradições. Essa abordagem permite uma investigação crítica de algumas questões-chave sobre como envolver a pesquisa interdisciplinar em sua mecânica e poderes de desempenho de documentação e arquivos.

Uma abordagem interregno constitui um breve momento de instabilidade entre dois arranjos condicionais. Proposto em um espaço ativado de relatórios classificados e indexados “entre estados”, libera suas narrativas e segredos ou potenciais ocultos ou pouco claros por meio da dinâmica de armazenamento arquivístico. Uma perspectiva cartográfica (ORTEGA, 2011) preocupa-se em como a imagem e a cultura visual mobilizam a ideia de identidades e pertencimento, enfatizando o papel da visão e da visualidade como um fenômeno inerentemente interdisciplinar. A lacuna entre a performance e seus arquivos de gravações pode permitir que o problema de representação se instale, ou pode funcionar como uma lacuna de desprendimento, que pode ser usada para ressignificar complexidades (ORTEGA, 2015).

Reinterpretações do arquivo são mobilizantes e desafiadora ao mesmo tempo que o valor e a importância do papel tradicional do arquivista na preservação do legado dos artistas para gerações futuras é fundamental. O arquivo é uma tecnologia de vigilância que aspira a gerar um conjunto completo de documentos sobre um determinado assunto. O sistema de arquivo é uma instituição utópica de conhecimento, bem como um sistema panóptico de controle - o arquivo como uma utopia. Mas se reconhecermos que esse caráter utópico do arquivo pertence a uma lógica arquivística que não sempre é compartilhada por todas as pessoas, devemos também reconsiderar a noção de uma utopia epistemológica. Os arquivos "são locais de esperança e aspiração". Mas, além disso, os arquivos também são locais de luta política.

Os ativistas se tornaram historiadores da contra-insurgência e os arquivos moldam seu senso de identidade e transformam suas subjetividades. Discernir diferentes "lógicas arquivísticas"

abertas à sua ativação de testemunhos vivos, biografias e histórias performadas pode colocar a utopia de classificação do conhecimento em práticas de conhecimento voltadas para vidas sociais e suas expressões e lutas de memória e identidade.

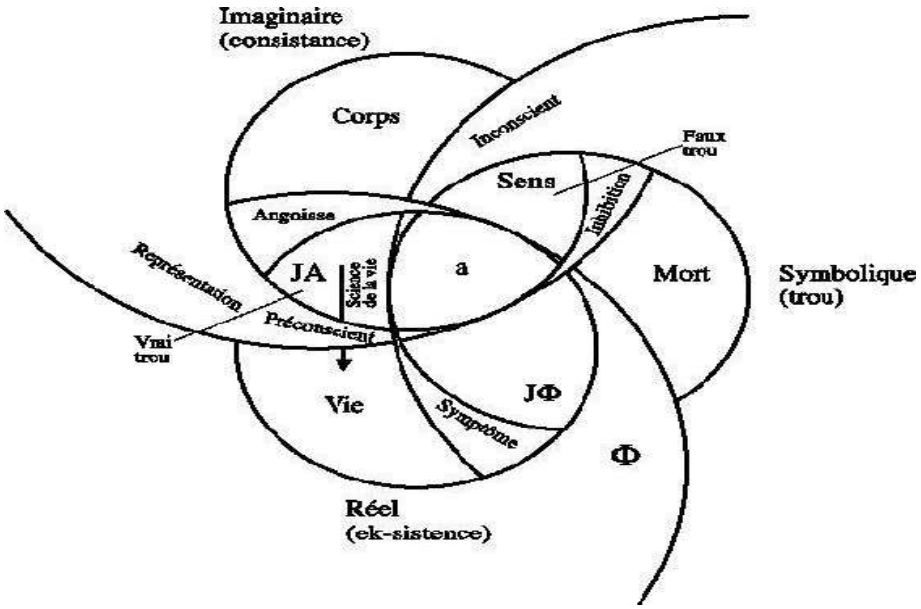


Fig.3 Diagrama de detalhe de Lacan. Fonte: Imagens do Google

A função panóptica do arquivo colonial está agora sendo apropriada por comunidades ao redor do mundo que antes estavam sujeitas a ele. Objetos de evidência se transformaram em sujeitos que produzem e julgam evidências. A apropriação e produção de arquivos servem agendas locais para a produção de 'conhecimentos situados'. Tal produção vai "contra a corrente" das epistemologias ocidentais, às vezes conforme a ela, emaranhada ou conflitante. Como nossas descrições demonstram, a apropriação de arquivos beneficia formas alternativas de conhecimento e, assim, apoia a decolonização de epistemologias impostas por centros hierárquicos, bem como formas de psicanálise de lidar com traumas sociais subjetivos.

Arquivos objetificados por uma crítica decolonial referem-se àqueles inúmeros e entrelaçados traços materiais e imateriais deixados por figuras históricas, anticoloniais, produtores de ruínas e vestígios, em movimentos políticos ativos atravessados por lógicas interculturais em uma contemporaneidade globalizada que se faz passado e futuro no desdobrar do presente. A imaginação arquivística é um apelo para prestar atenção aos movimentos do presente para encontrar respostas situadas. Para isso, clamamos por ativar a imaginação histórica que cria práticas de diferentes percepções de tempo e convoca seu poder social disruptivo sobre o presente a estimular dimensões sob o futuro.

3.3 <u>Quando o antílope vira onça:</u> o pensamento semiofágico ameríndio e a representação colonial

Foto registrada no Pueblo indígena Ingá de Aponte, Colômbia, 20 de fev., 2021.

Vinicius Menezes em sua tese criadora de mundos em cima da questão livro (2017), visualiza uma multiplicidade variante a partir da produção literária em um conceito que chama de RivrOma. Apresenta sua inserção como uma deglutição dos vocabulários livro e rizoma, ao modo das semiofagias citando a obra de James Joyce. Conceito que se afirma como proposição autoral para uma forma-livro selvagem, como se propõe sua própria pesquisa em tese. Este livro selvagem, rivroma, palavra-valise fruto de uma devoração pespectiva e multinatural enre o rizoma e o livro, mira traduzir, isto é, "instalar-se no espaço do equívoco e habita-lo"; o equivoco, a anfibolia e a ambiguidade não são o que impede a relação, mas aquilo que a funda e a impele em diferenças de pespectivas. O autor segue em seu traçado buscando agenciamentos programáticos em fazer rizoma da "hermaneutoca-retorica capurriana" (1992) com o pensamento semiofágico ameríndio:

> do mapa físico-ontologico da natureza ao mapa intologico-relacional das multinaturezas da cultura, da carta cognitiva da imaterialidade do information man à carta altermundialista da information woman (yineru yana), da carta hermenêutica-retorica da partilha de um mundo comum à carta ameríndia da humanidade comum (SALDANHA; MENEZES, 2018).

O autor manifesta intenções de devorar os emissores e receptores da teoria matemática da comunicação através da "mirada da equivocidade controlada" (CASTRO, 2018) e deceptora das relações xamanico-comunicativas dos ameríndios perguntando-se: como estaria esquematicamente disposta a organização do Conhecimento, em especifico, a teoria da

classificação entre seres, saberes, objetos informacionais, e documentais (POMBO, 1998) nos mundos ameríndios, onde não há diferença ontológica entre ser e ente? Afirma Menezes:

> Assim, a informação digerida na articulação poderia significar uma *gramma* singular que demora partilhando o plural livro informe da humanidade. A cada devoração, a cada partilha, distendemos os limites do nosso livro informe, onde o princípio e o fim encontram-se encerrados no jogo do meio. O anjo feliz[30] – com asas rizomáticas de bananeira – seria aquele que ao encontrar o seu modo de ser na relação (*se*) vislumbraria sua *gramma* singular – escreveria sua própria história, destinaria-se informemente na tabuinha de escrever onde nada encontra-se previamente escrito. Desta maneira, a antropofagia da informação seria um *dysangelium*, um ato de devoração de tudo aquilo que vise conter os inúmeros que vivem em nós; o espaçamento e a vírgula do "inform ," seriam como a boca (limiar) e o dente a lacerar toda forma de poder instrumental, dogmático, logocêntrico que vise imprimir sobre a matéria (MENEZES, 2017, p. 232).

A diferença ontológica está fundamentada na diferença entre entes humanos (ser) e não-humanos (entes) e esta distinção encontra-se desdobrada na seguinte tríade de teses: i) o ente-humano é o ser capaz de compreensão e formação de mundo, ii) dos entes não-humanos, os animais e as plantas que são pobres de mundo e, iii) os entes inanimados que são sem mundo. Logo, o mundo é uma desiginação de ser-aí humano (daisen) no cerne da sua essência existencial de sentido (ek-sistente). Da vida inqualificada e corporal dos animais e plantas (zoé) à vida politicamente qualificada dos humanos (bios), da voz confusa à voz articulada gramaticalmente pela univocidade, da alma, da ideia, da razão e do sentido, o pensamento ocidental fundou aquilo que Heidegger (2011) chamou na "ontologia fundamental" de "diferença ontológica".

No campo temático da Organização do Conhecimento, a universalidade é o conceito dominante (OLSON, 1994, p.73). A *guetização* consiste em isolar grupos marginalizados, concentrando-os em uma área. O gueto é formado por uma concentração forçada de pessoas que compartilham uma característica particular. As diásporas dispersam grupos marginalizados para que não tenham existência concentrada, correndo o risco de assimilação e perda de identidade ou criação de outras identidades diferentes. Vinicius Menezes lembra do episodio emblemático no encontro entre lusíadas e Tupinambás, onde os quinhentistas, cujo patrono era Aristóteles, chegando em terras ameríndias, logo relativizaram a questão da humanidade do nativo cuja

língua não se pronunciava, ou seja, não conseguiam ouvir a voz articulada e pensaram não haver significado, e que logo portanto, tampouco possuíam alma.

Se na Antiguidade, a ontologia produzia o humano através da oposição com o animal, por exemplo, o macaco-homem, a criança selvagem, mas também, e sobretudo, "o escravizado, o barbarizado, o estrangeiro", figuras de um "animal em forma humana", na Modernidade, excluindo de si como ainda-não ou não-mais humano um já humano, isto é, animalizando o humano, a ontologia produziu o "o judeu, o cigano, o mulçumano, o negro, o indígena, o homossexual...", figuras do "animal isolado no corpo humano: "A maquina antropológica do Ocidente faz-se racista ao segregar de "si" povos diferentemente humanos em benefícios exclusivo de um povo universal e especista ao pressupor uma humanidade unificada, separada da natureza por sucessivas mutilações políticas e biológicas" (MENEZES, 2020, p. 9).

De maneira similar, James Clifford (1998) propõe uma aproximação da etnografia com colagens surrealistas, de modo a trazer à etnografia "elementos que continuamente proclamam sua condição estrangeira ao contexto da apresentação" (CLIFFORD, 1998, p.: 149). Assim, a ideia da etnografia como colagem se constrói a partir de montagens em justaposição de valores culturais, também visando embaralhar e contestar a realidade racional, "compondo e decompondo as hierarquias e relações 'naturais' da cultura" (IBID, p.: 151). Esta dimensão etnográfica da prática surrealista, ou do surrealismo como parte etnográfica, conceberia elementos como parte de sua poética e conteria "outras vozes além da do etnógrafo, assim como exemplos de evidências 'encontradas', dados não totalmente integrados na interpretação organizadora do trabalho", como problematiza Clifford:

> Deve-se lembrar que o surrealismo tinha sido um fenômeno genuinamente internacional, com manifestações em cada continente. Ele forjou a articulação menos das diferenças culturais do que das diferenças humanas. O mesmo pode ser dito em geral da etnografia francesa. (...) Apresentando esquematicamente o contraste, podemos dizer que o humanismo antropológico parte do diferente e o faz – através de nomeá-lo, de classificá-lo, de descrevê-lo e de interpretá-lo – compreensível. Ele o familiariza. Uma prática etnográfica surrealista, ao contrário, ataca o familiar, provocando a irrupção da alteridade – o inesperado. Cada uma dessas atitudes pressupõe outra; ambas são elementos no interior de um complexo processo que gera significados culturais, definições de nós mesmos e do outro. (...) O momento surrealista em etnografia é aquele no qual a possibilidade de comparação existe numa tensão não mediada com a mera incongruência. Este momento é repetidamente produzido e suavizado no processo da compreensão etnográfica. (...) Pensar o surrealismo como etnografia é questionar o papel central do 'artista' criativo (...) O surrealismo unido à etnografia resgata sua antiga vocação de política cultural crítica. (Clifford, 1998, p. 135-169).

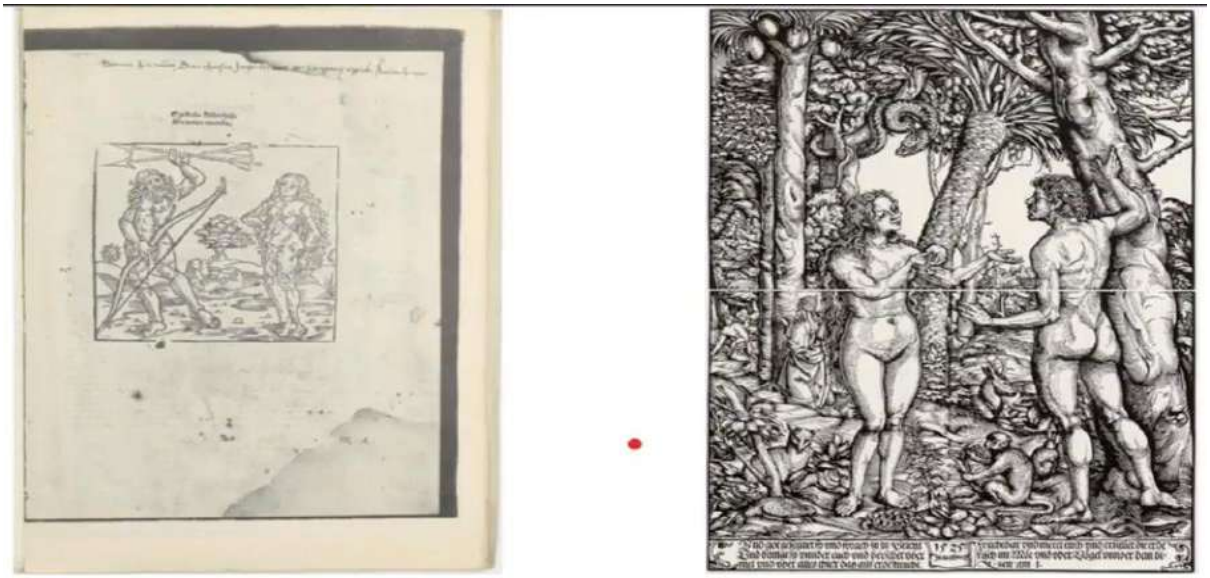
Dussel, em seu livro “1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade (1993)”, desenvolve historicamente os processos de construção representacional e de missão civilizatória sobre novas regiões globais de extrativismo. Em umas das primeiras representações europeias de nativos americanos, já havia intensão simbólica de dominação europeia e eclesiástica buscando representar e incentivar a expansão de seu poder de propaganda ao Novo Mundo com a missão de evangelização (GAUDIO, 2019). Bernardino di Betto, conhecido como “Pinturicchio”, em 1494 produz afrescos no apartamento da família Borgia do Papa Alexandre IV, um quadro acerca da ressureição de cristo onde ao centro, há discretamente uma aparição que parece um grupo de ameríndios.

Uma das primeiras representações do chamado mundo novo, baseia-se em relatos de Cristóvão Colombo, mas denota uma virada politica simbólica. Se, de fato esta pintura é pretendida como uma representação dos habitantes nativos do Novo Mundo, (mesmo se for uma mistura de asiáticos com os novos nativos ao não saberem ainda se haviam chegado nas Índias ou posteriormente na América), já havia um marco simbólico politico da representação do Papa como mediador da vontade divina (representação da bandeira das cruzadas), na atuação politica de expansão, catequização e desenvolvimento inicial do império europeu sobre os outros continentes.

Fig. 47: “Resurrection of Christ”, Pinturicchio, 1492.

Detalhe do centro:

O detalhe do afresco de Pinturicchio marca, nesse sentido, a representação de um encontro entre dois mundos. Como apontou Michael Gaudio (2019), há uma tensão na pintura que pode ser identificada como a encenação de um confronto entre cristianismo e paganismo sobre a revelação divina de catequizar e levar alma aos seres humanos que ainda não eram tão humanos. O afresco de Pinturicchio coloca os habitantes do Novo Mundo em movimento, destoando das representações de afresco fixas. Detalhes simbólicos dentro de programas teológicos maiores que "cortejam o paganismo apenas para subordiná-lo à história sagrada europeia" (SEBASTIÁN, 1990, p. 436). Uma pratica iconoclasta para ritos iconófilos fazem parte de uma pratica de dominação ideológica e imposição cultural em que, no inicio da idade moderna, fora efetuada em grande escala pelos poderes europeus sobre regiões do sul global.



Epistola Albericij. *De novo mundo*, 1505.
Biblioteca da Universidade de Rostock

Hans Burgkmair. *Adão e Eva*, c. 1525.

Figs. 48: "representações do novo mundo"

Representações iniciais buscam retratar a visão inocente dos povos nativos e ingênuos na figura de Cam, filho perdido de Moisés. Posteriormente as representações passam a fazer parte nas misturas de povos que vão em busca da revelação de cristo sob égide da igreja romana como na adaptação da história bíblica dos três reis magos, com representações raciais de outras etnias. Desenvolvendo o imaginário de dever e missão de salvação destes seres primitivos, as representações passam a constituir complexo sistema colonial: politico e econômico, sob a égide da arte produzindo imaginações aurais pelo mundo atlântico (GAUDIO, 2019).

Ulrich Apt, O Velho. Adoração dos Magos, c. 1510.
Museu do Louvre, Paris.

Fig. 49: “Adoration of the Magi”, Vasco Fernandes, óleo sobre madeira, Viseu, Museu Grao Vasco, 1502-1505. Historia Naturalis Brasiliae”, Livro médico por Guilherme Piso, 1648.

Após imensa produção representacional dos primeiros contatos no continente americano, o desenvolvimento técnico e politico, principalmente na teoria da arte e seus registros, passa a compor com um maior detalhamento das figuras a serem tratadas em pinturas e arquiteturas. Estudos complementares e evolutivos como o de Vitruvio, Leonardo e DaVinci e Cesare Cesariano marcam a consolidação de campos de produção de conhecimento que aprofundam

técnicas e processos científicos no desenvolvimento de pesquisas e produções sócio-tecnicas, acompanhando a expansão territorial do mundo conhecido pelos europeus.

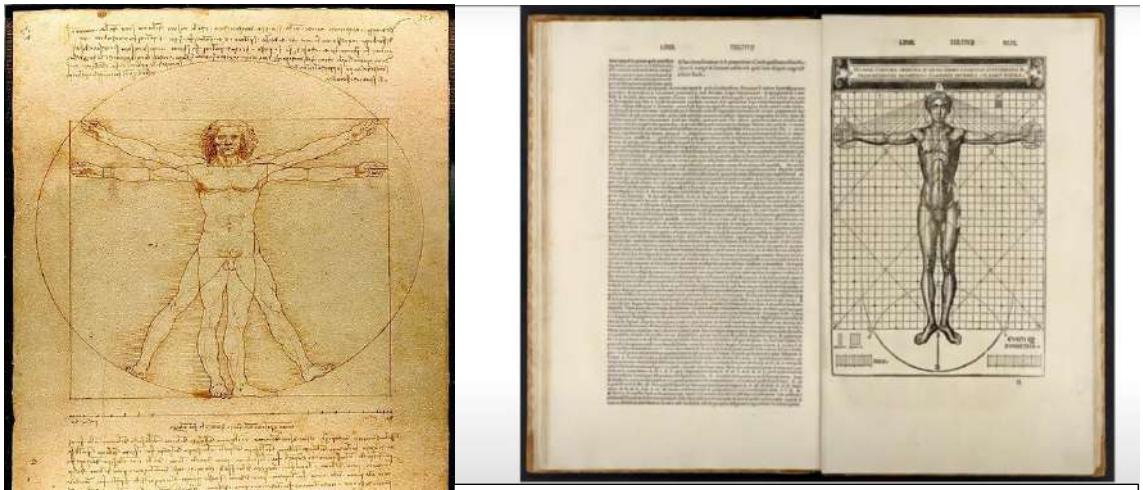


Fig. 50:"Homem Vertruviano" de Davinci em 1490 e por de Cesare Cesariano em 1521

Fig. 51: “Cosmographia”, por Sebastian Münster, 1544; “Theatrum Orbis Terrarum”, considerado na cartografia como o primeiro atlas moderno. Feito por Abraham Ortelius e editado pela primeira vez a 20 de maio de 1570.

O desenvolvimento de especificidades técnicas, processos científicos e produção de tecnologias, marcam um caráter de expansão territorial assim como de ebulição cultural. Através das expansões marítimas, os contatos étnicos ficam mais próximos e intensos, desdobrando metodologias cientificas, olhares e pesquisas que diferenciam aspectos orgânicos, biológicos, raciais de comportamento e inteligência nas populações globais. Este olhar posteriormente identificado como “orientalismo” de Edward Said, produz através dos séculos

desde a modernidade inicial até a tardia, estudos que acompanham tais diferenças a ponto de medições milimétricas de diferenças como na frenologia das características do rosto humano até estudos de eugenia, termo criado em 1883 por Francis Galton, significando "bem nascido", focando objetivos nos estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais físicas e mentalmente, das futuras gerações.

Através do desenvolvimento histórico e filosófico do início da modernidade, posteriormente o contato ontológico cultural é unificado na figura e produção de Immanuel Kant, como consolidação teórica e ideológica da centralidade da razão nos povos étnicos da Europa (HAHN, 2010). O papel kantiano no iluminismo (BERNASCONI, 2001), com a sua critica da razão pura produz uma consolidação da superioridade civilizatória, inteligível e de poder econômico ao desenvolver estudos de planejamento, classificação, contabilização e economia de tempos futuros. A visão posterior dos indígenas como selvagens preguiçosos, malandros e ineficientes vem acompanhar o inicio colonial do capitalismo em suas fronteiras étnicas globais. Enquanto filosofias humanistas eram celebradas como ponto alto da civilização humana, fluxos marítimos do atlântico sul somavam 7 milhões de escravos transportados da África para América em menos de 100 anos. Territórios onde não haviam pessoas de cor branca, eram vistos como espaços livres para serem conquistados e explorados. Posteriormente no final da conquista através de genocídio e saques militares das américas, como uma dobra crítica onde finalmente a onda estorou, e a nova Israel poderia ser construída pelos protestantes europeus, o filósofo francês Alexis Tocqueville testemunha em 1831, a retirada genocida dramatica de populações indígenas através da chamada “trail of tears” (trilha das lagrimas) para território criado pelo estado com diversas outras tribos:

> “Todos os índios haviam entrado na barca que deveria carregá-los, mas seus cães permaneceram na margem. Assim que esses animais perceberam que seus donos estavam finalmente deixando a praia, eles soltaram um uivo lúgubre e, mergulhando todos juntos nas águas geladas do Mississippi, nadaram atrás do barco.” (TOCQUEVILLE, 1981, p. 124).

A formalização da referencia evoluída do ser humano, é consolidada nos centros de poder comercial e passa a ser negociada em todas instancias, da valoração salarial aos espaços de convívio nas cidades. O ser é o “destino espiritual do Ocidente” e o seu discurso, a metafisica ocidental, nos mostra Viveiros de Castro (2018, p. 27). O ser é a fonte e a origem de toda espécie de colonialismo, interno (intraespecífico), e externo (interespecífico), e se pudesse, eterno (intemporal). O pensamento ameríndio afirma Menezes, se apresenta como possibilidade deflexica de dissipar e destituir a forma da maquina de desencantamento do outro que avenca sistematicamente contra o mundo da vida. Encantar-se, imaginar, ficcionar, criar... são

movimentos intrínsecos ao pensamento e constitui-se na criação de espaços possíveis de atualização em camadas de montagem e aplicação. Atravessar por dentro e junto com a natureza, e não seperar em dualismos de oposição entre sujeito e natureza.

O tempo é o aberto na constante transformação e experimentação movente de sistemas comunicantes onde experimentar arquivos é também experimentar tempos. A matéria histórica como imagem em devir produz e varia processos de remontagens expressivos, imanentes e transeuntes. A imagem é força expressiva do movimento vibratório. Tempo e pensamento produzem a força de experimentar tais dinâmicas e intensidades, atuais e virtuais. O pensamento como evento se experimenta como força imanente e conectada com as contingencias e fenômenos temporais, buscando afirmar éticas a partir das intensidades produzidas contra uma moral estática, imposta a priori historicamente onde o senso comum opera configurações previsíveis, negociando piedosamente a conformação moral do estado das coisas.

Debates emergentes no campo da Organização da informação via a linha de pesquisa da Apropriação Social da informação, encara polissemias epistemológicas em suas variadas vertentes e políticas. Esta pesquisa, portanto, visualiza um devir arquivizantes onde a experimentação artística constitui critica simbólica que produz diferenças perante um modo reprodutivo de classificação e indexação numérica.

O conceito de neodocumentalismo apresenta esta abertura perante uma certa performicidade dos arquivos ainda que mantenha uma fronteira lógica documental como meta-documento. A abordagem neodocumental de um antílope, proferida por Suzanne Briet (1951), com suas expressões variadas, entre recortes e extensões, fatos adicionais e ficções supérfluas, formam práticas e modos de anunciação, de aestéticas e visibilidades de contextos políticos. Dispositivos digitais e suas produções de conteúdos em mundos referenciais existenciais, parecem descolar-se de moldes físicos, demandando a discussão crítica da agencia humana em um multiverso digital vetorizado.

Fig. 52: “ANTELOPES”. Foto do documentário “LES ANTILOPES”. Dir. Maxime Martinot, França, 2020.

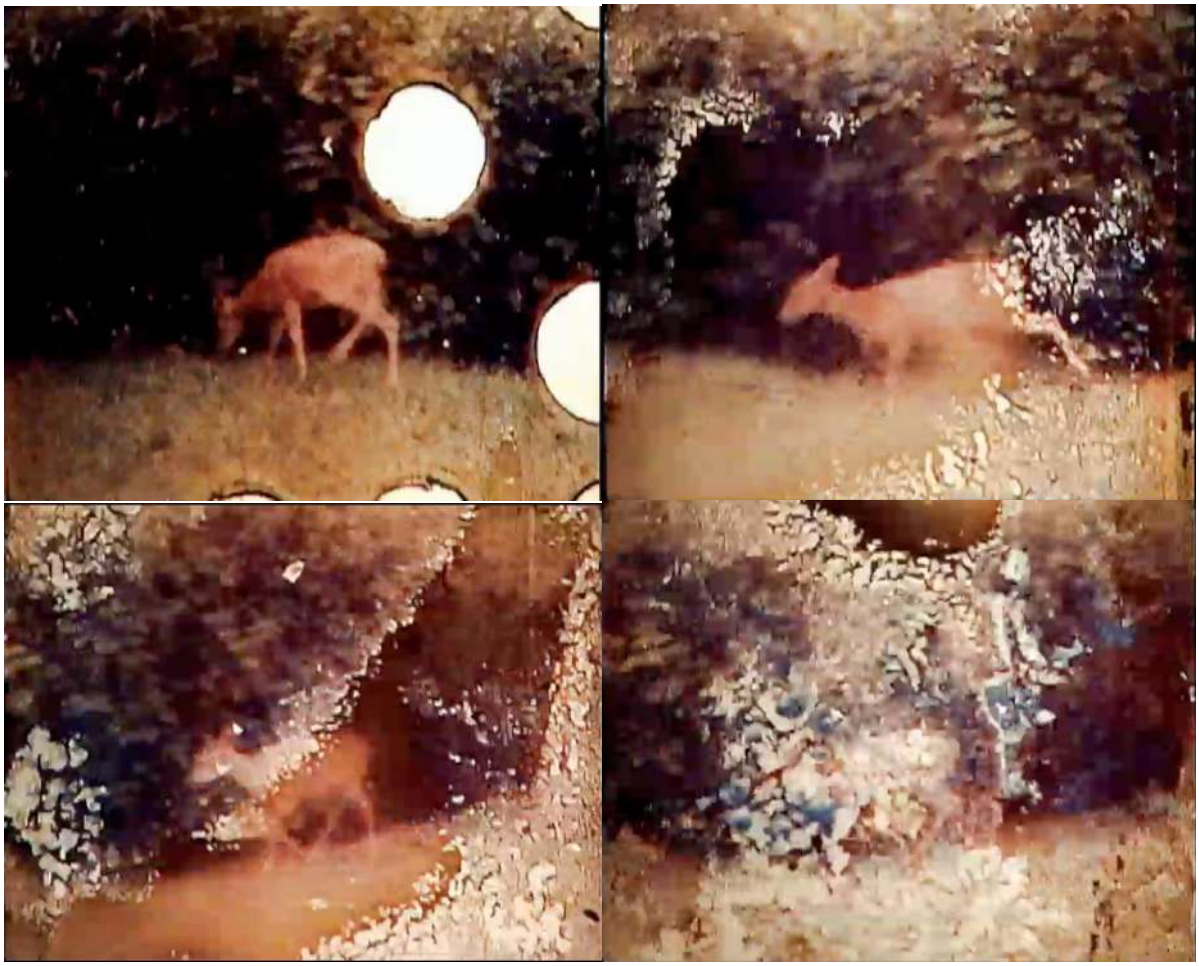


Fig. 53: “Arquivo temporal”. Fotos tiradas pelo autor sobre material fílmico familiar, 20 de mar, 2022.

Libertando da representação autoral, um arquivo está livre para produzir suas próprias variações e experimentações por outros autores como ente simbólico, de testemunho de uma variação de intensidades. Ao imaginarmos diferenças entre antílope e onça, produzimos uma imagem de

ativação animista do arquivo representacional, percorrendo processos e percursos, instintos de caça em uma ferocidade movente, fagocitando e transformando núcleos informacionais proteicos em mitocôndrias respiratórias, as estruturas moventes informacionais da memória: os arquivos.

O próprio arquivo vira um dispositivo criador que vibra e produz outras variações arquivisticas. Como agente ativo, permite abrir frequências além da classificação redutiva em processos mutantes de organização e montagem. Constituem um olhar de pratica de indexicalidade, e não de indexação, onde em semiótica, na antropologia linguística e na filosofia da linguagem, abarca o fenômeno de um signo sobre algum objeto no contexto em que ocorre. A onça como intensidade mística sul americana, expressa uma existência em comunhão na cosmovisão ameríndia que não separa cultura e natureza e que só emerge quando há suficiente material informacional para desdobrar e montar outras montagens e misturas, produzindo um ambiente de multiplicidades e variedades constituinte de entes atuantes e emaranhados.

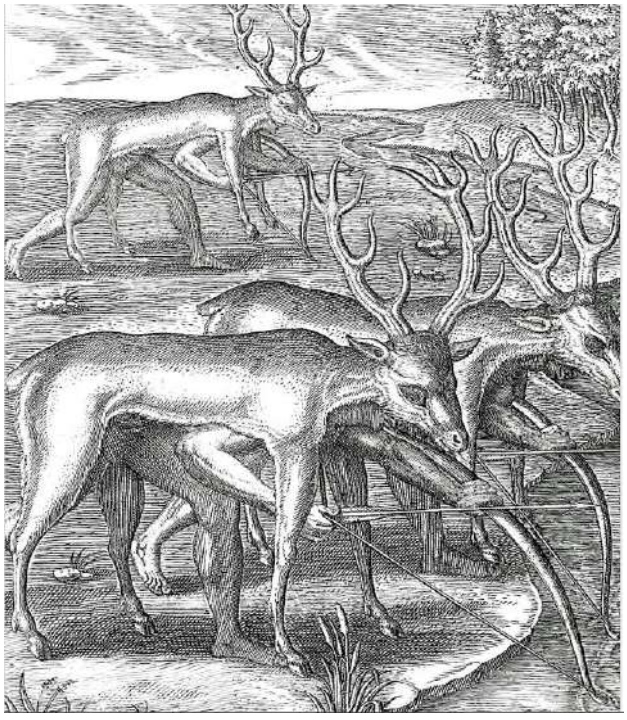


Ilustração refletindo montagens e misturas entre agentes corporais intencionais e moventes.
Fig. 54: Retirada do livro: "Sound, Image, Silence: Art and the Aural Imagination in the Atlantic World" de Michael Gaudio, 2019.

O pensamento como evento que se desdobra a partir da experimentação conforma um dispositivo de conhecimento que busca travar implicações e criticas contra uma instancia de pensamento fechada e fixa. O pensamento como *Doxa* reifica e moraliza processos de constituição de imaginação nos usos da linguagem e comportamento individual e social. Um ato piedoso de inclusão e exclusão que desconfia e está sempre a conformar processos

emergentes de pensamento, de histórias e fatos em instâncias já constituídas. Um pensamento intempestivo se constitui, porém, como pratica ética na produção de si, experimentando alianças de desejos, identidades e memorias como ato criador, critico e imanente. A linguagem sistêmica estruturada através de um histórico evolutivo da moral, busca sempre agenciar fenômenos e eventos em suas delimitações.

Fig. 55: artista Denilson-Baniwa,
Fig. 56: "Caçadores de Ficções Coloniais", 2021, colagem digital

A potencia de ficionalizar, re-atuar e performar registros e memorias históricas servem como fonte de produção artística para diversos produtores da arte e cultura, mas também como estratégias coletivas de movimentos civis pela lembrança e afirmação de vidas e histórias que formam comunidades. Em sua série de trabalhos chamada “Brasiliana”, o artista produz uma pratica de “Reescritura sob Perspect-ativismo” (2020), onde Baniwa busca criar intervenções que aproximam a pregação religiosa de violação e catequização trazendo evidencias de epistemicídio em suas representações históricas e coloniais.

Em outra obra da série “Não Há Cartografia no Mundo dos Pajés”, o artista escreve sobre um mapa dos rios da Amazônia do século 17, uma representação ocidental que divide territórios unos, uma imagem que parece ser um remo indígena decorado com grafismos – objeto que colocado sobre a prancha cartográfica, articula, evidencia e defende o ambiente hídrico ocupado

por conquista e violência por estranhos estrangeiros. O Autor em entrevista de matéria discorre um pouco sobre sua intenção[31]:

> Escavar em imagens de séculos passados que tematizam o Brasil, os índices das violências formadoras e constitutivas do País, evidencia representações da construção social do Brasil. As imagens da brasiliana desvelam, a gradual formação de um lugar de vida cindido e radicalmente desigual em termos do acesso que corpos brancos e não brancos possuíam a uma existência autônoma e resguardada. São representações que ora promovem a desumanização dos habitantes nativos das terras colonizadas, ora descrevem os africanos e afrodescendentes escravizados como homens e mulheres acomodados a uma posição subordinada e de subjugação ao colonizador, com frequência minimizando não apenas toda a violência implicada no sistema escravocrata, mas a continuada resistência que aquela população oferecia a essa desigual distribuição de corpos.

Fig. 57: "Cartografia de Baniwa", Fonte: google images, acesso em 14 de fev, 2022.

Fig. 58: "Catequização", obras de Denilson Baniwa. Fonte: Google Images, acesso em 22 de mar, 2022.

[31] Disponível em: https://www.select.art.br/para-decolonizar-a-brasiliana/ acesso em: 12 de abr, 2022.

Arquivamentos em processos perpassam representações e apresentações e ser ficção ou não, não constitui intensidade primária, e sim nos procedimentos da imaginação, criação, mistura montagem e narrativa da confabulação do e no comum social produzindo, variando e disputando realidades. A crítica da realidade e a virtualização dessa realidade alimentam a realização da critica. Produzir camadas do imaginário que constrói por exemplo o cinema além do jornalismo, em processos de reescrita e aproximação de histórias particulares e do cotidiano social onde a intencionalidade, personificação, performatização e incorporação são intrínsecos a produção social de memoria, identidade, sujeito onde são constituídas forças de atuação e agencia na expressão e estruturalização de instancias politicas e econômicas.

Figs. 59: “obras de Baniwa”, fonte: Google imagens, acesso em 15 de fev, 2022.

4 Considerações sobre Arte e Guerra

Somos constantemente alimentados midiaticamente com imagens de guerra, terror e catástrofes de todos os tipos em um nível de produção com o qual o artista, com suas habilidades artesanais, não consegue competir. O artista clássico era baseado na criação de uma obra-prima, uma imagem que existiria por si só como a visualização definitiva das idéias abstratas de verdade e beleza. Na modernidade, por outro lado, os artistas tendem a apresentar jogos de linguagens em processos de uso de imagens - como Kandinsky fez com composições abstratas; como Duchamp fez com *ready-made*; como Warhol fez com ícones da cultura de massa.

O impacto que essas imagens exercem na produção artística contemporânea não reside em sua exclusividade, mas em sua própria capacidade de funcionar como meros exemplos da variedade

potencialmente infinita de imagens. É nesta referência produtiva à infinita multidão contingencial de imagens incluídas/excluídas que se faz relevante dentro dos contextos finitos da representação política e social. Referências a esse infinito imagético precisam ser examinada e exercidas estrategicamente para que seu uso em qualquer contexto representacional e político específico sejam eficazes.

Algumas imagens que os artistas inserem no contexto da cena artística internacional sinalizam sua origem étnica ou cultural específica. Essas imagens resistem ao controle estético normativo exercido pelos atuais meios de comunicação de massa que evitam a regionalidade do artesanato. Ao mesmo tempo, outros artistas transplantam imagens produzidas pela mídia de massa no contexto de suas próprias culturas regionais, como um meio de escapar das dimensões provinciais e folclóricas de seus meios imediatos.

As duas estratégias artísticas parecem inicialmente se opor - uma abordagem enfatiza imagens que denotam a identidade cultural regional, enquanto a outra, inversamente, prefere inserir tudo o que é internacional, globalizado, inovado e relacionado à mídia. Essas duas estratégias, porém, são apenas ostensivamente antagônicas: ambas fazem referência a algo que é excluído de um contexto cultural específico. No primeiro caso, a exclusão discrimina imagens regionais; o segundo visa imagens de mídia de massa. Mas em ambos os casos, as imagens em questão são simplesmente exemplos que apontam para o que Boris Groys vai evidenciar onde: “O campo da arte moderna não é um campo pluralista, mas um campo estritamente estruturado de acordo com a lógica da contradição” (GROYS, 2008, p. 2).

> A mídia de massa contemporânea emergiu como de longe a maior e mais poderosa máquina para produzir imagens - muito mais extensa e eficaz que o nosso sistema de arte contemporânea. Somos constantemente alimentados com imagens de guerra, terror e catástrofes de todos os tipos, em um nível de produção com o qual o artista, com suas habilidades artesanais, não pode competir. Enquanto isso, a política também mudou para o domínio das imagens produzidas pela mídia. Atualmente, todos os principais políticos geram milhares de imagens através de aparições públicas. Da mesma forma, agora os políticos também são cada vez mais julgados pela estética de seu desempenho. Essa situação é frequentemente lamentada como uma indicação de que "conteúdo" e "questões" foram mascarados pela "aparência da mídia". Mas essa crescente estetização da política nos oferece ao mesmo tempo a chance de analisar e criticar a performance política em termos artísticos. Ou seja, a política dirigida pela mídia opera no terreno da arte. À primeira vista, a diversidade das imagens da mídia pode parecer imensa, se não quase incomensurável. Se adicionarmos imagens da política e da guerra às da publicidade, cinema comercial e entretenimento, parece que o artista - o último artesão da modernidade atual - não tem chance de rivalizar com a supremacia dessas máquinas geradoras de imagens. Mas, na realidade, a diversidade de imagens que circula na mídia é altamente limitada. De fato, para ser efetivamente propagada e explorada nos meios de comunicação comerciais, as imagens precisam ser facilmente reconhecíveis para o amplo público-alvo, tornando a mídia quase tautológica. A variedade de imagens que circula nos meios de comunicação de massa é muito mais limitada do que a gama de imagens preservadas, por exemplo, em museus ou produzidas pela arte contemporânea (GROYS, 2008, p. 17).

A arte contemporânea é um excesso de gosto, incluindo o gosto pluralista, paradoxal que opera tanto pela institucionalização quanto pelo seu poder destituinte. Esse excesso estabiliza e desestabiliza o equilíbrio democrático de gosto e do poder ao mesmo tempo e é, na verdade, o que caracteriza a arte contemporânea em sua totalidade. O único processo de interpretação adequada de um paradoxo é uma interpretação paradoxal. Assim, a dificuldade mais profunda de lidar com a arte moderna consiste na pobreza educacional dualista, relutante em aceitar interpretações paradoxais e auto-contraditórias como adequadas e verdadeiras. Mas essa falta de compreensão deve ser superada para que possamos ver a arte moderna e contemporânea como ela é: um local de revelação e ativação dos paradoxos constituintes que governam o equilíbrio de poder. De fato, ser um objeto paradoxal é requisito normativo implicitamente aplicado a qualquer obra de arte contemporânea. Uma obra de arte contemporânea é tão boa quanto paradoxal quando é capaz de incorporar a autocontradição mais radical, capaz de contribuir para estabelecer e manter o equilíbrio de poder entre tese e antítese.

Movimentos políticos e estados totalitários também buscam poder através de tais analises, praticas e estratégias de montagem, onde o jogo só pode ser dominado através do controle permanente de insurgências, mobilizando conflito e guerra nas fronteiras do discurso contingente. A arte colocada a serviço de um equilíbrio de poder tão dinâmico e revolucionário assume necessariamente a forma de propaganda política. Essa arte não se reduz meramente à representação do poder, mas participa criativamente da luta pelo poder que interpreta como a única maneira pela qual o verdadeiro equilíbrio de poder pode se revelar.

Mesmo que museus de arte permaneçam ativos nos centros das cidades contemporâneas, a comunidade artística é, politicamente falando, uma minoria dentro de cada cultura nacional em particular. Portanto, não surpreende que os artistas sintam solidariedade com segmentos da população social, econômica e politicamente sub-representados, de modo que a arte se torne um dos locais para expressar seus desafios e desigualdades. A arte oferece uma plataforma pública que permite a formulação de posições e a expressão de atitudes que geralmente não alcançam o status hegemônico em nossas sociedades atuais de serem representadas. Um artista opera no mesmo território que a ideologia. O potencial afirmativo e crítico da arte se demonstra, portanto, de maneira muito mais poderosa e produtiva no contexto da política do que no contexto do mercado. É por isso que um artista pode desafiar um regime baseado em uma visão ideológica de uma maneira mais eficaz do que podem desafiar o mercado de arte em seus sistemas de rotatividade, paradoxais e contingenciais. Quanto mais desafiador politicamente uma obra estética é, maior potencia de ser capitalizado o trabalho terá de ser comercializado.

4.1 Arte e mídia na Guerra informacional

Desdobramentos dos usos, apropriações e aplicações da informação assim como seus meios e interfaces midiáticos vêm reformulando o campo bélico e estratégico militar através da rápida globalização de mercados, fronteiras políticas e insumos estratégicos. A reformulada "guerra de 4ª geração" se intensifica na concentração de redes e suas afluências em determinado contexto interessado. Qualquer campo de disputa pode ser processado indiretamente, sem presença de força militar direta, através de pressões políticas e econômicas através de redes informacionais e eletrônicas, sociais e econômicos, etc....[32]

Esta nova abordagem de influencia geopolítica articula estratégias de diferentes níveis para proferir e afirmar tensionamentos na normalidade orgânica social e influir situações caóticas na rotina e funcionamento de determinada localidade, nacionalidade ou tema específico. A chamada guerra de 4ª geração busca no agenciamento de praticas de guerra chamadas "não-convencionais" e "revoluções coloridas"[33], influenciar e determinar campos de atuações e circulação de 'verdades' e pontos de vista como estratégia de controle e administração da fronteira de disputa e atualização de realidades. Definindo o que o autor Andrew Korybko (2015) evidencia como "Guerras Híbridas", tais operações são voltadas para desestabilização da opinião pública e influenciar políticas públicas e governantes. Através de ataques e desestabilizações não-diretas, ativadas através de redes, focalizam-se as trocas de regimes políticos, seguindo preceitos democráticos ou não, em busca do fortalecimento dos mecanismos de privatização de recursos estratégicos e geopolíticos.

Revoluções Coloridas	**Guerra Não Convencional**
Violência limitada	Violência generalizada
Urbana	Urbana e rural
Social	Em sua maior parte física, um pouco social
Caos contra as autoridades	Caos contra tudo
Mais barata	Mais cara

[32] "A netwar é feita contra os novos inimigos que recorrem às redes: os cartéis da droga, os ativistas, os terroristas, etc. A cyberwar aplica-se às novas formas da guerra tornadas possíveis graças ao domínio das tecnologias da inteligência, da vigilância e do reconhecimento (MATTELART, 2005, p.10). Disponível em: http://www.gepicc.ufba.br/enlepicc/ Acesso em: 27 jun, 2016.

[33] Cf.: "Anexos I: Uma exposição da mecânica central das revoluções coloridas" In.: KORYBKO, 2015, p. 113.

Redes sociais	Redes físicas (construídas com base nas redes sociais previamente estabelecidas na revolução colorida)
Divide os elos sociais da sociedade	Divide todos os elos na sociedade

Fig. 13 "Quadro Guerra Híbrida", recriado a partir do diagrama do autor Andrew Korybko, 2015, p. 95.

O espaço urbano como espaço e fluxo de circulação e comunicação (transmissão, apropriação, reapropriação, destruição) configura múltiplas narrativas em sua constituição, sendo difícil ter apenas um relato social compartilhado. Os sistemas de informação e vigilância tomam o lugar de recomposição da visão dos acontecimentos e relatos da realidade social. Korybko aponta que William Lind foi um dos autores de um artigo na Marine Corps Gazette em 1989 prevendo como seria a próxima geração de guerras. Havendo maior ênfase na guerra da informação e em operações psicológicas, cria bases para o que será referenciado como "revoluções coloridas", ou seja, investimento em propaganda civil para desestabilização de governos estrangeiros ou poderes contra-sistêmicos locais. Lind confabula:

> As operações psicológicas podem se tornar a arma convencional estratégica dominante assumindo a forma de intervenção midiática/informativa {...} O principal alvo a atacar será o apoio da população do inimigo ao próprio governo e à guerra. As noticias televisionadas se tornarão uma arma operacional mais poderosa do que as divisões armadas (LIND, 1989, p. 11).

Se a política midiática investida de manifestantes não criar o caos necessário para mudança de regime, operações especificas de guerra não-convencional são iniciadas, as vezes concomitantemente, aderindo à tática de domínio de espectro total através da implementação do que definem como "império do caos". Steve Mann publicou em 1992 o estudo que aplica as teorias de caos em modulações militares chamado "Chaos Theory and Strategic Thought" (Teoria do caos e pensamento estratégico).

Visto como dinâmica não-linear, o aparente caos apresenta muitas estratégias de desestabilização tanto material quanto ideológica e afetiva, variando nos seguintes termos apontados por Mann: formato inicial de um sistema, estrutura subjacente do sistema, coesão entre atores e a energia de conflito dos atores individuais. O desenvolvimento e a pesquisa sociológica das constituições e estruturas de uma determinada sociedade ou localidade alvo se torna matéria de uma necropolítica de controle e poder, de gerência, estruturação e alocação de recursos, e na influência e administração globalizada pelos grandes centros de vigilância. Mann afirma que:

> para mudar a energia de conflitos das pessoas – diminui-la ou direciona-la de maneiras favoráveis a nossos objetivos de segurança nacional – precisamos modificar o software. Como os hackers nos ensinaram a forma mais agressiva para modificar um

> software é usando um 'vírus, e o que é a ideologia senão um vírus de software para seres humanos? (MANN, 1992, P. 22)

O âmbito psicológico de determinada sociedade-alvo se torna, portanto, o fator variável principal para ter-se sob controle. Adquirindo pesquisas de marketing para denominação de estratégias de opinião publica em comum, a guerra contra a realidade torna-se central em suas operações de desestabilização e desinformação. Em sua estratégia definida como espectro de dominação total, William Engdahl escreve um livro corroborando e evidenciando tais abordagens disruptivas, principalmente das forças dos EUA[34], onde se abrange desde a dominação na oratória acerca dos direitos humanos, até armas nucleares e no espaço dos meios de comunicação.

A racionalidade politica subjacente a esse tipo de pratica é a da medida de segurança para o social que não é destinada a punir, mas somente preservar a sociedade contra o risco que ela corre em seu seio na presença desses seres perigosos. Daí o imperativo categórico ou uma razão de Estado para que potências globais desenvolvam e disputem um sistema de "global information dominance" (MATTELART, 2005). Se a "guerra é a politica por outros meios" como Clausewitz postulava no início da modernidade, com certeza a ciber-guerra se constitui em mais uma ferramenta e campo de atuação, dando condições também à atores menores a se equipararem em recursos e dispositivos de inserção.

> A violência é, doravante, parte essencial da instalação do projeto econômico global, ou melhor, da "representação do mundo" (shaping the world). Seu instrumento comum: o domínio do tempo eletrônico, a observação e a escolha do público alvo em tempo real. Timely knowledge flow: a divisa da nova doutrina militar sobre o network-centric war desde a guerra do Afeganistão é também a dos estrategistas da economia (MATTELART, 2005, p.12).

A hegemonia cultural se confunde com o exercício do softpower, o poder de sedução e o recuo das estratégias que recorrem à força e à coesão às periferias globais, às zonas de sacrifício e fronteiras (Idem, p.9). No *Estado Informacional*, como tratado por Sandra Braman (2006), o sistema pan-óptico fora atualizado em um sistema pan- espectral com adição de dispositivos que podem manejar muitos sujeitos ao mesmo tempo e sem que eles saibam que estão sendo vigiados, como ou porque estão sendo vigiados e quando eles se tornarão visíveis na tela interface pan-espectral.

[34] "Em sua posição, os EUA são o único país travando a Guerra híbrida hoje. A Rússia só foi reconhecer tangencialmente esse novo fenômeno em maio de 2004 na Conferencia de Moscou sobre Segurança Internacional. Os chineses e iranianos ainda não responderam oficialmente às descobertas da Conferência, mas assim como a Rússia, os dois são inevitavelmente afetados por elas. Pode, portanto, levar pelo menos meia década até que algum outro país compreenda em sua plenitude a guerra híbrida ao ponto de conseguir se defender contra ela, quem sabe até ele próprio praticá-la." (KORYBKO, 2015, p. 97)

O Estado informacional tem mais conhecimento sobre as forças simultâneas interagindo através do globo no presente do que pela a história. A consciência das condições atuais – mudanças epigenéticas – é muito maior. As consequências politicas disso são significantes, pois o conhecimento do passado fornece 'insights' sobre as forças causais que criaram as circunstâncias atuais, fornecendo informações valiosas para o planejamento futuro em um conhecimento diagramático temporal, podendo assim adaptar realidades interessadas (MATTELART, 2005, p.11).

A fabricação de consenso, assim como de dissidência controlada, passa pelas estratégias de desinformação, caos aplicado e propaganda política. Buscando engajar parte da população para agir conforme as intenções planejadas, internalizando e replicando a propaganda incessante de informação e mídia atinge campos espectrais nas redes sociais como enxames. Tais estratégias, acompanhadas de estruturas eletro-informacionais globais, fornece um acompanhamento indexado e "targeado" do desenvolvimento político na sociedade, podendo se adaptar e antever formas de recepção de conteúdo, seus desdobramentos e conflitos.

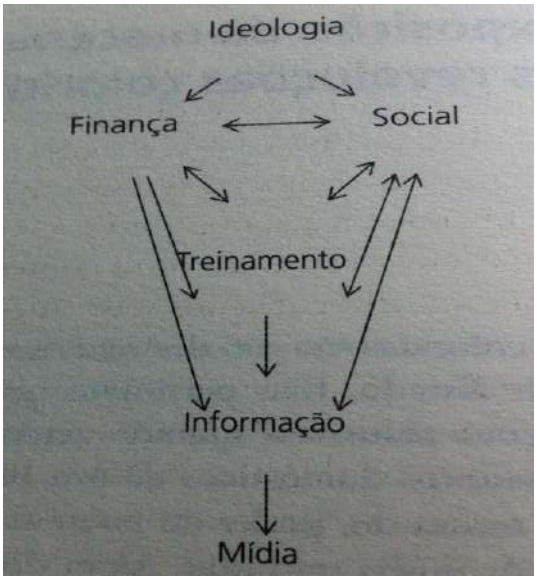


Fig. 60: "Triangulo Profano", quadro feito por Andrew Korybko, 2015, p. 114.

Arquivos de imagens e imagens coletadas e produzidas em pesquisa de campo podem e devem ser utilizados como fontes que podem efetuar dispositivos que conectam dados à às memórias de grupos referenciados. Portanto, o uso de imagens e suas práticas de gravação e montagem, acrescentam novas dimensões à interpretação da história cultural, permitindo aprofundar a

compreensão do universo simbólico das produções de memória e histórias sociais principalmente em um contexto global de contato, alienação e apropriação[35].

> Os estudos visuais em desenvolvimento na América Latina têm como desafio pendente a construção de um local de enunciação em que seus conhecimentos sejam históricos e geopoliticamente. Nesse sentido, ambas as críticas à tradição ocidental de histórias e teorias da arte, como o audiovisual, ambas do primeiro mundo, é uma tarefa essencial. A particularidade dos processos de visualidade em nosso subcontinente suscita singularidades históricas, culturais e epistêmicas que não foram abordados em toda a sua complexidade (LÉON, 2012, p. 2, tradução nossa).

Léon reflete o papel que cumpre a mídia audiovisual na produção e reprodução do que ele vai chamar de "*tele-colonialidade*", trabalhando o controle geopolítico baseado na administração de imagens e informações remotas. A telecolonialidade info-visual nos coloca diante de uma rede de dispositivos de mídia transnacionais que se baseiam na exploração colonial de conhecimentos, representações e imaginários e que reproduz hierarquias de classe, raciais, sexuais, de gênero, linguística, espiritual e geográfica de uma forma de vida hibridizada pela modernidade-colonialidade euro-americana.

As teorias de redes assim como seus desdobramentos analíticos militares desaguam no que o autor Richard Szafrabski define como “Guerra neocortical”. Aprofunda o aspecto psicológico das operações de intervenção social quando delimita como alvo o “cérebro coletivo” da sociedade, e não apenas seus líderes no comando. Influenciar as massas para aceitar ou se indignar contra determinada situação se torna um motor intrínseco as atividades de manifestação em rede para o capitalismo de plataforma, assim como os blocos de interesse político-econômicos que operam as dinâmicas fluentes.

> A guerra neocortical é uma guerra que esforça-se por controlar ou moldar o comportamento dos organismos inimigos sem destruí-los. Para tanto, ela influencia, até o ponto de regular, a consciência, as percepções e a vontade da liderança do adversário: o sistema neocortical do inimigo. Dito de maneiras mais simples, a guerra neocortical tenta penetrar nos ciclos recorrentes e simultâneos de ‘observação, orientação, decisão e ação’ dos adversários. De maneiras complexas, ela esforça-se por munir, os líderes do adversário – seu cérebro coletivo – de percepções, dados sensoriais e dados cognitivos projetados para resultar um uma gama de cálculos e avaliações estreita e controlada (ou predominantemente grande e desorientadora). O produto destas avalições e cálculos são escolhas do adversário que correspondem as escolhas e resultados que desamamos Influencias os líderes a não lutar é imprescindível (SZAFRANSKI, 1994, p. 17)

[35] Cf.: LEÓN, Christian. Imagen, medios y telecolonialidad: hacia una crítica decolonial de los estudios visuales Image, Mediums and Telecoloniality: towards a Decolonial Criticism of Visual studies. Instituto de Estética - Pontificia Universidad Católica de Chile. AISTHESIS Nº 51, p.: 109-123, 2012.

O movimento de corpos está no centro destes processos crescentes de digitalização e marketização de dados humanos. O comportamento humano social está cada vez mais codificado em padrões de informação permitindo a predição (e determinação) das interações ecológicas. Expressões humanas podem teoricamente desmaterializar em sequências de números, coletadas e armazenadas em arquivos digitais para diversos propósitos (saúde, marketing, vigilância, inteligência artificial, etc.). O Warren Neidich (2016) separa etapas:

- **Capitalismo Cognitivo Inicial**

- Precariedade
- Trabalho 24/7 e Subsunção Real
- Financialização do Capital
- Trabalho Imaterial
- Capitalismo comunicativo

- **Capitalismo Cognitivo Tardio**

- Neuropoder substitui o biopoder
- Taylorismo Neo/Digital
- Commodificação do Comum Neural pelo Capitalismo Neural
- Frontalização Coevolucionária ou Marcha Rostral

O que inicialmente constituía a ordem dos objetos e das coisas e suas relações, sua concorrência epistemológica, e que existia fora do sujeito que constituía os regimes ou leis do soberano, agora se interiorizava. O sujeito no processo tornou-se autodisciplinado. Essa interiorização do que é exteriorizado, na medida em que códigos de cultura mapeados são sintagmaticamente reencenados como agenciamentos de memória, produz sistemas de autodisciplina que se insere em uma configuração neurobiológica de mapeamentos materiais ontologicamente esculpidos que formam a base dos hábitos de pensamento.

Warren Neidich têm chamado *hebbinismo* em homenagem aos neurobiólogos canadenses D.O. Hebb quem primeiro descobriu a relação entre a eficiência neural e o disparo simultâneo de elementos neurais adjacentes e contíguos. Finalmente, o córtex pré-frontal tornou-se o órgão neural dominante a ser cúmplice do neoliberalismo. Muitas das características do trabalho pós-fordista e mais ainda no novo-taylorismo [36] do capitalismo cognitivo, como prognóstico, criatividade, flexibilidade e reações a novos ambientes, também são qualidades que fazem parte do repertório de propriedades atribuídas ao córtex pré-frontal, aquela parte do o cérebro encontrado mais anteriormente localizado logo acima e atrás dos olhos e da testa. “Isso é

[36] Au, W. (2011). Teaching under the new Taylorism: high-stakes testing and the standardization of the 21st century curriculum. Journal of Curriculum Studies, 43(1), 25–45

basicamente o que é o capitalismo cognitivo intensifica como Frontalização Coevolucionária ou Marcha Rostral" (NEIDICH, 2016, p.5).

No capitalismo cognitivo, Neidich afirma o Corpo sem Órgãos não é mais um dsruptor adequado para os estilos de trabalho e, portanto, uma nova forma de dissenso emerge requerida. A subsunção real será dominada pela subsunção neural onde cognitariados ou trabalhadores digitais configuram suas próprias vidas como trabalho em si. O corpo sem órgãos descarrilhou Capital Fixo e a produção de *surplus* na assemblagem fordista. Já em atual estagio de mediação máquina/humana, um "*Cérebro sem Órgão* pode desregular diferentes formas de trabalho fixo existentes e futuros, intracraniais e extracraniais" no estagio tardio em um capitalismo cognitivo neural (NEIDICH, 2016, p. 5).

O autor desenha diagramas plásticos onde pode transmitir visualmente com mais acesso a sua produção conceitual dos sistemas informacionais e psicológicos envolvidos na atual fase de produção tecnológica. Produção de controle desde a sociedade disciplinar a sociedade de controle produz o deslocamento do panóptico para o synóptico. A fonte de conteúdo e administração passa, portanto a ser interiorizada das tendências sociais, politicas, de compras, etc. Um materialismo neural desenvolve-se a partir de um capitalismo neural onde regimes de verdade passam a ser disputados em epigenias sistêmicas. Um ponto de inflexão para criação e fuga de sistemas fechados que o autor aponta seria no que ele se refere como Duende. Junto as emergências culturais onde a variação da natureza conforma ao social, sistemas de uso desde o xamanismo às drogas psicoquímicas, produz-se também a arte como poesia, rap, colagens, ações, noise, que escapam da previsibilidade sistêmica. O cérebro sem órgãos, como Neidich se refere, afirma o poder-neural como principal fonte de produção de efeitos e realidades constituintes.

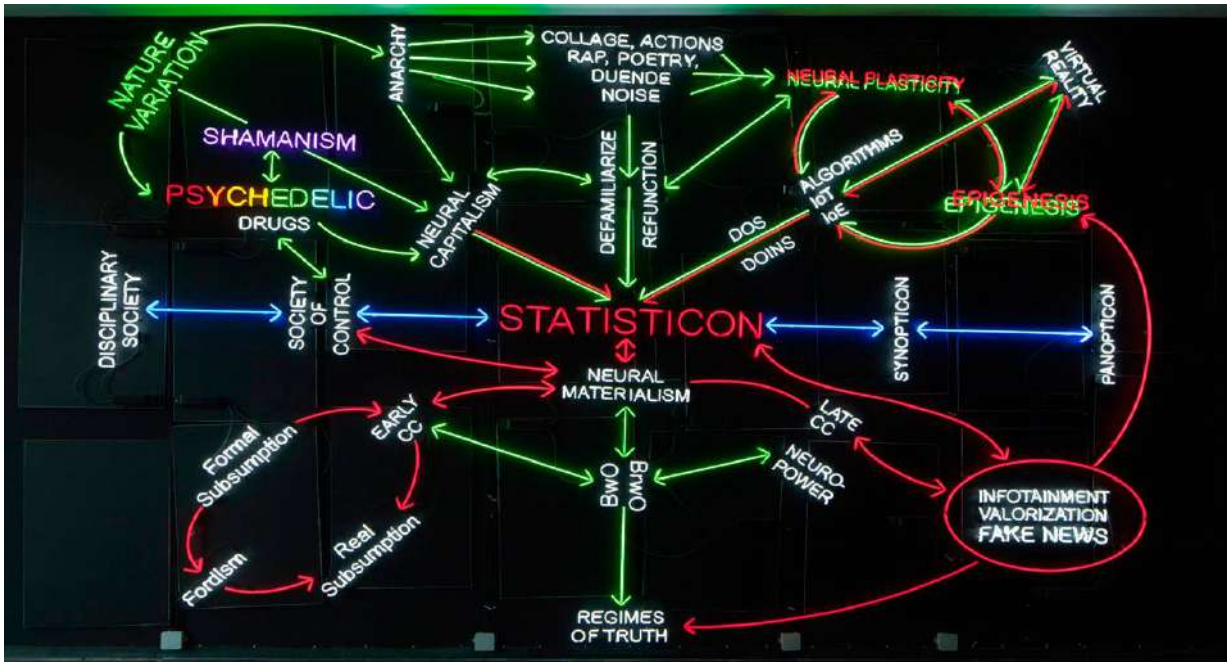


Fig. 61: “Diagrama estatístico” Warren Neidich, 2016.

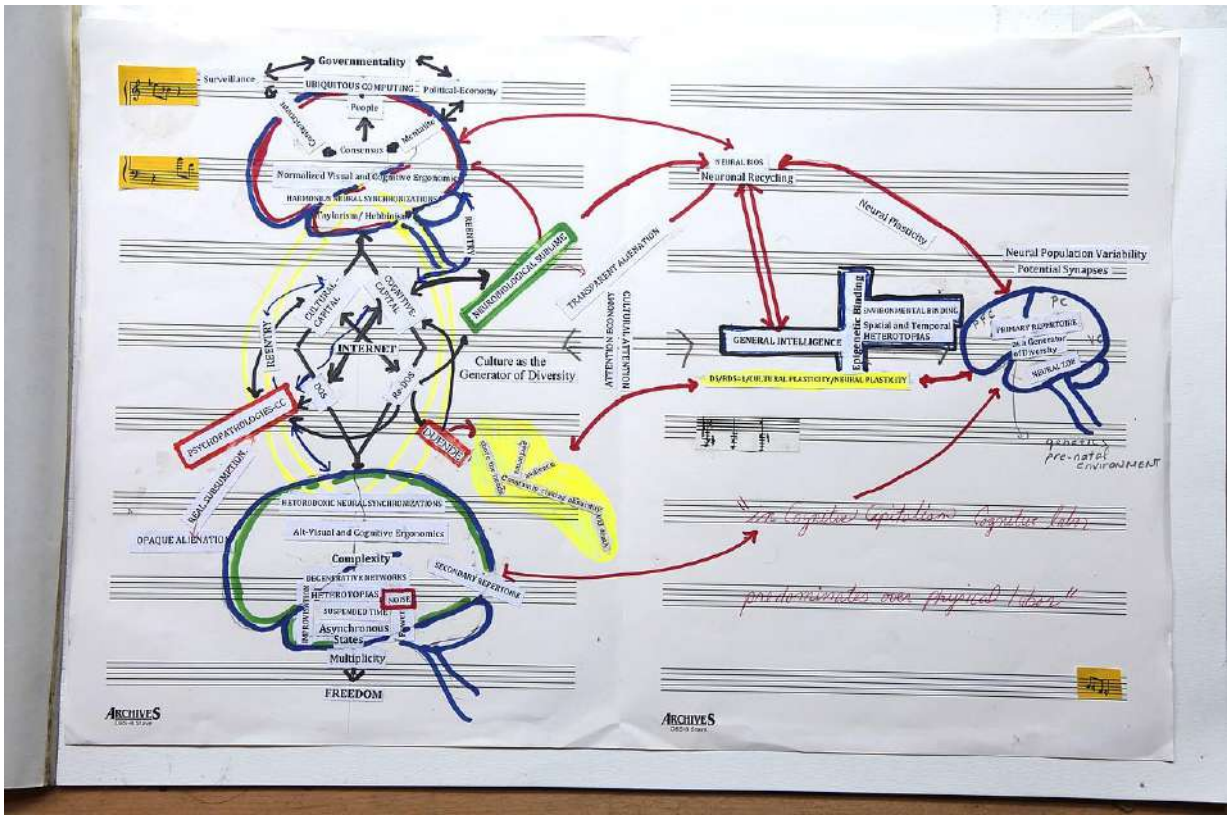


Fig. 61: “Diagrama do Activismo Cognitivo” Warren Neidich, 2020.

Nas margens da sociedade, artistas autônomos estão produzindo obras de arte heterodoxas não institucionais que se opõem às atividades normalizadoras dos regimes institucionais. O capital cultural reflete não apenas essas atividades, mas também sua capacidade de se insinuar nas

normas culturais que às vezes as alteram. A precariedade da vida do artista, a jornada de trabalho 24 horas por dia, a economia da valorização, o uso das relações públicas e outros fatos de distribuição da produção do artista são todas as características muito distintivas do capitalismo cognitivo neoliberal.

O que também é realmente interessante sobre o capitalismo cultural hoje é como o que antes era uma grande discrepância entre o trabalho do artista e o proletariado no modernismo desapareceu. Esta categoria de capital cultural, no regime do capital cognitivo, foi abraçada como um modelo preferido e adaptado para o trabalho hoje. As Distribuições de Sensibilidade (DOS) e Redistribuições de Sensibilidade (ReDOS) no Capitalismo Cognitivo são customizadas e baseadas em conhecimento. Esses valores e as atitudes do trabalho artístico ou criativo foram incluídos no termo classes criativas. As estratégias pelas quais a prática do conhecimento artístico cria dissensos, enfraqueceu no capitalismo cognitivo.

De fato, o modo de vida do artista foi adaptado e recuperado como forma de estimular o capitalismo. A alteridade, a alteridade, os espaços de heterodoxia e heterotopia que os artistas criam tornaram-se agora lugares de diferença, territórios de diferença, espaços desterritorializados em que novos tipos de produtos, novos tipos de ideias, novas formações podem surgir para serem recuperados pelas formas hegemônicas dominantes de capital cognitivo.

As produções rítmicas e adaptativas da administração das percepções sistêmicas se tornam fundamental nas dinâmicas geopolíticas no processo globalizatório contemporâneo. Através das ferramentas de comunicação e informação, estratégias e modelos processuais de produção e competição social são engendrados entre a produção subjetiva de emoção política e fatos materiais na constituição do comum e da realidade social. A chamada ‘era da informação, do acesso e do conhecimento’ passa pelo agenciamento do controle onde a informação militarizada toma iminência dinâmica em diversas áreas da produção social, seja no jornalismo, no marketing ou nas relações politicas e econômicas.

> É preciso então ler as doutrinas contra insurrecionais enquanto teorias da guerra que nos é dirigida, e que tecem, entre outras coisas, a nossa situação comum nesta época. Há que lê-las quer como um salto qualitativo no conceito de guerra, sob o qual nos podemos posicionar, quer como espelho enganador. Se as doutrinas da guerra contrar-revolucionária se modelaram a partir das doutrinas revolucionarias sucessivas, não podemos, contudo, deduzir negativamente nenhuma teoria da insurreição a partir das teorias contra insurrecionais. É esta a armadilha lógica. Já não nos basta manter uma guerra latente, atacar de surpresa, derrubar todos os alvos do adversário. Até essa assimetria foi reabsorvida. Em matéria de guerra, como de estratégia, não basta recuperar o atraso: é necessário tomar a dianteira. Precisamos de uma estratégia que vise não o adversário, mas a sua estratégia, que a volte contra

> si próprio. Que faça da sua crença no êxito o caminho para a derrota (COMITÊ INVISÍVEL, 2015, p. 106).

Determinando fatores psicológicos chave no ambiente operacional; identificar ações com efeitos psicológicos que sejam capazes de causar, mudar ou reforçar comportamentos desejados em grupos ou indivíduos alvo identificados; moldar percepções da população para apoiar os objetivos da guerra não convencional; e contra atacar informações falsas ou "difamadoras" do inimigo que possam minar a missão de guerra não convencional, formam a doutrina da guerra não convencional assim como compõe o objetivo de espectro de dominância total na constituição competitiva da geopolítica contemporânea, assistida pelo acirramento das tecnologias de informação.

Para além das questões da interatividade, conceitos estruturais econômicos e políticos como "capitalismo eletrônico-informático", ou "tecnocapitalismo", aponta-se para dinâmicas do complexo socioeconômico e cultural ao armazenar e classificar grandes volumes de informação como material de troca, controle, vigilância e pesquisas de dados para visualizar tendências sociais. Quase universalmente acessível e parcialmente gratuita, grandes empresas como os *Quatro Grandes*: Google (Alphabet), Amazon, Facebook (Meta) e Apple são comumente referidos como "Big Four" ou "GAFA", também referidos como os "Quatro Cavaleiros", uma referência aos Quatro Cavaleiros do Apocalipse. Tais empresas formam um oligopólio indireto e fornecem serviços de organização de algoritmos em estruturas de suporte de acesso para o usuário. Palavras, imagens e sons configuram expressões de metadados arquivados digitalmente influenciando vínculos entre cultura, comunicação e cidadania. As palavras se transformam em signos de busca e são articuladas algoritmicamente em um pan-espectral eletrônico para o mercado, pois as informações que damos aos buscadores sobre nossos comportamentos, desejos e opiniões nos transformam em insumos mercantilizados.

Usarios/consumidores/produtos submetem conteúdos com gostos e inscrições íntimas aos rastreamentos sistêmicos, globalizando uma economia do trabalho impulsionada pelo trabalho não remunerado dos usuários, físicos e mentais (cliques, rolagens de telas, disposição corporal, tempo livre e de trabalho, etc.). Dada a opacidade dos algoritmos e a transparência dos nossos dados, esta relação laboral assimétrica e desigual põe em causa a nossa capacidade de funcionar como cidadãos. Ações parciais, como criar auditorias independentes para aplicações financeiras ou exigir responsabilização pelo uso que algoritmos fazem de nossas informações, devem levar a questionamentos mais radicais do que em qualquer outro momento sobre o tipo de hegemonia que está sendo instalada.

A intensificação biopolítica através de sistemas de dados indexáveis, capturam inovações codificando dados e ideias, e tomam decisões sobre o que será selecionado para transformar em intervenções de mercado. Na antiga distinção gramsciana, a hegemonia se diferenciava da dominação por não ser simples imposição, mas controle que recebia consentimento ao levar em conta as necessidades e desejos dos subalternos em auto-exploração com consenso.

A governamentalidade algorítmica não busca o apoio das massas, mas a desorganização das massas. Quando a centralidade de análise das operações algorítmicas substitui os sujeitos, elas levam a intencionalidade para a nuvem buscando efeitos nos atos dos consumidores, usuários e cidadãos. Embora a aparente exaustividade dos dados sugira um conhecimento rigoroso e total, disponível a todos, essa percepção é obscurecida pela gestão da informação das empresas concorrentes, que selecionam mensagens com base em interesses particulares. A essas duas funções, que definem o que é um algoritmo em relação aos seus usos, devemos acrescentar que coletam informações não públicas e, portanto, desorganizam não apenas "as massas" ou nações, mas também o sentido do que é público.

Uma zona estratégica informacional obscura é chave central para se investigar a contradição entre o papel emancipatório das redes sociodigitais e a força de submissão da hipervigilância. Apenas a organização algorítmica dos mercados não resolve os conflitos de desigualdade e interculturalidade. As respostas aos conflitos oferecidas pela sociometria e pela biotecnologia não podem impedir que a geopolítica internacional se torne uma interdependência de medos. Junto com a interdependência econômica e cultural, crescem aos nacionalismos e os etnicismos, tentativas de separação de regiões e a devastação dos que são diferentes. Este doloroso conflito atual e global não parece administrável com programas de governamentalidade robótica, talvez apenas para alguns controladores vetoriais específicos da elite sócioeconomica.

O conhecimento estratégico ampliado pela captura e ordenação eletrônica de dados, e em outra direção pelas denúncias sociais, é limitado pelo que não se quer saber ou se oculta, dificuldade que se agrava ao tentar montar culturas e modos de organização social díspares. Quanto mais afirma-se a transparência, mais obscuro as estratégias de sigilo serão desenvolvidas e adaptadas. Aos cidadãos ordinários e emergentes, resta o ensaio e a montagem cotidiana como estratégias de contra-ataque e exposição de problemas.

O gigantesco conhecimento dos algoritmos, sua capacidade de conectar bilhões de comportamentos individuais, aparece intensificado como base do poder estruturante. A lógica totalitária de sua apropriação de dados pessoais e a inaptidão dos sistemas algorítmicos para criar governabilidade social deixam de fora, ainda sem intervenções efetivas, uma lacuna entre cidadãos-consumidores-usuários.

A conformação dos hábitos de um indivíduo segue o encadeamento de informações, imagens e conexões são sempre específicos para cada usuário/intérprete, as leis de sua interconexão (concatenatio) devem ser encontradas no hábito (consuetudo) do intérprete. O que Espinosa chama de constitutio, dispositio e, algumas vezes, de ingenium. Imagens, portanto, quando apreendidas, forma um produto de interpretação que ocorre no corpo (unidade mente e corpo em Espinosa) do intérprete, isto é, na maneira como ele conecta as imagens, em relação às quais as ideias representam os corpos externos como se estivessem presentes para ele. Uma imagem, portanto, opera como um signo, cujo sentido final é uma ação, um hábito, um modo de vida.

> Essas imagens universais das coisas são signos, que indicam a existência de uma lei que governa a maneira como elas são recordadas. Por um lado, elas permanecem particulares porque são diferentes para todos; por outro lado, elas servem como universais, chegando em última instância aos termos transcendentais. Como antes, entretanto, esses signos respondem às análises que construímos. O signo é feito de imagens, as imagens são feitas de traços, e os traços pressupõem o que poderíamos chamar de um certo grau de traçabilidade para todos os corpos. A memória penetra tão profundamente na essência do corpo que se torna parte de sua identidade individual. E se, como dissemos, o corpo não é nada mais do que a extensão de suas práticas corpóreas, parece-nos, agora, que essas práticas são o verdadeiro exercício da memória (VINCIGUERRA, 2017, p.16).

Constituir a informação e suas competências e transformar definições e abordagens plurais o em um currículo propositivo são os grandes desafios educacionais da chamada 'era informacional'. Intelectualmente, tanto quanto em suas práticas, essas reflexões merecem discussões aprofundadas e em com colaborações ampliadas entre educadores e profissionais de sistemas de informação, humanistas e cientistas informacionais e de computação.

As redefinições conceituais do conhecimento em suas taxionomias polissêmicas, seus enfoques e justificativas filosóficas, vieses e limites, contêm seu potencial de emancipação e dominação humana, de crescimento e de destruição global. Estudos que buscam evidenciar horizontes reais do desenvolvimento sócio-técnico contemporâneo que abarcam ao mesmo tempo processos educacionais que visam preparar o crescimento cognitivo e de capacitação social para enfrentar tais desafios crescentes, emergentes e acelerados é imprescindível para uma sociedade mais igualitária e soberana sobre sua autodeterminação e constituição histórica.

Embora dificilmente possa ser considerado como uma representação clara, a profusão polissêmica de conceitos está estendendo o debate para além das fronteiras do mundo da biblioteca e reorientando o capital cultural e cognitivo essencial para a construção da autonomia de alunos com conhecimentos e referencias diversas. A questão, porém, passa pela referida *diferença colonial*, não somente na inclusão do diverso intercultural, mas sim pelo reconhecimento e criação/apropriação dos processos de poder e saber do conhecimento

associados às dinâmicas geopolíticas de produção. Como implementar programas e processos estipulados e instituídos, transparentes e abertos para o desenvolvimento democrático consiste principal desafio tanto educacional como civilizatório para a formação cognitiva, ética e humana da sociedade global.

4.2 A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NO CAPITOLOCENO: O caso do Museu nacional do Rio de Janeiro

Provavelmente a tela de projeção não fosse nada além de uma tela de projeção ...
que nos protegia do resto do mundo.
Matthew em "Os sonhadores" (Bertolucci, 2003)

Fig. 62: Vista aérea do museu nacional no dia seguinte ao incêndio mostrando as subdivisões das galerias de exposição. Foto: REUTERS/ Ricardo Moraes. 3 de set de 2018.

Os arquivos estão mais proeminentes do que nunca, não apenas na prática artística e no discurso teórico, mas também na cultura popular. Um arquivo agora é entendido como algo que possa ser importante, mas que fora mantido por alguma razão, separado do fluxo efêmero que está sempre passando. Este subcapitulo foca em como a prática arquivística e a organização do conhecimento pode ser integrada nos discursos produtivos e destrutivos da história, teoria e prática da arte. Em um momento em que o conceito de arquivo é mais amplamente conhecido e menos fixo em seu significado, podemos evidenciar desafios da constituição de diferentes tipos e processos de organização do conhecimento e da arte nos confrontos e impactos drásticos que efetua a era em que a atividade do capital afeta fluxos geológicos, afetivos, históricos, etc.

- quais memórias resistem e se reinventam ou como elas podem ser destruídas e moduladas perante esta força chamada Capitoloceno?

Um aspecto geralmente imputado sobre o conceito do Antropoceno, o *capitoloceno* (epistemología alternativa desde a crítica Marxista contemporânea de Jason W. Moore, 2015) nos serve para evidenciar que não é qualquer humano ou todos os "antros" que causam impactos ambientais e sociais em larga escala como as empresas organizadas pelo extrativismo capital global e cada vez mais cibernético (sistemas info-tecnológicos operados e regulados a distância). As narrativas totalizantes que tratam a vida e a espécie humana como uma massa indiferenciada, produto bruto a ser gerenciada, tendem a invisibilizar processos, sensibilidades e outras memórias emergentes. A tese do *Capitaloceno* propõe:

> que a crise das mudanças climáticas não se deve simplesmente a uma substância como o petróleo ou o carvão, ou a um elemento químico como o carbono – e certamente não à espécie humana – mas às complexas operações socioeconômicas, políticas e materiais envolvendo classes e commodities, imperialismos e impérios, biotecnologia e militarismo. (DEMOS, 2017, p. 86).

Uma das frentes que o modelo capitalista investe que abarca concepções positivistas é a imobilidade social a partir dos aparatos ideológicos, que impedem o acesso ao conhecimento por camada de indivíduos, limitando-os a um pensamento recortado, fragmentado, alheio à compreensão do todo, distante da realidade, e que, por isso, não lhes permite avançar na busca de seus direitos e na melhoria de sua situação social. A ideia de leitor, visitante ou telespectador, é no sentido de ler o mundo, de ler a informação contida nos diversos suportes, nas múltiplas linguagens que lhe permite a partir da representação, contextualizar e se apropriar de conhecimentos que lhe serão construtivos na formação de sua cognição e, por consequência, mobilizadores de suas práticas sociais.

A globalização e a digitalização causam uma sincronização global de eventos, mas também novas formas de assincronia. Analisar e observar as mudanças na organização do conhecimento não se trata de uma nova cartografia geopolítica da cultura, mas da variedade e contribuição inter-cultural além do mercado e da conexão com a tecnologia e a ciência. Não se trata de apenas desmitificar as crenças ou denunciar as ilusões, mas sim compreender as razões sensíveis que formaram, pela modernidade, maneiras especificas de criação de valor simbólico, em sua organização e também operacionalização. Ao multiplicar os pontos de vista e decifrar as alianças entre experiências subjetivas e globalização das ideologias e dos gostos, pode-se vislumbrar uma nova compreensão do lugar da arte na recomposição de sentido e conhecimento.

Cabe destacar que o entendimento das necessidades sensíveis do 'leitor/visitante', de objetos ou em espaços culturais, é fundamental para o atendimento dessas demandas, alinhando sua busca aos materiais disponíveis, não somente no espaço físico das unidades de informação, mas em qualquer lugar onde esta informação se localizar, seja no ambiente físico ou virtual. Aquele que busca por informação não deve ser limitado a um seu acervo, mas deve experimentar e desenvolver conhecimentos situados para buscar a informação, se desenvolvendo ao avançar em seu próprio paradigma, indo do suporte físico, reconhecendo caminhos e sistemas que o liguem à informação.

Neste aspecto, entender os fluxos informacionais permite mapear suas possibilidades de fontes e ambientes informacionais, fornecedores de materiais que contenham o conteúdo necessário para atender as necessidades informacionais de usuários. Desse modo, entende-se compatível a discussão dessa relação entre fluxos e mediação em um olhar para o caráter dialógico entre o individual/coletivo que se insere a construção do conhecimento, não sempre de forma linear. A identificação da Ciência da Informação como uma ciência social justificada pelo seu fazer e a quem se destina, configura em sua importância cultural não somente como definição genérica à revelia das inovações tecno-informacionais.

- ORGANIZANDO A FRAGMENTAÇÃO

Através das transgressões artísticas, criticas teóricas, demandas politicas e pressões tecnológicas, os arranjos institucionais foram rachados e a multiplicidade cultural atravessou das rachaduras. Esse movimento de vanguarda faz mais do que apenas recobrir as rachaduras com outros véus visíveis? A cultura visual seria apenas um modernismo re-usado como revisionismo da história da arte em museus re-designados? Ou ela pode ser um campo de constituição para novas formações ainda não definidas? Como seriam os desenhos institucionais? "Uma coisa é certa: não apenas as artes modernistas caíram em ruínas, os departamentos de história de arte e os museus modernos de arte estão em chamas e o inferno não é apenas epistemológico" (FOSTER, 1996, p.1). Ao afirmar que a criação e a produção são apenas façanhas do homem, usa-se o mundo esvaziando-o de sua alma, a natureza com objeto, como objeto ferramental, um instrumento de atividade, uma terra para exploração, um meio para seus fins. O intelectual e professor Peter Pal Pelbart narra um encontro na exposição de arte indígena da Oca do Ibirapuera, onde:

> tive o triste privilégio de visitar ao lado dos índios "vivos". Na saída o cacique Xavante me desabafou, num diagnóstico de inspiração fortemente nietzschiana: "tudo

> isso é para mostrar a vaidade de conhecimento do homem branco, não a vida dos índios". Nunca ficou tão claro o quanto a assepsia de um museu encobre de violência e genocídio – tema benjaminiano por excelência. O domo branco de Niemeyer, a superfície lisa, as curvas sensuais dos corrimãos metálicos, a luminosidade cuidada – tudo ali ajudava a ocultar que cada objeto exposto era espólio de uma guerra. Não havia uma gota de sangue em toda a exposição. A morte fora expurgada dali, mas também a vida. Não reencontramos, nessa museologização da cultura indígena, nosso vampirismo insaciável? (PELBART, 2003, p.59)

Nestes estados de ambivalência teórica e conflitos políticos, o campo da ciência da informação, não apenas analisa, classifica e organiza eventos e recortes na história, mas também acompanhando suas transformações na cultura contextual em sua respectiva conjuntura, produz novas leituras e, por conseguinte, novos registros, arquivos e documentos artísticos. Saindo do positivismo e tendendo à um eixo poético neo-documentalista, o ponto de vista contemporâneo do arquivo não se preocupa tanto com a representação da essência e sim com a expressão e experimentação das intensidades constituintes e referentes. O registro tecnológico do simulacro e a projeção psicológica do registro do imaginário formam um caráter sensível duplamente imaterial de arquivar a complexidade da vida.

> A existência do colecionador é uma tensão dialética entre os polos da ordem e da desordem... Essa tensão, que parece fundar a história da humanidade enquanto história, foi apaziguada ou maquiada, combatida ou resistida pelo espirito positivista que preferiu contar a história do triunfo de um dos polos: o da ordem e o da razão. Ordem baseada na definição identitária dos elementos colecionados. Os museus da modernidade passaram a se caracterizar pelos objetos que capitalizavam, assim como o sujeito moderno pelos conhecimentos que era capaz de acumular. Museus e subjetividade modernos como dois tipos de arquivo, capitalizadores (ANTONIO ANDRADE, CELIA PEDROSA, 2018, pg. 16).

Assim como as assunções antropológicas, os poderes de enunciação (o *arconte*) e os imperativos sociais governam a mudança da história para cultura, os imperativos tecnológicos também governam a mudança organizacional da arte para o visual e mais ainda, para o informacional. Aqui a imagem é para a cultura visual o que o texto era para as práticas pós-estruturais. Manifestada em possíveis 'novas pedagogias' ou em 'aptidões visuais", as novas literacias apresentam também cargas ideologias de um futuro tecno-utópico, reformando e traduzindo os papeis cívicos e éticos em uma síndrome de Stockholmo da cultura visual tecnocrata - "Pode-se imaginar o endosso de Bill Gates" (FOSTER, 1996, p. 108).

Na relação entre cultura visual e informação eletrônica, como podemos pensar fora da revolução romântica ou da informação especulativa? O sistema que governa e gerencia as aparências das declarações em novos arranjos pode disponibilizar ou inviabilizar a produção de sentido no mundo. Foster descreve as relações do arquivo em que movimentos artísticos como

o modernismo e as passagens de eras podem desafiar os espaços duros da representação artística:

> A biblioteca está em fogo! ...com escritores como Joyce, Roussel, Kafka, Pound, Borges ou pintores como Manet, Picasso, Duchamp, etc. O museu também começa a queimar. A economia politica do signo, intensificado pelo movimento Bauhaus, indica e aponta o arquivo como paradoxalmente transgressor e vencedor, onde a mera recuperação não dá conta dialeticamente de descrever eventos. Se a cultura visual marca a transformação do arquivo, então seus precedentes, sob todo evento de época que informa Manet em ambos espaços imaginários do museus e o Bauhaus na politica econômica do signo", a transformação da arte na 'era da reprodução mecânica de Benjamin (1936) e em Malraux nas "Vozes do Silencio (1935) (FOSTER, 1996, p. 92).

Para Benjamim, a reprodução estilhaça a tradição e liquida a aura. Para Malraux, provém os meios para re-assemblar pedaços quebrados em uma meta-tradição de estilo, um novo "Museu sem Paredes" ao qual este próprio fluxo de auras liquidadas permitem o curso dos fragmentos juntos ao "Rio da História - a vida persistente de certas formas, emergindo sempre e de novo como espectros do passado." (FOSTER, 1996, p. 24). A difusão mundial pela internet, permitindo o conhecimento de obras exibidas em diferentes museus e países, reduziu a exclusividade desses santuários. A extensão dos simulacros cria uma paisagem na qual certas pretensões subjetivas das artes como surpresa, transgressão, ironia, etc., vão se diluindo nesta base móvel de pensamento que a arte propicia. Como Néstor Cancline corrobora: "As distintas indefinições entre ficção e realidade confundem-se devido ao acaso de visões totalizadoras que situam as identidades em posições estáveis" (CANCLINI, 2012, p. 22).

> Tais transgressões supõe a existência das estruturas totalitárias que oprimem e das narrativas que as justificam. Ficar atrelado ao desejo de acabar com essas ordens e, ao mesmo tempo, cultivar com insistência a separação, a transgressão, implica que essas estruturas e essas narrativas mantêm vigência. O que acontece quando se esgotam? ... Quando falo em sociedade sem relato não quero dizer que faltem relatos, como no pós-modernismo que criticou as metanarrativas; refiro-me à condição histórica na qual nenhum relato organiza a diversidade em um mundo cuja interdependência leva muitos a sentirem falta dessa estruturação (IBID, p. 25-26).

Juntos, Benjamin e Malraux tentam descrever processos dialéticos da visão permitidas pela reprodução fotográfica, entendendo os dois como dialéticos em um processo de devir e transformação e não como escolha feita entre dois polos já definidos (tese e antítese). Há uma nova dialética perceptiva permitida pela informação eletrônica? Se de acordo com Malraux, o museu garante o status de arte e a reprodução fotográfica permite a multiplicação de estilos e gostos, o que um reordenamento digital pode expressar em conhecimentos e cultura? A arte como imagem-texto e agora como info-pixel?

> O arquivo sem museus pressupõe uma universalidade do telespectador/consumidor,

> podendo ser um dos últimos resquícios descendentes do sujeito humanista tradicionalmente associado com a Renascença. De fato, sua vontade de se conectar pode traçar uma pitada de paranoia - o que é paranoia, se não uma prática de conexões forçadas e más combinações, de meu próprio arquivo privado, de minhas próprias anotações do subsolo, expostas? ...Um arquivo sem museus? Se sim, será que uma database pode ser mais que uma base de dados, um repositório do que já é dado? Pode a arte de arquivamento emergir de um senso similar de falha na memória cultural, de um default nas tradições produtivas? Por que mais se conectar tão febrilmente se as coisas não parecem tão desconcertadas em primeiro lugar? (FOSTER, 1996, p. 21/26).

Qual é o limite fronteiriço de um arquivo sem museus? Talvez seja em forma de uma ilusão, de uma mobilidade superficial dos signos que cobrem um *stasis* profundo do sistema. Talvez as bibliotecas e museus retornaram, mas como um recipiente contendor onde outras ordens são derretidas em moldes, dispostas em gavetas e estantes fixas e congeladas. "Um arquivo entrópico, uma nova Alexandria" (IBID, p.29). Foster se aproxima novamente do Mexicano Néstor Canclini e fala do duplo valor e significado da palavra autonomia, pensando no desenvolvimento da arte institucional da arte de vanguarda, indicando a centralidade estratégica de se lidar com autonomia, entre a produção e o consumo.

> Ao falar desta arte disseminada em uma globalização que não consegue se articular, já não podemos pensar em uma história com *uma* orientação, nem em um modelo de desenvolvimento para a sociedade. Estamos longe dos tempos em que os artistas discutiam o que fazer para mudar o mundo ou ao menos representar suas transições revelando o que o sistema escondia. Mal conseguem agir, como acontece com os prejudicados que tentam se organizar, na iminência do que pode acontecer ou nos restos pouco explicáveis do que foi desvencilhado pela globalização. A arte trabalha agora nos rastros do ingovernável (CANCLINI, 2012, p. 28).

Os trabalhos interdisciplinares e interculturais no situam em uma época mais fecunda para reexaminar o que entendemos por saber e conhecimento: como reunir o rigor dos conceitos com outros modelos de explicação, compreensão e expressão. As obras artísticas não aparecem apenas como ilustrações de pensamentos, mas para evidenciar seus dispositivos conceituais e formais que mudam os modos de tornar visíveis as perguntas. "Nas propostas teóricas e nos resultados de pesquisas, mais que fundamentos ou conclusões, experimentamos caminhos e enigmas do saber" (CANCLINI, 2012, p. 64).

As culturas visuais, organizadas como coleções e troféus na época do colonialismo, podem agora disputar espaços onde a comunicação ensaia modos de tradução repensando dilemas da expressão e da interculturalidade. Canclini pergunta-se: "Como governar a globalização? Como viver com a diferença em um mundo de densos intercâmbios mundializados?" (CANCLINI, 2012, p. 110). Concentram-se as expressões artísticas que propõem problemas evitando a celebração tradicionalista e a mercantilização, assumindo os desníveis destes intercâmbios, as negociações pela diferença de informação, a interculturalidade desigual dos migrantes e a

assimetria entre norte-sul nos cruzamentos fronteiriços. “Neste encontro, a arte trabalharia com a iminência e a emergência, enquanto o patrimônio com o que está em perigo de se deteriorar ou de desaparecer” (CANCLINI, 2012, p. 129).

> ... se os museus modernos enfrentaram o caos ordenando os seus materiais com um espirito racionalista e afirmativo, as coleções de Artur Bispo do Rosário ou as fotografias de Rosangela Rennó, as proliferações de corpos para além dos contornos da Porta do Inferno de Rodin, as curadorias de Aby Warburg para outra história das imagens ou os anagramas de Ferdinand de Saussure em lugar de seu valioso signo, a memória excessiva e impiedosa de Funes/Borges e de Guimaraes Rosa, ou a memoria que prescinde de sujeito de Brás Cubas, na poesia de Ana Cristina Cesar ou Paulo Leminski ou o arquivo multifacetado dos documentários de Joao Moreira Salles são alguns dentre os muitos arquivos que olham diretamente nos olhos da voragem, e se instalam barbaramente no terreno lamacento dos canteiros de obras, da destruição enquanto construção, do monturo e das cinzas enquanto criação e crítica (ANTONIO ANDRADE, CELIA PEDROSA, 2018, pg. 18).

A pergunta critica em relação ao patrimônio seria onde se estabelece e se consolida um significado socialmente compartilhado, como continua se transformando ao ser utilizado, e se corre riscos de se dissolver na disputa entre os usos políticos e mercantis, culturais e turísticos. O valor da arte na contemporaneidade não reside na eloquência do espetáculo com que se exibe a criatividade dos povos, mas no modo de gerar espaços experimentais onde se abrem novas formas de conhecimento e interdependência. Não preocupadas em marcar limites e classificações de cada cultura, elabora o que as relaciona com umas com outras, inclusive pelas vias negativas do contraste e da exclusão. Essas experiências não se encontram apenas na superfície do registro da exposição, mas “principalmente no registro da invenção de redes e aberturas cognitivas que elas propõem e abrem no espaço social em jogo” (CANCLINI, 2012, p. 121).

O acesso é de dupla-mão e a entrada por epifanias conectivas que atravessam as vias expressas da informação, prometidas como campo de exploração-limite eufórica da mente. Na era da informação eletrônica a principal fronteira do capitalismo é o inconsciente. A retórica é cada vez menos “ciber-punk e mais tecno-psicodélica, amalgamando tropas alucinógenas da realidade virtual e da Web como novos espaços para o absurdo, desinformação e fantasia, em derivados pós-surrealistas de múltiplas camadas conectadas, atravessadas e difusas”. Entre a organização da sociedade e o desejo de autonomia está em jogo o lugar da experimentação criadora, no sentido que “a iminência faz do estético algo que não termina de se produzir, não procura se transformar em um ofício codificado nem em mercadoria rentável... O gerente Bill Gates ainda não tem o monopólio e explorações alternativas existem - a batalha por Alexandria apenas começou e suas estratégias aestéticas devem ser pensadas e analisadas” (CANCLINI, 2012, p. 126).

> A história é assim: A terra é capturada pela singularidade do tecnocapital como racionalização de um renascimento e da navegação oceânica focada na decolagem da commoditização. Logisticamente acelerando a interatividade técnico-económica, desmorona a ordem social em auto-sofisticação maquínicas e fugitivas. Como os mercados aprendem a fabricar inteligência, a política moderniza, atualiza a paranoia e tenta obter uma aderência... Desregulação e Estados em armas correm entre si ao ciberespaço... Na versão atual, a "história progressiva" camufla táticas filogenéticas de pulsão de morte, ondas-Kali: Logisticamente acelerando a condensação da extinção virtual das espécies. Bem-vindo ao laboratório do matricídio. Você quer isso tanto que é como um grito lento em sua cabeça, apagando-se em êxtase. (LAND, 2011, p. 441-442)

Com a desterritorialização expoente do capital internacional e a aceleração intensiva do complexo tecnológico, o autor Nick Land (2011, p. 432) aborda os ímpetos psicológicos desta complexificação sistemática na humanidade: “A modernidade inventou o futuro, mas isso tudo acabou”. Como então criar processos políticos, éticos e estéticos atuais que ajudem a enfrentar a lama tóxica, o imaginário carbônico da modernidade e do desejo? Almejando à uma tecno-política do futuro: “a geo-engenharia do corpo”? Um devir criador para fugir do modelo programado de civilização e sua rota apocalíptica, na urgência do campo das ficções e da produção de cosmogonias livres, criam-se dispositivos de resistência ao sequestro do futuro, assim como fortalece o imaginário produtivo dos sonhos.

Uma síntese artificial da impulsão humana seria o resultado produtivo terminal da história humana como um processo maquínico, ainda virtualmente eficiente durante este processo, funcionando dentro de circuitos de duração máquinica em si, auto-produtivos em escalas complexas. Em uma época de “sofisticada invasão ciber-viral e distribuída”, a virtualidade empresta sua temporalidade para o inconsciente, escapando especificações de dentro da série de tempo prolongado - a dos órgãos maquínicos orgânicos” (LAND, 2011, p. 477).

O desejo está irrevogavelmente abandonando o desenvolvimento social a fim de explorar essa brecha libidinizada entre um egoísmo pessoal desintegrado e um dilúvio de esquizofrenia pós-humano. Entre o privado e o público já não há concorrência séria. Em vez disso, há uma área social de evaporação investido exclusivamente pela derrota e controle afetivo da insegurança e da inércia social. A tensão real não está mais entre individualidade e coletividade, mas entre a privacidade pessoal e o anonimato impessoal, entre os restos de uma presunçosa civilidade burguesa e os duros desertos da realidade entre becos e vielas. “Um ponto onde a terra se torna tão artificial que o movimento de desterritorialização cria por necessidade e por si mesmo uma nova terra” (LAND, 2011, p. 321).

> Por meio da aceleração do capitalismo global, o humano será dissolvido em uma apoteose tecnológica, experimentando efetivamente um suicídio em toda a espécie como um estimulante 'head-rush' final. A visão desumana da ficção científica da Terra, repleta de inovações sonoras exóticas, contorcidas em uma euforia paranóica apocalíptica. Esta foi a "extinção humana iminente tornando-se acessível como uma pista de dança", uma forma privilegiada (juntamente com a produção de teoria e a ingestão de narcóticos aceleradores) que a velocidade irrepresentável do capitalismo desumano poderia ser experimentada por indivíduos humanos. Esta foi uma alienação que foi agradável e perversamente desejada." (LAND, 2011, p. 322)

O problema do império intensificado, veloz e secreto se reacende na vigilância e no policiamento moral a partir dessas necro-éticas políticas e tanatotáticas. Projetam em seu ricocheteio reverberante a urgente e insurgente necessidade de conspiração, o poder do ódio, e a tarefa de destruir mundos. O novo milênio da civilização burguesa está se aproximando de seu fim enquanto uma nova barbaridade está visível a distância. “Levou mil anos para se fazer de um bárbaro um burguês, mas apenas algumas décadas para fazer um burguês se tornar um bárbaro” (BERARDI, 2014, p. 91). Destruir mundos também se constitui em processos de se “esmagar o capitalismo, de redefinir socialismos, de constituir uma máquina de guerra capaz de contrariar a máquina de guerra mundial por outros meios” (IBID), desenvolvendo forças na e para a destruição que vão além de um minimalismo abolicionista da destruição.

A fragmentação não é o mesmo que desconstrução. Ela é um processo de recortes que aumentam proporcionalmente com o aumento da complexidade sistêmica. Processos de montagem de imagens em prol da construção de uma narrativa, se configuram como ferramentas, dispositivos e experimentos da organização do conhecimento, seja ela em forma fílmica como em Godard e Eisenstein, ou em arquivos museológicos e artísticos. A fragmentação é um dos componentes de montagem e remontagem, construção e crítica, recorte e analise, do conhecimento e suporte ao que se é proposto em seu contexto pedagógico, artístico ou cientifico.

- ORGANIZANDO O ARQUIVO

Os modos de arquivar e de usar o arquivo são modos de leitura que ora podem ser os de um leitor autoritário, organizador, que procure dar um sentido fixo ao conjunto, ora os de um leitor nômade, que circule de forma desorganizadora pelo material e que procure movimenta-lo estabelecendo novas redes, abrindo os sentidos. Certa produção artística contemporânea volta-se para o acúmulo de documentos de arquivos, de registros de ações efêmeras em arte, objetos de feiras, signos do cotidiano da cultura midiática, etc. A utilização ressignificada desse material mostra uma arte interessada em levantar problemas relacionados ao tempo, à história,

à memória, conduzindo uma espécie de efeito-arquivo que desloca e transforma signos da cultura. "A obra abandona a forma finalizada para fundar-se como imagem do devir", tal é a posição do historiador que entra com o arquivo para confrontar as suas explorações fragmentadas como se fosse um testemunho paradoxal da "presença do passado" (CLAUDIO DA COSTA, 2012, p. 5).

Focando no que é excluído normalmente em processos de arquivização, no excedente marginal de dados, o que é invisível, pré-consciente ou inconsciente e subjetivo, o Modernismo promoveu uma ideia de arquivo também não linear. O Modernismo promovia a ideia de um arquivo que não coleta fatos e sim que revelam as condições para sua descoberta em diferentes camadas de complexidade que podem também ser paradoxais. Um arquivo aos quais os objetos periféricos tornam-se visíveis ou sonoros, na medida em que conduzem a descobre das próprias condições e relações complexas que vieram a formar o próprio arquivo. Essa teria de conhecimento entre sujeitos, objetos, interfaces e redes de sistemas reflete a organização do conhecimento como conceito e área de estudo. Privilegiando o registro como uma forma de medição sobre a representação, o arquivo modernista sugere a descoberta ou a acumulação de registros e suas características em vez da coleção curatorial de vestígios como seu domínio mais essencial (referenciando no campo da CI como neo-documentalismo).

A unidade conceitual de informação, em seu caráter clássico, possuía essa unidade atômica de Demócrito. Em sua evolução conceitual contemporânea, temos a informação como campo para a análise crítica em seus processos sistêmicos, possíveis de avaliar e especular as possíveis camadas de efeitos digitais. Forma-se um espectro de busca, especulação e modulação, tanto da sua forma informacional como partícula, assim como onda, desenvolvem-se campos constituintes informacionais para arquiteturas ainda mais complexas. O arquivo e a discussão do conceito do que é ser arquivo passam também por estas intensivas transformações que levam à constituição do campo do que é real e cabal, em outras múltiplas possibilidades de conjuração e constituição da realidade e da produção social.

O denominador comum desses procedimentos é a noção de brincadeira, de jogo e de um devir do arquivo como propõe em o *Archive at Play* em Foster (1996). Um conceito para o qual parece haver pouco espaço no arquivo do século XIX, com seu *phatos* e *logos* racional objetivista e calculista que reivindica a "presença do passado" e o "futuro do presente" buscando um controle da contingência histórica. O arquivo em jogo pelo contrário, não representa a história e sim a constrói enquanto se constitui como arquivo. Não promete fidelidade à racionalidade compensatória sobre a qual os arquivos são habitualmente fundados, e podem até se tornar, nas palavras de Irit Rogoff: um "canteiro de obras para as ficções

fantasmáticas" (ROGOFF, 2005, p. 5). O arquivo antes, portanto, de uma consistência sólida, é formado por restos e marcas.

Não é um espaço apenas nomeado por seus constituintes concretos, mas um que *vem a ser através* de uma interação relacionada de ações e de subjetividades fantasmáticas projetadas através dessas ações e mediações. Nesse sentido, a arte arquivística é tanto pré-produção quanto pós-produção: preocupada menos com as origens e essências absolutas do que com traços obscuros, mas interconectados - "talvez um "impulso anarquivalente" seja um conceito mais apropriado" (FOSTER, 2004, p. 25). Processos e projetos de artistas que são atraídos por inícios não realizados ou projetos incompletos, que através da história, oferecem novos pontos de partida inesperados.

Fornecendo ferramentas científicas, na constituição de histórias sociais, e influenciando diretamente as expressões culturais em seu desenvolvimento humano e sociotécnico, político e econômico, propomos o diagrama abaixo, evidenciando um ciclo emergente de uso e fabricação de verdades – entre o *fake news* (propaganda fechada e estratégica de guerra) e o neodocumentalismo (montagem aberta, plural, poética e criativa do conhecimento aberto).

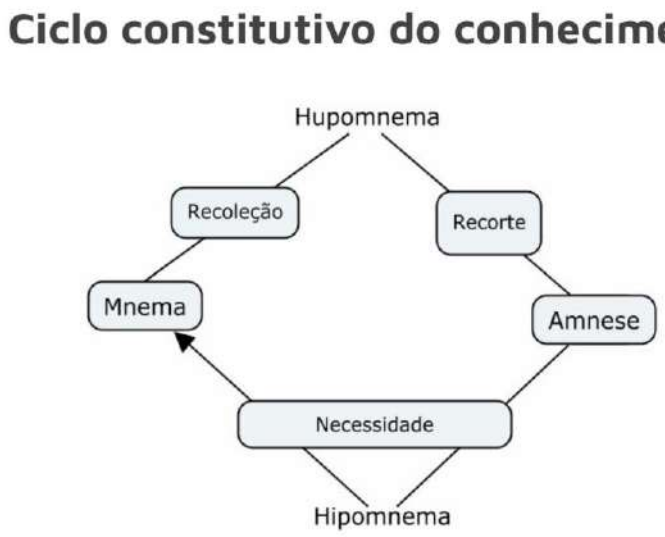


Fig. 63: "Diagrama Memória e Conhecimento", desenvolvido pelo autro através do software Cmaps. 20 de mar, 2021.

A questão que o conceito de traço corrobora com Derrida onde não é apenas em: "Como distinguimos o original da cópia?" A pergunta seria: "Em que condições a cópia funciona como um original, se torna original, torna-se presente? O que não é arquivado mais do mesmo jeito não é mais vivido no mesmo jeito" (DERRIDA, 1995, p.18). Esta declaração nos leva à conclusão de possíveis ameaças do arquivo relacionado às questões de documentação: A

realidade presente e futura pode ser influenciada pela prática de documentar o passado. Além disso, se a linguagem do traço, da documentação, foi escolhida incorretamente, a realidade do passado pode permanecer muda e morta, sendo a própria essência do traço, fantasmagórica seja para um impulso à morte ou à vida como Derrida aproxima de Freud ao impulso e desejo de "se arquivar".

O paradoxo constituinte da organização do conhecimento se constitui através do significado etimológico do *Mneme*. A memória constituinte se faz tanto pela *anamnesis*, quanto pelo recordamento. O conhecimento (*Hipomnema*) é construído, portanto de uma memória extra, de uma hiper-memória, mas que também se vale do esquecimento da amnésia como formação de seu conhecimento histórico. O arquivo é hipnomnésico a priori como afirma Derrida (2001, pg. 22) e depende da exterioridade contingente e da necessidade de falta inicial para recorrer-se ao arquivo como substituição comprovativa do que não se tem relato e evidencias acessíveis reais em fontes primárias. É nesse sentido que a pulsão de morte é, para Derrida (2001), arquiviolítica: ela destrói, carcome os arquivos na medida em que supõe por encerrado algo que jamais terá fim.

A repetição para segurar a *mnese* em sua relação com a exterioridade – reprodução em suportes, reimpressão, etc, é a forma em que formamos arquivos. Por um lado, a distinção grega entre *mneme* e *anamnessis*, e por outro, a constituição da *hupómnema*, encontramos diretamente naquilo que permite e condiciona o arquivamento, o que é exposto e expõe a destruição e ameaças de destruição. No *arkhai* dos arquivos, temos o paradoxo constituinte justamente do principio de realidade, mas também do principio de prazer, intrínseco ao ato de apreensão humana de se fazer lar em sua classificação e recorte caósmico, formando seu arco do conhecimento referente e existencial e arquetípico – casa, lar, conhecimento, etc.

No filme "*El Abrazo de la Serpiente*" (Dir.: Ciro Guerra, 2016), faz um documentário-ficção onde confronta um único sobrevivente de uma tribo e seu contato com dois pesquisadores europeus em diferentes momentos de sua vida. O indígena, com um conhecimento resistente em sua cosmovisão étnica, contraria um dos cientistas modernos acusando-o de produzir documentos de morte, referindo-se aos cadernos de desenhos zoobotânicos e mostras exemplares em prensas. Entre mundos, como relatar a realidade da vida em processos de vitalidade que possam liberar esse conhecimento, memória, sabedoria e potência na própria produção e ética de vida? Em registros do conhecimento vivo?

Esta preocupação com o documento original é refletida em nossas trocas cotidianas. Em uma era de simulacros, que está rapidamente completando sua transferência da produção e disseminação de informações para a tela do computador, ainda privilegiamos o documento em

papel da autenticação. Podemos confiar inteiramente na Internet para nossos bens de consumo, depender do e-mail como forma de comunicação e confiar nossa mão de obra à tecnologia da informação, mas sempre que somos chamados a provar nossa nacionalidade, existência ou credenciais, voltamos ao passaporte, a carta de condução e a certidão de nascimento.

Publicações mais modernas contemporâneas chamam atenção ao papel que o arquivo desempenha na formação de uma autoconsciência nacional, pois afirmam que "um arquivo nacional é o local de armazenamento e ordenação da memória coletiva de essa nação ou povo(s)" (BROWN, 1998, p. 17). Derrida em seu *Archive Fever: A Freudian Impression* (1995) e a *Arqueologia do Saber* (1969) de Michel Foucault, são os mais conhecidos dos estudos críticos do arquivo para comentar o papel substantivo que o arquivo desempenha na construção e realização do Estado.

Cada vez que tentamos construir uma interpretação histórica — ou uma "arqueologia" no sentido de Michel Foucault —, devemos ter cuidado de não identificar o arquivo do qual dispomos, por muito proliferante que seja, com os feitos e gestos de um mundo do qual não nos entrega mais que alguns vestígios. o próprio do arquivo é a lacuna, sua natureza lacunar. "O arquivo é cinza, não só pelo tempo que passa, como pelas cinzas de tudo aquilo que o rodeava e que ardeu... A barbárie está escondida no conceito mesmo de cultura", escreveu Benjamin resgatado por Didi-Huberman:

> Isto é tão certo que inclusive a recíproca é certa: não deveríamos reconhecer em cada *documento da barbárie*, algo assim como um *documento da cultura* que mostra não a história propriamente dita, mas uma possibilidade de arqueologia crítica e dialética? Não se pode fazer uma história "simples" da partitura de Beethoven encontrada em Auschwitz perto de uma lista de músicos destinados a executar a *Sinfonia n. 5* antes de serem eles mesmos, pouco mais tarde, executados por seus carcereiros melômanos (HUBERMAN, 2012, pp. 210.)

Foucault demonstra que os arquivos oficiais desempenham um papel vital na formação do Estado moderno, como parte do aparato legal da regulação social. Seu argumento frequentemente citado de que o final do século XVII testemunhou uma mudança das noções religiosas de confissão e o surgimento de outro mecanismo disciplinar, que era "um arranjo administrativo e não mais religioso: um mecanismo de registro e não mais um perdão ", depende do nascimento do arquivo, como" tudo o que é dito é um registro por escrito, acumula e constitui dossiês e arquivos ". A interação entre o Estado, a escrita e o arquivo não apenas demonstra a importância dos traços textuais para a construção da identidade e da memória nacional coletiva, mas também indica os métodos estatais de manter o controle de seus sujeitos.

A crescente apropriação de patrimônios públicos por parte de atores privados produz uma esmagadora capacidade de redesenhar os espaços e circuitos onde se informam e entretêm as

maiorias, onde se acumulam recursos, configuram-se o valor simbólico e a apreciação das obras e das práticas. Um processo de reestruturação ou decomposição radical do público, tornando-o produtor trabalhador e consumidor ao mesmo tempo, desentendidos e confusos no mal-estar e desordem social.

O acervo digital da vigilância e marketing dirigido também é visitado por serviços de inteligência política e empresas a seus empregados. A aceleração das tecnologias avançadas de reprodução acentua a indeterminação dos lugares onde se produzem objetos e imagens, tanto na produção quanto na difusão. A produção das arquiteturas de dados e interfaces especializadas, porém permanecem nos países centrais econômicos, e também sabem produzir arquiteturas de destruição e esquecimento, utilizando-se de estratégias militares da terra arrasada.

Os projetos artísticos com fins sociais eram mais impactantes na modernidade clássica quando os relatos nacionais ainda aparentavam uma continuidade comunicativa entre a apresentação de dados e fatos e a interpretação dos significados pela comunidade política. Na globalização comunicacional econômica contemporânea, se multiplicam os repertórios sensíveis e suas interpretações enquanto que as narrativas se tornam incapazes de unir sob um relato e interpretar conjuntamente toda essa diversidade semiótica e valorativa. O senso e dissenso entre as compreensões do sensível e as organizações do conhecimento carecem ainda de métodos de compreensão que abranjam ao mesmo tempo as mercadorias desorganizadas pela especulação financeira e os sistemas políticos nacionais erodidos por fluxos globais de inserção, gerência e extração.

A QUEIMA DO MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

> A destruição do museu é um deserto no tempo, é destruir a memória, destruir a História (VIVEIRO de CASTRO)[1].

Fig. 64: Meteorito de Bendegó após o fogo no Museu Nacional
(Fonte: https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/meteorito-do-bendego-ja-foi-incendiado-por-pesquisadores-durante-dois-dias/)

Uma "perda traumática", "absoluta e irremediável", "irreparável", "uma tragédia", "uma vergonha internacional" – o lamento dos investigadores, historiadores e antropólogos brasileiros descrevem o impacto do incêndio que destruiu quase por inteiro o Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O edifício histórico com 200 anos fora reduzido a cinzas quase totalmente em sua coleção de mais de 20 milhões de peças e com valor incalculável, únicas e insubstituíveis.

O Museu Nacional talvez fosse o lugar mais importante do Brasil em termos do seu valor como património cultural e histórico, não só brasileiro como mundial. Trata-se da destruição da pedra lacunar, de um lugar central símbolo da génese do país como nação independente com acervo inestimável, não só do ponto de vista da história da cultura e da natureza brasileira, mas com peças de significado mundial. A coleção de toda etnologia indígena fora destruída, inclusive de vários povos desaparecidos, toda a biblioteca do sector de Antropologia, e ainda a *Luzia*, o fóssil humano mais importante e antigo das Américas também sofrera grandes danos - comenta o antropólogo Eduardo Viveiro de Castro[37]:

> É o descaso absoluto desse Governo, e dos anteriores, para com a cultura. O Brasil é um país onde governar é criar desertos. Desertos naturais, no espaço, com a devastação do cerrado, da Amazónia. Destrói-se a natureza e agora está-se destruindo a cultura, criando-se desertos no tempo. Estamos perdendo com isso parte da história do Brasil e do mundo, porque se trata de testemunhos com significado para toda a civilização... A destruição do museu é um deserto no tempo, é destruir a memória, destruir a História.

Mais do que um acervo, cada coleção foi organizada a partir de muita pesquisa, expedições, vivências com povos originários e exaustivo trabalho de laboratório. O mundo da ciência internacional, chefes de Estado e governo e os maiores museus do planeta expressaram seu pesar de modo vívido: 'nossos corações estão rasgados' como disse o reitor da UFRJ, Roberto Leher:

> No Brasil, um pequeno círculo de poder, parte dele localizado no topo da pirâmide financeira, ao contrário, celebrou intimamente o acontecimento, pois viu no drama uma oportunidade de converter os museus científicos ao controle da indústria do entretenimento capaz de auferir lucros."[38]

[37] Entrevista disponível: https://www.publico.pt/2018/09/04/culturaipsilon/entrevista/eduardo-viveiros-de-castro-gostaria-que-o-museu-nacional-permanecesse-como-ruina-memoria-das-coisas-mortas-1843021 Acesso 09 de dez, 2018.

[38] "Pequeno círculo de poder celebrou fogo no Museu Nacional" Em artigo à Folha, reitor da UFRJ rebate críticas e fala em reconstrução. Zo Guimarães/Folhapress. Link:

Fig. 65: Fonte: Isabela Souto, 16, abr 2019. Link: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2019/04/16/interna_nacional,1046807/sete-meses-depois-empresas-brasileiras-r-15-mil-museu-nacional.shtml acesso em: 21 de mar, 2022.

Refletindo o espírito acelerado e oportunista da elite que embrenhada no capitoloceno, um consórcio privatista viu no acontecimento a chance de imputar à gestão e administração do reitor da faculdade pública, e sua visão humanista e social, a responsabilidade culpável pela causa do incêndio como ingerência. Culpabilidade reproduzida pelos grandes jornais e autoridades mesmo antes do laudo pericial da Polícia Federal, sem relevar que os hidrantes do local estavam desligados[4] devido a "falta de pressão da água acima da colina", mas que também não era concertada devido a presença de 'moradores de rua'. Epistemicídio étnico e intercultural junto a destruição do acervo histórico ao mesmo tempo que afirmam a gentrificação e recusa ao atendimento social de qualquer necessidade básica de moradores do entorno ao museu. O círculo de poder da elite brasileira, como mencionado anteriormente, comemorou como oportunidade para pedir a privatização da faculdade pública federal e reafirmar o plano de austeridade global, proferindo o cinismo que iriam restaurar o acervo com novas coleções, refletindo o futuro 'promissor' do país sob nova direção privatizadora e 'eficiente'.

Em reuniões fechadas e privadas em sintonia com as cenas políticas em curso no país, dedicam-se a empreender forte ofensiva para desestabilizar a UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e seus dirigentes, supondo que a opinião pública passaria a apoiar a conversão

https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/09/pequeno-circulo-de-poder-celebrou-fogo-no-museu-nacional.shtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=compfb Acesso em 24.set.2018 às 12h00

[3] Resposta no link: https://ufrj.br/noticia/2018/09/19/resposta-ao-jornal-o-globo acesso 15 dez, 2018.

[4] Fonte: Bernardo Esteves e Roberto Kaz. "Do carvão às cinzas: causas e efeitos do incêndio no museu nacional". Anais da tragédia brasileira I. edição 145 | outubro_2018. Acesso em 21, abr 2019. Link: https://piaui.folha.uol.com.br/materia/do-carvao-as-cinzas/

mercantil das instituições museais. “Todos os grandes museus construídos recentemente na perspectiva mercantil acabaram custando, no mínimo, o dobro do que o planejado, alguns sequer foram concluídos” afirma o Reitor Leher. A acusação de que a UFRJ é manipulada partidariamente foi recebida com indignação e revolta por sua comunidade acadêmica, sempre cuidadosa com interesses particulares à liberdade científica. Entretanto, o hibridismo entre o bloco de poder e os subterrâneos violentos das mídias virtuais não pôde deixar de abalar os rumos da democracia no país atacando centros democráticos de conhecimento como “instituições falidas”[3].

A questão do conhecimento popular, e ainda mais indígena, incomoda a elite capitalista, seja ela financeira ou latifundiária, brasileira ou internacional, pois suas terras indígenas são públicas e constitucionalmente não poderiam ser privatizadas. “O projeto dessa classe dominante é privatizar das terras brasileiras muitas vezes para estrangeiros e atividades extrativistas” Eduardo Viveiros afirma, postulando deixar o museu como aquela ruína, rastro da destruição e descaso, um *memento mori*, como memória dos mortos, das coisas mortas, dos povos mortos, dos arquivos mortos, destruídos nesse incêndio:

> Para eles, os índios são um tropeço, um obstáculo, um escândalo inclusive, um símbolo do atraso do país, quando na verdade deviam ser vistos como símbolo de um futuro possível de um país que está num planeta que está sendo destruído pelo chamado progresso. Os índios são aqueles que conseguiram sobreviver mantendo um modo de vida menos suicida e são vistos como um povo do passado. Uma maneira de refazer esse museu talvez fosse pedir aos povos indígenas brasileiros que contribuíssem com a sua cultura material para refazer pelo menos o acervo de etnologia. Eu não construiria nada naquele lugar. E, sobretudo, não tentaria esconder, apagar esse evento, fingindo que nada aconteceu e tentando colocar ali um prédio moderno, um museu digital, um museu da Internet – não duvido nada que surjam com essa ideia. Gostaria que aquilo permanecesse em cinzas, em ruínas, apenas com a fachada de pé, para que todos vissem e se lembrassem. Um memorial.[1]

A exposição realizada recente de resgate do Museu Nacional realizada no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) fora chamada de “Arqueologia do resgate” como proposta de apresentar ao público, as peças e doações repostas ao acervo nacional. Esta proposição de se expor um acervo no sentido de uma arqueologia, expõe a evidência da destruição, mas também infere o sentido de procura e construção de um arco de conhecimento cultural para o futuro.

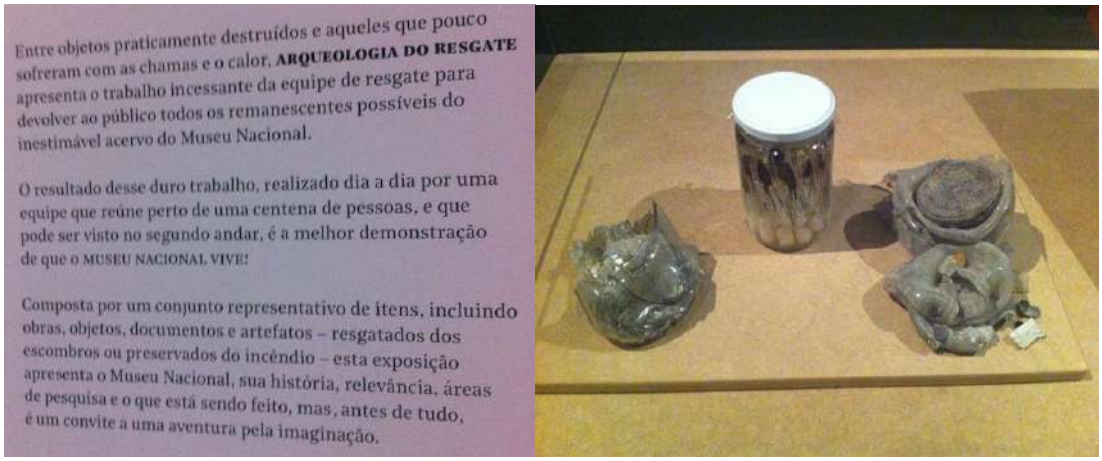


Fig.66 : "Arqueologia do Resgate". Foto tirada pelo autor na exposição no CCBB, 17, abril 2019. Introdução textual e objetos queimados com espécimes entomológicos.

A conformação, portanto, de uma estratégia *Necropolítica* como administração dos bens sociais constituintes, através da morte, da destruição e de seus destroços pretendem demonstrar que a solução para os problemas sociais e econômicos virá da aplicação de técnicas de exclusão e morte contra uma parte da população em prol de uma definição soberana e religiosa de identidade nacional e futuro coletivo organizado. Este processo evidencia mais uma vez a ameaça que sofre a organização do conhecimento contemporânea, diversa e democrática, principalmente voltada para o acesso à educação social, sendo destruída em um aceleracionismo austero e global. Uma verdadeira produção de biopolítica é engendrada através da engenharia de guerra de campo arrasado na tentativa de forjar toda uma "nova" cultura nacional aos moldes da produção e educação do capitalismo global, cada vez mais acelerado, informatizado, tecnológico e midiático.

O que preconiza essa radicalidade disruptiva quando se agita essa bandeira da ruptura do futuro é que não podem ser chamadas meramente de políticas, mas de Guerra. No caso, não é apenas um tipo de organização, eficiente e 'sustentável', é abertamente uma estratégica organizada para a desorganização, coletando e manipulando os frangalhos da desordem modulada. A militarização das relações sociais transforma o espaço público em espaço de vigilância e no fechamento de fronteiras, expulsão de estrangeiros e imigrantes, proibi-los de trabalho, moradia, saúde, para então erradicar e prender, exterminar a vida e a memória de outras histórias emergentes e em luta. Finalmente, é para nos explicar que alguns órgãos da República não devem ter acesso às técnicas de governo, em função de sua identidade nacional, sexual, racial, religiosa, e que há corpos nascidos para governar e outros devem permanecer como objetos de prática governamental: o que desejam, é a guerra, e o que lhes convém é a morte.

Fig. 67: "O futurismo da destruição". Manifesto futurista e a estátua de Dom Pedro II. Foto REUTERS/R. Moraes
(Fonte: https://www.revistaforum.com.br/tautismo-global-sincronismos-e-ironias-no-incendio-do-museu-nacional/)

No Manifesto Futurista (1909), Marinetti falava em "destruir museus" para libertar as consciências dos "inúmeros cemitérios", e nos prepararmos para o futuro. Em visita ao Rio em 1926, Marinetti repetiu tudo isso e viu no Brasil um país futurista porque não teria "nostalgia das suas tradições". Marinetti era um iconoclasta que rejeitava o passado em prol da celebração da velocidade, da maquinaria e violência, buscando uma utópica modernização da juventude e rejuvenescimento cultural da Itália. No Brasil, o (sur)realismo de ordem e progresso marca justamente o resgate do passado e considera como desenvolvimento, influências externas como "austeridade fiscal" por vinte anos cortando investimentos nacionais, ao mesmo tempo que estrangeriza e terceiriza sua soberania.

O incêndio do Museu Nacional foi um acontecimento coincidente: na cidade em que Marinetti via a "realização acidental" do futurismo, o filho refugiado do fascismo italiano (Jair Messias Bolsonaro) se aproximava como candidato presidencial em sua eleição do segundo turno com o lema "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos!" em uma campanha ilegal acirrada por bombardeamentos informacionais com estratégias de falsas notícias em mídias sociais. O Brasil após um impeachment presidencial fraudado pelo oligopólio nacional com apoio internacional revela as relações entre extrativismo de petróleo, mercado financeiro e operações de sabotagem nacional e mudança de regime em um estado de exceção não democrático.

Fig. 68: "Patrimonio Brasil". Fonte: Retiradas do G1 e Twitter oficial do candidato 15, abr 2019.

No desenrolar da era global, informacional e midiática, os efeitos do conhecimento operativo do capitoloceno atinge à todas as esferas e dinâmicas sociais, artísticas e da realidade do conhecimento organizado. Torna-se real os delírios de Marinetti: destruir o passado, o patrimônio, a História e a memória para nos tornarmos mais leves e desimpedidos, acelerando para o futuro – na paz dos cemitérios. A fragmentação e desconstrução tornam-se estratégia de modulação socioeconômica (de quem pode comprar os meios de produção e reprodução da realidade) enquanto todo o resto tropeça nos encalços do porvir, na dinâmica e racionalidade do capital, livre em seus algoritmos de análise e controle, a adentrar a velocidade da luz.

A comunicação e os arquivos se desenvolvem dessa maneira, através de mutações de conexão e desconexão, processos que este artigo também serve para divulgar e evidenciar. Em um mundo em que velhas distinções entre vida orgânica e matéria inorgânica, produção e desperdício, e mesmo desejo e morte ficam difíceis de se conhecer e de se aplicar ao mundo, agitados e presos pelo fluxo de informações e pelo excesso de produtos. A arte em questão aqui não projeta falta de lógica ou de afeição, pelo contrário, assume a fragmentação anômica como condição não apenas de representar, mas de trabalhar, e de propor novas ordens de associação e experimentação afetiva, ainda que parciais e provisórias para este fim, e mesmo que registrem a dificuldade, às vezes o absurdo de fazê-lo e de viver os desafios contemporâneos de verdade, memória e liberdade criativa do conhecimento.

4.3 Apropriação, patrimônio e monumentos públicos

> A destruição não é suficiente – mais do que a preservação – para garantir a permanência. Mas pode contribuir para isso, e isso basta para desafiar a equação entre destruição e esquecimento e justificar uma distinção teórica entre memória e sobrevivência material" (GAMBONI, 2005, p. 5).

No projeto intitulado The Burned Picasso, o objetivo dos responsáveis “Fractal Studios”, pela ação inusitada, é tornar o quadro “imutável no blockchain” por toda a eternidade, defendendo uma destruição criativa. Por meio do NFT (non-fungible token), um banco de dados virtual de registros únicos, visa leiloar o trabalho queimado por meio de um sistema blockchain. A venda inclui a peça destruída bem como o número de registo digital. Este projeto marca uma virada na história da arte e também na ética informacional através de seu valor e significado fazendo ecos em Walter Benjamin em sua hipótese da áurea da arte na era da reprodução mecânica (1935). A discussão ética traz à tona questionamentos de fundamentar especulações financeiras à obra iconoclasta de Picasso apenas como uma operação de mercado de valor ou se sua ação tem contribuições performativas e poéticas.

Fig. 69: “Projeto Picasso Queimado”. Crédito da foto: google imagens, julho de 2021.

Muitos anos após a obra de Benjamin, o artista de massa também entra na era de sua reprodutibilidade social em sua capacidade de reprogramação tecnocultural e a “criatividade”

é vendida como símbolo de status. A hipótese de transição do problema modernista da reprodutibilidade técnica para o da programabilidade tecnológica contemporânea é uma das abordagens a serem exploradas junto aos processos e práticas de hacking. A estruturação de mundos recriados no digital infere múltiplas possibilidades de contato, troca e mercado.

A infinita reprodutibilidade da informação digital significa também um trabalho infinito e redundante com possibilidades e remixes de 'copiar e colar', transformando os usuários em fontes renováveis e inovadoras de capital excedente. Isso porque, com a etapa de esquematização do conhecimento tecnocientífico por meio da telemática, as formas sensoriais de expressão por meio da linguagem, automatizadas em multimídia, intensificaram sua convergência internalizada em sistemas sociais cerebrais e cognitivos.

Em um sentido mais amplo, a dificuldade de organizar narrativas globalmente unificadoras por meio do acúmulo de patrimônio e memória social diante da pobreza ou da repressão, enfrenta o desafio de transformar essas referências em objetos de conhecimento, ampliados pelo desenvolvimento da educação institucional e seus aprimoramentos por meio de pesquisa e experimentação sistemática. Os questionamentos dessa problemática trazem à tona debates sociais que marcam fronteiras do que se pretende ser uma narrativa conservadora e se as operações transformadoras podem abrir para a justiça social ou mesmo se apenas contribui como uma operação destrutiva niilista que também contribui para a desterritorialização do capital para estratégias de terra arrasada de memória social.

A ciência da expansão imperial das técnicas de compreensão e gestão social foi objeto de pesquisas muito vinculadas ao desenvolvimento da diversidade de acervos da metrópole. Combinando o extrativismo cultural ao mesmo tempo que exporta modos de produção, o embate cultural combina formas de alteridade, genocídio, submissão, pilhagem e saque, transformando os processos da história. Embora a utopia nunca tenha se concretizado na colônia, ainda assim na metrópole, os sujeitos ainda perseguem saberes reunindo projetos utópicos por meio da produção, vivência e incorporação de referências e sistemas arquivísticos que também se afastam daqueles associados ao domínio imperial.

Em um exemplo recente, na cidade de São Paulo no Brasil, ocorreram dois exemplos principais de como um bem público pode engendrar papéis e marcar disputa de poder da história e memória social. Sobre um já anunciado incêndio e destruição de acervo de filmes da produção de arte cinematográfica brasileira por profissionais da área e sociedade civil, o galpão de acervo do mais importante arquivo audiovisual brasileiro finalmente pegou fogo por políticas de abandono dos poderes públicos. Seis dias antes, um protesto do movimento social realizou a

destruição de uma estátua pública de um colono português, traficante de escravos e perseguidor, gravada na identidade pessoal

do cidadão médio de uma cidade que afirma sua centralidade no desenvolvimento do país por seu passado de colonização e poder econômico. O grupo de ativismo incendiou o palco com pneus, mas a estátua em si não foi destruída devido aos seus materiais fortes e peso pesado, marcando sua apresentação pública por chamar a atenção para sua declaração e perguntar sobre a memória que a estátua reivindica como assassina e genocídio. No debate público, um é definido como um acidente, longe da responsabilidade pública, o outro, como um ato terrorista contra a história nacional e prendendo alguns dos líderes do grupo (também ativista dos direitos do entregador).

Fig. 70: “Patrimonios seletivos”. Incêndio por falta de manutenção na Cinemateca de São Paulo e incêndio em protesto social na Estátua do Borba Gato, São Paulo, julho de 2021. Foto: Folha de São Paulo, 07, 2021.

Esses casos ajudam a mostrar exatamente atos simbólicos onde uma abordagem decolonial da memória social torna-se urgente para a ética informacional. A cinemateca como instituição coletiva de memória social, aberta à produção diversa e à diferença poética, é vista como supérflua que não merece financiamento legítimo e pode ser jogada ao acaso em seus possíveis “acidentes”. Na memória de poder de uma estátua que defende o legado da história da elite, é chamada de afronta ao patrimônio público e posta em perseguição policial aos que perpetuaram o ato público. Essa fronteira de disputa marca lutas de poder que intensificam a complexidade das instâncias materiais e sua perpetuação simbólica dessas diferenças sociais.

Fig. 71: Predação ao graffiti público da líder social Marielle Franco após o polêmico debate entre a cinemateca e a estátua. Fonte: O Globo, julho de 2021.

Um patriarcalismo cristão estratificado no imaginário colonial intensificou-se através de movimentos de extrema direita que marcam lutas de classes entre os movimentos populares e a exploração das elites em defesa das imagens e narrativas de opressão. Imagens grafadas na imagem pública pedem 666, Borba Gato ao vivo, e uma placa de falo tentando afrontar imagens e lideranças de esquerda. A dificuldade de compreensão pública dos níveis de nuances desse tipo de disputa social marca a importância de intensificar as críticas à relação entre educação, ética da informação e suas disputas históricas. A abordagem positivista da representação sinaliza o futuro como representação do passado. A abordagem decolonial afirma o presente realizando o passado-presente, marcando uma virada metodológica.

Os conservadorismos da violência colonial e da história enfrentam novos níveis de revolução destruída emergindo de uma periferia instável que sempre teve dificuldade em exigir justiça à sua própria história de perseguição e exploração. Novas formas de compreender os arquivos, a história e a memória surgem e avançam teorias de enactment e intervenção, enquanto os conceitos de performance proliferam e permitem um foco crítico e ativação do resíduo arquivístico.

A instabilidade da produção de arquivos dinamiza suas linguagens e mitos do mundo sensível definindo uma fronteira entre o fugaz e efêmero, da performance versus a estabilidade da permanência. Reinterpretar a dinâmica dos arquivos pode ser emocionante e desafiador, mas também consideramos o valor e a importância dos papéis tradicionais dos arquivistas na preservação do legado da memória social para gerações futuras.

O arquivo, como tecnologia de vigilância, pretende gerar e configurar um conjunto completo de documentos sobre temas em desenvolvimento e constituição de instituições. Os arquivos são locais de esperança e aspiração, mas além disso, os arquivos também são locais de luta política. O sistema de arquivo é uma instituição utópica de conhecimento, bem como um sistema de controle de reificação panóptica. Se reconhecermos que esse caráter utópico do arquivo pertence a uma lógica arquivística que nem sempre é compartilhada por todos, devemos também reconsiderar a noção dessa utopia epistemológica e de disputas de poder.

Fig. 72: “A camuflagem de Christopher Columbus”. Joiri Minaya, Miami, EUA, 2019.

Os ativistas tornaram-se historiadores da contra-insurgência e os arquivos moldam seu sentido de si transformando suas dinâmicas de subjetividades e suas relações sociais coletivas. Discernir diferentes ‘lógicas arquivísticas’ abre ativações de testemunhos vivos, biografias e memórias e histórias performadas que podem colocar a utopia classificatória do conhecimento em práticas de conhecimento, experimentando e voltando para a dinâmica da vida social suas expressões e lutas de memória e identidade. Organizações não-governamentais, movimentos sociais, empresas, grupos sociais e indivíduos assumem processos e iniciativas buscando reivindicar, estabelecer e mesmo contestar “patrimônios” culturais além dos temas costumeiros da pátria militar. Movimentos que buscam justiça social e a consolidação simbólica de outras formas de memória social e espaço comum público lideram diversos eventos e justificativas de contestação e intervenção pública.

Fig.73 : “Intervenções e estatuas”. Foto: Grupo de Ação/Divulgação. 27, de out, 2020.
Subtítulo: “Fica decretado que qualquer pessoa que se sinta obrigada a ver este monumento está autorizada a intervir e ressignificá-lo. Autor do monumento: Júlio Guerra.

Fig.74: Monumento intervinda no México por movimentos sociais, julho de 2018 e intervenção na estátua de Stroessner no Paraguai pelo artista Carlos Colombino, agosto de 2017.

A imaginação arquivística é um chamado a prestar atenção aos movimentos emergentes e contemporâneos do presente para encontrar respostas situadas em seus devires e reinterpretações de traumas culturais passados. Convocando a ativar tanto a imaginação histórica, que pode retornar a práticas de outros tempos para convocar seu poder disruptivo sobre o presente, quanto estimular sua dimensão de futuro, pode-se compartilhar conflitos e soluções testadas de diferentes formas.

Abordagens mais “agnósticas” de montagem e mistura, propõem uma suspensão de dualismos sobre autenticidade e legitimidade dos patrimônios, em “prol de uma retomada de uma visão mais etnográfica dos fluxos de materiais usados e em suas formas de transformação” (GOYENA, 2014, p. 2). Estudos sobre a cultura material ganham tonalidades quando objetos também são pensados como portadores de memórias sociais. Considerados sob uma ontologia

que foca nos processos de transformação da matéria, da sua extração aos estados fixos da forma produto, conecta-se em análise, toda uma multiplicidade mercantil e social em rede em sua produção histórica.

Geralmente tratamos fato e ficção como condições opostas em mais um dualismo, onde um fato é verdade e a ficção não é. O fato (*factum*) é um evento, onde coisas acontecem. Na ficção, encontramos mais agencia de multiplicação de realidades do que na singularização causal no fato de um evento especifico. Podemos pensar que ambos são praticas que produzem coisas e em espaços onde a contabilidade do real pode se multiplicar quando nos referimos ao *factuar* ou *ficcionar* como práticas.

Acompanhando mudanças nas configurações institucionais de patrimônio, assiste-se a uma fragmentação dos patrimônios que repercute a partir do plano discursivo social. Historicamente as narrativas do patrimônio eram voltadas para a consolidação simbólica de nação em função de seus vínculos com o desenvolvimento e preservação de uma identidade nacional. Nas últimas décadas, patrimônios referenciados a grupos sociais, a grupos étnicos, a grupos profissionais, grupos religiosos, grupos locais, movimentos sociais, vêm sendo reivindicados, estabelecidos e reconhecidos. Democratizar capacidades coletivas e criativas é o objeto desenvolvido nesta pesquisa onde processos de coisas e seres estão retrabalhando culturas que estão sempre se experimentando em seus limites materiais e simbólicos de posse e/ou democratização do comum.

Fig. 75: “Bandeirantes e Inti”. Monumento às Bandeiras, em São Paulo, pichado em 2016. ROVENA ROSA / AGÊNCIA BRASIL (FOTOS PÚBLICAS). Artista Inti, discute ancestralidade andina através de sua performance drag *queer* contemporânea. Foto: google images.

Democratizar a capacidade criativa no espaço público é uma forma de praticar a participação cidadã e a formação política, desenvolvendo críticas, aptidões, memórias, identidades, etc. A

experimentação e intervenção artística podem fornecer espaços onde buscam-se métodos e técnicas que permitam analisar relações entre fatos e ficções em múltiplas nuances. Este movimento efetua praticas e táticas políticas que produzem movimentos em espaços comuns públicos onde a narrativa social histórica está em desenvolvimento, em conflito ou sendo apagada. O ato de derrubar afirma uma contra-narrativa oficial institucional que revela a própria História do patrimônio em uma longa trajetória do poder feita justamente através do apagamento de outros que se esmerou em derrubar, ocultar e desterrar outras memórias, identidades, etnias, etc.

Fig. 76: “Social História”. Intervenções em monumentos após manifestação de extrema direita em Charlottesville, 11 ago, 2017. Foto: Reuters

Na multiplicação de regimes de verdade acentuados pela intensificação informacional em estratégias de notifcias falsas, “fake News” e disputas de narrativa, ocorrem diversos eventos que mobilizam socialmente diferentes atores e modos de vida. Ficção e gerência de narrativas publicas se multiplicam, se complementam e se divergem em acelerado ritmo no trabalho e presença digital das relações sociais e politicas. Ao multiplicar pontos de vista, os conflitos são intensificados nas áreas fronteiriças ideológicas e materialistas geopolíticas. Jogos de poder através do capital midiático produzem fronteiras e territórios, agenciando mentes e corpos em coletivos identitários que formam centros de memória coletivos de influencia e conexão.

Figs.77: “Performando no Capitólio”
6 de janeiro de 2021
Local: Washington, D.C., EUA
Foto 1, 2: AFP.
Foto 4: Adam Jonhson, rede social pessoal.

Exemplos de eventos sócio-políticos relacionados ao imaginário nacional e identitário em disputas de poder e representação social são multiplicados em diversas frontes e plataformas. Entre o virtual e o atual, a referencia do real é questionada e a produção de subjetividades são ao mesmo tempo investidas como agenciadas. Em atuações contraditórias como vistas nas imagens acima, nacionalistas políticos a favor da manutenção da ordem (e privilégio de classe), depredam espaços públicos em tentativas de afirmação de realidade identitária. Em uma instituição já colonial, com pinturas de indígenas e a conquista do oeste nas paredes, é alvo de invasão por cidadões também com ideologia colonial em busca por afirmação de uma liberdade ameaçada. Tais operações de agenciamento politico produzem contextos onde grupos sociais acham que estão produzindo novos movimentos, mas na verdade, apenas seguem modulações introjetadas através de estratégias dirigidas de marketing e aquisição de consumidor.

A educação, a arte, a crítica, o comunitarismo, etc., esta sempre em disputa e produzem espaços criativos por todas as esferas politicas e ideológicas. Espaços virtuais e reais produzem eventos e fenômenos sociais onde a libido social está ligada por redes de estímulos que propiciam processos de montagens abertas, digitais e atuais. Um fluxo contínuo e constituinte das estruturas de conhecimento e de ação social se constituem cada vez mais na intensificação de plataformas de trabalho informacional. Um fluxo de arquivamento versus um arquivamento estático tradicional infere mudanças nas políticas da memória e na ordem informacional de dispositivos contemporâneos.

A referencia e memória histórica fotográfica constituinte do real, é atravessada por raios de fótons do presente. Os saberes situados e a posicionalidade cientificam tornaram-se a partir da intensificação midiática informacional, uma resposta humanista generalizada ao iluminismo universal da objetividade científica. As democracias do mundo estão presas em um deslizamento de circuito entre fatos, opiniões e crenças com dados científicos que estão em segundo plano. Há uma busca pela construção por parte do usuário que interage, e nesta construção não há equiparação exata.

A aceleração de referencias existenciais intensifica crises constantes nos modos de existência das sociedades atravessadas por elementos e commodities informacionais. O antro digital passa a ser depositário reflexivo da cultura onde a própria dinâmica produtiva digital é cultura. A absorção da informação pela forma comodidtty produz modos de vida do usuário como produto comodidtty. A informação controlada é disputada através de vetores na teia de produção global onde uma classe vectorizada se faz classe dominante dos através dos vetores informacionais como: armazenamento, logística, marcas, direitos autorais, instituições, etc.

Um reformismo da história pública quando age como mediador de algum caso de disputa em monumentos públicos, geralmente é julgado como medida paliativa em um mea-culpa institucional. Entender os marcos históricos e as seleções feitas pelo poder do que é memorizável ou não, envolve dinâmicas que não se resolvem com um código QR, com uma placa explicativa ou pequena legenda que dê conta de uma contra narrativa em suas tensões locais. Muitas vezes quando há conflito, monumentos podem ser retirados pelo poder publico e vendidos a coleções privadas, retirando do publico qualquer instancia histórica que possa ser palco de disputas. Neutraliza-se assim o debate publico sobre sua própria história e apazigua o espaço urbano de qualquer critica e memória social e politica.

> A “destruição” pode evidentemente assumir vários perfis semânticos. Há formas de imaginar as relações com os patrimônios onde ela é integrada positivamente, como parte interna ao processo de preservação e não como algo externo e perigoso a ser

> evitado e combatido. É quando podemos perceber uma espécie de destruição domesticada, onde a noção de "perda" não mais assume um papel central (GONÇALVES, 2015, p. 221)

Uma visão tradicional da preservação, portanto, é enxergar primordialmente como uma fonte primaria para estudos e onde sua preservação seria relevante para não apagar a própria fonte documental. Estudos da reflexão urbanista de época, suas concepções de paisagem, etc. são marcos importantes da reconstituição histórica e preservação de memórias onde tanto a destruição ou retirada seriam deletérias ou condenáveis. A defesa pela remoção de monumentos de memórias dolorosa, enxerga que há a possibilidade de rever a apresentação no espaço e em eventual possibilidade de transferência, para uma coleção de museu, mas que também infere outras problemáticas no trato politico curatorial do próprio acervo pelo museu[39].

Três opções de praticas comuns, em se tratando de monumentos de narrativas dolorosas, se conformam principalmente na preservação, na retirada e na musealização. A remoção e realocação em exposições museulógicas, consolidam argumentos em mais duas vias: a de contra narrativas, onde intervenções podem criticar, variar e posicionar narrativas dentro de monumentos e a do Direito da destruição / esquecimento.

Temática exposta através da montagem artística "Monumento Nenhum e a Chacina da Luz" (2019), onde a professora artista Giselle Beiguelman intervém artisticamente em ensaios que abordam trabalhos experimentais e de pesquisa que propõe reflexões de acoes politicas de apagamento de memorias sociais. Discutindo o patrimônio assim como desdobramentos artísticos e digitais, os lemas e dilemas da preservação e criação são desafiados com novos suportes tecnológicos e dinâmicas velozes do mercado capital. Mencionando o incêndio do Museu Nacional, a autora afirma que "a potencia da arte em tensionar a memoria e reinventar o real" como potencia social de criação de realidades além da destruição perpetuada por grupos que praticam memoricídio e genocídio como forma de governo e administração social.

[39] O grupo *Descolonize this place* no Brooklin denunciam inferências e dinâmicas em museus e suas politicas curatoriais, salários de trabalhadores, impacto nos preços de moradia ao entorno, reparações e devoluções históricas, etc. Link: https://decolonizethisplace.org/ acesso 8, mar de 2022.

Fig.77: “Monumento Nenhum”, autoria de Giselle Biguelman, 2019. Foto: google images, acesso em 19 jun, 2022.

Primeiramente, nas táticas de contra narrativas, praticas performáticas de intervenção coletiva social atuam em monumentos públicos, expressando formas de ver e contar a história em torno de tal marco histórico. O professor José Reginaldo Gonçalves aprofunda nas ambiguidades que as relações sociais aos monumentos podem expressar, e que se aliados a movimentos sociais que busquem coletivamente construir novas memorias em suas diferentes nuances. Ele marca sua potencia criativa:

> O que pretendo colocar em foco é precisamente a ambiguidade presente na categoria patrimônio, aspecto definidor de sua própria natureza, uma vez que liminarmente situada entre o passado e o presente, entre o cosmos e a sociedade, entre a cultura e os indivíduos, entre a história e a memória. Nesse sentido, algumas modalidades de patrimônio podem servir como formas de comunicação criativa entre essas dimensões, comunicação realizada existencialmente no corpo e na alma dos seus proprietários (GONÇALVES, 2005, p. 20).

Institucionalizar projetos e processos que permitam e possibilitem intervenções coletivas dentro de discussões publicas onde há inclusão e participação social é uma das possibilidades politicas no debate patrimonial contemporâneo. A inovação dinâmica produz acervos e inventários participativos, curadoria compartilhada, comunitária, etc., que formam e propõem diversas metodologias em dinamizar estruturas institucionais em suas grandezas e responsabilidades históricas. Situações de transformação e de permanência nas quais a opressão e a emancipação social, podem ser dimensionadas e encontradas “chaves de interpretação” para diferentes camadas históricas de um monumento “por isso a importância de não conceber a educação patrimonial como a conscientização do outro.” (TOLENTINO, 2016, p. 43)

A exemplos nas fotos a baixo, há em Nova Iorque, uma estatua de uma menina que fora posta de frente a escultura de touro em Wall-Street, buscando uma imaginação coletiva onde uma sociedade emergente poderá ter seu espaço de direito público frente as instituições financeiras privada, marcando um período histórico desde o movimento "Occupy Wall-Street" ao período da presidência de Donald Trump, e a projeção 3D do Buddha em Bamiã no Afeganistão após bombardeamento por forças Talibãs.

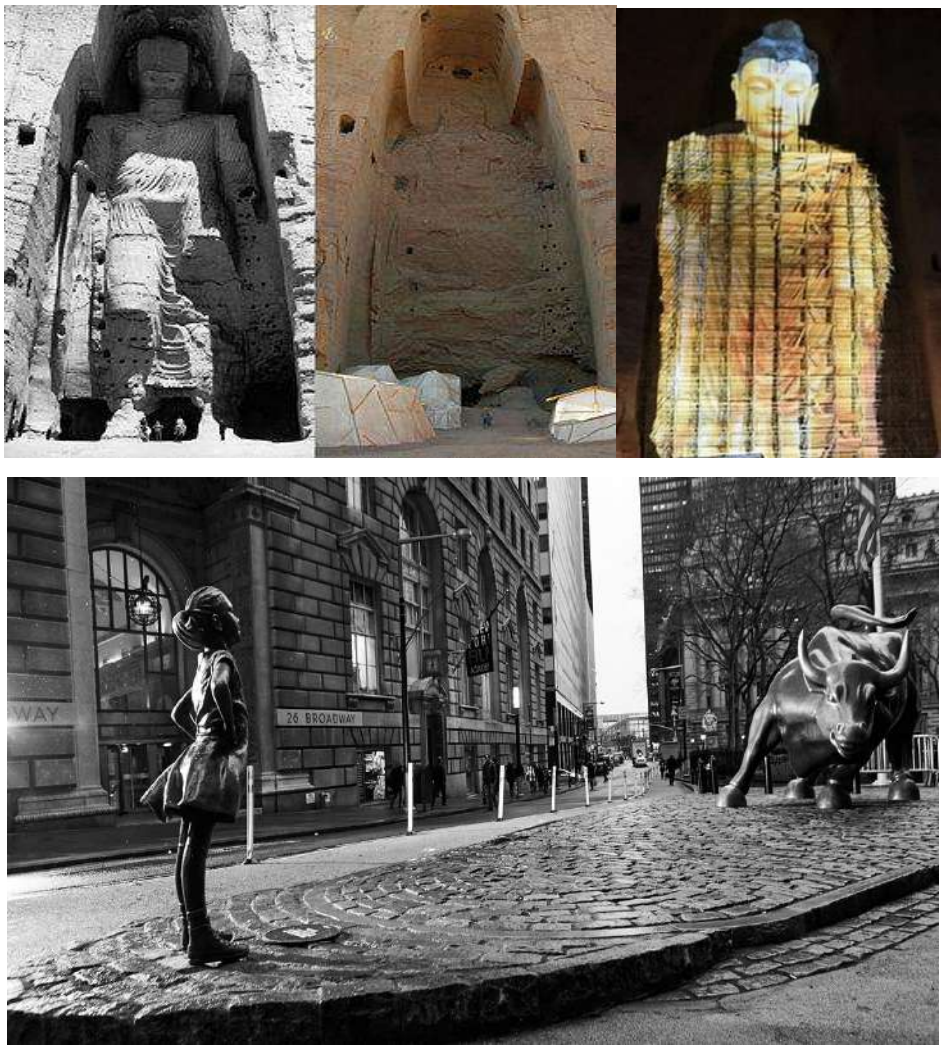


Fig. 78: "Intervenção monumental". Fotos: GoogleImages, acesso em 20 de fev, 2022.

Na segunda via de pensamento, o direito da destruição e esquecimento se consolida como questão de critica porque é na fluidez de significados e nas ressonâncias diversas que reside potenciais para ressonâncias da vida social e cultural. Ao permitir que marcos podem ser mudados, é necessário a habilidade de poder arquivizar os próprios processos históricos que causam a mudança de paradigmas e referencias históricas. Não são apenas as curadorias representacionais que determinam o sucesso da referência monumental e sua aprendizagem,

mas da maneira como são reverberados e engendrados em um debate social produtor de movimentos e ações que se colocam para o estudo de um tema ou de um período histórico especifico.

Percebendo o estranhamento como forma de posicionamento social e temporal, o movimento chamado *derrubacionismo* de monumentos públicos que celebram o capital e escravitude no espaço social se intensificou em diversas áreas do mundo. Tais discussões e praticas efetuam movimentos por uma justiça e reconhecimento histórico em reparações de guerra, de escravidão que provocam tensões nas narrativas oficiais. Ao derrubar estatuas coloniais, além das múltiplas questões intrínsecas a esta pratica, se produz um ato coletivo, onde reconstituem, performam e vivem uma memoria de revolta como memoria histórica atuante.

Segundo Goyena (2013), para algumas culturas as memórias podem trazer problemas e, por isso, busca-se libertar delas em um ciclo de destruição e reconstrução. A destruição tem um papel anarquiviolítico, pedagógico e iconoclasta de refazer a organização e atualizar suas técnicas de preservação, ou seja, dominar a técnica construtiva como próprio patrimônio social. O patrimônio é a técnica em saber erguer esse "templo". Um ritual que tem função didática para as novas gerações onde destruir o templo é aprender a montar e remontar o conhecimento e suas estruturas de organização e apropriação.

> Esta corrida em espiral talvez seja análoga à das operações de memória, onde lembrança e esquecimento são inseparáveis e interdependentes. Segundo argumentam autores como Dario Gamboni, Bruno Latour e Tim Ingold, a oposição clara entre "construção e destruição", "iconofilia e iconoclasmo", entre "projeto e execução" ou ainda entre espaços "culturalmente construídos" e espaços "naturalmente dados" deve ser problematizada em prol de uma perspectiva onde prevalece um fluxo contínuo de imagens, onde nada começa ou termina em determinados momentos, onde, em suma, espaços estão sempre em movimento, sempre em contínua construção ou se se preferir, é claro, desconstrução (GOYENA, 2010, p. 17).

Fig. 79: Estatua de colono Wissmann Denkmal na exposição Colonialismo Alemão: Fragmentos Passado e Presente, Berlim, 2017. Foto: Google Images

Em “O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição” (2015). José Reginaldo Santos Gonçalves investiga estas questões fantasmagóricas onde muitas vezes, o ato de destruição produz memorias criadoras elemento gerador de identidades e memórias permitindo dinamizar a história e movimentar intensidades e nódulos sociais. Uma “retórica da perda” encontra inicialmente no ímpeto humanista do campo de estudos de patrimônio, o medo e esforço contra ameaças destrutivas e iconoclastas aos bens culturais globais. Gonçalves se refere a recortes e espectros de narrativas onde um senso de “perda decorre de um determinado “regime de historicidade” (Hartog, 2003), de um determinado modo de narrar e construir o passado (Gonçalves, 2004)” (GONÇALVES, 2015, p. 221).

A categoria “mercado” pode influenciar decisões políticas temporais pela ‘revitalização de espaços urbanos”, privatizando bairros e incentivando atrações turísticas de entretenimento sobre as de cultura. O patrimônio cultural quando aliado a movimentos reinvincativos sociais, portanto, é capaz de constituir significativamente indivíduos e coletividades e influenciar instrumentos de acesso e apropriação pelo reconhecimento público de grupos e de indivíduos de populações vulneráveis.

Fig. 80: “Cabeças de Estatuas”. Andre Blaise Essama decapita e derruba estátuas em homenagem à era colonial francesa.

Uma alfabetização crítica decolonial para arquivos refere-se aos inúmeros e entrelaçados vestígios materiais e imateriais deixados por figuras, ruínas e restos anticoloniais e movimentos descoloniais ativos no século XX em todo o mundo. Ao invés de retirar, destruir ou proteger estátuas e patrimônios polêmicos relacionados a histórias violentas e memórias traumáticas, pode-se desenvolver uma ética artística interventiva em camadas, como um monumento

democrático e aberto à apropriação social em camadas simbólicas da história social como afirmado pela epistemológica das travessias, uma pedagogia das encruzilhadas, em um monumento ebó/patuá coletivo do autor brasileiro Luiz Rufino (2017).

> Focalizando as dimensões técnicas e rituais das práticas de demolição, esses estudos mostram que a chamada destruição, longe de ser uma prática simples e imediata, na verdade supõe um complexo sistema de relações sociais e de categorias, sem as quais ela não se realiza (Goyena, 2011 e 2015). Quanto ao uso cotidiano de objetos materiais, outros estudos assinalam o quanto ele está associado ao trabalho de destruição e transformação desses objetos, o que desestabiliza sua visão usual enquanto realidades estáveis e enquanto suportes de identidades igualmente estáveis (Ingold, 2000 e 2011) (GONCALVEZ, 2015, p. 221).

Fig. 81: “Exú nas escolas”. Foto tirada pelo autor, Teresina, Piauí, 25 de nov., 2021.

Refletir sobre memorias apagadas e soterradas junto a movimentos sociais, pedir de volta a repatriação de objetos de artes, estatuas, pedaços de monumentos, etc. são uma tendência crescente entre abordagens globais e decoloniais em espaços de conhecimento e educação como museus e centros culturais. Memorias soterradas são sempre acompanhadas por memórias impostas. Monumentos e patrimônio cultural geralmente associados a arquiteturas em espaço publico com função memorial, principalmente por vitorias militares, passam também a serem atravessadas por narrativas políticas por justiça ou reafirmação histórica. As narrativas históricas são sempre seletivas, mas operam em conceitos movediços pela transformação social histórica. A construção condicionada do presente movediço não é reduzida a uma dimensão datada, repleta de fissuras, mas sim, em sempre experimentação emergente do presente, constituindo tempos coletivos ativos históricos.

> Em muitos casos, servem evidentemente a propósitos práticos, mas possuem, ao mesmo tempo, significados mágico-religiosos e sociais, constituindo-se em verdadeiras entidades, dotadas de espírito, personalidade, vontade, etc. Não são desse modo meros objetos. Se por um lado são classificados como partes inseparáveis de totalidades cósmicas e sociais, por outro lado afirmam-se como extensões morais e

> simbólicas de seus proprietários, são extensões destes, sejam indivíduos ou coletividades, estabelecendo mediações cruciais entre eles e o universo cósmico, natural e social (GONÇALVEZ, 2005, p. 4).

Em Amaral, João Paulo Pereira, "Da colonialidade do patrimônio ao patrimônio decolonial" (2015), discute este lugar de experimentação critica ssim como os desafios da decolonialidade como um conceito fixo, alvo de agenciamentos diversos de diferentes áreas e ramos filosóficos. A transição do conceito de patrimônio histórico e artístico para o conceito de patrimônio cultural, enfatiza a diversidade além da produção material, como os "sentidos e valores atribuídos pelos diferentes grupos a seus bens e práticas culturais" (GONÇALVES, 2007). Em notas para um giro decolonial sobre a preservação dos patrimônios culturais no brasil, o autor cita:

> Chandra Mohanty (2008 apud DOMÍNGUEZ, 2012) aponta que uma investigação descolonizada tem dois momentos: o primeiro funcionando de forma negativa, com uma crítica, desconstrução e desmantelamento da lógica dominante de investigação e buscando libertar-se dos esquemas mentais de domínio da colonialidade. O segundo, por seu turno, funcionaria de forma positiva, de criação e construção, buscando valorizar e reconhecer as criatividades e criações locais e subalternizadas na ação social e construção de conhecimento.

O questionamento global de "monumentos inconvenientes" é um apelo à ressignificação dos espaços coletivos contra a tendência histórica de uma visão única. A partir de sua substituição pela expressão da multiplicidade de vozes, memórias e histórias em torno do valor da diferença e da igualdade, fornecem bases para uma democracia expressa em espaço público que é sentido e partilhado em sua construção coletiva por debates e votações abertas e constituintes.

Seguindo propositivamente estas aberturas e fissuras no jogo simbólico social, o projeto "Monumentos Incômodos" no Chile, produziu extenso material cartográfico e metodológico dos tipos de homenagens a monumentos públicos e quais praticas de cidadania podiam unir um imaginário social na representação da memória coletiva em espaços públicos. Uma reflexão crítica sobre o papel dos monumentos como estruturas e símbolos que estão longe de serem imutáveis, eternos e permanentes, há de repensá-los como um instrumento de inclusão para comunidades que historicamente foram invisibilizadas, legitimando presenças, memórias e identidades no espaço público. Refundar é re-significar processos fixos hierárquicos como justiça coletiva, participação pelo imaginário urbano e justiça histórica ao direito publico do patrimônio. Em um artigo[40] introdutório pelos autores, contextualizam que:

[40] Cf.: "Monumentos Incomodos". Disponível em: https://artishockrevista.com/2020/07/05/monumentos-incomodos/ acesso em: 10/03/2022

> Apesar da transformação de nossa sociedade ao longo do tempo e do crescente discurso em favor da participação e inclusão nas políticas públicas, nossos setores populares, indígenas, mulheres, afro-americanos e LGBTIQ+ encontraram um espaço muito pequeno para homenagens e reivindicações. as estátuas são reservadas quase inteiramente para homens, conquistadores, heterossexuais, brancos e ricos. Desta forma, fica evidente que os monumentos públicos continuam a reproduzir formas de selecionar, perceber e expor o passado no ambiente urbano a partir de lógicas eurocêntricas. Essas lógicas forjam simbolicamente nossa sociedade e falam de qual é o lugar que nos corresponde como sujeitos desse grupo social.

Em sua proposta aberta, convidavam cidadãos a votar em representações que poderiam estar no local de estatua que fora retirada devido sua homenagem a figura escravagista e colonial. Figuras feministas, indígenas, queer, da natureza, imaginários, etc., compõem como veremos a baixo, diferentes possibilidades reunidas em um site como uma coleção de monumentos ideológicos da sociedade civil. O mapeamento de monumentos pela cidade infere maior numero de estatuas masculinas, colonizadoras e nacionais do que em figuras civis publicas e povos originários como é referido na imagem a baixo:

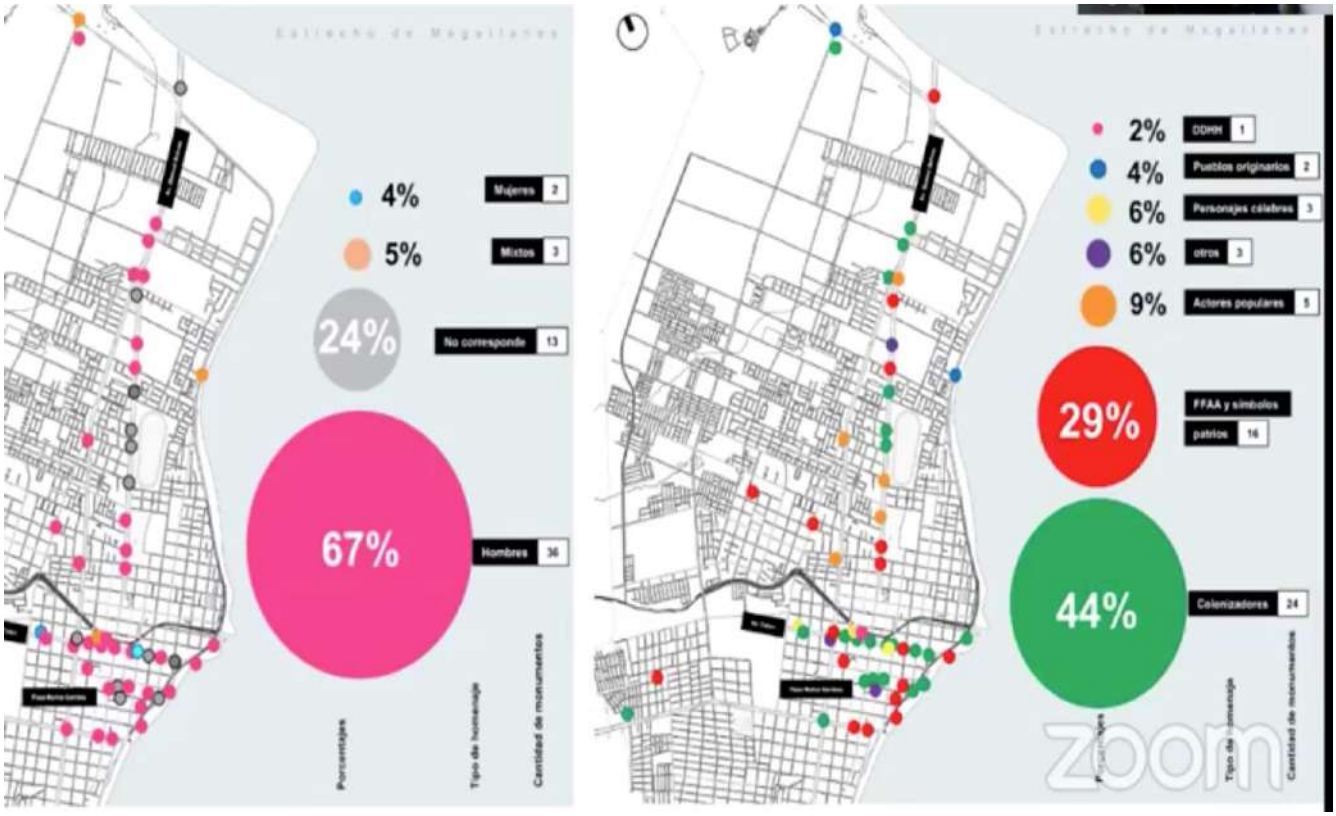


Fig. 82: “monumentos (im)possíveis”. Fotos: Instagram do Coletivo disponível em: https://www.instagram.com/monumentosincomodos/

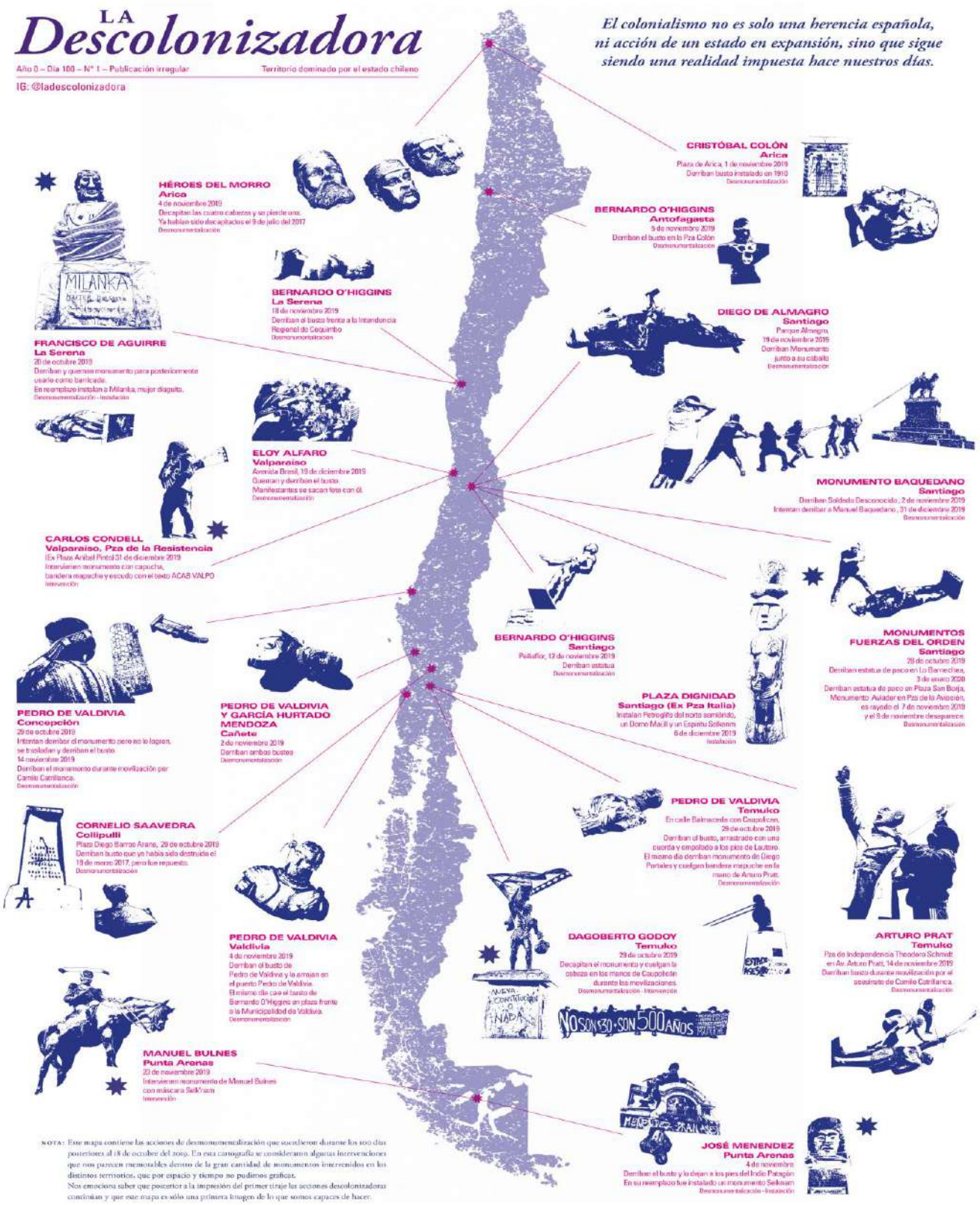


Fig. 83: "Cartografia monumenetal". Foto disponível pelo coletivo em:
https://www.instagram.com/ladescolonizadora/
https://drive.google.com/drive/folders/1adPrVwJHJjg_UrX5_yCssDQJZaDvA8YX

Figs. 84: “Intervenções Incomodas”. Foto pelo coletivo disponível em: https://www.instagram.com/monumentosincomodos/ acesso em: 10 de mar, 2022.

Em visita de campo a Portugal em junho de 2021, pude participar da exposição “Um Elefante no Palácio de Cristal”, a convite do professor Nuno Coelho, fazia parte da Galeria Municipal do Porto com três curadores e um coletivo artístico — Alexandra Balona, Melissa Rodrigues e Nuno Coelho e o grupo InterStruct Collective. O desenvolvimento de um programa público sobre a Primeira Exposição Colonial Portuguesa, que se realizou em 1934 nos Jardins do Palácio de Cristal na cidade de Porto. Desenterrando visões e rastos históricos, este eixo programático propôs revisitar o acontecimento e expor as suas implicações na contemporaneidade através de oficina que realizei acerca de monumentos e memorias coloniais na cidade e quais praticas de intervenção e recolocação de memorias podem ser resgatadas e reproduzidas.

Em “Átlas - ética do Olhar e da Representação” convocou-se questões de literacia visual, com um “foco na problemática de 'quem olha quem', 'de onde olha' e 'como olha', partindo dos registos visuais existentes da Primeira Exposição Colonial Portuguesa para uma reflexão crítica orientada através de olhares contemporâneos”[41]. Na oficina “Encenação do Império Colonial, realiza-se uma análise histórico-política desta e de outras exposições coloniais e das suas reminiscências na memória e no espaço urbano atuais, traçando arquivos de acervos históricos da exposição e aproximando imaginações de quais memorias poderiam ser reinterpretadas ao olhar atual contemporâneo.

No parque atualmente chamado Palácio dos cristais, em sua época da exposição era referenciado como Palácio das Colônias. Contendo acervos provenientes das regiões colonizadas, o terreno fora divido em ares designadas a cada população trazida de seus respectivos territórios nativos, para se apresentarem como cidadãos dos novos territórios portugueses. Praticamente um zoológico humano, a feira continha com o apoio das empresas que financiavam a expansão imperial e industrial por uma nova sociedade portuguesa, superando a fome e atraso comparado com seus vizinhos europeus. Em uma politica de propaganda ao esforço colonial, o período de Salazar e seu regime novo, buscava apresentar tons de esperança, trabalho, crescimento e civilização às politicas de expansão econômica e social a outros territórios, atraindo novos colonos no feitio.

Ao longo do rio que cruza o parque, cabanas foram construídas para “abrigarem” comunidades trazidas com a promessa de salários e oportunidades de trabalho posteriores. Na área do parque designada ao território de Macau, haviam músicos chineses para representar o exótico e a

[41] Programa completo disponível em: https://www.galeriamunicipaldoporto.pt/pt/programa-de-incursao-a-galeria/um-elefante-no-palacio-de-cristal/20210515-atlas-i-workshop-e-percurso-para-os-jardins-com-interstruct-collective/ acesso em 11, abr de 2022.

potência desbravada portuguesa, na parte do Congo e Moçambique, rituais e artesanatos eram apresentados e exibidos. Uma moça trazida de Guiné, tornada conhecida como Rosinha, é exibida como semblante da exposição, expondo uma visão machista de dominação da miscigenação e superioridade racial voyeurística.

Fig. 85: “Vidas atuadas”, fotos de acervo em oficina, 12 de jun, 2021.

Fig. 86: “Nós e eles”, foto tirada pelo autor de acervo fotográfico na oficina.

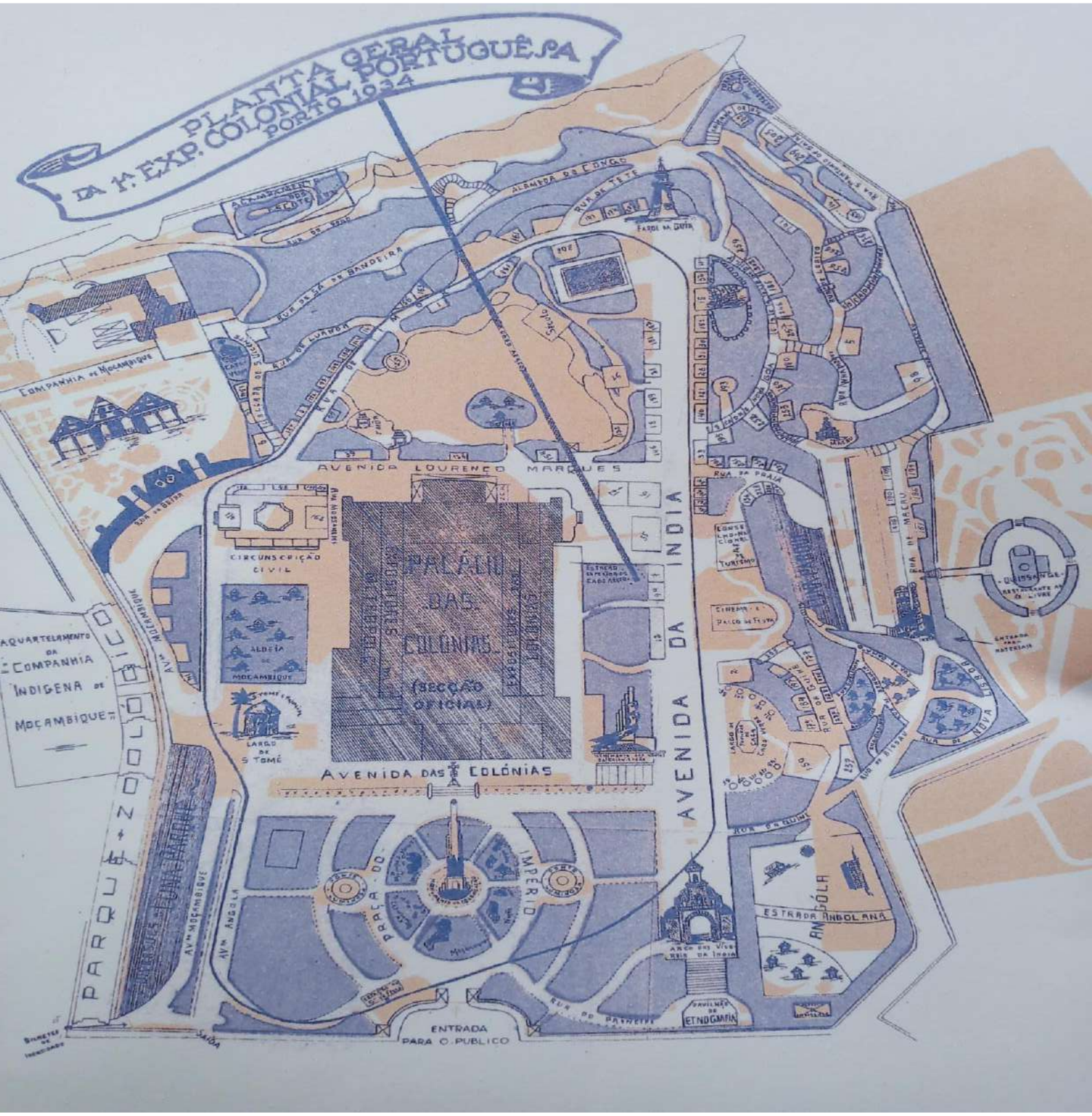


Fig. 87: “Mapa da feira”, panfleto em acervo, Porto, 17 de maio, 2021.

Em atividades propostas pelo coletivo artístico mediador, fora proposto interferências em espaços do parque que remetessem memorias e olhares acerca das representações existentes. Através de percursos, decidimos em dupla, intervir em estatuas através de objetos encontrados, buscando trazer pontuações nos olhares ao fazer a leitura das memorias contidas nos monumentos. Propondo contrapontos através de dois objetos em círculos encontrados, expressa-se um senso de aberto e fechado, positivo e negativo, como balança dialética e critica nas estatuas e suas interferências colocadas.

EXPOSIÇÃO
COLONIAL
PORTUGUEZA
1934
CIVILIZAÇÃO

"PORTUGAL NÃO É UM PAÍS PEQUENO"
"ANGOLA IS NOT A SMALL COUNTRY"

Figs. 88: Oficina cartográfica, tiradas pelo autor, 16 de jun, 2021.

Pensar além de somente a ideia de conservação e restauração nas necessidades de politicas de memoria e memorização no espaço publico. Os monumentos incômodos, portanto, são produtos do feito colonial, pois estabelecem hierarquias de classe, raciais e de gênero, baseando na dominação colonial que jaz dentro da estrutura histórica do poder. Uma politica real de diversidade cultural, além de sistemas de inclusão, há de atacar o problema da desigualdade, redistribuição, da justiça e da participação civil além de meras representações. Questionar os monumentos incômodos é um ato de deslocamento representacional desde o centro urbano e simbólico para um terreno de debate e reflexão cidadã e politica. O desafio para o âmbito do patrimônio é abrir processos de diálogos interculturais amplos onde decisões coletivas sobre o que fazer e como repensar a comemoração e homenagem publica podem ser estruturados.

A pensar a modulação na perspectiva da educação patrimonial, é necessário pensá-la para outros grupos sociais além da comunidade cientifica produtora e administradora de bens do campo. A reflexão é sobre como trabalhar com bens históricos já instituídos como patrimônio, em geral oriundos do universo das elites, e mediar ou até defender métodos e características democráticas advindo de demandas sociais do campo de memoria, de informação, justiça social, etc. Seja pela via da mediação social quanto da via de apropriação social, o que predomina é a relação Educação - Informação. Somente pela educação é que os indivíduos sociais poderiam participar, de forma afirmativa, dos processos simbólicos, apropriando-se a partir de frequências intensivas e extensivas, as estruturas de acesso de informação e cultura.

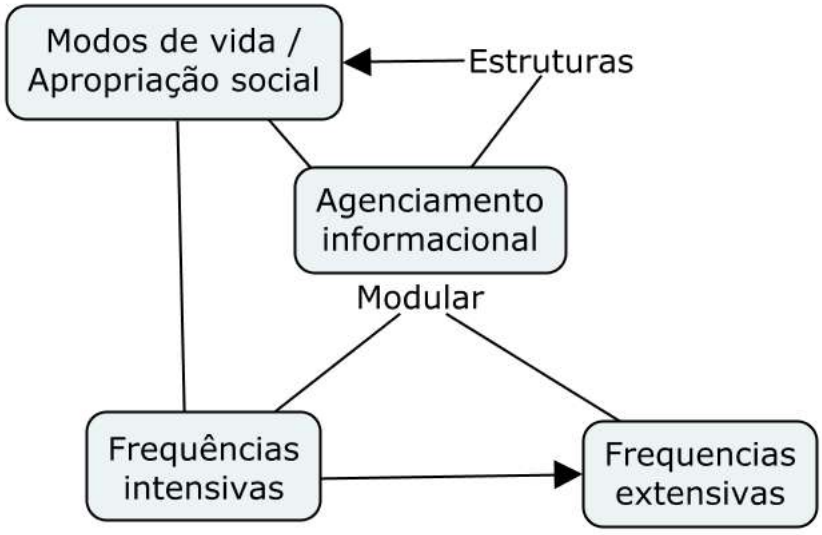


Fig. 89: “Diagrama Modulação e apropriação”. Feito pelo autor, 14 de mar, 2022.

Conclusão

Ao aprofundarmos veredas sobre possíveis novas literacias na sociedade tecnológica, debruçamos sobre conceitos já constituídos e desdobrados da área de ciência da informação como da competência informacional à competência critica em informação. Uma polissemia de conceitos para delinear desafios informacionais em praticas educacionais buscam democratizar a importância da relação humana com seus sistemas tecnológicos e comunicativos.

Ao adentrar uma dinâmica onde, a escrita de dados sistêmicos conforma a própria experiência de acesso, organização e apropriação do conhecimento, marca-se uma relação intrínseca entre sistemas digitais e tendências comportamentais sociais. A escrita de referencias assim como sua leitura e interação, produzem meios ambientes artificiais que multiplicam pontos de vista e modos de existência.

Sistemas numéricos desenvolvidos em sistemas algoritmos atuantes, interferem nas interações sociais e centros de referencia como instituições, partidos, jornalismo, etc., a partir de códigos de indexação e sugestão adaptadas aos usuários. Centros de verdade a partir de autoridades epistêmicas passam a serem desafiadas por milhares de comentários e fóruns online onde todo tipo de relativismo é inferido como novidade conspiratória. Um jogo de meta-verdades é praticado onde o campo de legitimidade é apenas moldado pela atividade de gosto de usuário. Sistemas de verdade agora fazem parte de sistemas de ímpetos digitais, desejos ideológicos e probabilidade de investimento mercantil.

Uma ecologia informacional, portanto, utiliza-se desde bases eletrônicas para devidos computadores, aos sistemas simbólicos de linguagem variantes e replicantes. Além do aprendizado pratico do maquinário computacional, esta pesquisa debruçou-se os aspectos políticos e simbólicos da apropriação social da informação. A arte como critica marca o experimentalismo crítico na educação, onde a criação e multiplicação de linguagens e formas de vida emergem além do usuário trabalhador/mercadoria e podem produzir estruturas de investigação que perpassem tendências tecnocratas repetitivas da educação.

Não há conhecimento no isolamento, ao contrário, ele se constrói na relação com o mundo e com outras pessoas. A mediação da informação, da comunicação e da arte permite e exige a concepção de informação que desloque o usuário da categoria de mero receptor, colocando-o como ator central dos processos de fluxo de apropriação social. Dessa forma, propomos o usuário como produtor experimental em sua percepção constituinte, na compreensão ou não do que é informação e por consequente, do próprio conhecimento. Em última instância, quem

determina a existência da informação é o usuário e seu sistema perceptivo, na medida em que experimenta, cria e usa conteúdos em suportes tecno-informacionais.

O sistema de inovação e organização do conhecimento, seja educativo ou produtivo, passa por mudanças alinhadas às adaptações tecnológicas embora preservando seus alicerces parciais de administração e controle modulativo da produção social indicados aqui pela intensificação da vigilância como ferramenta de conhecimento pan-óptico espectral. Adaptando-se e cooptando situações novas e externas, o "capital informação" é intensificado em sua centralidade como lastro do capital de giro, uma forma de manter sua perenidade e elasticidade quanto aos processos de valorização e precificação na produção cultural da sociedade.

Esse processo tende a alimentar a produção quantificada e especulativa como eficiência contabilizada das diferentes etapas e cadeias produtivas assim como os registros e referências existenciais dessa realidade construída e in-formada. Os trabalhadores passam a ser normalizados em parâmetros de contabilidade e eficiência, moldando a sensibilidade e criatividade para a se qualificarem como operadores das interfaces tecnológicas e informacionais, produzidas pela corrida tecnológica e informacional perpetuada pelos grandes centros econômicos mundiais.

Os filtros e algoritmos de acesso e recuperação fazem a filtragem de conteúdos em suas interfaces globais, especulando, prevendo, administrando e absorvendo os fluxos produtivos, constituintes e emergentes do social. O conhecimento fragmentado e degradado na nuvem em informação, a dita economia criativa da sociedade do conhecimento, entrou em dúvida e crise tão rápido quanto foi proclamada. O conhecimento, seja como processo educativo ou de expressão e conservação social, não é reproduzível diretamente em trabalho quantificado e capitalizado, porém a base onde está sendo construída a organização do conhecimento do presente contemporâneo, é tecno-utópico, em 'real time', se baseando na metrização emocional através dos padrões de uso pelas interfaces das redes sociais.

Pensar a critica na educação é pensar a variação informacional e seus efeitos sistêmicos, dinâmica intrínseca da potencialidade da experimentação artística. Somente analises de dados em metodologias de países centrais não fornece campo de produção social suficiente às necessidades de politicas publicas, de memória e racismo, desigualdade e colonialidades. Hierarquias de classe, raciais e de gênero, baseados no histórico produtivo e ideológico de dominação colonial. Uma politica real de diversidade cultural, além de sistemas de inclusão, há de atacar o problema da desigualdade, redistribuição, da justiça e da participação civil além de meras representações.

A potencialidade da crítica é desconstruir representações via processos de experimentação de pensamento e imersão temática, atualizando intensidades em formas e modos diferentes de um único signo. A consolidação de métodos em comum, buscando resultado averiguáveis e compartilhando com agentes participativos, desenvolve instituições e autoridades epistêmicas, para mais uma vez, distribuir dispositivos pedagógicos em que experimentos de provas, informações, questionamentos e identidades possam reverberar montagens de pensamento, investigação e consolidação de práticas e fatos.

Deslocamentos representacionais, de ideias fixas no tempo histórico, são matéria prima da ciência, e também da arte. Do centro urbano e simbólico para o terreno de debate e reflexão cidadã e politica, os desafios humanistas para áreas sociais de memoria, educação, arte e ciências, são de produzir processos de diálogos interculturais amplos, onde formações coletivas locais possam se desenvolver e estruturar-se em processos compartilhados de produção, critica da informação e seus sistemas tecnológicos vetorizados, sendo capaz de vibrar campos de modulação adaptados a contextos específicos.

Visualizamos proposições cidadãs em estudo de campo na Colômbia, viabilidades éticas e interculturais em projetos educativos sociais. Composições sócio técnicas permitem que transformações de materiais e de formas de vida, possam ocorrer em áreas onde há distanciamento social e medo de praticas comunitárias. Ao traçar participações civis com iniciativas locais, pode-se enredar uma teia mais rica dentro de associações comunitárias com participação pública na administração viável de atividades organizadas. Atores locais que permanecem e resistem a formas de escassez estrutural em suas regiões, formam a base para qualquer desenvolvimento sério e permanente. O investimento a longo prazo, porém, consiste no desafio básico de qualquer projeto social e onde geralmente não há investimento, não há interesse de fortalecer e construir comunidades cidadãs com garantia de direitos e recursos básicos.

Buscando traços de uma ciência da informação a partir da América do Sul, adentramos críticas políticas sobre conceitos e linguagens que esticam conceitos como o de competência, para uma habilidade de compartilhamento, a *compartência*. Apesar do termo ‘competência’ ser inicialmente apenas uma adaptação do inglês ‘literacy’, a politica decolonial busca a critica do poder instaurado em linguagens, teorias, pedagogias, etc. Um sistema nacional que apenas importa e aplica metodologias educativas para informação e mídia a seus cidadãos, deixa de produzir e pesquisar métodos científicos que adaptem mais eficientemente os desafios educacionais as realidades locais globais.

Uma alocação critica permite destrinchar suspeitas e almejar a construção de novos conceitos, proposto nesta pesquisa, a partir de interações institucionais com movimentos sociais. Criar, compartilhar, institucionalizar, democratizar, criticar e coletivamente construir, formam processos intrínseco ao desenvolvimento social de memorias, conhecimentos, histórias, técnicas, etc. Produzir fluxos de desejo, identidade e memoria fornecem senso se pertencimento e agencia nos cidadãos, que munidos de formações iniciais, podem aprofundar seus processos históricos de acesso, sobrevivência cultural, apropriação informacional e montagem do conhecimento.

Em populações onde há um histórico de violência, dominação, segregação e perseguição, as demandas e criações de memorias, eventos e formas de ser, acabam tomando caminhos submersos e intensivos, com certa distancia dos métodos representacionais clássicos como monumentos, livros, centros de conhecimento, etc. Aliamos conceitualmente com a vertente neodocumentalista do campo da Ciência da Informação para tentar abrir espaços que permitam arte e memoria reverberar intensidades marcantes, contando outras formas de histórias em seus devidos fatos e ficções especificas.

A performance e a biografia muitas vezes se misturam culturalmente na produção social de identidade de comunidades perseguidas. Tais praticas artísticas formam instancias que permeiam ficções e mitos como estratégia de resistência e sobrevivência contra uma verdade oficial de outra classe ou sociedade dominante. A cultura em sua complexidade, é formada tradicionalmente pelo acumulo de camadas que sobreviveram a destruição seja do tempo ou do humano.

Além de processos de descolonização, que seria produzir sistemas de conhecimento diferentes da metrópole, a decolonialidade foca em novos processos de conhecimento e apropriação advindas da própria população local em especifico. O pensamento decolonial busca resgatar estas camadas de sobrevivência e tecer visões e produções próprias a partir da sua regionalidade. É nesta dobra de camadas que o autor Aby Warburg se aproxima em uma visão ampla da imagem e de seus transbordamentos interculturais, onde um neodocumentalismo também se inicia ao pensarmos em como arquivar tais transbordos, errâncias, misturas, sobrevivências, etc, em testemunhos do devir e da deriva.

Uma epistemologia pragmática abre questionamentos decoloniais que dinamizam e criticam formatos científicos impostos globalmente a toda e qualquer tipo de população em seus modos de vida. A modernização produz uma pedagogia sistêmica em que a qualidade intensiva contemporânea é veloz, internalizada e vetorizada que aprofunda e ao mesmo tempo desafia emissões formais, estruturais e institucionais da comunicação moderna.

O capitalismo informacional e algorítmico produz uma corrida armamentista por uma datificação global. A arquivização total da terra infere centros de poder e controle do conhecimento. Uma guerra informacional já é imposta e aplicada não só nas fronteiras da civilização moderna, mas também a seus próprios cidadãos. Esta pratica consiste em formas de inflexão modular, que consiste em emitir frequências difusivas para referenciar e influenciar sujeitos, sem que haja intervenção efetiva do poder social.

O poder modulativo dos grandes centros controladores da informação impõe um novo desafio humanista para a organização, e ainda mais, a apropriação da maioria da população planetária que não tem acesso aos vetores centrais de poder e distribuição. Esta produção intensiva do capital através do formato informacional e midiático, conformam um eixo de criação que estrutura parâmetros produtivos para imensas regiões sociais globais. O molde humanista como dito na figura do antropos, passa a ter como cerne de diretrizes, o molde capital de formação histórica. O termo usado ao final da pesquisa referenciado como 'Capitoloceno', infere um campo de estudos e analises em seus impactos informacionais e tecnológicos do poder de interesses 'capitalisas', na fronteira ontológica e epistemológica das praticas pedagógicas e desafios educacionais contemporâneos.

A busca por inovação para produzir sistemas mais fechados e controlados, busca introduzir escassez na prática digital. Depois de um grande ciclo de cópias e disputas por sistemas abertos tecnológicos e científicos, a sociedade global enfrenta novo ciclo de austeridade e controle sistêmico. Resta para processos emergentes cidadãos e democráticos aprender a diagramar contra narrativas em técnicas de sensibilização e participação comunitária, desvelando competências, compartilhamentos e consolidação de tecnologias sociais abertas e compartilhadas. O campo acadêmico latino americano, de onde pensamentos referidos como decoloniais, concentram atividades importantes para se pensar projetos de distribuição e criação de conhecimentos adaptados e voltados a contingencias e especificidades locais.

Analisamos as disputas politicas por monumentos públicos rediscutidos a luz da organização de povos tradicionais perseguidos no período colonial onde temos exemplos de mobilização coletiva para discussão e enfrentamento de certas memorias dolorosas em prol de justiça e reinvindicação social. Praticas além da substituição ou realocação de referencias históricas como a de intervenção social em monumentos, e processos de destruição, podem abrir dinâmicas onde se discute e se imagina, coletivamente, historias outras, criticas múltiplas, e variadas representatividades.

Esta pesquisa, portanto, marca uma diagramação politica seguindo a linha de pesquisa de apropriação social da informação, percebendo aplicação da variação da crítica nos estudos da

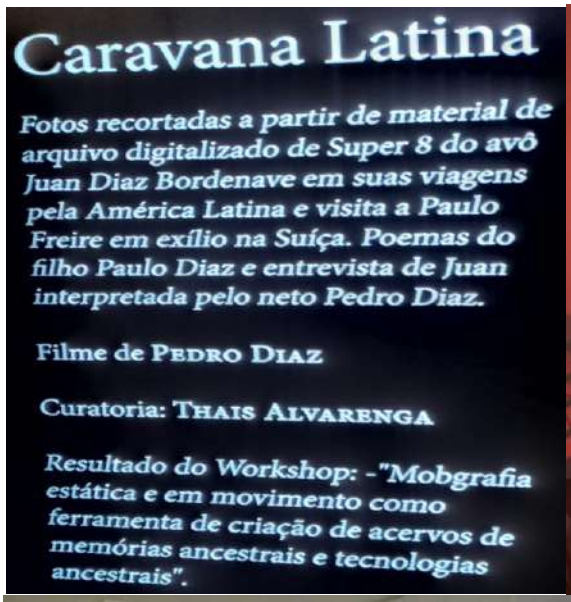
educação e informação. Instancias arquivísticas e patrimoniais da informação, também desvelam desafios e reinvindicações atravessadas pela crítica decolonial, de contextos sociais de injustiça, memória, identidade, representação. A busca e luta por justiça e verdade, provocam frequências diversas que podem consolidar-se centrais e produzir modulações em narrativas oficiais de massas, ou serem intensivas, na emergência de uma produção subterrânea, de memorias e fatos apagados, para de vez em quando, ressurgir a superfície social e resgatar marcos, eventos e ficções históricas. A decolonialidade na ciência da informação, marca um campo de pensamento onde o interesse politico está sempre nas entrelinhas do poder representacional e hierárquico da organização e apropriação do conhecimento, marcados pela história colonial em suas atualizações de poder tecnológico e contemporâneo. Reconfigurar abordagens educacionais levando em conta a experimentação crítica dos saberes e conhecimentos locais são de grande importância para desenvolver alianças em rede, plurais e diversos, contra movimentos totalizantes globais de guerra e memória, extrativismo e genocídio.

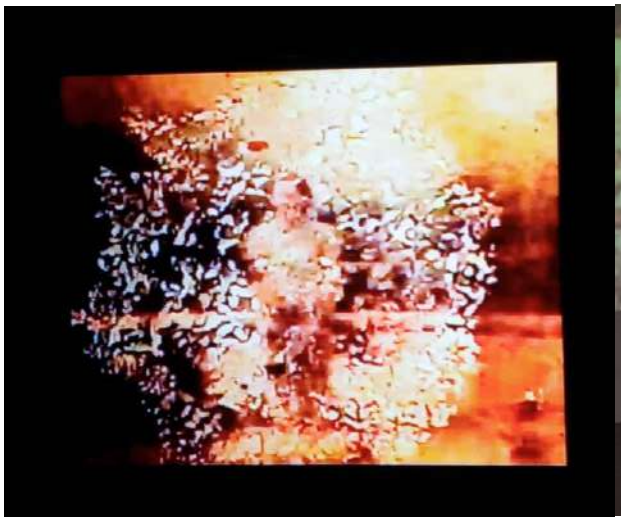
Apêndice

Arte de Arquivo - Pedro Diaz

1- Documentário experimental de arquivo “Memórias Futuras” (em andamento), curta-duracão, 2022. Através de imagens de arquivo de seu avô pela America Latina na década de 70, o autor pensa sobre imagens do sul global, interligando eventos estéticos e políticos até a contemporaneidade. Link:
https://www.youtube.com/watch?v=3lKGt8PqQp8
https://www.youtube.com/watch?v=KPTUlUdRNo8&t=44s
https://www.youtube.com/watch?v=d4ajAtBC52U&t=19s

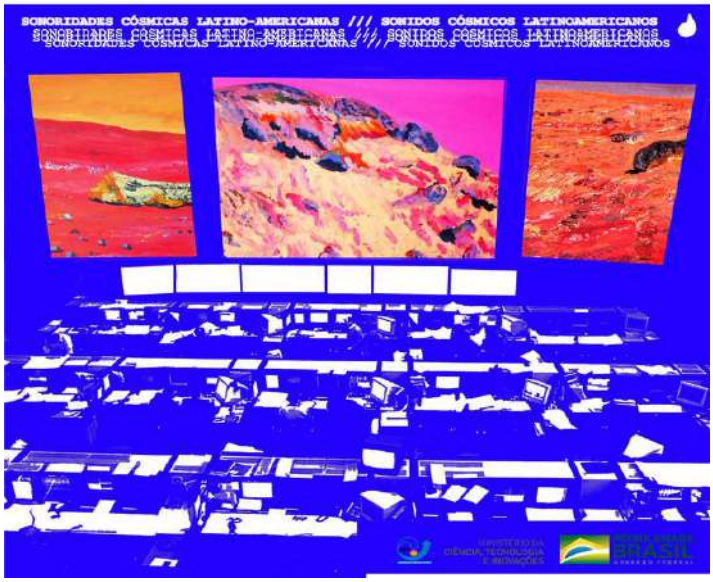
Versão apresentada (2-3 de abril, 2022) em instalação no OiFuturo através da oficna “Mobgrafia – Mobgrafia estática e em movimento como ferramenta de criação de acervos de memórias ancestrais e tecnologias ancestrais” com a formadora Thais Alvarenga A formação apresenta conceitos teóricos e ferramentas práticas com objetivo de ajudar na criação de imagens estáticas e em movimento pelo celular com mais consciência e qualidade. Debatidas estratégias narrativas e formais do audiovisual, com referências do cinema e da videoarte. A provocação principal era a de criar produtos que dialoguem com memórias ancestrais de cada participante.
Trilha e paisagem sonora feita na oficina de Ficção Sônica – processos criativos sonoros experimentais e introdução ao sound design” com o formador Pitter Rocha.


Caravana Latina
Fotos recortadas a partir de material de arquivo digitalizado de Super 8 do avô Juan Diaz Bordenave em suas viagens pela América Latina e visita a Paulo Freire em exílio na Suíça. Poemas do filho Paulo Diaz e entrevista de Juan interpretada pelo neto Pedro Diaz.
Filme de PEDRO DIAZ
Curatoria: THAIS ALVARENGA
Resultado do Workshop: -"Mobgrafia estática e em movimento como ferramenta de criação de acervos de memórias ancestrais e tecnologias ancestrais".



2 – Som e projeção na peca *A lua vem da ásia*, livro de Campos de Carvalho, montagem de Chico Diaz, no festival de Almada, em Portugal, e no Festival Camões Luso-Brasileiro em Teresina, Piauí.

Fig. : *Do livro ao palco*. Fotos tirada pelo autor, jul de 2021.



Sonoridades cósmicas latino americanas

Este projeto é uma realização do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), vinculado ao II Workshop de ArtSat do INPE/2021. Organizado pelo programa SACI-E (Subjetividade Arte e Ciências Espaciais).

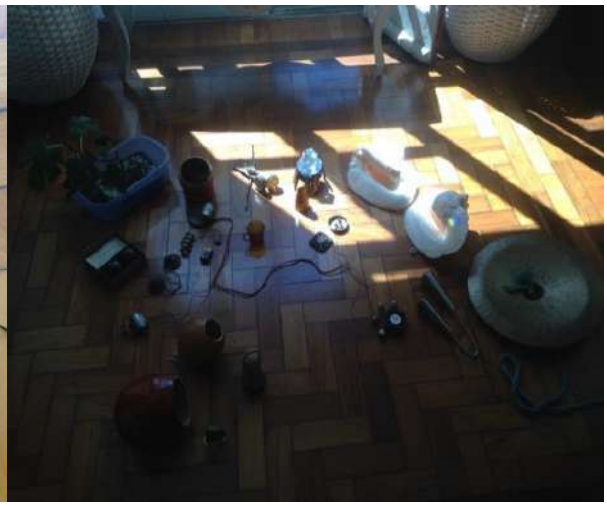
Links:
https://www.youtube.com/watch?v=UccJLelhZUQ
https://sacieinpe.bandcamp.com/album/sonoridades-c-smicas-latino-americanas

"O álbum Sonoridades Cósmicas Latino-americanas reúne 13 composições sonoras de 19 artistas-cientistas de 6 países (Argentina, Brasil, Colômbia, Equador, México e Uruguai). Sua finalidade é deflagrar o imaginário latino americano sobre o cosmos, constituindo assim uma ocupação sonora espacial aliada à multiplicidade de culturas e estilos musicais desse conjunto de países. A seleção foi realizada através de chamada aberta, com as seguintes provocações: Qual o papel da América Latina nas Ocupações Espaciais? Qual contribuição pode dar para o pensamento espacial global a partir de sua singularidade específica? O álbum é o resultado dessas provocações. As faixas foram escolhidas através de curadoria e um corpo de jurados de diferentes países da América Latina.
A coleção abrange diferentes práticas e técnicas de criação sonoras, como a música eletroacústica e de ruído, colagem sonora, gravação de campo, diferentes abordagens de sonificação de dados e imagens, improvisação, criação de instrumentos para captação de ondas eletromagnéticas que são convertidas em som. O conjunto instiga por apresentar um quadro estético diverso de especulações sonoras do cosmos, através da memória sonora de missões espaciais, registros de manifestações eletromagnéticas, sonificação de dados científicos de arquivos de programas espaciais, atividade solar e fluxo pluvial.
A compilação é uma encruzilhada cósmica entre arte, ciência, tecnologia, ficção especulativa e som. Essa mescla ativa a cosmopercepção do ouvinte para as vibrações do invisível, o ruído que nos atravessa. As sonoridades cósmicas são uma viagem onde embarcamos em uma experiência nômade pelo espaço envoltos pelo hum dos motores. Elas nos fazem sentir o calor das ondas eletromagnéticas de ventos solares no poente incandescente, que queimam os restos das vozes expandidas da experiência humana. A experiência sônica sideral é um contínuo do silêncio do vácuo à sutil vibração do meteoro, a força vital, o axé do corpo celeste. Ela retransmite, re-lê, revisa, reativa o imaginário e o imaginar das dimensões e forças do Espaço; sonifica a visão da ciência e permite ler imagens em suas menores partes, bits, pixels e frames, criando movimento. Assim, dançamos dados solares em batidas afro indígenas atlânticas e revisitamos a primeira ciência, a ciência do ritmo, aquela que molda o tempo. O efeito do tempo é fluído, dilata e contrai, escorre como as águas em 100 anos dentro de 3 minutos. O som, como ontologia de um mundo, permite tocar o invisível, saudar o sub-atômico e ecoar na eternidade, alinhado com os astros, satélites mortos-vivo e a natureza alienígena."

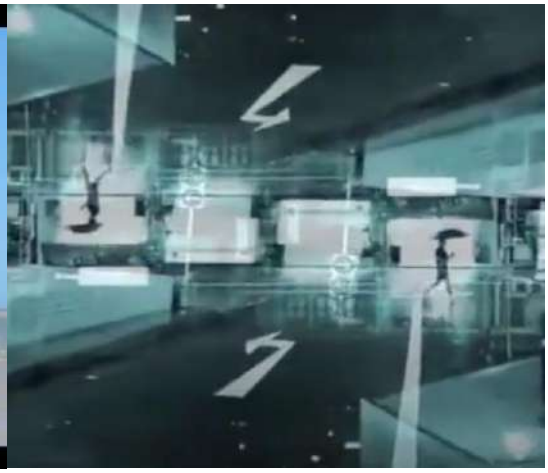
Fabiane M. Borges e Pitter Rocha

Tags: electroacustica, experimental, latino america, música eletrônica, arte sonora, cosmic data sonification, eletroacústica, gravações de campo, improvisation, noise sonification

3 - Instalação “Semeando Cantos” – Desconstrução do Berimbau & Circuitos Meta-acústicos com objetos encontrados e instrumentos percussivos. Participando da residência internacional de arte e filosofia “Foreign Objekt” sobre pós-humanismo, pesquisando frequências sonoras em fragmentos e ruinas, de abril a setembro de 2022. Link: https://www.youtube.com/watch?v=WrWSSPy3jM4&t=13s



4 - Desenvolvimento de vídeo arte no seminário de filosofia do “New Center for Research and Practice” acerca da estética do Blockchain, sobre o trabalho literário *Summa Technologiae* (1964) de Stanisław Lem. Link: https://www.youtube.com/watch?v=Ud6gZboGt1o&t=15s



Texto: **Estética Blockchain**

> Em 1844, Soren Kierkegaard publicou seu conceito de pavor. Este foi o primeiro ano do telégrafo comercial, e Kierkegaard manifestou uma consciência clarividente de suas implicações para o homem. O artista tende a ser um homem plenamente consciente do meio ambiente. O artista tem sido chamado de "antena" da raça. A consciência artística está focada nas implicações psíquicas e sociais da tecnologia. O artista constrói modelos dos novos ambientes e novas vidas sociais que são o potencial oculto da nova tecnologia.
>
> *Cybernation and Culture*
> Marshall McLuhan

0.1 A estética é uma forma de abordar o mundo, de construir uma compreensão, uma visão de mundo. É uma modalidade de pensar e conhecer, na qual nos relacionamos com o que está ao alcance com ferramentas cognitivas que contornam inferências e deduções lógicas.

0.2 Desde o século XIX, a estética confinou-se ao âmbito das obras artísticas e literárias, de onde se expandiu para outros campos da cultura, infundindo assim um ambiente que, durante um século e meio, parecia estar afastado da esfera da produção industrial (seu alter-ego, seu anátema).

0.3 Os românticos supervalorizavam o artista como agente de mudança, farol da civilização. O primeiro a notar abertamente esse desequilíbrio foi Duchamp. Marcel foi um arauto da era industrial. Para ele, a arte estava lá, por toda parte, despejando no final da cadeia produtiva, nos movimentos de um burguês descendo as escadas ou em um trabalhador se movendo graciosamente pela linha de montagem. Marcel foi um pioneiro e um visionário dessa conexão produtiva.

0.4 Mas é claro que o messias da era industrial foi Warhol. Andy respondeu a padrões (cinza) com padrões (coloridos); ele tornou a criatividade profundamente produtiva e, portanto, conectada ao mundo ao seu redor; ele transformou seu ateliê em uma fábrica em homenagem ao trabalhador livre e a toda a classe criativa. Andy encarnou como nenhum outro artista a revolução cultural da época: a transformação das contradições culturais do capitalismo no novo espírito capitalista da cultura. E como disse: “O negócio é o passo que vem depois do Art . . . Depois que eu fiz uma coisa chamada 'arte'. . . Eu entrei na arte de negócios. . . Ser bom nos negócios é o tipo de arte mais fascinante. . . um bom negócio é uma boa arte.” (A. Warhol, Filosofia de Andy Warhol, Nova York, Harcourt: Brace, Javanevich, 1975, p. 92.)

0.5 O que aconteceu em seguida foi a reconstituição do trabalho imaterial em inovação sustentável e a expansão da economia criativa. Ou o desenvolvimento do capitalismo do conhecimento, ou capitalismo informacional, ou semiocapitalismo. Tudo de uma vez e sempre à frente. A arte se tornou conceitual como o sistema se tornou imaterial, por amor ao conceito. O artista saiu do ateliê e da fábrica para conquistar o espaço público, a cidade; ele/ela a transformou na cidade inteligente, uma cidade de coleta de dados, uma cidade de gestão inteligente. Um espaço para a classe criativa se misturar com doadores, colecionadores, investidores, patrocinadores, mecenas e acionistas. Como David Brooks descreve em Bobos in Paradise (2000): “O boêmio e o burguês estavam todos misturados. Agora era impossível distinguir um artista bebedor de café expresso de um banqueiro bebedor de capuccino.”

0.6 Há muito tempo, o estilo de produção industrial vem imitando os deslocamentos e tendências trazidas pelos artistas, por meio de seus caprichos, ocorrências e sugestões fantasiosas e clarividentes. As novas tendências dominantes (claro, purificadas de todo o drama e do pathos da criação desviante) são os protótipos das novas oportunidades de investimento. “Todo mundo é um artista” – disse certa vez Joseph Beuys. Mas é claro que só um artista sabe disso, porque só um artista sabe se fazer nome dentro dos vetores da economia simbólica.

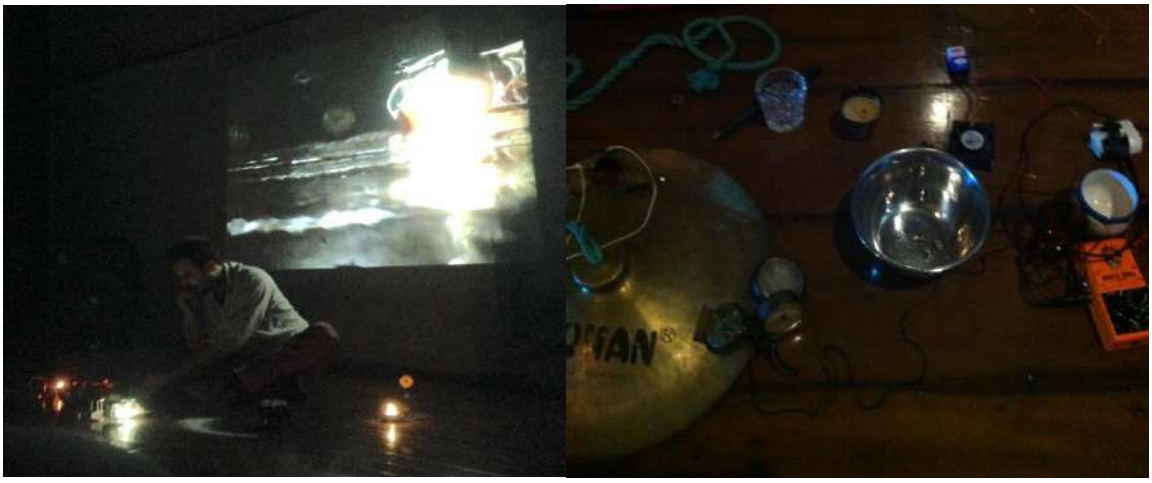
0.7 Em outra volta do parafuso, um editorial do The Economist recomendou o seguinte aos empresários marginalizados que ainda não haviam bebido alto com o novo movimento: “As pessoas […] têm que aprender a se vender, por meio de redes pessoais e mídias sociais ou, se forem realmente ambiciosos, transformando-se em marcas. Em um mundo mais fluido, todos precisarão aprender a gerenciar a You Inc.” (Trabalhadores de plantão, 3 de janeiro de 2015). Então, faça um nome para si mesmo, envolva-se em sua própria assinatura, seja dono de seus acidentes e forme com eles seu próprio estilo. L'homme c'est le style (Buffon). Ou, como McLuhan previu, clarividente: “É uma das ironias da era da eletricidade que o homem de negócios deva ficar alerta e altamente treinado no mundo das artes”. (M. McLuhan. Cybernation and Culture, em The Social Impact of Cybernetics, Ch. Dechert (ed.), Nova York: Clarion, 1967, p. 101). Basta perguntar a um artista então. Deixe-o ser o guia ao longo da toca do coelho digital 3.0.

“Uma máquina capaz de pintar um quadro muito pobre nos dirá mais sobre os fundamentos materiais, ou seja, cerebrais, da pintura do que o “modelo perfeito” do artista – seu irmão gêmeo – o faria.”

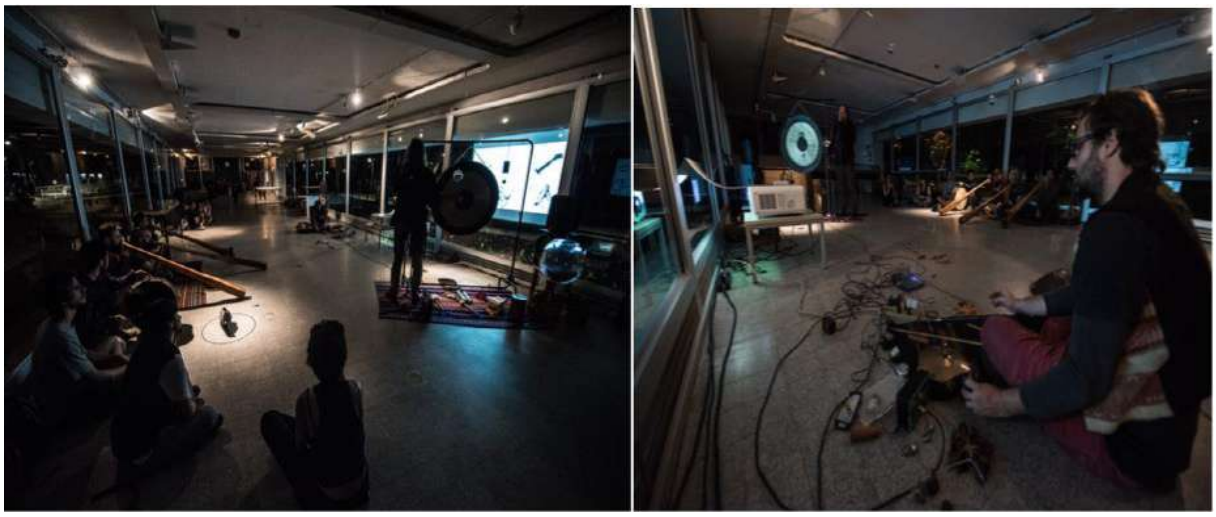
- Sum

5 - Série "Arqui-Traces" – “no_name 00”. Instalação com objetos encontrados e gravações de campo. Desenvolvido na “residência de arte sonora” no Sesc 24 de maio, São Paulo. fevereiro de 2019. Link: www.youtube.com/watch?v=VskYnDq3gTM / www.youtube.com/watch?v=sIsJLUXOFSg

6 - Performance “Fragmentos no tempo”. Por meio do acervo de objetos encontrados, propõe-se a escuta desse encontro-memória utilizando aparelhos eletrônicos de baixo custo, microfone de contato e elementos percussivos como meio de reverberar uma paisagem encontrada e reconstituída como experimentação poética sonora. Realizado na Casa da Luz, São Paulo, em 19 de setembro de 2019.



7 - "Electro-Cosmos" – Filmagem Cinema com trilha sonora ao vivo. Conjunto eletroacústico com percussões e eletrônica. Atividade recorrente na pesquisa de imagens com trilha sonora ao vivo. Festival de Arte Intergaláctica, Ibirapuera - EMA, São Paulo, 18 de setembro de 2018. Link: https://www.youtube.com/watch?v=LG1MTmyRiT4&t=9s / https://www.youtube.com/watch?v=lv_04ri9H14



8 - Fabrica Bheringer– Performance “Noise Body Machine”, Rio de Janeiro, março de 2016 Link: https://www.youtube.com/watch?v=sx04zScyPog&t=178s

Bibliografia

ALMEIDA, M. MEDIAÇÃO CULTURAL E DA INFORMAÇÃO Considerações socioculturais e politicas em torno de um conceito. GT 3, VIII ENANCIB, Salvador, Brasil, 2007.

AMADEUS, Sérgio. Economia da intrusão e modulação na internet, Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p. 17-24, maio 2016.

AMARAL, João Paulo Pereira, "Da colonialidade do patrimônio ao patrimônio decolonial. Dissertação de mestrado – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2015. ANTONIO A., PEDROSA, C. (Org.). Indicionário do contemporâneo. Belo Horizonte: UFMG, 2018.

ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy (org). Infoproletários: degradação real do trabalho virtual. Autores: Arnaldo Mazzei Nogueira... [et al.]. - São Paulo: Boitempo, 2009.

ASSMANN, Jan. Communicative and cultural memory. In: ERLL, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Ed.). Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook. Berlin; New York: De Gruyter, 2008. p. 109-118.

AUGE, Mark. Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobre modernidade. 1a edição francesa. Lisboa, 90 Graus. [1992], 2005.

BAHKTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. Rev. Bras. Ciênc. Polít. [online]. 2013, n.11, pp.89-117. ISSN 0103-3352.

BARLOW, Andrew. "Another Colonialist Tool?" In.: KRAUSE, S.; LOWE, C. "Invasion of the MOOCs: The Promises and Perils of Massive Open Online Courses". Parlor Press, California EUA, 2014.

BERARDI, Franco. *AND: Phenomenology of the End – Cognition and sensibility in the transition from conjuntive to connective mode of social communication*. N-1. Helsinki: Aalto University. 2014.

BERNARDINO DA COSTA, Luciano. Imagem dialética / imagem crítica: um percurso de Walter Benjamin à George Didi-Huberman. V ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE – IFCH / UNICAMP, 2009.

BROWN, Richard Harvey Brown; Brown, Beth Davis. The Makings of Memory: the Politics of Archive, Libraries, and Museums in the Construction of National Consciousness. *Revista 'History of the Human Sciences*', XI, No. 4, p. 17–32, 1998.

BUCK-MORSS, Susan. Estudios Visuales e Imaginación Global. Rev. Antípoda n º 9 jul – dez, p. 19 - 4 6, 2009. In.: BREA, José Luís (org.). La Epistemología de la Visualidad en la Era de la Globalización. Madri, Akal/Arco, 2009.

CAPURRO, Rafael. Ethics between law and public policy. Journal of International Biotechnology Law, v. 1, n. 2, p. 62-66, 2004.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003. Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm Acesso em: 5 jun. 2018.

_____. *Intercultural information ethics*. In: HIMMA, Kenneth Einar; TAVANI, Herman T. (Ed.). Handbook of information and computer ethics. New Jersey: Wiley, 2008, p. 639-665.

_____. Cidadania na Era Digital. Trad. SCHNEIDER, Marco; BEZERRA, Arthur. In: CABRAL, Adilson, CABRAL, Eula (orgs.) Comunicação, cultura, informação e democracia: tensões e contradições. Lisboa, Portugal: MEDIA XXI – Pubishing, Research & Consulting, p. 49-75. 2016.

CARDONA, Natalia Duque. Epistemologias Latino-Americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação: Contribuições da Colômbia e do Brasil. Natalia Duque Cardona, Franciéle Carneiro Garcês da Silva. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2020.

CLAUDIO DA COSTA, L. (2012). Poéticas do arquivo: dispositivos de coleção na arte contemporânea. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). *Revista do Congresso Internacional da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética*, X Edição.

CLIFFORD, James. A experiência etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX/ James Clifford; organizado por José Reginaldo Gonçalves. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

COLI, J. Polaridades e anacronismos no pensamento de Warburg. MODOS. Revista de História da Arte. Campinas, v. 1, n.2, p. 09-21, mai. 2017. Disponível em: <http://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/755> DOI: https://doi.org/10.24978/mod.v1i2.755

DAVID-MÉNARD, Monique. A vontade das coisas: o animismo e os objetos. Ed. Ubu. Coleçnao: Explosante – Vol. 7, 2022.

DE SOTO, P.; DELINIKOLAS, D.; Dragona, D.; SENEL, A. e LAMA, J.P., 2015. Mapping the Urban Commons: A Parametrical and Audiovisual Method. *V!RUS*, São Carlos, n. 11. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus11/?sec=7&item=1&lang=en>. [Acesso 10/11/18.

DEMOS, T.J. *Against the Anthropocene*: Visual Culture and Environment Today. Berlin: Sternberg Press, 2017.

DERRIDA, Jacques. *Archive Fever: A Freudian Impression*. ED.: Universidade de Chicago. 1995.

_____. *Mal de Arquivo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2001.

DIAZ, Pedro. Caosmose Informacional. In: Informação e Memória: perspectivas em movimento. Ricardo Medeiros Pimenta; Leyde Klebia Rodrigues da Silva; Thayron Rodrigues Rangel (org.). – Rio de Janeiro: IBICT, 2021.
DICK, Philip K., The Man in the High Castle, Nova Iorque: Berkeley, 1974.
DIDI-HUBERMAN, George. L'image survivante. Histoire de l'art et temps des fantômes selon Aby Warburg. Paris: Minuit, 2002.
_____. Quando as imagens tocam o real. In: *Pós: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes* da EBA/UFMG, v.2, n.4, Belo Horizonte, pp. 204-219, 2012.
_____. Imagens apesar de tudo. Tradução de Vanessa Brito e João Pedro Cachopo. Lisboa: KKYM, 2012
_____. Atlas ou a gaia ciência inquieta: o olho da história. Tradução de Renata Correia Botelho e Rui Pires Cabral. Lisboa: KKYM, 2013.
DOYLE, Andréa. Ideologia e Competência Crítica em Informação: um olhar para movimentos de biblioteconomia crítica. Folha de Rosto, Revista de biblioteconomia e Ciencia da Informação. V.4, n. 1, p. 25-33, jan. /jun., 2018.
ENDRIZZI, L. L'éducation à l'information. La lettre d'information, n.17, avr. 2006.
ESCOBAR, Arturo. Más allá del tercer mundo. Globalización y diferencia. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e História, 2005.
FREIRE, Gustavo Henrique de Araujo. Ética e políticas de informação: uma ação de informação no programa de cooperação acadêmica – novas fronteiras da CAPES. Ética da Informação: conceitos, aboragens, aplicações / Organização, Gustavo Henrique de Araujo Freire, 18 a 19 de março de 2010. - João Pessoa: Ideia, 2010.
FOSTER, Hal. The Archive without Museums. Ed. MIT, *Outubro*, *Vol. 77*. pp. 97-119, 1996.
_____. An Archival Impulse. Ed.: MIT, *outubro*, *Vol. 110*, pp. 3-22, 2004. Link: http://www.jstor.org/stable/3397555 Acesso em: 25/10/2018
FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber* [1969]. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. O papel do conhecimento e da informação nas formações políticas ocidentais. Brasília, v. 16, n. 2, p. 157-167, jul./dez. 1987. Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/259> . Acesso em: 21 jan. 2017.
_____. *Novas configurações do conhecimento e validade da informação.* In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, GT:9, Salvador, 2007.
_____. *As mudanças de regimes de informação e as variações tecnológicas*. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, GT:9, São Paulo: USP, 2008.
_____. Validade científica: da epistemologia à politica e à ética. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.11, n.2, p. 339-359, novembro 2015.
GONZALEZ DE GOMEZ, Maria Nélida; JESUS, Elizabeth Maria Freire de; MENEZES, Vinícios Souza de. Integridade da pesquisa, ética da ciência e regimes de informação. Niterói: UFF, 2015. 65 p. (Relatório de pesquisa, 1). Disponível em: http://ppgci.uff.br/wp-content/uploads/sites/86/2019/11/relatorio_I_Oficina.pdf. Acesso em: 8 set. 2019.
GAMBONI, D. Preservation and destruction, oblivion and memory. In: Negating the image: case studies in iconoclasm. Portland, Ashgate Publishing Co., 2005.
GAUDIO, Michael. Sound, Image, Silence: Art and the Aural Imagination in the Atlantic World. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2019.
GHADDAR, J. J. CASWELL, Michelle. "To go beyond": towards a decolonial archival praxis. Archival Science. 19:71–85. Published Online: 28 Mai, 2019.
GONÇALVES, José Reginaldo Santos. "Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios". In: Horizontes Antropológicos. Revista do PPGAS da UFRGS. vol. 11, n.o 23, jan-jun de 2005 [Arquivo eletrônico: http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n23/a02v1123.pdf].
_____. Os limites do patrimônio In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira, ECKERT, Cornelia & BELTRÃO, Jane (orgs.). Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos. Blumenau. ABA, Nova Letra, 2007.
_____. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol. 28, no 55, p. 211-228, janeiro-junho 2015.
GOYENA, Alberto. Rituais urbanos de despedida: reflexões sobre procedimentos de demolição e práticas de colecionamento. p. 3. In: Seminário Internacional, Museografia e Arquitetura de Museus: Identidades e Comunicação, Vol.: 2., Rio de Janeiro. Anais eletrônicos. 2010. Disponível em: < http://www.arquimuseus.arq.br/anais-seminario_2010/eixo_i/p1-artigo-albertogoyena-26-10.pdf>. Acesso em: 29 out. 2021.
_____. O sorriso irônico dos budas: demolição e patrimônio no vale sagrado de Bamiyan. In: GONÇALVES R. & GUIMARÃES R. & BITAR N. (orgs.), A Alma das Coisas: Patrimônios, materialidades, ressonâncias. Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, p. 19-46, 2013.

_____. Espólio Arquitetônico: partilha, circulação e retorno do patrimônio demolido », Ponto Urbe [online], 15 | 2014. Acesso em 10 março 2022. URL: https://journals.openedition.org/pontourbe/2034
_____. A demolição em sete obras: patrimônio, arquitetura e esquecimento. 2015. 228 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – UFRJ/IFCS/Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, 2015.
GROSFOGUEL, R. "Transmodernity, border thinking and global coloniality". Eurozine, 2008.
HALL, Stuart. "Foucault: Power, knowledge and discourse", in Wetherell, Margaret; Taylor, Stephanie; Yates, Simeon J. (eds.), Discourse Theory and Practice: a reader, D843 Course: Discourse Analysis, London Thousand Oaks California: Sage in association with the Open University, pp. 72–80, 2001.
HUNTINGTON, Samuel. (1997). *O choque das civilizações e a recomposição da nova ordem mundial*. Rio de Janeiro: OBJETIVA.
INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.
JACQUES, PAOLA BERENSTEIN. Pensar por montagens. In: Nebulosas do Pensamento Urbanístico: Tomo I – Modos de pensar. Pg. 206. Paola Berenstein Jacques; Margareth da Silva Pereira (orgs.), EDUFBA, 2018.
KORYBKO, Andrew. Guerras Híbridas: das revoluções coloridas aos golpes. People's Friendship Unversity of Russia, 2015. 1ª Ed.: Expressão Popular, São Paulo, 2018
JOLER, Vladan; PETROVSKI, Andrej. Immaterial Labour and Data Harvesting. Share Lab. 2016.
Disponível em:< https://labs.rs/en/facebook-al-gorithmic-factory-immaterial-labour-and-data-Harvesting/>. Acesso em: 20 abr. 2018
LAPOUJADE, David. Deleuze, os movimentos aberrantes. São Paulo: Ed. N-1, 2015.
LEÓN, Christian. Imagen, medios y telecolonialidad: hacia una crítica decolonial de los estudios visuales Image, Mediums and Telecoloniality: towards a Decolonial Criticism of Visual studies. Instituto de Estética - Pontificia Universidad Católica de Chile. AISTHESIS Nº 51, p.: 109-123, 2012.
LAND, Nick. *Fanged noumena: collected writings 1987-2007*. Falmouth, UK: Urbanomic. 2011.
LAZZARATO, Maurizio. As revoluções do Capitalismo. Ed: Civilização, Rio de Janeiro, 2006.
_____. Machines to Crystallize Time: Bergson. Theory, Culture and Society 24.6 (2007): 93-122. In.: Videophilosophie: Zeitwahrnehmung im Postfordismus. Berlin: b_books, 2002.
LAZZARATO, Maurizio; JORDAN, David. The making of the indebted man: an essay on the neoliberal condition. Ed. Semiotext(e), SŽrie 13, 2012.
LIND, William. The Changing Face of War: Into the Fourth Generation. Marina Corps Gazette, outubro de 1989. Acesso em: 9, out, 2019. < https://globalguerrillas.typepad.com/lind/the-changing-face-of-war-into-the-fourth-generation.html>
MANN, Steven. Chaos Theory and Strategic Thought. Parameters, 1992. Acesso em: 08, out, 2019. <http://strategicstudiesinstitute.army.mil/pubs/parameters/Articles/1992/1992%20mann.pdf>
MARTÍNEZ Luna, Jaime. Comunalidad y desarrollo. Diálogos en la acción, primera etapa, 2004. Disponível em: https://redalforja.org.gt/mediateca/wp-content/uploads/2018/05/Comunalidad-y-desarrollo.pdf acesso: 30 set, 2018.
MATERA, Vicenzo. 'Antropologia dei sensi. Osservazioni introduttive', Ricerca Folklorica 45: 7–28. 2002.
MATERA, V.; FABIETTI, U., MALIGHETTI, R. 'Del Globale al locale: Dal tribale al globale. Introduzione all'antropologia. Ed. Mondadori Bruno, 3ª ed., 2020.
MATTELART, Armand. Sociedade do conhecimento e controle da informação e da comunicação. In: ENCONTRO LATINO DE ECONOMIA POLÍTICA DA INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CULTURA. 5, Salvador, 2005. p.1-22. Disponível em: http://www.gepicc.ufba.br/enlepicc/. Acesso em: 17 out. 2019.
MBEMBE, Achille. The Power of the Archive and its Limits. In.: Refiguring the Archive (Ed.) Carolyn Hamilton, Verne Harris, Jane Taylor, Michele Pickover, Graeme Reid & Razia Saleh. David Philip Pb., New Africa Books, Cidade do Cabo, Africa do Sul, 2002.
MENEZES, Renato. « Il terrore di que' giorni: Michelangelo e Signorelli ». Figura: Studies on the Classical Tradition, 8(1), pp. 8-35, 2020.
MIGNOLO, Walter D. Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
_____. The darker side of the Renaissance: literacy, territoriality and colonization. Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1995.
_____. Epistemic Disobedience, Independent Thought and Decolonial Free- dom». Theory, Culture and Society, vol. 26, n.o 7-8, p. 159-181, 2009.
_____. Cosmopolitanism and the decolonial option. Studies in Philosophy and Education, 29 (2): 111-127, 2010.
_____. The darker side of western modernity: global futures, decolonial options. Durham, Duke University Press, 2011.
MIRANDA, Claudia. Memórias contra-hegemônicas e educação para as relações étnico-raciais: práticas decoloniais em contextos periféricos. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 37, n. 2, p. 378-397, abr./jun. 2019.

MOORE, Jason W. (2015*). Capitalism in the Web of Life: Ecology and the Accumulation of Capital*. Verso, London and New York.

NEGRI, Antonio. Commonwealth. Harvard: University Press. 2009. OLIVEIRA, José Geraldo. Arqueologia de interface: Warburg, memória e imagem. Communicare, Volume 16 – No 2 – 2o Semestre de 2016.

_____. "¡Qué tal raza!" em Familia y cambio social (Lima: CECOSAM), 1999.

ORTEGA, María Luisa. "Las modulaciones del yo en el documental contemporáneo" en Gregorio Martín Gutiérrez (ed.), Cineastas frente al espejo (Madrid, T&B/Festival Internacional de Cine de las Palmas, 2008).

_____. "Una (nueva) cartografía del documental latinoamericano contemporáneo". Cine documental, no4, 2011. Revista electrónica (Argentina), 2011. Acesso: http://www.revista.cinedocumental.com.ar/

_____. "Ficciones documentales en el audiovisual", En María Rosell (ed.), La originalidad falsificada. Cómo se forja la cultura española ibérica. Revista de Occidente no 410-411, julio-agosto, 2015, pp.15-33.

QUIJANO, Aníbal. "Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina" em Anuario Mariateguiano (Lima: Amauta) Vol. IX, Nº 9, 1997.

ROGOFF, Irit. Looking Away: Participations in Visual Culture. In: Gavin Butt, ed. *After Criticism—New Responses to Art and Perfomance.* Blackwell, Reino Unido. pp. 117-134, 2005.

ROMERO B., María Nubia. De la Competencia a la Compartencia en los cuidados transculturales. Index Enferm [online]. 2010, vol.19, n.2-3, pp.157-161.

_____. Investigación, cuidados enfermeros y Diversidad cultural. Index de Enfermería 2009; 18(2): 100-105.

ROPÉ, F.; TANGUY, L. (Orgs.). Saberes e competências. Campinas, SP: Papirus, 1997.

SCHNEIDER, Marco; BRISOLA, Anna; FRANCISCO, Jobson. Competência crítica em informação, ética intercultural da informação e cidadania global na era digital: fundamentos e complementaridades. xviii encontro nacional de pesquisa em ciência da informação – ENANCIB 2017 GT-5 – Política e Economia da Informação.

SEBASTIÁN, Santiago. "El indio desde la iconografía." In. La imagen del indio en la Europa moderna, ed. Fundación Europea de la Ciencia.Seville: Escuela de Estudios Hispanoamericanos, 435-439, 1990.

SHAPIRO, Jeremy J.; HUGHES, Shelley K. Information Literacy as a liberal art: Enlightenment proposals for a new curriculum. Educom Review, v. 31, n. 2, mar-abr. 1996.

SMIT, J.W.; BARRETO, A. de A. Ciência da informação: base conceitual para a formação do profissional. In:

TOLENTINO, Átila. O que não é educação patrimonial: cinco falácias sobre seu conceito e sua prática. In: TOLENTINO, Átila; BRAGA, Emanuel (org.). Educação patrimonial: políticas, relações de poder e ações afirmativas. João Pessoa: IphanPB; Casa do Patrimônio da Paraíba, Caderno Temático Vol. :5, p. 38-48, 2016.

TROUILLOT, Michel-Rolph. Silenciando o passado: poder e a produção da história / Michel-Rolph Trouillot (1995); tradução de Sebastião Nascimento. – Curitiba: huya, 2016.

VALENTIN, M.L. (Org.). Formação do profissional da informação. São Paulo: Polis, 2002.

SPINOZA, B. de. Ética. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

VIRILIO, Paul. The Art of the Motor. Trans. Julie Rose. Minneapolis: Minnesota UP, 1995.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Competência informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. Ciência da Informação. Brasília, v. 38, n. 3, p.130-141, set./dez., 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a09.pdf. Acesso em: 6 ago. 2017.

VANDER WAL, Thomas. Folksonomy coinage and definition. 2007. Disponível em: . Acesso em: 12 ago. 2021.

VINCIGUERRA, L. Marca, imagem, signo: uma abordagem semiótica de Espinoza. Galaxia (SP), ISSN 1982-2553, n. 35, mai-ago., 2017, p. 05-20. http://dx.doi.org/10.1590/1982-2554130815.